1º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA UNIFIP

AS EVIDÊNCIAS DAS **DIFERENTES PRÁTICAS PSICÓLOGICAS**

ANAIS

Organizadores
LAYRTTHON CARLOS DE OLIVEIRA SANTOS
MAYARA CRISTINA DE ARAÚJO DANTAS

ISBN 978-65-86641-29-5

UNIFIP
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Patos, PB - 19 a 21 de Outubro

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER
Biblioteca Central - UNIFIP

C749e 1º Congresso Nacional de Psicologia do UNIFIP: As evidências das diferentes práticas psicológicas./ Patos: UNIFIP, out. 2022.

28 fls

Autores: Layrtthon Carlos de Oliveira Santos; Mayara Cristina de Araújo Dantas
Centro Universitáriod e Patos - UNIFIP
ISBN: 978-65-86641-29-5 .

1. Psicologia. 2. Ciência. 3. Atuação Profissional.
I. Título II. Centro Universitário de Patos - UNIFIP

UNIFIP/BC CDU: 159.9(058)
Francisco C. Leite – Bibliotecário. CRB 15/0076

CORPO EDITORIAL

1º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA UNIFIP – 2022

REITOR

João Leuson Palmeira Gomes Alves

VICE-REITORA

Sylvania Palmeira Gomes Alves

PRÓ-REITORA ACADÊMICA

Alana Candeia Melo

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Elzenir Pereira de Oliveira Almeida

PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO

Milena Nunes Alves Bezerra de Sousa

COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA

Mayara Cristina de Araújo Dantas

COMISSÃO CIENTÍFICA

Layrtthon Carlos de Oliveira Santos

Mayara Cristina de Araújo Dantas

Washington Allysson Dantas Silva

Thereza Christina Garcia Bezerra

Lucilene Gomes da Silva Medeiros

Isaac Rodas Araújo

Fernanda de Souza Pereira

Ericarla Verônica Almeida Dias

Camilla Vieira de Figueiredo

EDITORIAL

A educação tem passado por transformações substanciais, agravadas pela pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), a qual impactou sobre a vida particular e social, com consequências inimagináveis na educação superior e nos currículos.

A realidade imposta pelo isolamento social e pelas medidas de controle sanitário trouxe expressivas consequências para a atividade educacional. Salas de aula foram concentradas e compactadas em aparelhos, como computadores e celulares, e o ambiente doméstico passou a ser multifacetado.

Somado a isto, a polarização do país gerada por tensões políticas adentrou à vida acadêmica, contaminando o discurso científico e comprometendo a produção científica no Brasil. Nesse cenário singular de vida nacional, de produção e de difusão científica pós-pandemia, o *1º Congresso Nacional de Psicologia* do Centro Universitário (UNIFIP), cuja temática abordou "*As Evidências das Diferentes Práticas Psicológicas"*, reforça o compromisso institucional de contribuir com o incremento da produção e difusão dos esforços científicos de pesquisadores experientes e iniciantes, a fim de lograr a construção de um contexto dialógico e colaborativo com o objetivo de superar as consequências de meses.

Reforçamos a necessidade de estímulo de ações desta natureza na universidade, uma vez que os estudantes devem ser instigados a se engajarem no universo da iniciação a pesquisa já nos semestres iniciais da graduação. O *1º Congresso Nacional de Psicologia*, portanto, apresenta-se como *lócus* motivacional, de produção de conhecimentos, de ação social no campo da Psicologia e porta voz de um coletivo de pensamento. Um veículo de expressão de sentidos da comunidade de pesquisa na área. O evento possibilitou conhecer, publicizar e avaliar temáticas relevantes e dignas de atenção, seus enquadramentos teórico-metodológicos, os valores, as práticas e as linguagens compartilhadas pelos pesquisadores, mediante 21 textos completos e 31 resumos simples.

Os temas transitaram oportunamente entre algumas das áreas de habilitação do psicólogo descritas na Resolução do Conselho Federal de Psicologia de nº 13/2007. Destaque para as pesquisas que versaram para as implicações da pandemia na saúde mental dos indivíduos, bem como sobre o uso de tecnologias. Não menos relevante, as abordagens no campo da Psicologia Positiva e Escolar.

Para além dessa comunicação "interna", o congresso possibilitou resgatar a importância da alfabetização ou literácia científica, construir *Evidências das Diferentes Práticas Psicológicas*, mediar a interlocução entre essa comunidade científica e outros grupos. Momento privilegiado de troca de saberes e constituição de parcerias interinstitucionais.

A todos, desejamos uma boa leitura.

Milena Nunes Alves de Sousa
Doutora e Pós-Doutora em Promoção de Saúde
Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão do UNIFIP

SUMÁRIO

RESUMOS

A ARTE NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: A EXPERIÊNCIA DE PSICÓLOGOS NO SERTÃO PARAIBANO 9

A RELIGIOSIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO BRASILEIRO: UM REVISÃO 10

A SAÚDE MENTAL NA PORTA DE ENTRADA: UM DIÁLOGO COM AGENTES COMUNITÁRIOS DO SERTÃO PERNAMBUCANO 11

ANÁLISE PROTOTÍPICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MOTORISTAS BRASILEIROS SOBRE A “LEI SECA” 12

AS RELAÇÕES ENTRE A AUTOESTIMA E AS DIMENSÕES DA PROCRASTINAÇÃO ACADÊMICA 13

AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE SONOLÊNCIA DIURNA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS 14

COMPARAÇÕES DE ATITUDES CONTACEPTIVAS ENTRE MULHERES DE DIFERENTES ESTADOS CIVIS 15

CORRELATOS DAS ATITUDES CONTRACEPTIVAS COM IDADE E NÍVEL DE RELIGIOSIDADE 16

CRENÇA NO MUNDO JUSTO, JUSTIFICAÇÃO DO SISTEMA E ORIENTAÇÃO PARA A DOMINÂNCIA SOCIAL: MODELO EXPLICATIVO 17

CYBERBULLYING OFFENDING SCALE EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS PRELIMINARES NO BRASIL 18

DIFERENÇAS DE GÊNERO NA ANSIEDADE FRENTE À COVID-19 19

DIFERENÇAS DE GÊNERO NA CRENÇA NO MUNDO JUSTO 20

DIFERENÇAS DE GÊNERO NA JUSTIFICAÇÃO DO SISTEMA SOCIAL BRASILEIRO 21

DIFERENÇAS DE GÊNERO NA MOTIVAÇÃO PARA O IGUALITARISMO 22

DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA AVALIAÇÃO DA HIPERSONIA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS 23

DIFICULDADES VIVENCIADAS POR UNIVERSITÁRIOS QUE RESIDEM E ESTUDAM EM CIDADES DIFERENTES 24

EM BUSCA DO CORPO PERFEITO? O IMPACTO DA CULTURA E DA MÍDIA SOBRE A AUTOIMAGEM 25

ESTÁGIO SUPERVISIONADO BÁSICO EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: PRIMEIRAS IMPRESSÕES 26

ESTRATÉGIAS PSICOPEDAGÓGICAS PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) 27

ESTRESSE OCUPACIONAL E QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DE PROFESSORES 28

ESTRUTURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER NO CONTEXTO DO TRÂNSITO BRASILEIRO 29

GANÂNCIA E BEM-ESTAR SUBJETIVO: UM ESTUDO CORRELACIONAL 30

HABILIDADES DE VIDA: UMA REVISÃO DA LITERATURA BRASILEIRA 31

IDEAÇÃO SUICIDA NO CONTEXTO DOS CINCO GRANDES FATORES DE PERSONALIDADE: UM ESTUDO COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS 32

IMPLEMENTAÇÃO DE ESTRUTURA ORGANIZACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL 33

INCLUSÃO SOCIAL DO AUTISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO NARRATIVA DE INTERVENÇÕES PSICOEDUCACIONAIS 34

O BRASIL ANTES DA PANDEMIA: A DIFUSÃO DO NOVO CORONAVÍRUS NA MÍDIA ONLINE 35

O QUE MAIS VALORIZAM OS EMPÁTICOS? A EMPATIA E OS VALORES HUMANOS 36

PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA ACERCA DO USO DE PSICOFÁRMACOS 37

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE: ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS QUE TRABALHAM E SUA SAÚDE MENTAL 38

USO COMPULSIVO DA INTERNET E DEPENDÊNCIA DO SMARTPHONE: CORRELAÇÕES COM IDADE E TEMPO DE USO 39

TRABALHOS COMPLETOS

COMPARAÇÕES DO USO COMPULSIVO DA INTERNET E DEPENDÊNCIA DO SMARTPHONE EM RELAÇÃO À FAIXA ETÁRIA 41

CONSUMO DE MATERIAL PORNOGRÁFICO DURANTE A PANDEMIMA DA COVID-19 NO CONTEXTO BRASILEIRO 51

ESTÁGIO BÁSICO EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: REGISTRANDO O INICÍO DA CAMINHADA 64

ESTÁGIO ESCOLAR E COVID-19: PRÁTICAS POSSÍVEIS NO CONTEXTO PANDÊMICO 80

ESTRESSE OCUPACIONAL E *COPING* EM PROFISSIONAIS DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO..... 90

EXPLICANDO A SÍNDROME DO IMPOSTOR A LUZ DA SÍNDROME DE BURNOUT 101

FELICIDADE E BEM-ESTAR EM UNIVERSITÁRIOS: O CAMINHAR DA FORMAÇÃO ACADÊMICA DE VIDAS E PROFISSIONAIS 110

ISOLAMENTO SOCIAL E SAÚDE MENTAL: ANALISANDO A PERCEPÇÃO DE ADULTOS JOVENS NO NORDESTE BRASILEIRO 121

O IMPACTO DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS NA BOA PERFORMANCE LABORAL..... 130

O PAPEL MEDIADOR DA SÍNDROME DO IMPOSTOR NA RELAÇÃO ENTRE NEUROTICISMO E IDEAÇÃO SUICIDA 140

POLIAMOR: CORRELATOS COM LIBERALISMO SEXUAL E TRAÇOS DE PERSONALIDADE 149

POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO EM DIÁLOGO: REVISITANDO O PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE 160

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E BURNOUT: PROPONDO UM DIÁLOGO ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS 169

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR: REFLETINDO SOBRE OS PRIMEIROS PASSOS..... 180

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O POLIAMOR E PESSOAS POLIAMORISTAS 191

SÍNDROME DO IMPOSTOR E PERFECCIONISMO: UM ESTUDO CORRELACIONAL 202

SÍNDROME DO IMPOSTOR E PROCRASTINAÇÃO: UM ESTUDO CORRELACIONAL COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS 212

SÍNDROME DO IMPOSTOR E TRAÇOS DE PERSONALIDADE: UM ESTUDO CORRELACIONAL 220

SÍNDROME DO IMPOSTOR EM HOMENS E MULHERES: UM ESTUDO COMPARATIVO..... 230

“TIKTOKIZAÇÃO” DO ENTRETENIMENTO DIGITAL E MOTIVAÇÕES PARA O USO DO APLICATIVO 239

USO DE REDES SOCIAIS DIGITAIS POR ADOLESCENTES: DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS COMO ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO 252

1º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA UNIFIP

AS EVIDÊNCIAS DAS **DIFERENTES PRÁTICAS PSICÓLOGICAS**

RESUMOS

UNIFIP
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Patos, PB - 19 a 21 de Outubro

A ARTE NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: A EXPERIÊNCIA DE PSICÓLOGOS NO SERTÃO PARAIBANO

Valeska Gomes Nunes (UNIFIP)
Alana Micaele Nascimento Silva (UNIFIP)
Profa. Ma. Camilla de Melo Silva (UNINASSAU-Recife)

Resumo. Por ser uma prática humanizada que atravessa os serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), a arte em sua pluralidade vem sendo pensada enquanto potencialidade no cuidado em saúde mental destacando-se pela possiblidade de enxergar a singularidade do sujeito. Diante disso, o presente estudo objetivou analisar o uso da arte enquanto estratégia de promoção da saúde mental a partir da experiência de psicólogos atuantes na RAPS do interior da Paraíba; assim como identificar de que maneira a arte é inserida no trabalho desenvolvido por profissionais da psicologia e, por fim, analisar como se dá o processo e a produção de cuidado, em saúde mental, a partir da arte. Participaram da pesquisa 7 psicólogos. Para tal, a coleta de dados foi realizada através de entrevista estruturada, por meio de formulário online. A partir dos dados coletados, foi realizada a Análise Temática de Conteúdo e, levando em consideração os objetivos supracitados, criadas as categorias intituladas respectivamente: arte enquanto estratégia de promoção da saúde mental; Inserção da arte no trabalho desenvolvido pelos psicólogos e Relação entre a arte e a produção de cuidado. Foi possível identificar que a arte emerge na prática dos profissionais enquanto estratégia de cuidado e é entendida enquanto possibilidade de construção e fortalecimento de vínculos e no próprio desenvolvimento dos usuários, entendendo que a arte é instrumento que abre espaço para liberdade de expressão. É de grande relevância que pesquisas futuras relacionadas à temática possam contribuir para a ampliação de possibilidades para o campo da psicologia e saúde mental.

Palavras-chave: Arte, Cuidado, Saúde mental, RAPS.

A RELIGIOSIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO BRASILEIRO: UM REVISÃO

Luiz Felipe Saldanha Moreno (UNIFIP)
Profa. Esp. Mayara Cristina de Araújo Dantas UNIFIP)

Resumo. Este estudo teve como objetivo compreender como a religiosidade pode influenciar na saúde mental das pessoas. Foram utilizados os descritores religiosidade e saúde mental para busca de artigos. Aplicando-se os filtros para artigos que estivessem voltados apenas para o contexto brasileiro, foram encontrados 96 artigos, entre os anos de 2020 e 2022. Dois artigos que falavam sobre religiosidade e saúde mental como aspecto da integralidade no cuidado e sobre os efeitos positivos das crenças religiosas encontradas na vida de pessoas diagnosticadas com transtornos mentais. Os efeitos positivos das crenças religiosas têm sido encontrados na vida de pessoas diagnosticadas com transtornos mentais, mas as evidências sugerem que as equipes de saúde não estão preparadas para utilizar as crenças religiosas como expressão de saúde. Sendo a religiosidade uma estratégia de enfrentamento, pode-se inferir que, com base nos resultados, existe essa lacuna na abordagem integrada do cuidado, além de existirem falhas nos currículos das equipes interdisciplinares que impedem os mesmos de abordarem a religiosidade de cada paciente, também há restrições de uso de abordagens para os profissionais experimentarem a própria espiritualidade no seu ambiente de trabalho como forma de lidarem melhor com as situações enfrentadas. Ainda vale ressaltar que o papel da religião pode também ser danoso, pois dependendo do uso das crenças religiosas, é possível produzir culpa, dúvida, ansiedade e depressão, tamanhas influências podem se exceder sobre a vida das pessoas que vivenciam a religiosidade, seja ela de qualquer origem.

Palavras-chave: Religiosidade, Saúde Mental, Cuidado em Saúde.

A SAÚDE MENTAL NA PORTA DE ENTRADA: UM DIÁLOGO COM AGENTES COMUNITÁRIOS DO SERTÃO PERNAMBUCANO

Alana Micaele Nascimento Silva (UNIFIP)
Valeska Gomes Nunes (UNIFIP)
Profa. Ma. Camilla de Melo Silva (UNINASSAU-Recife)

Resumo. O Agente Comunitário de Saúde (ACS) é o elo entre a comunidade e a atenção primária, interligando os serviços que a Unidade Básica de Saúde (UBS) oferta enquanto porta de entrada da saúde pública. Levando em conta esta relação, o manejo e desafios relacionados a esta categoria profissional, a presente pesquisa objetivou analisar de que modo as práticas cotidianas dos ACS's interferem na saúde mental dos mesmos; identificar as principais demandas psicológicas da categoria; e, por fim, analisar a relação dos ACS's com a comunidade. Participaram da pesquisa 8 ACS's atuantes em duas UBS's localizadas no sertão pernambucano – na zona urbana e na zona rural. Foram realizadas observações participantes e registradas em diário de campo, assim como um questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. Após a realização da Análise Temática de Conteúdo das entrevistas coletadas, emergiram as seguintes categorias: Principais demandas dos ACS's; Relação dos ACS's com a comunidade; O trabalho dos ACS's e a saúde mental dos mesmos. Dentre os resultados encontrados, foi identificado que o vínculo entre a comunidade e os profissionais fortalece os processos de cuidado e acesso à saúde; notou-se a importância das relações estabelecidas no ambiente de trabalho, os consequentes conflitos e as estratégias criadas para o manejo das situações. Ficou ainda evidente a sobrecarga vivenciada pelos ACS's, fazendo emergir consequências geradas na saúde mental. Torna-se pertinente a realização de estudos sobre esta temática, despertando um olhar sensível e humanizado para a saúde mental desses profissionais que são peças chaves no cuidado em saúde.

Palavras-chave: Agente Comunitário de Saúde, Saúde Mental, Unidade Básica de Saúde.

ANÁLISE PROTOTÍPICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MOTORISTAS BRASILEIROS SOBRE A "LEI SECA"

Bianca Letícia Brandão de Sousa Farias (UNIFIP)
Anna Lívia Cunha Lima Vitoriano (UNIFIP)
Maria Eduarda Azevedo de Lima (UNIFIP)
Fábio de Freitas Soares Junior (UNIFIP)
Prof. Me. Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. O Brasil é um dos países com maiores índices anuais de acidente de trânsito, sendo uma das causas dessa problemática o uso abusivo de álcool por parte de condutores de automóveis e motocicletas no contexto urbano. Para tentar mitigar essa situação, foi criada a Lei 11.705/2008 ("Lei Seca"), que estabelece tolerância zero para o consumo de bebida alcoólica no trânsito, proibindo qualquer nível de teor de álcool no sangue. Levando em consideração essa problemática, propomos analisar no presente estudo as representações sociais de motoristas brasileiros sobre a manutenção e os desafios decorrentes da Lei Seca. Para isso, realizamos um estudo exploratório, de recorte transversal e de abordagem qualitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP). Participaram do estudo 110 pessoas, com idades entre 19 e 62 anos (M = 27,9; DP = 9,44), de diferentes regiões do Brasil. Os participantes foram solicitados a citar as cinco primeiras palavras que lhes emergissem à mente após a leitura do estímulo indutor "Lei Seca". Analisamos os dados da TALP por meio da abordagem estrutural das representações sociais, com auxílio do software IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). Os resultados demonstraram a emergência núcleo central da representação social da Lei Seca formado pelas palavras "necessário", "bebida", "blitz", "importante" e "segurança". Em relação aos elementos periféricos, observa-se na primeira periferia as palavras "multas", "acidentes" e "punições". Finalmente, na zona de contraste, encontram-se os termos "fiscalização", "proibição", "bafômetro" e "não funciona".

Palavras-chave: Lei seca, Representações sociais, Trânsito.

AS RELAÇÕES ENTRE A AUTOESTIMA E AS DIMENSÕES DA PROCRASTINAÇÃO ACADÊMICA

Lilyan Dias de Medeiros Amorim (UNIFIP)
Lyvia Maria Dias de Medeiros Amorim (UNIFIP)
Tereza Sade Roberto Araújo Almeida (UNIFIP)
Prof. Dr. Gleidson Diego Lopes Loureto (UFRR)

Resumo. A autoestima pode ser vista como a percepção que o indivíduo atribui a si. A procrastinação, por sua vez, refere-se ao ato de postergar atividades de elevada ou pequena relevância, podendo, nesse sentido, causar diversos danos ao desempenho dos estudantes. O objetivo desse estudo foi verificar a relação entre autoestima e procrastinação. Participaram 188 acadêmicos com idades entre 18 a 57 anos (M = 23,3, DP = 4,89), sendo sua maioria do sexo feminino (69,9%), solteira (83,9%), heterossexual (86,6%), de religião católica (58,6%), de classe média (41,9%) e de cursos de graduação de instituições de ensino superior privada (67,2%).O estudo foi realizado em ambiente virtual e seguiu os aspectos éticos preconizados pela resolução 510/16 do CNS. Os participantes responderam um questionário sociodemográfico, a Escala de Procrastinação acadêmica e Escala de autoestima de Rosemberg. Os dados foram analisados no software SPSS, onde foram feitas análises de estatísticas descritivas e correlações de Pearson. Os resultados indicaram que a autoestima se correlacionou negativamente com as duas dimensões da procrastinação: motivação ($r = -0,42$, $p < 0,001$) e ansiedade ($r = -0,42$, $p < 0,001$), sendo tais relações moderadas. Esses resultados mostram que pessoas que procrastinam tendem menor pontuação frente a autoestima. Tal resultado vai de acordo aos estudos correspondentes a essas variáveis, contribuindo, assim com a literatura e podendo, nesse sentido instigar ao desenvolvimento de novos estudos com uma maior explanação sobre a temática, bem como para a difusão no meio estudantil.

Palavras-chave: Autoestima, Procrastinação, Acadêmicos.

AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE SONOLÊNCIA DIURNA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Maria Eduarda Azevedo De Lima (UNIFIP)
Bianca Letícia Brandão De Sousa Farias (UNIFIP)
Fábio De Freitas Soares Junior (UNIFIP)
Yasmin Vitória Siqueira Barbalho (UNIFIP)
Prof. Me. Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. A sonolência diurna excessiva (SDE), também nomeada de hipersonia, é compreendida como a incapacidade de uma pessoa de se manter alerta ou acordado durante a maior parte do dia. Mais precisamente, relaciona-se com o aumento da propensão de um indivíduo para dormir em circunstâncias considerados socialmente como inapropriadas (e.g., ao conversar com uma pessoa). É comum a ocorrência de SDE em grupos de acadêmicos, com maior prevalência entre estudantes universitários. Diante desse contexto, propomos o presente estudo com o objetivo de avaliar o nível de SDE de estudantes universitários brasileiros. Para isso, participaram 537 estudantes universitários de diferentes cursos, sendo a grande maioria do sexo masculino (61,8%), com idades entre 10 e 60 anos (M=26,7; DP=8,09) e majoritariamente solteiros (60,3%). Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico e à Escala de Sonolência de Epworth, que avalia a probabilidade de uma pessoa cochilar em diferentes situações diárias por meio de uma escala do tipo Likert que varia de 0 (nenhuma chance) a 3 (alta chance). O diagnóstico de SDE é obtido por meio do somatório dos escores gerais dos participantes, utilizando como critérios as pontuações: 1 a 6 pontos (sonolência leve), 7 a 8 (sonolência moderada) e 9 a 24 (sonolência grave/SDE). Os resultados demonstraram que a maior parte dos estudantes apresentou hipersonia/SDE (65,7%; M=10,69; DP=4,66). Conclusivamente, os achados desse estudo lançam evidenciam a problemática da hipersonia em universitários, lançando luz à possibilidade de novos estudos acerca da persistência na privação do sono de forma repetitiva por parte desse público.

Palavras-chave: Sonolência diurna, Universitários, Qualidade do sono.

COMPARAÇÕES DE ATITUDES CONTACEPTIVAS ENTRE MULHERES DE DIFERENTES ESTADOS CIVIS

Tereza Sade Roberto Araújo Almeida (UNIFIP)
Anuska Bandeira Costa Paiva (UNIFIP)
Ana Carolina Bezerra Ramos (UNIFIP)
Fernanda de Souza Pereira (UNIFIP)
Prof. Dr. Layrtthon Carlos de Oliveira Santos (UNIFIP)

Resumo. O objetivo desse trabalho é comparar as atitudes contraceptivas entre mulheres de diferentes estados civis. Participaram 209 mulheres com idades média de idade de 33,13 anos (DP=12,99), variando entre 18 e 78 anos. A foi maioria solteira (50,7%), heterossexual (89%), e de religião católica (66,5%). O estudo foi realizado em ambiente virtual, online, através do Google Forms e com o link divulgado por redes sociais (e.g., Instagram, Facebook, Whatsapp) e seguiu os aspectos éticos preconizados pela resolução 510/16 do CNS. As participantes responderam um questionário sociodemográfico e a Escala de Atitudes Contraceptivas. Os dados foram analisados no software SPSS, onde foram feitas análises de estatísticas descritivas e uma análise da variância (ANOVA). Os resultados mostraram um efeito significativo do estado civil nas atitudes contraceptivas [$F(3, 205)=4,51$; $p<0,01$], os testes post hoc de Games-Howell mostraram uma diferença estatisticamente significativa entre mulheres solteiras ($M=3,91$; $DP=0,51$) e casadas ($M=3,66$; $DP=0,45$). Esses resultados evidenciam que mulheres solteiras apresentam, portanto, uma maior medida de atitudes favoráveis frente ao uso de métodos contraceptivos que as mulheres casadas, e que essa diferença é estatisticamente significativa. Uma possível discussão desses dados, é que as mulheres solteiras podem se envolver com mais de um parceiro sexual em um curto espaço de tempo, levando-as a uma maior preocupação em prevenir uma gravidez indesejada, além das IST's. Esse estudo contribui para a literatura sobre o tema e para o conhecimento de aspectos relacionados as atitudes contraceptivas, que permitem melhor compreender o fenômeno.

Palavras-chave: Atitudes, Contraceptivos, Estado civil.

CORRELATOS DAS ATITUDES CONTRACEPTIVAS COM IDADE E NÍVEL DE RELIGIOSIDADE

Tereza Sade Roberto Araújo Almeida (UNIFIP)
Anuska Bandeira Costa Paiva (UNIFIP)
Ana Carolina Bezerra Ramos (UNIFIP)
Fernanda de Souza Pereira (UNIFIP)
Prof. Dr. Layrtthon Carlos de Oliveira Santos (UNIFIP)

Resumo. No Brasil, existe uma alta na prevalência no uso de métodos contraceptivos. Um método contraceptivo se refere à forma ou ao quê se utiliza para evitar que uma gestação ocorra, o uso desses métodos é uma necessidade social e ao mesmo tempo uma questão de saúde pública. O objetivo desse trabalho é verificar como as atitudes contraceptivas de mulheres se correlacionam com a idade e o nível de religiosidade das mesmas. Participaram 209 mulheres com idades entre 18 e 78 anos (M=33,13; DP=12,99), sendo a maioria heterossexual (89%), solteira (50,7%) e de religião católica (66,5%). O estudo foi realizado em ambiente virtual e seguiu os aspectos éticos preconizados pela resolução 510/16 do CNS. As participantes responderam um questionário sociodemográfico e a Escala de Atitudes Contraceptivas. Os dados foram analisados no software SPSS, onde foram feitas análises de estatísticas descritivas e correlações de Pearson. Os resultados mostraram que as atitudes contraceptivas se correlacionaram de maneira negativa e estatisticamente significativa com a idade ($r=-0,17$; $p<0,05$) e com o nível de religiosidade ($r=-0,35$; $p<0,001$). Esses resultados mostram que mulheres mais jovens tendem a apresentar atitudes mais favoráveis frente aos métodos contraceptivos, bem como que mulheres com maior nível de religiosidade, tendem a apresentar atitudes contraceptivas menos favoráveis. Esse resultado endossa o conhecimento de variáveis relacionados ao fenômeno, contribui para a literatura e pode inspirar novos estudos, ainda necessários para um conhecimento mais amplo do tema, bem como para sua disseminação no âmbito social.

Palavras-chave: Atitudes, Contraceptivos, Idade, Religiosidade.

CRENÇA NO MUNDO JUSTO, JUSTIFICAÇÃO DO SISTEMA E ORIENTAÇÃO PARA A DOMINÂNCIA SOCIAL: MODELO EXPLICATIVO

Ludmilly de Sousa Carneiro (UNIFIP)
Antônio Carlos Mamede de Souza (UNIFIP)
Lívia Maria Azevedo Leite (UNIFIP)
Yuri de Souto Pereira (UNIFIP)
Prof. Me. Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. Na Psicologia Social, existem diferentes explicações acerca do processo de legitimação das desigualdades sociais. Alinhados à essa problemática, propomos o presente estudo que tem por objetivo analisar a influência da crença no mundo justo (CMJ) na motivação para a justificação do sistema (JS), assim como observar o papel da orientação para a dominância social (ODS) nesta relação. A hipótese é de que haja um efeito indireto estatisticamente significativo da ODS, de que modo que seja observada o papel mediador dessa variável na relação entre CMJ e JS. Participaram deste estudo 227 pessoas oriundas da população geral brasileira, sendo a grande maioria do sexo feminino (60,7%), com idades entre 18 e 64 anos (M = 28,6; DP = 8,44), majoritariamente solteiros (68,7%) e heterossexuais (73,6%). Utilizamos como instrumento de coleta de dados instrumentos com nomenclaturas homônimas às variáveis do estudo. Analisamos os dados por meio da extensão PROCESS para SPSS (modelo 4, *boostrap* de 5000, com intervalos de confiança/IC a $p < 0,05$). Os resultados demonstraram um efeito total positivo e estatisticamente significativo da CMJ sobre a JS ($\beta = 0,74$; SE = 0,08; IC95% = 0,57-0,91). Ao adicionarmos a ODS no modelo, verificamos o efeito indireto significativo ($\beta = 0,23$; SE = 0,08; IC95% = 0,09-0,41) dessa variável na relação entre a CMJ e a JS, confirmando a hipótese de mediação levantada no presente estudo. De modo geral, observamos que quanto maior a CMJ, maior a motivação para a ODS e, consequentemente, maior a motivação para a JS.

Palavras-chave: Crença no mundo justo, Orientação para a dominância social, Justificação do sistema.

CYBERBULLYING OFFENDING SCALE EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS PRELIMINARES NO BRASIL

Fernanda Alves da Silva (UNIFIP)
Jéssica Pereira da Silva (UNIFIP)
Yuri de Souto Pereira (UNIFIP)
Maria das Neves Severo de Lira (UNIFIP)
Prof. Dr. Gleidson Diego Lopes Loureto (UFRR)

Resumo. O presente estudo objetivou investigar as evidências psicométricas preliminares da *Cyberbullying Offending Scale* (COS) no contexto brasileiro. Participaram do estudo 220 indivíduos da população brasileira com idades variando entre 18 e 60 anos (Midade = 25,42, DP = 8,19) distribuídos entre 121 estudantes universitários e 99 participantes da população em geral. A maioria declarou ser do sexo feminino (61,7%), solteira (71,0%), de classe média (49,0%), heterossexual (74,3%) e católica (60,3%). A coleta dos dados foi realizada online. Os participantes responderam a versão em português da (COS) e perguntas demográficas. Os dados foram analisados através do programa *Factor*, empregando-se uma análise fatorial exploratória (AFE), através do método *Hull* (i.e., método de retenção fatorial). Inicialmente, a matriz de dados mostrou-se favorável [(Kaiser-Meyer-Olkin = 0,80; Teste de Esfericidade de Bartlett = 2419,6 (36); $p < 0,001$)]. Quanto à dimensionalidade, a interpretação dos indicadores indicou uma estrutura unifatorial, através do método Hull (i.e., método de retenção fatorial). Tal fator explicou 66,0% (valor próprio = 6,45) da variância total. O único fator da COS reuniu 9 itens, todos apresentando níveis de saturação adequados (> 0,30), variando de 0,50 (Item 7) a 0,83 (Item 3) com índices de fidedignidade satisfatórios ($\alpha = 0,89$ e $\omega = 0,89$). Conclui-se que a COS reúne evidências psicométricas preliminares em termos de estrutura interna, sendo apropriada para mensurar o construto do *cyberbullying* no contexto brasileiro. Estudos futuros podem levantar evidências confirmatórias da estrutura interna da COS, assim como os parâmetros individuais de seus itens via Teoria de Resposta ao Item.

Palavras-chave: Cyberbullying, Validação de escala, Análise fatorial exploratória.

DIFERENÇAS DE GÊNERO NA ANSIEDADE FRENTE À COVID-19

Antônio Carlos Mamede de Souza (UNIFIP)
Islly Pinheiro Suassuana (UNIFIP)
Ludmilly de Sousa Carneiro (UNIFIP)
Yuri de Souto Pereira (UNIFIP)
Prof. Dr. Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. A pandemia da COVID-19 apresentou diferentes impactos físicos e psicológicos sobre a saúde da população mundial. Diante desse contexto, a questão que se coloca é como as diferenças individuais estiveram atreladas ao desenvolvimento de sintomatologia ansiogênica em amostras brasileiras. Especificamente, como as diferenças de gênero influenciaram na emergência de sintomas de ansiedade frente à COVID-19. Nessa direção, investigar neste estudo como e em que condições as diferenças de gênero poderiam afetar os níveis de ansiedade em relação à COVID-19 entre homens e mulheres. Para isso, contamos com uma amostra de 416 pessoas de diferentes regiões do Brasil, com idades entre 18 e 62 anos (M = 28,03; SD = 8,19), que responderam a uma medida específica de ansiedade em relação à pandemia do novo coronavírus, a *COVID-19 Anxiety Scale*. Analisamos os dados no software JASP, sendo calculadas estatísticas descritivas e inferenciais (diferença entre médias). Os resultados mostraram uma diferença estatisticamente significativa entre os níveis de ansiedade de homens e mulheres [t (414) = 10,03, p < 0,05]. De modo geral, observamos que as mulheres apresentaram taxas mais elevadas (M = 2,14; SD = 0,61) de sintomas ansiogênicos associados à COVID-19 do que os homens (M = 1,43; SD = 0,82). Discutimos este resultado à luz da problematização sobre a construção social do gênero e suas implicações sobre a saúde mental das mulheres à luz da Psicologia Social da Saúde.

Palavras-chave: COVID-19, Diferenças de gênero, Ansiedade.

DIFERENÇAS DE GÊNERO NA CRENÇA NO MUNDO JUSTO

Lívia Maria Azevedo Leite (UNIFIP)
Islly Pinheiro Suassuna (UNIFIP)
Ludmilly de Sousa Carneiro (UNIFIP)
Antônio Carlos Mamede de Souza (UNIFIP)
Prof. Me. Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. Esse estudo se insere no conjunto de pesquisas sobre a Crença no Mundo Justo (CMJ). Especificamente, a CMJ é uma motivação psicológica voltada à defesa da ideia de que as pessoas têm o que merecem e merecem o que têm. No contexto brasileiro, esse fenômeno se expressa em diferenças anedotas, que vinculam a noção de que cada pessoa é responsável por sua própria bonança ou infortúnio (e.g., quem semeia o vento, colhe tempestade). Desse modo, buscamos observar as diferenças individuais entre amostras brasileiras acerca da CMJ. Mais diretamente, nos questionamos sobre como homens e mulheres diferem na motivação para a crença no mundo justo. Participaram deste estudo 227 pessoas da população geral brasileira, majoritariamente do sexo feminino (60,7%, mulheres = 137; homens = 90), com idades entre 18 e 64 anos (M = 28,6; DP = 8,44), solteiros (68,7%) e heterossexuais (73,6%), os quais responderam a um questionário sociodemográfico e a Escala Global de Crenças no Mundo Justo. Os resultados do teste t de Student para amostras independentes (JASP) demonstraram uma diferença estatisticamente significativa entre os níveis de CMJ dos participantes do sexo masculino e feminino [t (225) = 3,70; p < 0,001; d = 0,49], de modo que os homens apresentaram maiores níveis de CMJ (M = 2,43; SD = 1,19) do que as mulheres (M = 1,92; SD = 0,87). Conclusivamente, quando comparados com as mulheres, os homens apresentaram maior motivação para endossarem ideias relacionadas à CMJ, estando este fenômeno relacionado à legitimação das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Justificação do sistema, Diferenças de gênero, Status quo.

DIFERENÇAS DE GÊNERO NA JUSTIFICAÇÃO DO SISTEMA SOCIAL BRASILEIRO

Yuri de Souto Pereira (UNIFIP)
Antônio Carlos Mamede de Souza (UNIFIP)
Islly Pinheiro Suassuana (UNIFIP)
Ludmilly de Souza Carneiro (UNIFIP)
Prof. Me. Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. A teoria da justificação do sistema (TJS) sustenta que as pessoas são motivadas a defender os arranjos sociais como sendo justos, legítimos e necessários. Precisamente, a TJS explana que somos motivados a encontrar justificativas para a manutenção do *status quo*, de modo a legitimar as desigualdades sociais, considerando-as como sendo necessárias para a preservação da organização social. Considerando essa problemática, levantamos como rema deste estudo a investigação das diferenças individuais acerca da motivação psicológica para a justificação do sistema. Especificamente, questionamos sobre como as diferenças de gênero poderiam influenciar nos níveis de legitimação do status quo. Para isso, contamos com a participação de 227 pessoas da população geral brasileira, majoritariamente do sexo feminino (60,7%, mulheres = 137; homens = 90), com idades entre 18 e 64 anos (M = 28,6; DP = 8,44), solteiros (68,7%) e heterossexuais (73,6%). Os participantes responderam a um formulário online composto por um questionário sociodemográfico e a *System Justification Scale*. Os resultados demostraram uma diferença estatisticamente significativa entre os níveis de justificação do sistema de homens e mulheres [t (225) = 2,89; p = 0,004; d = 0,38]. Especificamente, observamos que os homens apresentaram níveis mais elevados de justificação do sistema (M = 1,79; SD = 0,83) do que as mulheres (M = 1,52; SD = 0,56). Em linhas gerais, discutimos que, comparado com as mulheres e considerando as características do estudo, os homens apresentaram-se mais motivados a legitimarem o status quo, repercutindo em uma maior motivação para a defesa das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Justificação do sistema, Diferenças de gênero, Status quo.

DIFERENÇAS DE GÊNERO NA MOTIVAÇÃO PARA O IGUALITARISMO

Islly Pinheiro Suassuna (UNIFIP)
Ludmilly de Sousa Carneiro (UNIFIP)
Lívia Maria Azevedo Leite (UNIFIP)
Yuri de Souto Pereira (UNIFIP)
Prof. Me. Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. A Psicologia Social discute que todas as sociedades são estruturadas em sistemas desiguais de poder. Essas estruturas são constituídas por diferentes grupos, organizados ideologicamente em termos de maiorias (homens, ricos, brancos e heterossexuais) e minorias sociais (mulheres, pobres, negros e não-heterossexuais), os quais compartilham diferentes motivações psicológicas acerca da adesão a princípios de dominância social (sobreposição da maioria sobre minoria sociais) ou igualitarismo. Neste estudo, buscamos investigar como homens e mulheres diferem na motivação para o engajamento de ideais igualitários. Para isso, participaram 227 pessoas provenientes da população geral brasileira, em maior parte do sexo feminino (60,7%, mulheres = 137; homens = 90), com idades entre 18 e 64 anos (M = 28,6; DP = 8,44), solteiros (68,7%) e heterossexuais (73,6%). Esses participantes responderam a um questionário sociodemográfico e os itens correspondentes ao fator "igualitarismo" da escala de avaliação da Orientação à Dominância Social. Os resultados do teste t de Student para amostras independentes (JASP) demonstraram uma diferença estatisticamente significativa entre os níveis de Igualitarismo dos participantes do sexo masculino e feminino [t (225) = -3,32; p < 0,001; d = -0,43]. De modo geral, os observamos que os homens apresentaram menores níveis de igualitarismo (M = 5,71; SD = 1,53) do que as mulheres (M = 6,26; SD = 0,96). Conclusivamente, os achados desse estudo evidenciam que, quando comparados com as mulheres, os homens apresentaram maior tendência a endossarem ideias de hierarquização de grupos sociais, estando este fenômeno diretamente relacionado à manutenção do preconceito e discriminação sociais.

Palavras-chave: Igualitarismo, Diferenças de gênero, Orientação à dominância social.

DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA AVALIAÇÃO DA HIPERSONIA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Fábio De Freitas Soares Junior (UNIFIP)
Yasmin Vitória Siqueira Barbalho (UNIFIP)
Anna Lívia Cunha Lima Vitorino (UNIFIP)
Bianca Letícia Brandão De Sousa Farias (UNIFIP)
Prof. Me. Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. A hipersonia é um distúrbio do sono caracterizado pela Sonolência Diurna Excessiva (SDE). As pessoas que apresentam SDE tendem a sentir maiores níveis de sonolência durante o dia, quando comparadas com a maior parte da população geral, sendo comum a ocorrência desse problema entre universitários. Levando em consideração a relevância dessa temática, propomos este estudo com objetivo de analisar as diferenças individuais relacionadas à emergência de SDE em estudantes universitários. Buscamos analisar quais características individuais estariam relacionadas com maiores ou menos níveis de sonolência diurna excessiva. Para tanto, contamos com a participação de 287 estudantes universitários, com idades entre 18 e 48 anos (M=22,2; DP=3,68), com prevalência do sexo feminino (71,4%) e de solteiros (53,3%). Os instrumentos foram um questionário sociodemográfico e a Escala de Sonolência de Epworth, que mensura a probabilidade de uma pessoa cochilar em diferentes situações diárias por meio, classificando os respondentes em três grupos de sonolência (leve, moderada e grave). Ao considerarmos as variáveis sociodemográficas, observamos que somente o sexo [$F(1,285) = 17,13$; $p < 0,001$; $R2 = 0,05$] predisse significativamente diferenças nos níveis de sonolência dos estudantes ($b = 1,95$; $SE = 0,45$; $p < 0,001$). De modo geral, observamos que as mulheres ($M = 11,80$; $SD = 4,63$) apresentaram maiores níveis de sonolência diurna do que os homens ($M = 9,26$; $DP = 4,85$). Objetivamente, os resultados desse estudo evidenciam uma maior probabilidade de encontrar índices de SDE grave no grupo de mulheres que no dos homens.

Palavras-chave: Sonolência diurna, Universitários, Diferenças individuais.

DIFICULDADES VIVENCIADAS POR UNIVERSITÁRIOS QUE RESIDEM E ESTUDAM EM CIDADES DIFERENTES

Luiz Felipe Saldanha Moreno (UNIFIP)
Prof. Dr. Layrtthon Carlos de Oliveira Santos (UNIFIP)

Resumo. O presente artigo teve como objetivo levantar as dificuldades enfrentadas por universitários que estudam e residem em cidades diferentes. Foi feita uma pesquisa quantitativa, de maneira online, por meio de questionário fechado, com questões sobre a vida dos participantes, dados demográficos e a escala Likert. Participaram 60 universitários, dos quais 70% não residem na mesma cidade que estuda. 88,3% declararam estudar em instituições privadas. Foram mais frequentes estudantes que residem nas cidades de Catolé do Rocha, São Bentinho e São Bento, todas no interior da Paraíba, e que, em sua maioria, estudam na cidade de Patos. Os dados foram analisados a partir de estatísticas descritivas emitidas pelo Google Forms. Os resultados apontaram que dentre as dificuldades vivenciadas, os participantes relataram dificuldade de se acalmarem (35% respondeu totalmente), sentirem tremores (30% respondeu muitas vezes), vezes em que utilizou energia nervosa (38,3% respondeu totalmente), sentiu que não havia nada para o futuro (31,7% respondeu totalmente), se deu de conta que estava agitado (41,7% respondeu totalmente), dificuldade para acalmarem (46,7% respondeu totalmente), alterações cardíacas sem exercícios (40% respondeu totalmente). Pode-se concluir que estudo evidencia associação das viagens aos altos níveis de estresse nos acadêmicos. Limitações do estudo são o número reduzido de participantes e o não questionamento se os participantes faziam acompanhamento terapêutico. O estudo contribui para o entendimento das dificuldades vividas por universitários, contudo precisa de mais estudos.

Palavras-chave: Universitários, Dificuldades, Estresse.

EM BUSCA DO CORPO PERFEITO? O IMPACTO DA CULTURA E DA MÍDIA SOBRE A AUTOIMAGEM

Lyvia Maria Dias de Medeiros Amorim (UNIFIP)
Lilyan Dias de Medeiros Amorim (UNIFIP)
Tereza Sade Roberto Araújo Almeida (UNIFIP)
Profa. Ma. Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves (UNIFIP)

Resumo. A construção da autoimagem corporal baseia-se em como a pessoa vê e avalia seu corpo, podendo as percepções que envolvem essa construção gerar satisfação ou insatisfação pessoal. Este trabalho buscou refletir, a partir de uma revisão de literatura narrativa, sobre como a cultura da população ocidental pós-moderna e a mídia influenciam a autoimagem. O desejo pela melhoria da imagem como mecanismo de identidade tem se tornado cada vez mais comum e influencia a forma como o corpo é projetado e almejado pelo indivíduo, realidade essa, constantemente propagada pelos meios de comunicação e de consumo em massa. Além da busca pelo corpo perfeito, o imaginário da valorização do corpo jovem tornou-se um dos desejos mais propagados. Nos últimos anos, essa potencialização pela busca da imagem estética condizente com os padrões sociais ocasionou no aumento de demandas por cirurgias estéticas m busca de mais autoestima e aprovação social. Mesmo com o aumento do enfoque no público masculino, cerca de 90% dos procedimentos são destinados ao público feminino, tendo como destaque cirurgias de redução de gorduras, colocação de próteses e redução mamária e rejuvenescimento de pele. Pesquisas retratam que após passar por procedimentos cirúrgicos, entrevistadas relatam uma melhoria na autoestima alegando sentir-se bem com o corpo, roupas e visibilidade social, relatando melhorias até mesmo nos relacionamentos sexuais.

Palavras-chave: Autoimagem, Cirurgias estéticas, Cultura, Mídia.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO BÁSICO EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Francisca Paula França Lopes (UNIFIP)
Keylla de Sousa Miranda Liberato (UNIFIP)
Vanessa da Silva Teixeira (UNIFIP)
Profa. Ma. Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves (UNIFIP)

Resumo. A psicologia escolar e educacional é um campo de atuação profissional e de produção científica voltado para compreender a dinâmica relacional e o processo de ensino e aprendizagem na escola. Este trabalho teve como objetivo relatar a experiência vivenciada no estágio básico em psicologia e educação, mais especificamente, sobre intervenção direcionada à promoção da vida e prevenção ao suicídio. Participaram do momento, além da equipe de estagiários e supervisor, trinta e cinco alunos, um professor e o instrutor de fit dance. Utilizou-se como metodologia, após a revisão de literatura sobre o tema, atividades em grupo ensinando aos alunos respiração diafragmática, higiene do sono, hábitos de promoção da saúde mental, partilha sobre o sentido da vida e roda de conversa afim de que os alunos pudessem ter espaço seguro para falarem como se sentem no ambiente escolar e sugestões daquilo que sentem falta. Posteriormente, foi relatado os benefícios do exercício físico e da dança para o bem-estar pessoal e comunitário, acompanhado de uma aula de fit dance ministrado por um instrutor, por entender que a dança é um instrumento que oferece bem-estar e promoção da saúde física e mental, além de gerar integração social e ajudar no convívio entre as pessoas. Após o final da intervenção, foi aberto espaço para que os presentes avaliassem o momento vivido tendo sido considerado necessário pelos presentes.

Palavras-chave: Dança, Escola, Saúde mental.

ESTRATÉGIAS PSICOPEDAGÓGICAS PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

Vitória de Fátima da Silva (UNIFIP)
Mayrla Yonnara de Oliveira Pimente (UNIFIP)
Profa. Ma. Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves (UNIFIP)

Resumo. O TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) é um transtorno que afeta de 3 a 5% do público escolar, frequentemente ocasionando falta de atenção, desinteresse, inquietude e impulsividade. Sua causa ainda não é totalmente conhecida, mas se sabe que há uma importante base genética. Este trabalho, construído a partir de uma revisão de literatura narrativa, objetivou elencar estratégias para melhor lidar com o transtorno, inclusive no âmbito escolar. Algumas estratégias que podem ser realizadas no contexto escolar com os alunos com TDAH são: estar preferencialmente nas primeiras carteiras da sala, nunca perto da porta ou da janela, para evitar que se distraiam; as atividades, se possível, não devem ser longas, para que não ultrapassem o tempo de concentração dos alunos; diversificar os métodos de ensino; ensinar regras, estimular e reforçar comportamentos positivos; elogiar quando conseguir atingir as metas estabelecidas; oferecer atividades que o mesmo possa se movimentar na classe e em outros ambientes da escola; evitar muitas mudanças bruscas na rotina e, quando isso acontecer fale ao aluno; sempre estar em contato com a família; estimular a interação do mesmo com os demais alunos, desenvolvendo atividades de grupo; estimular os mesmos a fazer a organização de seu horário, seu material, suas atividades, despertando assim a responsabilidade e a independência; organizar o espaço físico de maneira que facilite o aprendizado do aluno.

Palavras-chave: Escola, Estratégias psicopedagógicas, TDAH.

ESTRESSE OCUPACIONAL E QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DE PROFESSORES

Arthur Marques de Medeiros (UNIFIP)
Alessandro Teixeira Rezende (FIS)
Profa. Ma. Thereza Christina Garcia Bezerra (UNIFIP)

Resumo. Neste tempo de grandes avanços, turbulências e disputas mercadológicas a pressão sobre os trabalhadores aumentou ainda mais, dando visibilidade a um fenômeno chamado Estresse Ocupacional (EO). Frente a esses desafios, a qualidade de vida no trabalho é uma compreensão abrangente e comprometida das condições de vida, que inclui aspectos de bem-estar, garantia da saúde e segurança física, mental, social e capacitação para realizar tarefas com segurança e bom uso da energia pessoal. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo principal identificar a sua prevalência do EO e o nível de qualidade de vida no trabalho de professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Participaram do estudo 23 professores, selecionados por meio de técnica não probabilística por conveniência. Estes responderam a questões sociodemográficas, bem como a escala de qualidade de vida no trabalho (QVT) e o inventário de sintomas de estresse para adultos de LIPP (ISSL). No que diz respeito aos resultados, pode perceber que a maioria dos participantes possuem estresse, na fase resistência e sintomas psicológicos, quanto ao QVT, pode-se perceber uma média mais elevada no fator *respeito, integração e autonomia*, seguido por *possibilidades de lazer e convívio social*, *incentivo e suporte* e por última *compensação justa e adequada*. Sendo assim, pode-se concluir que o presente estudo trouxe relevantes contribuições para a área da psicologia organizacional e do trabalho.

Palavras-chave: Estresse ocupacional, Qualidade de vida no trabalho, Professores.

ESTRUTURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER NO CONTEXTO DO TRÂNSITO BRASILEIRO

Bianca Louise Galdino Malaquias (UNIFIP)
Prof. Me. Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. É comum ouvirmos diferentes anedotas que representam o imaginário social acerca das diferenças de gênero no contexto do trânsito. Algumas dessas repercutem uma representação negativa das mulheres face aos homens nesse contexto, a exemplo do ditado "mulher no volante, perigo constante". Com vistas a analisar as representações sociais de motoristas brasileiros acerca da atuação das mulheres no trânsito, propomos o presente estudo. De modo geral, por meio da abordagem estruturante das representações sociais (RS), buscamos conhecer os elementos centrais e periféricos que formam as RS de motoristas sobre as mulheres no trânsito brasileiro. Para isso, contamos com a participação de 49 homens, com faixa etária entre 18 e 70 anos (M=31,8; DP=13,2), sendo a maioria solteiros (58,1%), heterossexuais (77,4%) e habilitados para a direção automobilística. Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico e à Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), com o estímulo "mulher no trânsito". Os dados foram analisados por meio da técnica de Análise Prototípica, no IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Os resultados demonstraram as palavras Cuidadosa, Responsável e Preconceito como o núcleo central da representação social da mulher no trânsito brasileiro. Todavia, nos sistemas periféricos próximos encontram-se as palavras Respeito, Devagar, Paciência, como também Desatenção e Baliza. No sistema periférico distante encontram-se os termos feminismo e conquista. Essas evocações perfazem os elementos que dão significado à RS da mulher no trânsito, ancorando o núcleo central em termos objetais por meio de condutas e atitudes do grupo em análise.

Palavras-chave: Representações sociais, Trânsito, Gênero.

GANÂNCIA E BEM-ESTAR SUBJETIVO: UM ESTUDO CORRELACIONAL

Maria das Neves Severo de Lira (UNIFIP)
Délis Sousa Benevides 1 (UNIFIP)
Prof. Dr. Gleidson Diego Lopes Loureto (UFRR)

Resumo. O presente estudo objetivou investigar as possíveis correlações do construto da ganância com as variáveis do bem-estar subjetivo (i.e., afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida). Para tanto, contou-se com uma amostra de conveniência com a população geral e universitária (N=359) com idades variando entre 18 e 58 anos (M=24,49, DP=7,72). Declarando-se a maioria ser do sexo feminino (69,4%), heterossexual (79,1%), solteiros (71,3%), religião católica (52,1%) e de classe média (45,1%). Estes responderam, além de perguntas sociodemográficas, às medidas de dispositional greed scale; escala de afetos positivos e negativos e a escala de satisfação com a vida. Os resultados indicaram que o construto da ganância associou-se à menores níveis de bem-estar subjetivo, isto é, se correlacionou positivamente com os afetos negativos (r = 0,16 p < 0,01) e negativamente com a satisfação com a vida (r = -0,15 p < 0,01). Concluindo-se que os achados do presente estudo lançam luz para a dimensão do bem-estar subjetivo com o construto da ganância, até então não investigado no contexto brasileiro. Ademais, sugerem-se que estudos futuros sejam realizados com estas temáticas em contextos específicos, tais como o contexto laboral e/ou processos subjacentes ao mal-estar subjetivo.

Palavras-chave: Ganância, Bem-estar subjetivo, Satisfação com a vida.

HABILIDADES DE VIDA: UMA REVISÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Awanna Vitória Rodrigues Leite (UNIFIP)
Francisco Moreira da Silva Neto (UNIFIP)
Shirley de Souza Silva Simeão (UNIFIP)
Prof. Me. Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. As Habilidades de vida (HV) são competências psicossociais consideradas necessárias para o desenvolvimento humano e promoção de saúde, se apresentando como um modelo que favorece o enfrentamento saudável às situações de risco. As propostas de intervenção focadas nas HV visam desenvolver capacidades emocionais, sociais e cognitivas, consideradas necessárias para a adoção de comportamentos adaptativos. Considerando a relevância da temática para a adoção de comportamentos em saúde, este estudo teve por objetivo realizar um levantamento dos artigos brasileiros sobre habilidades de vida, caracterizando assim a produção nacional sobre a temática. Para tanto, foi realizada uma revisão narrativa da literatura, a partir de buscas nas bases de dados LILACS, SciELO-BR, PsychINFO e Index Psi, utilizando o descritor "habilidades de vida". A consulta inicial nas bases de dados resultou em 1947 citações. Após a análise dos registros e a aplicação de filtros de exclusão, 1250 artigos foram descartados. Na avaliação de títulos, resumos e palavras-chave, desconsiderou-se 688 artigos que não se adequavam aos critérios de elegibilidade. Dessa forma, foram selecionados 9 artigos para a leitura integral, sendo selecionados quatro estudos que formaram a base documental da revisão, evidenciando as principais contribuições de intervenções em HV, com ênfase no contexto da saúde.

Palavras-chave: Habilidades de vida, Revisão da literatura, Saúde.

IDEAÇÃO SUICIDA NO CONTEXTO DOS CINCO GRANDES FATORES DE PERSONALIDADE: UM ESTUDO COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Rayssa Simões da Silva(UNIFIP)
Francisca Mariane Rodrigues Medeiros (UNIFIP)
Karla Nawanny Xavier de Oliveira (UNIFIP)
Gleidson Diego Lopes Loureto (UNIFIP)
Profa. Esp. Mayara Cristina de Araújo Dantas (UNIFIP)

Resumo. Na sociedade moderna, o suicídio tem se tornado cada vez mais recorrente. Portanto, o objetivo geral deste estudo foi entender e analisar os fatores que predispõem estudantes universitários à ideação suicida e como traços de personalidade pode influenciar nisso. Os instrumentos aplicados consistiram num Questionário Sociodemográfico, Questionário de Ideação Suicida(QIS) e o Questionário dos Cinco Fatores (ICGF). Para a análise dos dados, foram utilizadas estatísticas descritivas e seus dados foram processados pelo pacote estatístico SPSS. A amostra incluiu 54 estudantes de população brasileira, sendo a maior parte do sexo feminino (68,5%) com idades entre 18 a 46 anos. Os resultados mostraram que o traço neuroticismo apresenta resultados positivos para a ideação suicida, enquanto os traços de amabilidade mostraram resultados negativos para a ideação suicida. Sendo assim, pode-se concluir que o traço de personalidade neuroticismo pode aumentar a probabilidade de comportamento suicida, tendo em vista que indivíduos com níveis mais elevados desse traço são mais propensos a problemas psíquicos. Ao ingressar na faculdade, o universitário se depara com um turbilhão de responsabilidades, circunstâncias sociais, econômicas, culturais e, a adaptação pode acabar não sendo positiva, resultando assim em vulnerabilidade e crises existenciais. O ambiente que proporcionaria experiências significativas, formação de qualidade e possibilitaria um futuro digno, resulta em um local que causa um desequilíbrio emocional. Ressalta-se a necessidade das instituições de ensino superior abordarem em seus projetos pedagógicos os riscos de suicídio, para um bom desenvolvimento acadêmico e a construção de um ambiente universitário mais saudável para esses indivíduos.

Palavras-chave: Ideação suicida, Personalidade, Universitários.

IMPLEMENTAÇÃO DE ESTRUTURA ORGANIZACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL

Hellen Louize Aleixo de Farias (UNIFIP)
Anny Karoline do Nascimento Alencar (UNIFIP)
Gabriela Jôrdania Ferreira Rofino (UNIFIP)
Ana Raquel de Albuquerque Souto (UNIFIP)
Profa. Ma. Thereza Christina Garcia Bezerra (UNIFIP)

Resumo. Os estágios básicos nos cursos de graduação são ferramentas utilizadas para aproximar os discentes da prática, bem como são disciplinas que estão nas matrizes curriculares. Nos cursos de psicologia existem estágios básicos nas distintas áreas da psicologia, o presente estudo foi oriundo da experiência de estágio na psicologia organizacional, tendo como demanda elaboração de uma estrutura organizacional. A estrutura organizacional é composta por quatro pilares: missão, visão, valores e propósito. Tais elementos, portanto, são de suma importância para o planejamento estratégico de uma organização. Sendo considerados como um conjunto de mecanismos e processos metodológicos que determinam os caminhos para alcançar os objetivos. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo discorrer acerca da experiência de estágio em psicologia organizacional. O estágio foi realizado em uma autoescola do interior do sertão paraibano. Para tanto, contou com a participação de 4 estagiárias, 1 professora orientadora, 1 supervisora e 19 colaboradores de uma autoescola. Durante o estágio foram realizadas observações e entrevistas, visando identificar possíveis demandas e fechamento do diagnóstico organizacional. Através do diagnóstico organizacional realizado, pode-se perceber que a maior necessidade da organização estava voltada para ausência de fluxo e processos, oriundos da ausência de uma estrutura organizacional, a partir disso, foi esquematizada essa estruturação. De acordo com os resultados deste estágio, pode-se destacar associações positivas entre o desenvolvimento da estrutura organizacional e clima organizacional mais favorável. Com isso, conclui-se que a ausência da estrutura organizacional pode desajustar os fluxos e processos da empresa, bem como, pode reforçar um clima organizacional desfavorável.

Palavras-chave: Relato de experiência, Psicologia organizacional, Estrutura organizacional.

INCLUSÃO SOCIAL DO AUTISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO NARRATIVA DE INTERVENÇÕES PSICOEDUCACIONAIS

Genniffer da Silva Fernandes (UNIFIP)
Ana Beatriz Feitosa de Souza (UNIFIP)
Ana Heloysa Trindade de Oliveira (UNIFIP)
Crisley Caroline da Silva Sá (UNIFIP)
Profa. Esp. Mayara Cristina de Araújo Dantas Orientador(a) (UNIFIP)

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) relaciona-se com uma lacuna no desenvolvimento que sucede a danos na comunicação e na interação social do indivíduo, as implicações de sinais desse transtorno podem ser notados antes dos três anos de idade nas crianças, correspondendo a iniciação da faixa etária escolar. Conhecer quais são as intervenções psicoeducacionais mais frequentes na escola para essa inclusão social adequada. Foi realizada uma revisão narrativa, na qual foi utilizado os seguintes descritores: autismo infantil, intervenções psicoeducacionais e psicologia escolar. Sendo incluídos artigos somente em português do Scielo e excluídos os artigos incompletos, que não se encaixava com a temática central do estudo. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 7 artigos. O panorama aponta para a necessidade de mais investigações de práticas existentes como as do auxílio na elaboração em projetos pedagógicos específicos, intervenções junto aos pais e desenvolvimento de habilidades profissionais dos professores, que assim mostrem as potencialidades interativas de crianças com autismo e a possibilidade de sua inserção no ensino. Diante dos resultados expostos, é de suma relevância que essa inclusão desses alunos aconteça em conjunto da escola com os pais e o psicólogo escolar, de acordo com a reformulação de atividades já encontradas como: aprimoramento do aprendizado e a capacidade educacional e psicológica de lidar com a individualidade do sujeito com TEA, usando da distribuição de informações sobre o transtorno, evitando assim a exclusão por preconceitos equivocados.

Palavras-chave: Autismo, Práticas Psicoeducacionais, Inclusão.

O BRASIL ANTES DA PANDEMIA: A DIFUSÃO DO NOVO CORONAVÍRUS NA MÍDIA ONLINE

Francisco Moreira da Silva Neto (UNIFIP)
Awanna Vitória Rodrigues Leite (UNIFIP)
Shirley de Souza Silva Simeão (UNIFIP)
Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. É de conhecimento geral que através da mídia fatos históricos assumem diferentes nuances e significados no cotidiano social. Acerca da doença do novo Coronavírus (COVID-19), ainda não se sabe como as notícias sobre a emergência do novo Coronavírus podem ter influenciado na formação de opiniões e atitudes da população brasileira sobre o tema. Diante disso, analisamos 40 notícias publicadas entre dezembro e janeiro de 2020, quando o primeiro caso fora notificado e o Brasil ainda não corria riscos objetivos de contaminação, . A partir da análise de 40 notícias, dois grandes eixos temáticos foram revelados: a) a preocupação ligada aos aspectos de saúde e b) a preocupação com a economia/indústria. Esses resultados acompanham as preocupações atuais da população local, após a confirmação do primeiro caso de infecção no Brasil, e o consequente aumento do número de contaminação. Considera-se que através desse estudo, se faz possível a realização de uma retrospectiva acerca de um mundo que, na atualidade, talvez não exista mais, dadas as condições sanitárias e econômicas vivenciadas nas mais variadas localidades, diante da ameaça invisível que é o covid-19.

Palavras-chave: COVID-19, Diferenças de gênero, Ansiedade.

O QUE MAIS VALORIZAM OS EMPÁTICOS? A EMPATIA E OS VALORES HUMANOS

Jéssica Pereira da Silva (UNIFIP)
Fernanda Alves da Silva (UNIFIP)
Maria das Neves Severo de Lira (UNIFIP)
Yuri de Souto Pereira (UNIFIP)
Prof. Dr. Gleidson Diego Lopes Loureto (UFRR)

Resumo. A empatia consiste na capacidade de compreender e vivenciar os sentimentos dos outros. Partindo do papel facilitador desta na coesão social, é possível supor que a mesma esteja relacionada às prioridades valorativas das pessoas (aquilo que as pessoas consideram importantes em suas vidas). O presente estudo investigou as relações entre o construto da empatia e dos valores. Participaram do estudo 251 sujeitos da população brasileira (Midade = 25,61, *DP* = 5,86; 162 alunos de graduação e 89 participantes da população em geral). A maioria declarou ser do sexo feminino (66,0%), solteira (59,0%), de classe média (50,6%), heterossexual (74,9%) e católica (54,6%). A coleta dos dados foi realizada online. Os participantes responderam a Escala Básica de Empatia, o Questionário dos Valores Básicos e perguntas demográficas. Os dados foram analisados através do programa SPSS versão 23, realizando-se análises de correlação entre as variáveis mencionadas. A EA se correlacionou positivamente apenas como os valores sociais (interativa: $r = 0,25$, $p < 0,01$ e normativa: $r = 0,23$, $p < 0,01$). A EC se relacionou positivamente com os valores sociais (interativa: $r = 0,18$) e os valores pessoais (experimentação: $r = 0,25$, $p < 0,01$ e realização: $r = 0,34$, $p < 0,01$). Em resumo, sugere-se que sujeitos socialmente orientados podem ser mais propensos a experimentar as emoções de terceiros, ao passo que uma orientação valorativa autocentrada relaciona-se mais à compreensão de emoções de terceiros, um processamento cognitivo e de neutralidade emocional. Tais resultados aproximam a psicologia positiva de construtos clássicos da psicologia social.

Palavras-chave: empatia, valores humanos, psicologia social.

PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA ACERCA DO USO DE PSICOFÁRMACOS

Ana Lívia Cunha Lima Vitorino (UNIFIP)
Fábio De Freitas Soares Junior (UNIFIP)
Maria Eduarda Azevedo De Lima (UNIFIP)
Yasmin Vitória Siqueira Barbalho (UNIFIP)
Prof. Me. Washington Allysson Dantas Silva (UNIFIP)

Resumo. Psicofármacos (também denominados de drogas psicotrópicas) são substâncias medicamentosas usadas em psicofarmacologia, as quais interferem primariamente nas funções do sistema nervoso central, podendo afetar o humor e o comportamento. Ainda que impossibilitados de receitar medicamentos, faz-se importante que estudantes de psicologia adquiram conhecimentos sobre o tema. Com vistas a compreender como esses estudantes percebem/representam os psicofármacos propõe-se o presente estudo. Para isso, coletamos dados de 106 estudantes de Psicologia, com faixa etária entre 18 e 48 anos (M=23,24; DP=4,85), sendo a grande maioria do sexo feminino (72,6%), de estado civil solteiro (58,5%), heterossexuais (62,3%) e sem fazer uso de psicofármacos (90,6%). Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico e à Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), na qual foram solicitados a citar três palavras que acreditavam estar relacionadas ao termo "psicofármacos". Os dados foram analisados por meio da técnica de Análise de Similitude, no IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). A partir da análise da árvore máxima de similitude resultante do tratamento no IRAMUTEQ, observamos a emergência do elemento central “remédio” na representação perceptiva dos estudantes de psicologia acerca dos psicofármacos. Em continuidade, a partir desse elemento central diferentes secundários foram estruturados, sendo esses formados pelos vocábulos “antidepressivos”, “dependência”, “medicamento”, “tratamento” e “ansiedade”. Conclusivamente, os resultados demonstraram que, de modo geral, os estudantes de psicologia conceituam os psicofármacos ligados à sua característica medicamentosa, assim como aos efeitos orgânicos provenientes do uso dessas substâncias no manejo de sintomas da ansiedade e depressão.

Palavras-chave: Psicofármacos, Psicologia, Percepção.

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE: ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS QUE TRABALHAM E SUA SAÚDE MENTAL

Vanessa da Silva Teixeira (UNIFIP)
Francisca Paula França Lopes (UNIFIP)
Josileide Rodrigues dos Santos (UNIFIP)
Profa. Ma. Mayara Cristina de Araújo Dantas (UNIFIP)

Resumo: Os contextos educacionais, laborais e de saúde são áreas da vida do estudante universitário que se influenciam mutuamente, necessitando uma da outra para desenvolverem-se juntas. Este relato busca relacionar a vivência da vida universitária com o trabalho e a qualidade de vida de três estudantes universitárias que trabalham e estudam, interpretada a partir dos referenciais teóricos da psicologia da saúde. Podemos perceber o quanto é desafiador estudar e trabalhar, mas se faz necessário pelo fator econômico das estudantes em questão, por arcar com custos desde a matricula a transporte a alimentação. A rotina de estudantes universitárias que trabalham é exaustiva e gera descansos irregulares, com menos de oito horas de sono por dia, indisposição, má alimentação, estresse e ansiedade. A sensação de "não estou dando o meu melhor" e "não estou me esforçando o suficiente" estão constantemente presentes e se associam a adoecimento psicológico. Vale ressaltar a insegurança alimentar como fator significativo. As exigências características da academia estão associadas a baixos índices de qualidade de vida de universitários e, quando associados ao contexto socioeconômico que exige das universitárias a vinculação a atividades de trabalho, criam uma realidade deveras adoecedora. Pode-se observar, a partir desse relato e de dados encontrados na literatura, que as estudantes universitárias, trabalhadoras enfrentam uma variedade de riscos entre o adoecimento do corpo e da mente, causando prejuízos em ambas as áreas, uma boa proposta para reduzir tais danos, seria a implementação de um espaço de convivência, e uma disponibilidade maior de horário para a alimentação.

Palavras-chave: Vida universitária, Trabalho, Saúde mental.

USO COMPULSIVO DA INTERNET E DEPENDÊNCIA DO SMARTPHONE: CORRELAÇÕES COM IDADE E TEMPO DE USO

Anuska Bandeira Costa Paiva (UNIFIP)
Ana Carolina Bezerra Ramos (UNIFIP)
Tereza Sade Roberto Araújo Almeida (UNIFIP)
Fernanda de Souza Pereira (UNIFIP)
Prof. Dr. Layrtthon Carlos de Oliveira Santos (UNIFIP)

Resumo. O objetivo do presente trabalho é verificar as correlações entre o uso compulsivo da internet (UCI) e a dependência do smartphone (DES) com o tempo de uso de internet e smartphone e a idade. Participaram 2012 universitários com idades entre 18 e 55 anos (M=25,6; DP=7,45), sendo a maioria do sexo feminino (72,6%), solteira (77,4%), heterossexual (86,8%), de religião católica (41%) e de classe média (42,5%). Os participantes responderam, em ambiente virtual, a Escala do Uso Compulsivo da Internet, a Escala de Dependência de Smartphone e um questionário sociodemográfico. Os dados foram analisados a partir do software SPSS, no qual foram feitas análises descritivas e correlações de Spearman. Os resultados indicaram que tanto o UCI quanto a DES correlacionaram-se de maneira positiva e significativa com o tempo diário de uso a internet e do smartphone, e negativamente com a idade. De igual modo, a idade também se correlacionou negativamente com o tempo de uso diário tanto a internet, quanto do smartphone. Esses resultados indicam que que indivíduos mais jovens tendem a usar em maior medida as referidas tecnologias, assim como tendem a um uso disfuncional em maior medida, indicando a necessidade de estratégias de prevenção da dependência e cuidados com a saúde mental desses indivíduos.

Palavras-chave: Dependência, Internet, Smartphone.

1º CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA UNIFIP

AS EVIDÊNCIAS DAS **DIFERENTES PRÁTICAS PSICÓLOGICAS**

TRABALHOS COMPLETOS

UNIFIP
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Patos, PB - 19 a 21 de Outubro

COMPARAÇÕES DO USO COMPULSIVO DA INTERNET E DEPENDÊNCIA DO SMARTPHONE EM RELAÇÃO À FAIXA ETÁRIA

Anuska Bandeira Costa Paiva (UNIFIP)
Fernanda de Souza Pereira (UNIFIP)
Ana Carolina Bezerra Ramos (UNIFIP)
Tereza Sade Roberto Araújo Almeida (UNIFIP)
Prof. Dr. Layrtthon Carlos de Oliveira Santos (UNIFIP)

Resumo. A pesquisa teve como objetivo comparar os níveis de dependência do smartphone e do uso compulsivo da internet entre jovens de diferentes idades. Participaram do estudo 212 estudantes universitários com idades entre 18 e 55 anos (*M*=25,63; *DP*=7,45), sendo a maioria do sexo feminino (72,6%), solteira (77,4%), heterossexual (86,8%), de religião católica (41%) e de classe média (42,5%). O estudo foi realizado de maneira online através da plataforma Google Forms, onde responderam um questionário sociodemográfico, e as seguintes escalas: a Escala do Uso Compulsivo da Internet, Escala de Dependência do Smartphone. As análises foram feitas no software estatístico SPSS, em que foram realizadas estatísticas descritivas e testes t independentes. Os resultados obtidos mostraram que os indivíduos mais jovens apresentaram maiores medidas de dependência do smartphone e do uso compulsivo da internet do que indivíduos mais velhos, sendo ambas as diferenças estatisticamente significativas ($p<0,05$). Sendo assim, pessoas que são mais jovens são mais vulneráveis a desenvolverem a dependência do smartphone e de usarem compulsivamente a internet.

Palavras-chave: Dependência, internet, smartphone.

Os meios de comunicação interpessoais passaram por mudanças nos últimos anos, surgindo diversas novas formas de tecnologias de informação e comunicação que estão modificando a rotina dos indivíduos e suas maneiras de interagirem entre si. Essas modificações foram ocasionadas pelo surgimento modernizações tecnológicas, como a diversidade de dispositivos e máquinas que modernizaram a maneira em que as pessoas interagem, trabalham e têm momentos de lazer (Jiménez & Domínguez, 2019).

Tais modernizações tecnológicas marcaram o século XXI, proporcionando que o indivíduo esteja cada vez mais conectado ao mundo *online*. Associado a essas inovações e ao aumento da interação virtual, surgiram alterações na vida das pessoas, como em seus comportamentos, processos mentais, relações sociais e vivências individuais (Souza & Cunha,

2017). Essas alterações fazem com que por vezes a vida real se misture com a vida *online* e sejam vividas paralelamente, ou até mesmo que a vida *online* se sobressaia as relações reais (Oliveira et al., 2020).

Os surgimentos dessas novas tecnologias são de suma importância para os seres humanos, visto que as mesmas são caracterizadas como recursos elaborados para auxiliar em seu dia a dia, tornando-se fundamentais e proveitosos no mundo globalizado, uma vez que são ferramentas que a qualquer momento possibilitam que se tenha acesso a estudos, atividades de lazer, trabalho, comunicação instantânea com outras pessoas, compras, notícias etc. Dessa forma, o *smartphone* e a *internet* vêm se transformando em tecnologias indispensáveis na vida das pessoas, fazendo com que muitas vezes sejam usadas de maneira exacerbada, trazendo prejuízo para a vida do sujeito, podendo até mesmo ocasionar dependência (Medeiros et al., 2021).

A dependência dessas tecnologias pode ser definida como um padrão de comportamento resistente e iminentemente patológico, em que caracteriza-se por preocupação constante por suas atividades virtuais, desenvolvimento de tolerância (precisar passar sempre mais tempo para se satisfazer), sentimentos de abstinência quando não está conectado, usar a *internet* e o *smartphone* para compensação de emoções e situações desagradáveis, e recaída ao tentar reduzir o uso. O uso abusivo desses meios está associado consequências prejudiciais à saúde e a vida social dos indivíduos, podendo provocar baixo desempenho escolar, conflitos interpessoais, problemas no trabalho, depressão, isolamento, instabilidade emocional, ansiedade etc. (Malinauskas & Malinauskiene, 2019).

O sujeito que se torna dependente, na maioria das vezes se afasta, deixando de se importar com suas relações e atividades rotineiras, além de não se preocupar consigo mesmo. Semelhantemente que em outras dependências psicopatológicas, a utilização excessiva da

internet e *smartphone* não afeta somente o sujeito, mas a todos que o contorna, discussões com amigos e familiares estão fortemente associados, principalmente quando essas relações são colocadas de lado pela dependência (Tumeleiro et al., 2018).

Conforme os dados colhidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), promovida no quarto trimestre do ano de 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 84,7% da população brasileira faz uso da *internet*, sendo em sua maioria os jovens de 20 a 29 anos os que mais acessam, onde o uso maior é entre os estudantes (90,3%) em comparação aos que não estudam (83,2%), e o equipamento mais utilizado para acessar a *internet* por eles é o *smartphone* (97,9%) (IBGE, 2022). Pessoas de todas as idades estão sujeitas a dependência do *smartphone* e da *internet*, no entanto os jovens aparentam ser mais suscetíveis a esse fenômeno. Isso pode ser explicado pois esse grupo configura-se como parte das primeiras gerações que se desenvolveram já tendo alcance a tais tecnologias, sendo resultantes da era virtual (Oliveita et al., 2020).

Um estudo realizado por Vieira et al. (2022) buscou investigar a incidência e fatores relacionados à dependência de *smartphones* no Brasil. Observou-se que 53% da amostra eram dependentes, sendo encontrada correlação negativa e significativa entre dependência do *smartphone* e idade, onde os sujeitos com idade menor que 30 anos eram mais suscetíveis a desenvolverem a dependência, da mesma forma que, os estudantes eram mais vulneráveis ao uso compulsivo.

Na pesquisa realizada pro Tumeleiro et al. (2018), em que buscou-se identificar a dependência da *internet* em jovens, foi observado que 68,7% utilizavam o *smartphone* para se conectar à *internet*, sendo em sua maioria para acessar as redes sociais e estudos, foi observado ainda que 44% dos jovens passam 5 horas ou mais se conectando. Os pesquisadores defendem que esse uso abusivo pode ser explicado por ao estarem conectados eles executam papéis que

na vida real não possuem, assim como, se torna possível acompanhar a rotina de outras pessoas que não estão acessíveis presencialmente.

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo comparar o uso compulsivo da *internet* e a dependência do *smartphone* em relação à faixa etária dos participantes.

Método

Delineamento e Hipóteses

Este estudo caracteriza-se como sendo de natureza quantitativa, descritiva e comparativa. Busca-se testar a hipótese de que indivíduos mais jovens apresentam maior medida de uso compulsivo da internet e dependência do smartphone que indivíduos mais velhos.

Participantes

A amostra é constituída por 212 universitários com idades entre 18 e 55 anos (*M*=25,63; *DP*=7,45), sendo a maioria composta por mulheres (72,6%), heterossexual (86,8%), solteira (77,4%), de religião católica (40,6%) e classe média (42,5%).

Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico, utilizado para caracterização da amostra, e as escalas descritas a seguir.

Escala do Uso Compulsivo da *Internet* (CIUS). Instrumento unifatorial composto por 14 itens sobre o uso da *internet*. Utiliza uma escala de respostas Likert de 5 pontos variando de 0 (nunca) a 4 (muito frequentemente). Utilizou-se a versão validada para o contexto brasileiro por Medeiros et al. (2021).

Escala de Dependência de *Smartphone* (EDS). Desenvolvido por Sales et al. (2018), assim como o instrumento anterior, é uma medida unifatorial de 14 itens, cujos itens, no entanto, avaliam o uso do *smartphone*. Utiliza a mesma escala de respostas da CIUS.

Procedimento e Aspectos Éticos

Os dados foram coletados em ambiente virtual, online. O estudo conta com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Patos (CAAE: 53931321.7.0000.5181). A pesquisa seguiu todos os aspectos éticos preconizados pela resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Análise de Dados

Os dados foram tabulados e analisados a partir do *software* SPSS (*Statistical Software Package for Social Science*, versão 23), onde foram executadas estatísticas descritivas (e.g., frequência, média, desvio-padrão) para caracterização da amostra e testes t independentes para comparar indivíduos mais jovens e mais velhos em relação à dependência do *smartphone* e ao uso compulsivo da *internet*. Utilizou-se a técnica de *bootstrapping* com 5.000 reamostragens para contornar a não normalidade da distribuição dos dados e a diferença dos tamanhos dos grupos (Haukoos & Lewis, 2005).

Resultados

Inicialmente, convém salientar que para divisão dos grupos, dividiu-se a variável idade a partir de sua mediana (*Md*=23), de modo que indivíduos com idades abaixo da mediana constituíram o grupo de pessoas mais jovens (*n*=121) e indivíduos com idades acima da mediana formaram o grupo de pessos mais velhas (*n*=91).

A seguir, são apresentados os resultados comparativos dos grupos em relação ao uso compulsivo da internet (CUI) na Tabela 1 e, posteriormente, em relação à dependência do smartphone (DES), na Tabela 2.

Tabela 1

Comparações do uso compulsivo da internet (UCI) entre indivíduos mas jovens e mais velhos

		Escores		Estatística do teste *t (Bootstrapping sample)*					
		M	*DP*	*t*	*Gl*	Valor-*p*	Diferença de Média	IC da Diferença de Média (95%) Limite inferior	Limite superior
UCI	Mais jovens	1,98	0,75	3,25	210	0,001	0,34	0,14	0,55
	Mais velhos	1,64	0,77						

Tabela 2

Comparações da dependência do smartphone (DES) entre indivíduos mas jovens e mais velhos

		Escores		Estatística do teste *t (Bootstrapping sample)*					
		M	*DP*	*t*	*Gl*	Valor-*p*	Diferença de Média	IC da Diferença de Média (95%) Limite inferior	Limite superior
DES	Mais jovens	1,93	0,83	2,96	210	0,003	0,35	0,11	0,60
	Mais velhos	1,57	0,91						

Conforme pode-se observar, os indivíduos mais jovens apresentaram maiores medidas de UCI e DES do que indivíduos mais velhos, sendo ambas as diferenças estatisticamente significativas (p<0,05).

Discussão

A presente pesquisa teve como objetivo comparar o uso compulsivo da *internet* e a dependência do *smartphone* em relação à faixa etária dos participantes, para que isso foi possível buscou-se comprovar a hipótese de que indivíduos mais jovens apresentam maior medida de uso compulsivo da internet e dependência do *smartphone* que indivíduos mais

velhos, sendo a mesma confirmada a partir dos resultados obtidos. Assim, confia-se que, de fato, as pessoas mais jovens estão mais vulneráveis a fazer uso abusivo dessas tecnologias, sendo corroborada a hipótese inicial do estudo.

Os resultados encontrados estão em consonância com a pesquisa realizada por Pinheiro e Pinheiro (2021), onde investigou-se a dependência da *internet* e do *smartphone* em jovens, sendo constatado que 21 dos 30 que participaram do estudo, já tinham manifestado algum sintoma de dependência, vivenciaram medo de não conseguir atender uma chamada e sentimentos de isolamento do mundo por não estarem conectados e se sentiram angustiados ao estarem *offline*. No estudo realizado por Klinger et al. (2017), foi observada a propensão à dependência da *internet* em jovens universitários, percebeu-se que a maioria dos participantes apresentaram dependência de leve a moderada, o que influenciava de maneira negativas em seus afazeres diários.

Nesse mesmo sentido, Henke e Zandonadi (2019), analisaram o nível de dependência da *internet* em universitários nos anos iniciais, os resultados mostraram que 43,75% da amostra obtiveram níveis altos apontados como dependência, além de 43,75% responderam que não dispõem disposição para deixar de usar a *internet*. Os autores observaram que os participantes que faziam o uso compulsivo deixavam de cumprir atividades básicas de suas rotinas, como produzir suas atividades acadêmicas, cultivar suas relações interpessoais e programas sociais, bem como, sentiam-se indispostos para se ausentar da vida *online* e ir à faculdade.

De acordo com o estudo realizado por Viana (2022), a sociedade contemporânea pode ser classificada como a sociedade tecnológica, visto que, estão cada dia mais acessíveis e a todo momento recursos e aplicativos estão sendo criados. A população mais jovem ao crescer nesse mundo das mídias digitais torna-se mais adaptáveis a cada novidade virtual, possibilitando uma maior facilidade a estarem sempre conectados as redes sociais, tornando-os inclusos ao mundo

virtual diversificado, fazendo com que estão mais suscetíveis ao uso exacerbado dessas tecnologias (Viana, 2022).

A utilização da *internet* e do *smartphone* tem se caracterizado cada dia mais como tecnologias indispensáveis para a vida das pessoas, pois elas possibilitam uma maior facilidade em seus afazeres diários, seja para trabalho, lazer, estudos etc. Sendo assim, não se pode negar sua importância, entretanto o uso desmedido pode vir a causar prejuízo na saúde e vida social dos sujeitos, onde os jovens tendem a ser os mais atingidos.

Considerações finais

Perante o exposto, a partir da pesquisa realizada foi possível compreender como a dependência do *smartphone* e o uso compulsivo da *internet* variam conforme a faixa etária. Foi identificado que, de fato, pessoas de uma menor faixa etária são mais vulneráveis a desenvolverem a dependência do *smartphone* e a usar compulsivamente a *internet*. Dessa forma, confia-se que o objetivo do presente estudo foi alcançado de forma satisfatória.

Embora os dados até aqui encontrados sejam importantes, a pesquisa não está isenta de limitações. Uma delas diz respeito à natureza dos instrumentos, que se classificam como sendo de autorrelato, sendo sujeito a desejabilidade social, onde os participantes são propensos a respostas socialmente aceitas. Uma outra limitação é a amostra pouco diversificada e abrangente, em que carece contemplar outras regiões do país. Sendo assim, propõe-se que em estudos futuros utilize-se instrumentos de natureza diferente, bem como, se tenha uma maior diversidade amostral.

Ademais, é imprescindível reconhecer as contribuições do estudo, sendo um tema tão atual e que causa grande impacto na vida das pessoas. Através da pesquisa foi possível identificar o público alvo que mais sofre com o uso abusivo dessas tecnologias, dessa forma, se

faz necessário pensar em estratégias de intervenção voltadas aos jovens para que não sofram com os males da dependência. Além de contribuir com o arcabouço teórico do tema estudado.

Referências

Henke, M. L. S., & Zandonadi, A. C. (2019). O mundo em um click: O uso excessivo da internet pode afetar o desempenho acadêmico? *Revista FAROL – Rolim de Moura, 8*(8), 265-282. https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/article/view/159/146

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2022). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.* Rio de Janeiro. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf

Jiménez, M. V. M., & Domínguez, S. F. (2019). Uso problemático de internet en adolescents españoles y su relación con autoestima e impulsividad. *Avances en Psicología Latinoamericana, 37*(1), 103-119. https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5029

Klinger, E. F., Silva, J. B. F., Marinho,V. L., Miranda, K. W., & Reis, T. V. (2017). Propensão à Dependência da Internet: Um Estudo com Acadêmicos de Um Centro Universitário. *Cerus, 9*(2). http://www.ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/1577/534

Malinauskas, R., & Malinauskiene, V. (2019). A meta-analysis of psychological interventions for internet/smartphone addiction among adolescents. *Jornal of Behavioral Addictions, 8*(4), 613-624. http://dx.doi.org/10.1556/2006.8.2019.72

Medeiros, E. D., Sales, H. F. S., Lopes, B. J., Nascimento, A. M., Mariano, T. E., & Silva, P. G. N. (2021). Adaptação da Escala de Uso Compulsivo da Internet (CIUS) para o Brasil. *PsicolArgum., 39*(104), 277-292. http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum. 39.104.AO08

Oliveira, T. C., Barreto, L. K. S., El-Aouvar, W. B., Souza, L. A., Pinheiro, L. V. S. (2020). Tenho celular, logo existo: Um estudo da nomofobia na formação de futuros gestores.

Revista de Admnistração Unimep, *18*(1), 91-110. http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/rau/article/view/1447/834

Pinheiro, F., & Pinheiro, A. P. (2021). O uso do celular em tempos de pandemia – Uma análise da nomofobia entre os jovens. *Revista Tecnologias Educacionais em Rede, 2*(3), 1-15. https://www.researchgate.net/publication/359981519

Souza, K. N. M., & Cunha, M. R. S. (2017). Nomofobia: o vazio existencial. *Psicologia.pt – O portal dos psicólogos*, 1-12. https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1166.pdf

Tumeleiro, L. F., Costa, A. B., DebastianiHalmenschlager, G., Garlet, M., & Schmitt, J. (2018). Dependência de internet: um estudo com jovens do último ano do ensino médio. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 11*(2), 279-293. http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019110207

Viana, L. P. (2022). "O que você usa mais/prefere: mensagens de textos ou mensagens de voz?": um estudo sobre a percepção dos jovens em relação ao uso de plataformas de mensageria. *Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, 5*(5), 1402-1415. https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/3779/3645

Vieira, H. A., Lage, I. A. V., Lima, R. S., Almeida, S. R., Avelino, P. R., Costa, H. S., & Menezes, K. K. P. (2021). Incidência e fatores relacionados à dependência de smartphone no Brasil. *Rev. Bras. Pesq. Saúde, 23*(1), 33-39. http://dx.doi.org/10.47456/rbps.v23i1.33433

CONSUMO DE MATERIAL PORNOGRÁFICO DURANTE A PANDEMIMA DA COVID-19 NO CONTEXTO BRASILEIRO

Samuel Gualberto dos Santos (UNIFIP)
Prof. Dr. Layrtthon Carlos de Oliveira Santos (UNIFIP)

Resumo. O presente estudo tem como objetivo investigar o consumo de material pornográfico online durante a pandemia da COVID-19 no contexto brasileiro, bem como a percepção individual da amostra acerca do consumo de pornografia em demasia. A pesquisa contou com uma amostra por conveniência, não-probabilística, de 128 participantes entre 18 a 45 anos (*M*=23; *DP*=4,70) composta, predominantemente, pelo sexo masculino (77,3%). Os participantes responderam a um questionário contendo duas perguntas fechadas e uma aberta. Para a coleta e construção do questionário foi utilizada a plataforma do Google forms e software Iramutec para a análise de estatísticas, nuvem de palavras e análise de similitude. A partir da análise dos dados, foi relatado que a porção majoritária da amostra percebeu um acréscimo considerável na utilização de material pornográfico após o início da pandemia, além de uma significativa limitação dentro do conhecimento popular acerca das causas relativas ao uso exacerbado do conteúdo pornográfico, possibilitando indagações sobre os processos de desconstruções do tabu em relação a sexualidade e pornografia e grande resistência no sistema educacional enquanto a educação sexual.

Palavras-chave: Pornografia, consumo, covid-19.

Após mais de um ano de pandemia da COVID-19 e, consequentemente, isolamento social, diversos aspectos socioculturais, econômicos e psicológicos puderam ser estudados dentro desse contexto. Dentre as consequências acarretadas pelo extensivo isolamento, o aumento gradual e acentuado do uso de internet foi facilmente destacável, tendo em vista a necessidade de se ficar em casa. Muitos serviços, que vão desde medidas de trabalho, como o *home office*, e de lazer e mídia, como o *streaming*, apresentaram dados comprovando um grande acréscimo no número de usuários, e entre eles, o âmbito da pornografia *online* mostrou-se como um dos mais acessados dentro do período da pandemia (Awan et al., 2021).

Diante disso, foram levantadas questões de investigação sobre o consumo de pornografia on-line no âmbito brasileiro, tema com alta escassez de literatura científica

nacional. Nesse sentido, a confirmação desse aumento, a respectiva frequência de consumo e a relação de como os indivíduos, sendo consumidores ou não de material pornográfico, veem as consequências do consumo exagerado dessa mídia, ou seja, a percepção individual, e majoritariamente do senso comum, sob a utilização do material em questão, permitiriam a análise desses dados para uma construção representativa dos ideais de um tópico que é extremamente enviesado e estigmatizado devido ao fato de ser considerado um grande tabu, do qual a sociedade tende a deixar de lado e trazer à tona de forma periférica e superficial, de acordo Randall, e sua obra "*Freedom and Taboo"* (1989).

Existe uma grande discussão em meio científico acerca das classificações de transtornos sexuais, devido a existência de poucos estudos que realmente comprovem de forma cabal e empírica sua verificação (Awan et al., 2021). Segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-11) da Organização Mundial de Saúde (OMS), comportamentos relacionados ao vício em material pornográfico, como o "Vício em Pornografia na Internet" (IPA) e o "Uso Problemático de Pornografia Online" (POPU) são classificados como construtos derivados do Transtorno do Comportamento Sexual Compulsivo (CSBD), sendo essa descrita como uma falha continua em conter impulsos sexuais repetitivos, causando dependência e se tornando fator central da vida do indivíduo, chegando ao ponto de ignorar diversos outros aspectos da vida, como lazer, trabalho, estudos e rotina (Böthe et al., 2020)

Vale apena salientar que o IPA e POPU, apesar de não serem diretamente citados dentro do DSM-5 e CID-11, possuem suas próprias medidas e reconhecimento em diversas áreas de atuação da psicologia clínica e em âmbito cientifico (Chan & Jiang, 2018; Kafka, 2010).

O período de lockdown representou uma severa isolação física, da qual a sociedade não havia vivido em muitos anos, fato que resultou em uma potencialização de fatores que contribuem para com o acesso a sites com conteúdo pornográfico, como tédio exaustivo,

ansiedade, frustração pela impossibilidade de relações sexuais e solidão (Awan et al, 2021). Em 2019, dados fornecidos por um dos maiores sites de pornografia do mundo, o Pornhub, revelaram que houve mais de 42 bilhões de acessos, o que implica em mais de 115 milhões de acessos diários, inferindo um aumento de 8.7 bilhões de acessos se comparado com ano anterior. Nos primeiros meses de pandemia no ano de 2020, o próprio site disponibilizou o acesso gratuito a conta premium, para quaisquer usuários, o que possibilitou o consumo de vídeos normalmente bloqueados, fazendo assim, em conjunto com os outros fatores potencializadores resultantes do isolamento social, o consumo crescer de forma exponencial, chegando a um acréscimo de 25% de trafego online durante março de 2020 em relação ao período pré-quarentena.

O consumo de pornografia pode ser associado a diversos fatores e é um objeto de pesquisa que ainda hoje é constantemente abordado por representar um comportamento que apresenta muitos componentes fisiológicos, psicológicos e sociais. Tal consumo é constantemente atrelado ao ato de masturbação, por ser um estímulo erótico superficial e de fácil acesso (Zattoni et al., 2020). Traços subjetivos e individuais como personalidade e psicopatologias relacionadas a transtornos compulsivos e parafilias podem ser fatores considerados no que diz respeito à frequência de consumo e à necessidade sexual. Pesquisas mostram que a maioria das pessoas que assistem a pornografia autorrelatam que a excitação e realce do desempenho sexual são aspectos comuns que as levam ao ato (Grubbs & Exline, 2016). Já outros estudos apontam que o estresse, tédio e solidão também são pontos de peso que acabam instigando o consumo (Brown et al., 2017). Ao consumir pornografia, níveis de ansiedade, estresse e sentimentos ruins podem ser amenizados temporariamente devido a liberação de hormônios e neurotransmissores que causam prazer e relaxamento (Zattoni et al., 2020).

Saúde sexual está intimamente atrelada a saúde mental, tendo em vista a importância da sexualidade como forma de expressão de subjetividade e parte integralizada da cultura e relações interpessoais. Em casos de dependência pornográfica autopercebida há presença de prejuízos sociais, fisiológicos e emocionais. Insatisfação sexual com parceiros em relacionamentos amorosos, incidência de depressão e ansiedade, distorção de valores morais, éticos e religiosos são componentes constantemente englobados em situações de dependência do consumo (Fernades et al., 2022; Grubbs & Kraus, 2021).

Tendo em vista alguns dos principais aspectos contemplados anteriormente, pode-se considerar que o período de isolamento social contribui exponencialmente para a maioria deles. O tédio, a solidão, estresse e menor frequência nas relações pessoais físicas são ocorrências cotidianas na vida de milhares de pessoas, tal fato que, segundo estudos já citados, possuem enorme potencial para instigar a utilização de material pornográfico on-line. Dessa forma, o presente estudo objetivou analisar o aumento de consumo de material pornográfico durante o período da pandemia da COVID-19 no contexto brasileiro. Adicionalmente, buscou-se identificar a percepção da amostra acerca das consequências do consumo de pornografia online, além da comparação da frequência do consumo em relação ao período anterior à pandemia.

O presente estudo tem como objetivo investigar o consumo de material pornográfico online durante a pandemia da COVID-19 no contexto brasileiro, bem como a percepção individual da amostra acerca do consumo de pornografia em demasia.

Método

Participantes

Contou-se com uma amostra de conveniência, do tipo não-probabilística, de 128 participantes entre 18 a 45 anos (M=23; DP=4,70). A amostra foi predominantemente do sexo masculino (77,3%), solteira (86,7%), heterossexual (43,8%). Sobre a ocupação dos

participantes, 50 indivíduos declararam que trabalham e estudam (39,1%), 44 que apenas estudam (34,4%), 31 que apenas trabalham (24,2%) e 2 desempregados (1,6%).

Instrumentos

O formulário, aplicado de maneira remota, foi dividido em um questionário sociodemográfico e um questionário que continha as perguntas no que diz respeito ao consumo de material pornográfico durante a pandemia da COVID-19. Especificamente, 3 perguntas foram elaboradas, sendo a primeira delas fechada e indagando se o participante percebeu um aumento na frequência do consumo de pornografia durante o período da quarentena; a segunda, também fechada, foi referente à frequência do consumo de pornografia durante o isolamento social; por último, uma questão aberta, acerca do conhecimento individual sobre as consequências, físicas e psicológicas, da utilização exacerbada de material pornográfico: *"Quais riscos (psicológicos ou fisiológicos) você acredita que o consumo exagerado de pornografia pode causar?"*.

Procedimentos

Os dados foram coletados a partir de um questionário online, de perguntas mistas, e desenvolvido na plataforma do *Google Forms*. O questionário foi compartilhado em redes sociais durante o período de uma semana e visava aparticipação de indivíduos com 18 anos ou mais que consumiam material pornográfico, independente da frequência. No início do questionário on-line, foi exibido um texto contemplando os aspectos éticos da pesquisa, segundo o disposto na resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo-se o caráter anônimo e confidencial de todas as informações coletadas, bem como a total liberdade do participante em abandonar o estudo a qualquer momento sem haver prejuízos. Além disso, uma pergunta dicotômica como forma de consenso em colaborar com a pesquisa, desde que tivesse 18 anos ou mais e se consumisse material pornográfico.

Análise de dados

As análises dos dados qualitativos foram feitas a partir do *Software* de análises de dados textuais *Iramuteq* (*Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*; Ratinaud, 2009) que consiste em uma ferramenta gratuita, ancorada no ambiente estatístico. As análises realizadas foram: análise de estatísticas, nuvem de palavras e análise de similitude. Essas análises, respectivamente, permitem obter a frequência dos termos utilizados nas respostas, uma solução gráfica dos mesmos e uma identificação da estrutura textual com núcleo central e sistemas periféricos da percepção individual acerca do consumo exacerbado do material pornográfico.

Resultados e Discussão

Após a análise de estatística dos dados coletados das perguntas "1" e "2", obteve-se a informação de que 78 dos 128 participantes que responderam a primeira questão (61%) afirmaram um acréscimo no consumo de pornografia durante o período de *lockdown*, e que, 53 de 98 participantes que responderam a segunda pergunta (54%) passaram a utilizam material pornográfico ao menos de 1 a 3 vezes por semana, conforme observa-se na Figura 1.

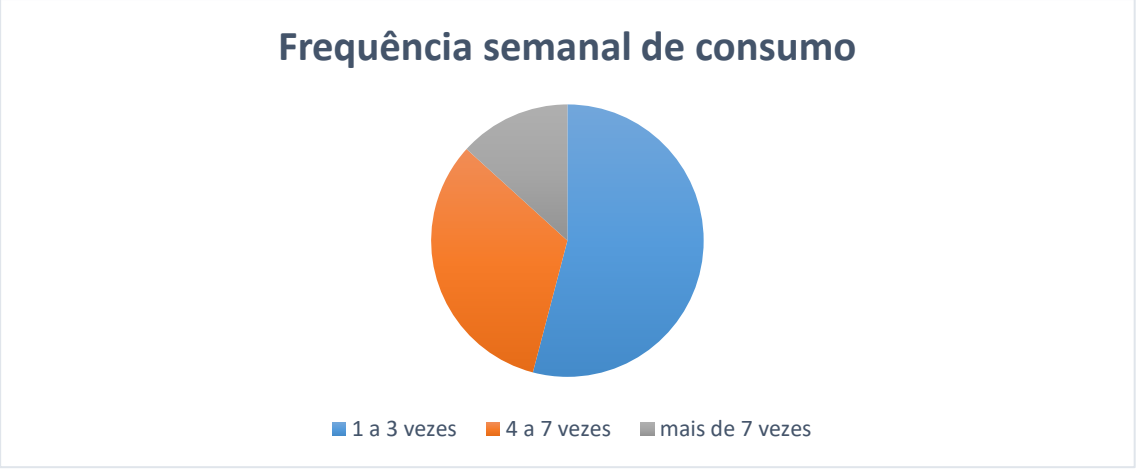

Figura 1. Gráfico referente à frequência do consumo semanal de material pornográfico durante a pandemia da COVID-19.

Tais informações permitem uma inicial inferência do pressuposto visto nos estudos realizados em âmbito internacional, já citados anteriormente, de que há uma influência do período de isolamento social no uso de conteúdo pornográfico on-line também em território nacional. Nesse sentido, é possível tratar os dados coletados como um construto inicial da suposição sugerida no corpo da pesquisa, sendo que, ao menos na amostra coletada, há de fato um aumento considerável no consumo após o início da pandemia da COVID-19. Ao observar as frequências de uso, dá-se a entender que o consumo do conteúdo pornográfico faz parte do cotidiano da parcela majoritária da amostra, equivalente a 98 indivíduos (76,6%), fato que pode remeter às características prosaicas trazidas pelo isolamento social, como solidão, estresse, ansiedade e tédio, essas que, por sua vez, estimulam as chances de se consumir conteúdo sexual de forma acessível e superficial (Awan et al., 2021).

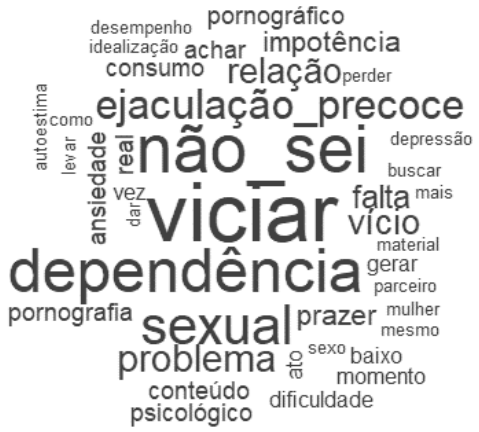

Figura 2. Nuvem de palavras.

A Figura 2 apresenta graficamente as palavras mais frequentes do *corpus* textualcomposto pelas respostas referentes à pergunta aberta. Pode-se perceber algumas palavras que tiveram um destaque maior comparado às demais palavras e ganhando também um espaço mais central dentro da nuvem de palavras, sendo elas: “viciar” (f=22), “não sei” (f=17), “dependência” (f=16), “sexual” (f=15) e “ejaculação precoce” (f=10).

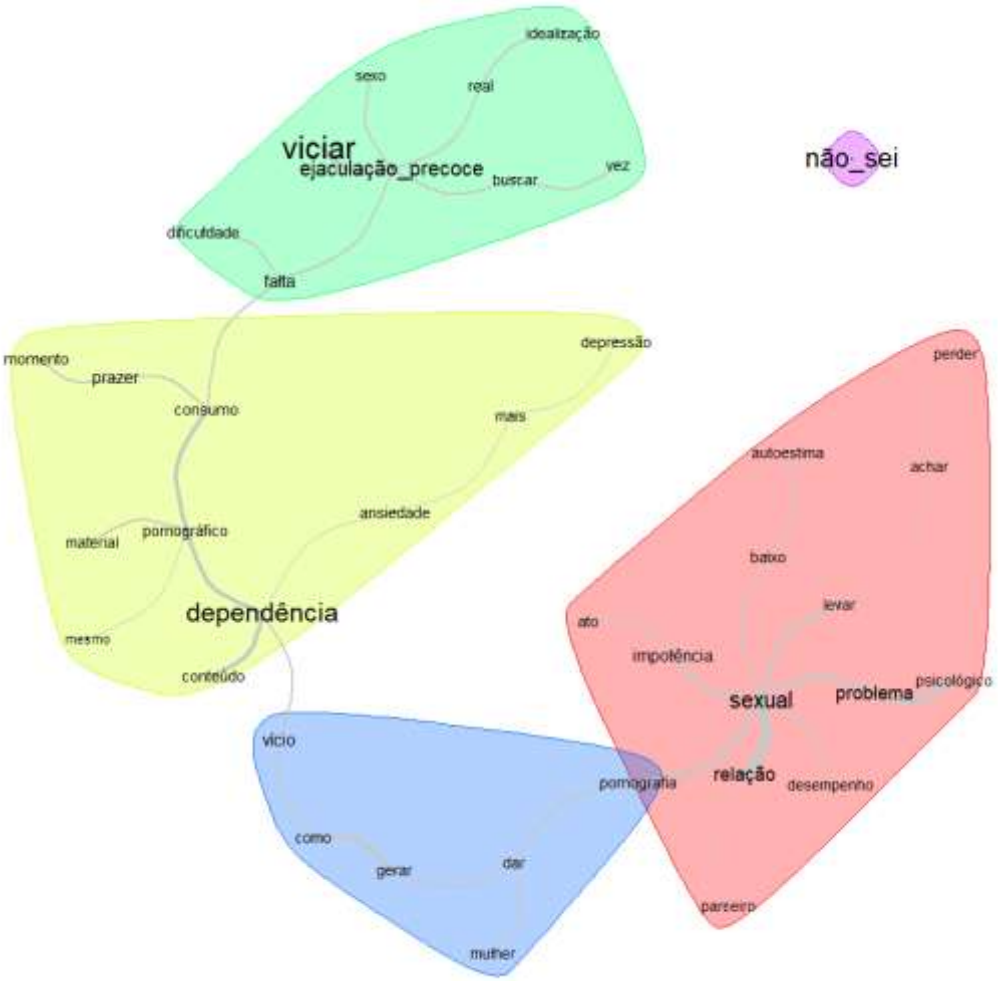

Figura 3. Árvore de coocorrência.

A análise de similitude (Figura 3) mostra a conexão entre os diferentes termos discutidos dos 119 respondentes. Os termos “viciar” (f=22), “não sei” (17 vezes), “dependência” (16 vezes), “sexual” (15 vezes) e “ejaculação precoce” (10 vezes) constituem núcleos centrais da Árvore de coocorrência. A partir das conexões desses termos, pode-se denotar os principais componentes dessa perspectiva individual e que levam a entender, de maneira mais próxima, a retratação do fenômeno, majoritariamente, no senso comum.

Inicialmente percebe-se uma limitação na variação e conteúdo das respostas, sendo que, maior parcela dos termos mais utilizados remete a pouco ou nenhum conhecimento acerca dos

riscos que podem ser ocasionados pelo consumo exagerado, fato que retoma aos preceitos de que a sexualidade e pornografia são temas vistos de maneira superficial e periférica por ser considerada um tabu na sociedade. Essa generalização no conteúdo das respostas serve como base na construção da idealização representativa dos principais fatores vistos dentro da percepção social sobre o tema. A referida enfatização sobre a abordagem passiva da sexualidade e pornografia na sociedade no presente estudo, faz jus à quantidade de respostas alegando não ter conhecimento dos riscos ou então apresentando informações sem nenhum fundamento científico comprovado, ou seja, puramente baseadas em especulações e conhecimento empírico de senso comum. Uma das afirmações recorrentes relacionadas ao fato da falta dessa compreensão, além das respostas indicando não saber, foi a ligação da ejaculação precoce como um dos riscos do consumo em demasia do conteúdo pornográfico, sendo que não há atualmente estudos que corroboram para associação de frequência e tempo de consumo de pornografia com a ejaculação precoce (Fernandes et al., 2022).

Conforme disposto no DSM-V os seguintes fatores podem ser relevantes na avaliação de qualquer disfunção sexual, incluindo ejaculação precoce:

> 1) fatores relacionados à parceira (p. ex., problemas sexuais, estado de saúde); 2) fatores associados ao relacionamento (p. ex., comunicação inadequada, discrepâncias no desejo para atividade sexual); 3) fatores relacionados a vulnerabilidade individual (p. ex., má imagem corporal; história de abuso sexual ou emocional), comorbidade psiquiátrica (p. ex., depressão, ansiedade) ou estressores (p. ex., perda de emprego, luto); 4) fatores culturais ou religiosos (inibições relacionadas a proibições de atividade sexual ou prazer; atitudes em relação à sexualidade);

As respostas que englobam os caracteres “vício” e “dependência” foram de certa forma esperadas, considerando que ambas podem estar presentes no consumo em demasia de outras atividades relacionadas ao lazer. Ademais, apresentam elementos de similaridade, no sentido de que tal maneira de consumo causa uma contínua e excessiva frequência de uso com consequências negativas na vida pessoal do indivíduo, como nas relações, trabalho, cognições disfuncionais e superficialidade nas relações (Pirocca, 2012). Tomando algumas citações mais generalizadas dentro do banco de dados como exemplo, tem-se uma ideia de um dos principais construtos denotados no estudo: “Dependência, diminuição do prazer com pessoas reais, disfunção erétil, lapsos de memória, déficit de atenção, indisposição. ” (Participante 17); “Entre eles, a ejaculação precoce e falta de interesse de se socializar, buscar em alguém aquilo que a pornografia te oferece na palma da mão na maioria das vezes” (Participante 12); “Vício, ansiedade, frustração, distorções das relações sexuais reais” (Participante 41”. Dentro dessa perspectiva, a utilização em excesso de pornografia traz componentes cognitivos, emocionais, físicos, sociais e psicológicos com potencialidade de afetar diretamente e exponencialmente o cotidiano.

Devido à natureza da existem algumas limitações, que são a impossibilidade de generalização e o baixo número amostral, que impedem maior assertividade no que tange o teor científico do projeto. Para direcionamentos futuros, seria cabível uma revisão acerca da relação entre a ejaculação precoce e o consumo de pornografia citado pela amostra durante a pandemia, bem como estudos referentes a educação sexual como forma de desconstrução dos tabus ligados a sexualidade e pornografia, tendo em vista a grande resistência no sistema educacional brasileiro enquanto aos temas relacionados a sexualidade em âmbito escolar (Fontana et al., 2018). Há também, uma possibilidade de estudos procedentes sobre o próprio consumo de pornografia on-line com amostras mais representativas e especificas, como por exemplo,

considerando as relações interpessoais de forma mais acentuada (solteiros e casados); em âmbitos mais restritos como instituições escolares, empresas, cidades, etc.

Considerações finais

O presente estudo visou a investigação sobre o aumento do consumo de material pornográfico durante a pandemia da COVID-19 em contexto nacional, além da análise e identificação do construto ideativo individual acerca do uso de conteúdo pornográfico exagerado, buscando compreender melhor a percepção, majoritariamente do senso comum, temática da pornografia, e consequentemente, sexualidade.

Os dados revelaram que de fato houve um aumento considerável no consumo de pornografia on-line durante a pandemia pela maior parte da amostra (61%), e que, 98 participantes utilizam-se desse material ao menos de 1 a 3 vezes por semana. Fatos que corroboram com as teorizações já citadas no corpo da pesquisa de que diversas características atreladas ao isolamento social estimulam o consumo de material pornográfico.

Adicionalmente, as análises feitas sobre a percepção individual relativa ao consumo exacerbado de pornografia indicaram uma limitação no que tange os conhecimentos do tema, sendo a grande maioria das respostas superficiais e com baixa variação de termos utilizados. Tais dados permitem questionamentos mais aprofundados, possivelmente acerca da sexualidade e pornografia como forte tabu ainda nos dias atuais, bem como a relutância no sistema de ensino brasileiro na inserção da educação sexual em âmbito educacional.

Ademais, apesar da impossibilidade de maior teor científico da pesquisa devido à natureza de suas limitações, existe uma carência na literatura cientifica nacional acerca do tema abordado e acredita-se que tais dados coletados e análises realizadas no estudo funcionariam como concepções a serem consideradas dentro do contexto cientifico.

Referências

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). http://dx.doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596

Awan, H. A., Aamir, A., Diwan, M. N., Ullah, I., Pereira-Sanchez, V., Ramalho, R., ... & Virani, S. (2021). Internet and pornography use during the COVID-19 pandemic: presumed impact and what can be done. *Frontiers in psychiatry*, *12*, 623508. http://dx.doi.org/10.3389/fpsyt.2021.623508

Bőthe, B., Potenza, M. N., Griffiths, M. D., Kraus, S. W., Klein, V., Fuss, J., & Demetrovics, Z. (2020). The development of the Compulsive Sexual Behavior Disorder Scale (CSBD-19): An ICD-11 based screening measure across three languages. *Journal of Behavioral Addictions*, *9*(2), 247-258. http://dx.doi.org/10.1556/2006.2020.00034

Brown, C. C., Durtschi, J. A., Carroll, J. S., & Willoughby, B. J. (2017). Understanding and predicting classes of college students who use pornography. *Computers in Human Behavior*, *66*, 114-121. http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2016.09.008

Chen, L., & Jiang, X. (2020). The assessment of problematic internet pornography use: A comparison of three scales with mixed methods. *International jornal of environmental Research and Public Health*, *17*(2), 488. http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17020488

Fernandes, S. L. O., Batista, F. R., & Rovetta, I. Pornografia e saúde sexual masculina: uma revisão narrativa de literatura. *Anais do I simpósio de saúde sexual da puc minas (formato online)–I SIMSSEX*, 15. https://editora.editoraomnisscientia.com.br/livroPDF/4-10598925457-28012022090336.pdf#page=16

Furlanetto, M. F., Lauermann, F., Costa, C. B. D., & Marin, A. H. (2018). Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de pesquisa*, *48*, 550-571. http://dx.doi.org/10.1590/198053145084

Grubbs, J. B., & Exline, J. J. (2016). Trait entitlement: A cognitive-personality source of vulnerability to psychological distress. *Psychological Bulletin*, *142*(11), 1204. http://dx.doi.org/10.1037/bul0000063

Grubbs, J. B., & Kraus, S. W. (2021). Pornography use and psychological science: A call for consideration. *Current Directions in Psychological Science*, *30*(1), 68-75. http://dx.doi.org/10.1177/096372142097

Pirocca, C. (2012). Dependência da internet, definição e tratamentos: revisão sistemática da literatura. https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40120

Randall, R. S. (1992). *Freedom and taboo: Pornography and the politics of a self divided*. Univ of California Press.

Rothman, E. F., Kaczmarsky, C., Burke, N., Jansen, E., & Baughman, A. (2015). "Without porn… I wouldn't know half the things I know now": A qualitative study of pornography use among a sample of urban, low-income, black and Hispanic youth. *The Journal of Sex Research*, *52*(7), 736-746. http://dx.doi.org/10.1080/00224499.2014.960908

Zattoni, F., Gül, M., Soligo, M., Morlacco, A., Collavino, J., ... & Moro, F. D. (2021). The impacto of COVID-19 pandemic on pornography habits: a global analysis of Google Trends. *International jornal of Impotence research*, *33*(8), 824-831. http://dx.doi.org/10.1038/s41443-020-00380-w

ESTÁGIO BÁSICO EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: REGISTRANDO O INICÍO DA CAMINHADA

Karla Nawanny Xavier de Oliveira (UNIFIP)
Francisca Mariane Rodrigues Medeiros (UNIFIP)
Rayssa Simões da Silva (UNIFIP)
Profa. Ma. Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves (UNIFIP)

Resumo. Este estudo constitui um relato referente à primeira observação realizada na disciplina de estágio básico em Psicologia e Educação, com o objetivo de se aproximar da dinâmica escolar e de reconhecer, a partir de uma articulação teórico-prática, as possíveis contribuições do psicólogo escolarno tocante à aprendizagem, desenvolvimento e promoção da saúde mental dos atores educacionais. Trata-se de uma pesquisa pesquisa de campo, de cunho qualitativo e descritivo, tendo sido os dados coletados a partir de um roteiro de entrevista semi-estruturada e observação participante, com uso de diário de campo. Nos resultados, foi possível observar que, diante da estrutura antiga da escola, torna-se difícil a acessibilidade para alunos com deficiência, mas de forma geral a escola é bem equipada em relação aos materiais que possibilitam uma prática mais atrativa das disciplinas. Nos relatos obtidos, também foi possível identificar o empenho, as relações de afetividade e o valores pregados no ambiente escolar pelo corpo docente. Já quanto ao contexto pós-pandemia, foram retratadas as dificuldades enfrentadas pelos alunos, que se sentem mais dispersos, ansiosos e inseguros frente à necessidade de se adaptar ao novo, reforçando a necessidade de programas de promoção e prevençãoem saúde mental na escola.

Palavras-chave: Psicólogo Escolar, Psicologia da Educação, Saúde Mental.

A psicologia se constituiu aplicada às práticas educacionais no final do século XIX, com o empenho de educadores e cientistas do comportamento em categorizar crianças com dificuldades escolares e proporem a elas métodos especiais de educação, a fim de ajustá-las aos padrões de normalidade definidos pela sociedade. (Yazlle, 1997).

Santrock (2009) mostra três autores pioneiros no início da história da psicologia escolar e educacional. O primeiro é William James, que discursava sobre a aplicação da psicologia educacionalem crianças e acreditava que um teste laboratorial não diria como educar crianças, ou seja, somente por meio de observação do dia-a-dia escolar é que se poderia aperfeiçoar a educação. Outro pensadorimportante foi John Dewey que foi o primeiro a estabelecer o

laboratório de psicologia educacional, trazendo a ideia de criança como aprendiz ativo, de que é preciso aprender fazendo. Também trouxe aideia de que é preciso aprender a pensar para que o indivíduo se adapte as questões tanto dentro como fora da escola. Outro pioneiro foi Thorndike que considerava a avaliação e mensuração princípios básicos científicos da aprendizagem e dizia que é preciso constantemente desenvolver as habilidades dos alunos (Santrock, 2009).

Dentro do conhecimento da psicologia aplicada à educação e a psicologia da educação como disciplina, é possível ajustar que as duas partilhem da ideia de que psicologia da educação se relacionacom a utilização do conhecimento psicológico para aprimorar teorias e práticas educacionais, partindo,no entanto, de esquemas lógicos diferentes (Coll, 2004).

A psicologia da educação é de pleno direito, uma disciplina psicológica, já que seu foco é o estudo de processos psicológicos; mas é também, e ao mesmo tempo, uma disciplina educacional, poisos processos psicológicos aos quais volta sua atenção são inseparáveis das situações educacionais queestão em sua origem, o que significa que é imprescindível levar em conta as características destas últimas para estudar inteiramente aqueles (Coll, 2004)

Pode-se entender como escola, o espaço que fornece desenvolvimento e processo de ensino ouaprendizagem para os alunos com o objetivo específico de formar e desenvolver cada indivíduo que acompõe em seus aspectos social, cultural e cognitivo. A escola faz essa mediação entre o sujeito e a sociedade. Por sua vez o psicólogo escolar dentro deste contexto, é de extrema importância para auxiliar nos processos educativos (Martinez, 2018).

Dentre os desdobramentos mais atuais do trabalho deste profissional na escola, está em realizarprimeiramente o mapeamento da instituição que é uma condição básica para que se inicie um trabalho neste contexto, haja vista que esta estratégia de trabalho permite uma visualização do funcionamento, cultura, história e dinâmica da organização. Uma outra

possibilidade de atuação está na promoção de um espaço que proporcione acolhimento aos alunos, familiares e funcionários, estruturação de práticas de assessoramento a trabalhos coletivos junto à equipe pedagógica, assim como acompanhamento doselementos emergidos do processo de ensino-aprendizado (Araújo & Almeida, 2005).

Em meio a estas práticas mais centrais, o psicólogo escolar tenta solidificar sua atuação profissional e capacitar-se tecnicamente para atender as demandas particulares da escola. Torna-se imprescindível, então, que o psicólogo adentre o universo dos mais variados diálogos da educação, bem como de temas específicos, a exemplo das adaptações curriculares, projetos pedagógicos e interdisciplinares, processos de aprendizagem, manejo e técnicas de grupo, dentre outras propostas detrabalho que visem a uma ressignificação de olhares sobre o aluno e à redução de rotulações e diagnósticos desprovidos de análises e observações convincentes (Andrada, 2005).

Faz parte da sua função dentro do espaço escolar intervir nos problemas sociais que a escola apresenta, como bullying, suicídio, evasão escolar, relação professor-aluno e assim por diante (Barbosa & Marinho-Araújo, 2018).

Seguindo essa direção, podemos observar que falar da atuação do psicólogo escolar no âmbito educacional é se conectar as diversas e variadas possibilidades de uma atuação educacional integrada,a qual se distancia de um modelo paradigmático de doença e problemas restritos ao fracasso escolar,e aproxima-se da noção de saúde psicológica, inaugurando estratégias de promoção e bem estar aos sujeitos em processo de desenvolvimento (Mitijáns-Martinez, 2005).

Desde março de 2020, a sociedade busca respostas para o novo mundo que surgiu com a pandemia. Um novo normal, vacinas, teletrabalho, ensino remoto, novas formas de nos relacionarmos,com distanciamento, máscaras, adaptações que tivemos de fazer para manter o

desempenho esperado,seja no campo familiar, no profissional, no educacional ou na vida em sociedade. Nessa nova realidade, as famílias estão em casa – trabalhando e estudando –, tentando permanecer sãs fisicamente e mentalmente. Algo bastante complexo, pois a ansiedade, a depressão e o estresse, que já eram sintomas da sociedade do século XXI, aumentaram durante a pandemia (Dias & Pinto, 2020**).**

Posto isso, no que se refere à Educação, a crise causada pela Covid-19, em 2020, levou aoencerramento das aulas em escolas e em universidades, afetando mais de 90% dos alunos do mundo,segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2020).

Conforme a UNESCO, um ano após o início da pandemia em 2020, quase metade dos estudantes do mundo ainda se sentem afetados pelo fechamento parcial ou total das escolas, e mais de100 milhões de crianças cairão abaixo do nível mínimo de proficiência em leitura como resultadodessa crise de saúde. Priorizar a recuperação da Educação é primordial para evitar uma catástrofe queafetará toda uma geração. Governos e instituições estão apoiando milhares de crianças em seusesforços para mitigar o impacto do fechamento de escolas, para lidar com as perdas de aprendizageme adaptar os sistemas de Educação, especialmente em comunidades vulneráveis e desfavorecidas, porque reconhecem que existem desigualdades sociais (UNESCO 2021).

Sendo assim, a Educação emerge com novas demandas. A Saúde mental tem se configurado, ainda mais, com nuances relacionadas não apenas ao corpo discente, mas também ao docente no contexto educacional. Apesar dos efeitos da pandemia nos indicadores de saúde mental serem gerais (Xiang et al., 2020; Ni et al. 2020; Reynolds et al., 2008), os professores já tinham uma carga de trabalho exacerbada desde antes, estando mais sujeitos a burnout e problemas de saúde mental (Pereiralet al., 2020; Diehl & Marin, 2016)

Além das demandas, cabe destacar também as potencialidades e as novas perspectivas no cenário educacional, como a preocupação em se capacitar para contribuir no processo de desenvolvimento individual, social, político e ideológico. “os sistemas nacionais de educação trouxeram um grande impulso, desde o século passado, possibilitando numerosos planos de educação,que diminuíram custos e elevaram os benefícios.” (Gadotti, 2000)

À vista disso, após 21 anos de mobilização foi aprovada a lei nº 13.935/2019, a qual inclui o profissional da psicologia nas redes públicas de educação básicas, tendo em vista a sua importância nesse contexto escolar (Conselho Federal da Psicologia, 2021).

Perante as inovações a atuação do psicólogo escolar, se faz necessário nesse novo cenário, onde as demandas têm sido maiores, tanto no contexto psíquico, como também na aprendizagem, valorizando o cuidado dos alunos, e também de todos aqueles que estão dentro da escola (Bisinoto & Maria Marinho,2009).

Considera-se que ainda há muito a discutir sobre a atuação do psicólogo nas escolas, uma vez que esta ainda é uma área pouco conhecida, se comparada às áreas de clínica e organizacional (Marinho Araújo & Almeida, 2005).

Do mesmo modo, é problemática a forma como os indivíduos percebem a atuação do psicólogo, ou mesmo a formação acadêmica ofertada na área. Ainda permanece no imaginário social que o psicólogo deve atender os alunos problemáticos, remediar situações conflituosas e “apagar incêndios”, desenvolvendo práticas clínicas individuais (Patias, Monte Blanco, & Abaid, 2009).

De fato, ainda encontramos no exercício dos psicólogos nas escolas intervenções reducionistase individualizantes, que centram suas práticas apenas em atendimentos clínicos a alunos, seusfamiliares ou os professores (Gaspar & Costa, 2011; Souza et al.., 2011; Teixeira, 2003).

Diante disso, o presente relatório se justifica em registrar as atividades desenvolvidas na disciplina de estágio básico II em Psicologia e educação, a fim de retratar a importância da atuação dopsicólogo escolar na promoção de saúde mental dentro das instituições de ensino, investigando suas demandas, e participando de forma ativa na elaboração de intervenções necessárias na busca de promover a reflexão e a conscientização nos grupos que compõem tal instituição. A metodologia da pesquisa adotada neste trabalho configura-se como uma pesquisa de campo e participante onde os dados são coletados junto a população alvo, e utilizando pesquisas bibliográficas e documentais de caráter qualitativo descritivo, visando apresentar a realidade estudada. Esse trabalho também vem contribuir para estudos já feitos e para os que estão sendo desenvolvidos na área, pois é um assunto relativamente recente com muitas questões a serem questionadas.

Método

O método de pesquisa empregado neste trabalho é caracterizado como uma pesquisa de campoe participante no qual os dados foram observados e coletados junto a população alvo, conjuntamente, foi realizado pesquisas bibliográficas e documentais de caráter qualitativo descritivo, objetivando estudar e apresentar a realidade investigada.

A pesquisa ocorreu em uma instituição educacional de ensino médio na cidade de Patos- PB. A escola dispõe de uma área de coordenação, laboratórios, salas de convivência, auditório, biblioteca, refeitório, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e espaços para higiene. A estruturafísica da instituição, considerando o tempo que foi construída, enfrenta problemas em sua arquitetura,devido a instalação elétrica antiga a escola não suporta que todas as salas sejam climatizadas; em relação a acessibilidade, as rampas existentes não permitem acesso a todas as áreas da escola. A insituição conta com 99 funcionários.

Nesta primeira visita, contou-se com a participação de uma coordenadora, uma professora e uma supervisora da instituição, além das seis estagiárias acadêmicas de psicologia e do supervisor deestágio. Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas individuais direcionadas a gestão e uma profissional do corpo docente da escola, a fim de compreender a rotina da instituição e as percepçõessobre as relações estabelecidas entre os profissionais e os estudantes.

A coleta de dados foi realizada na própria instituição, tendo sido os participantes informados sobre a natureza do trabalho, ressaltando a participação voluntária e assegurando o anonimato da instituição e dos participantes, salientando que as informações coletadas seriam usadas para fins acadêmicos. Os aspectos éticos em pesquisas com seres humanos, seguindo as resoluções 466\12, 510\16 do Conselho Nacional de Saúde foram adequadamente respeitados.

Resultados e discussão

A visita foi realizada numa escola integral de Ensino Médio, situada na região de Patos-PB, no dia 15/09. De início, ao chegarmos no local, nosso orientador de estágio nos conduziu a uma roda de conversa para que pudéssemos nos conhecer melhor e debater nossos objetivos e expectativas paraesse estágio e também montarmos nosso roteiro de entrevista com alguns profissionais da instituição, a fim de conhecer melhor a escola. Após esse momento, a supervisora da escola foi extremamente solícita e nos apresentou a estrutura escolar. Em seguida, fizemos um debate em grupo, a fim de discutirmos sobre os pontos positivos e negativos que observamos no ambiente e, um dos pontos negativos que conseguimos perceber foi a escola possuir muitas escadas, o que dificultaria a passagem daqueles que possuem algumas limitações. Embora não aja nenhum aluno com deficiência, concluímos que a escola deveria estar apta a isso, e não só apenas quando surgisse esse aluno.

Os desafios da educação inclusiva no Brasil ainda são muitos, é preciso conhecê-los para combatê-los. Para que a escola possa aceitar e desenvolver o ensino-aprendizagem de alunos especiais,ela precisa estar devidamente estruturada, o que significa que ela deve estar equipada com todos os meios de acesso possíveis, como rampas, banheiros acessíveis, piso diferenciado e demais medidas de acessibilidade. Contudo, isso nem sempre é cumprido, sobretudo em escolas públicas, que contam muitas vezes com um baixo investimento governamental, dificultando a circulação dos estudantes nasdependências da escola. Os alunos que precisam de medidas especiais querem se sentir aceitos e acolhidos, como quaisquer outros, e isso começa na infraestrutura. Se há medidas que atendam às especificidades, então o primeiro passo já foi dado. (*Os Desafios Da Educação Inclusiva No Brasil: Conheça*, 2020)

Quanto aos pontos positivos da instituição, podemos citar as salas de aulas práticas, como: robótica, física, ciências, informática, sala de jogos etc., que constituem ótimas oportunidades para tornar as aulas dinâmicas e os alunos obterem mais interesse em aprender os conteúdos que são passados de forma atrativa.

Na atividade prática acontece a interação entre o aluno e materiais concretos, sejam objetos, instrumentos, livros, microscópio etc. Por meio desse envolvimento, que se torna natural e social, estabelecem-se relações que irão abrir possibilidades de atingir novos conhecimentos (Vasconcellos, 1995).

Daí em diante, nosso supervisor nos orientou a observar o intervalo e como os alunos interagem; conseguimos perceber que os funcionários são bem acolhedores e afetuosos. Nesse momento de pausa, os alunos ficaram sentados em grupos, conversando, brincando, debatendo filmes, músicas etc. Ao concluirmos essa observação, tivemos o prazer de entrevistar a coordenadora do instituto, que de cara percebemos ser uma pessoa muito amável, apaixonada pelo que faz e que foi muito atenciosa e simpática a todo momento da entrevista. Nos tirou

várias dúvidas, comentou sobre os projetos da escola, eletivas, relação professor-aluno e também deu vários conselhos e testemunhosvaliosos dentro de sua experiência tanto como profissional, como ser humano. “O outro nunca é comoqueremos que seja. Não se apegue ao negativo, não se contamine, foque nas partes boas.”, relatou.

De acordo com a literatura, a afetividade é um dos fatores que mais favorecem a aprendizageme o desenvolvimento cognitivo, fazendo com que o individuo aprenda através dos sentimentos, das emoções e das experiências que são trocadas na interação com o outro. Por isso, a afetividade é muitoimportante na vida das pessoas desde o nascimento e porque é a primeira fase do desenvolvimento humano. (Barbosa, 2020)

Em relação a forma como a coordenadora se expressou a respeito do perfil da escolar, percebemos que é uma escola que trabalha muito sobre o respeito as diferenças, autonomia, solidariedade, responsabilidade, empatia etc.

De acordo com a literatura, um dos maiores compromissos que os diretores devem ter é promover a diversidade nas escolas. Pois é um dos aspectos vitais para a promoção de um processo de aprendizagem acessível e de qualidade, além de ser uma maneira eficaz da instituição escolar se destacar entre as famílias e os estudantes. (*Diversidade Nas Escolas: Qual a Importância E Como Promovê-La - Blog Da Eleva*, 2020)

Por fim, a última entrevista que fizemos nessa primeira visita, foi feita com a professora de Geografia, que em meio a entrevista relatou sua preocupação com alunos após o contexto da pandemia,onde encontra seus alunos ansiosos, inseguros, desatentos, tímidos etc. “As vezes preciso tratar comocristais devido essa sensibilidade”, disse. Se mostrou ser uma professora bem dinâmica, de acordo com o que ia nos relatando a respeito de suas aulas, e que buscava sempre manter uma relação saudávelcom seus alunos e que também alinhava sua didática de acordo com cada turma em que é estabelecida.Em uma das perguntas feitas à

professora, foi sobre sua saúde mental e a mesma relatou estar em ótimas condições psicológicas. Em suma, observamos a saída dos alunos, na qual foi bem tranquila. Depois disso, nosso orientador nos passou as coordenadas a respeito da próxima visita.

Com o fechamento das escolas por dois anos, estudantes e educadores vivenciaram experiências completamente novas e inesperadas. Estratégias de ensino remoto foram utilizadas, masnem todos conseguiram ter acesso à educação.Mesmo com aquelas e aqueles que tiveram aulas remotas, o aprendizado não se deu de maneira linear. Inseguranças, medo de contrair a doença e perdasfinanceiras, atingiram diferentes famílias, afetando, sobretudo, as crianças mais pobres e, claro, impactando a aprendizagem delas e deles. Essas crianças, jovens e adolescentes estão voltando com muitas sequelas emocionais da pandemia. Não só elas e eles, mas também a equipe escolar. (*Aprendizagem Depois Da Pandemia: Foco No Diagnóstico E Na Formação*, 2022)

Ainda nos estudos, um mapeamento feito pela Dados do Censo Escolar confirmam o que muitos especialistas já vinham alertando: a pandemia teve impacto muito forte na educação básica noBrasil. Os estudantes do ensino médio foram os mais afetados. Segundo o Censo, a taxa de abandono mais que dobrou em 2021 em comparação com 2020.No primeiro ano da pandemia, 2,3% dos alunosmatriculados no ensino médio deixaram as escolas antes de concluir o ano letivo. A taxa no ano passado subiu para 5%. (na, 2022)

> As regiões mais pobres do país apresentaram números ainda mais preocupantes. Os alunos da região Norte foram os mais impactados. A taxa de abandono ultrapassou 10% - o dobro da média nacional. Na região Nordeste a taxa também ficou acima da média do país. A taxa da região Sul foi superior a 5%. Já nas escolas do Centro-Oeste e do Sudeste, o índice de abandono foi menor.O estadocom pior resultado foi o Pará. Seguido do Rio Grande Norte, Bahia, Rio Grande do Sul e Alagoas.O número de

> estudantes do ensino médio que passaram de ano também caiu. De pouco mais de 90% em2021, para 95% em 2020, mesmo com a adoção do chamado "contínuo curricular", que juntou os anosletivos de 2020 de 2021 para evitar o aumento da reprovação. (na, 2022)

O Ministério da Educação também apresentou o resultado de um teste específico para avaliar o impacto da pandemia no aprendizado de matemática e português nos estudantes de educação básica das redes pública e particular. As conclusões só reforçam o quadro preocupante da educação no país.

Considerações finais

Acreditamos ter alcançado o objetivo deste estudo, que foi investigar as necessidades da instituição e participar ativamente no desenvolvimento das intervenções necessárias para promover areflexão e conscientização dos grupos que a compõem. O reconhecimento de que alguns problemas escolares estão relacionados às necessidades estruturais e psicológicas da escola é consistente com osachados deste estudo.

Conforme mencionado, a primeira questão refere-se às barreiras para a educação inclusiva nesta escola. Mesmo sem alunos com deficiência, as escolas precisam ser capazes de atender a essas necessidades de infraestrutura, não apenas quando esses alunos estão presentes.

Outra questão importante diz respeito às questões psicológicas enfrentadas pelos alunos na erapós-pandemia. A pandemia de COVID-19 teve um impacto na saúde mental no meio acadêmico, ondeprevalece a impotência, angústia, medo de perder familiares, amigos ou conhecidos, irritabilidade e sentimentos de tristeza. Esses achados reforçam a necessidade de implementar programas de prevenção e intervenção em saúde mental e desenvolver protocolos de intervenção psicológica com esses alunos.

Esses resultados são consistentes com outros estudos que discutem os desafios da psicologia escolar, embora sejam necessárias mais análises em relação à contribuição formativa dos estágios profissionais para o desempenho profissional futuro. Acredita-se que esta pesquisa pode contribuir para a crescente produção científica nacional sobre o tema, suscitando reflexões relacionadas às potencialidades e limitações da atuação do psicólogo em ambientes educacionais.

Referências

APE Editor. (2021). Efeitos da pandemia de COVID-19 na saúde mental de uma comunidade acadêmica. *Acta Paul Enferm.*, *34*. Retrieved from https://acta-ape.org/article/efeitos-da-pandemia-de-covid-19-na-saude-mental-de-uma-comunidade-academica/

Aprendizagem depois da pandemia: foco no diagnóstico e na formação. (2022, April 25). Retrieved October 7, 2022, from Futura website: https://www.futura.org.br/mais-do-que-recuperar-e-preciso-potencializar-a-aprendizagem-dos-estudantes-pos-pandemia/

Bisinoto, C., & Marinho-Araújo, Claisy Maria. (2022). Psicologia escolar: cenários atuais. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, *9*(3). Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300007

Dias, É., & Pinto, F. C. F. (2020). A Educação e a Covid-19. *Ensaio: Avaliação E Políticas Públicas Em Educação*, *28*(108), 545–554. https://doi.org/10.1590/s0104-40362019002801080001

Diversidade nas escolas: qual a importância e como promovê-la - Blog da Eleva. (2020, August 19). Retrieved October 7, 2022, from Blog da Eleva website: https://blog.elevaplataforma.com.br/diversidade-nas-escolas/

Drummond, F., Gaspar, R., & Almeida Costa, T. (n.d.). Afetividade e atuação do psicólogo escolar. *Revista Semestral Da Associação Brasileira de Psicologia Escolar E Educacional SP*, *15*(1), 121–129. Retrieve from https://www.scielo.br/j/pee/a/nQGWpBrzscJ4ppdwT7NmL5z/?format=pdf&lang=pt

https://plus.google.com/+UNESCO. (2022). Latest articles. Retrieved October 7, 2022, from UNESCO website: https://pt.unesco.org/news/comissao%E2%80%93futuros%E2%80%93da%E2%80%93educacao

%E2%80%93da%E2%80%93unesco%E2%80%93apela%E2%80%93ao%E2%80%93planejamen

to%E2%80%93antecipado%E2%80%93o%E2%80%93aumento%E2%80%93das

Iglésias, M., De Souza, B., Nathaly, M., Ferreira Novaes, Berardo, B., & Zirpoli, P. (n.d.). *SAÚDEMENTAL DOS PROFESSORES NA PANDEMIA O Impacto da Pandemia por Covid-19 na SaúdeMental dos Professores: Revisão Sistemática da Literatura The Influence of the Covid-19 Pandemicin the Mental Health of Educadors: Systematic Literature Review El Impacto de la Pandemia delCovid-19 en la Salud Mental de los Profesores: Revisión Sistemática de Literatura*. Retrieved from https://tcc.fps.edu.br/jspui/bitstream/fpsrepo/1158/1/O%20Impacto%20da%20Pandemia%20por% 20Covid-19%20na%20Sa%C3%BAde%20Mental%20dos%20Professores_Revis%C3%A3o%20Sistem% C3%A1tica%20da%20Literatura.pdf

GADOTTI, M. (2000). Perspectivas atuais da educação. *São Paulo Em Perspectiva*, *14*(2), 03-11.https://doi.org/10.1590/s0102-88392000000200002

Gomes, T. R. da C., & Barbosa, L. D. da C. e S. (2022). Impactos da pandemia de COVID-19 na rotina de alunos universitários: uma revisão integrativa sobre saúde mental. *Research, Society and Development*, *11*(9), e44711932148. https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.32148

Gonçalves, M. O., & Veras, R. M. (2019). Os desafios dos estágios supervisionados específicos em psicologia escolar. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *71*(1), 85–102. https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i1p.85-102

Giacomini, P., Ravanello, P., Da, M., Finger, M., & Lima, F. (n.d.). *O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO*. Retrieved from https://sobresp.com.br/wp- content/uploads/2015/04/O-PAPEL-DO-PSIC%C3%93LOGO-ESCOLAR-UMA-PROPOSTA- DE-REFLEX%C3%83O-1.pdf

Gui Lopes Soares. (2020, February 11). Entenda o papel e a importância do psicólogo escolar. RetrievedOctober 7, 2022, from Escola da Inteligência website: https://escoladainteligencia.com.br/blog/psicologo-escolar/

LEI nº 13.935/2019: Entidades seguem unidas e mobilizadas pela garantia da presença de profissionaisda Psicologia e do Serviço Social nas escolas - CFP. (2021, November 5). Retrieved October 7,2022, from CFP website: https://site.cfp.org.br/lei-no-13-935-2019-entidades-seguem-unidas-e- mobilizadas-pela-garantia-da-presenca-de-profissionais-da-psicologia-e-do-servico-social-nas- escolas/

Manzini, E. (2005). Inclusão e Acessibilidade. *Revista Da Sobama Dezembro*, *10*, 31–36. Retrievedfrom https://www.unifio.edu.br/wp-content/uploads/2019/07/Inclus%C3%A3o-e-

Acessibilidade.pdf

na. (2022, May 21). Censo Escolar confirma impacto negativo da pandemia na educação básica. Retrieved October 7, 2022, from G1 website: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/20/censo-escolar-confirma-impacto-negativo-da-pandemia-na-educacao-basica.ghtml

Os desafios da educação inclusiva no Brasil: conheça. (2020, June 23). Retrieved October 7, 2022, from Imaginie website: https://educacao.imaginie.com.br/os-desafios-da-educacao-inclusiva-no-brasil/

Pandemia prejudicou condição psicológica de estudantes, mostra pesquisa. (2022, May 30). RetrievedOctober 7, 2022, from Senado Federal website: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/30/pandemia-prejudicou-condicao- psicologica-de-estudantes-mostra-pesquisa

Sarah Luchese Peruzzi, & Fofonka, L. (2021). A IMPORTÂNCIA DA AULA PRÁTICA PARA ACONSTRUÇÃO SIGNIFICATIVA DO CONHECIMENTO: A VISÃO DOS PROFESSORES

DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA. *Educação Ambiental Em Ação*, *XII*(47). Retrieved from https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1754#:~:text=Para%20Ronqui%20(2009)%20as%

20aulas,conceitos%20b%C3%A1sicos%20e%20desenvolver%20habilidades

Ser professor na pandemia: impactos na saúde mental. (2021, September 17). Retrieved October 7, 2022,from Revista Arco website: https://www.ufsm.br/midias/arco/saude-mental-professores-pandemia/ Soccio, F., & Junior, M. (n.d.). *PSICOLOGIA E ESCOLA: A HISTÓRIA DE UMA REALIDADEPOSSÍVEL PSYCHOLOGY AND SCHOOL:*

THE STORY OF A POSSIBLE REALITY. Retrieved from http://www.cic.fio.edu.br/anaisCIC/anais2015/pdf/psi003.pdf

Thais. (2022). Crise de saúde mental nas escolas: "Alunos estão deprimidos, ansiosos, em luto e faltampsicólogos." Retrieved October 7, 2022, from Educação básica website: https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2022/08/5031907-crise-de- saude-mental-nas-escolas-alunos-estao-deprimidos-ansiosos-em-luto-e-faltam-psicologos.html

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CAMPUS DE PORTO NACIONAL CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LARA PEREIRA LIMA DA SILVEIRA O OLHAR DO(A) PROFESSOR(A) SOBRE O(A) ALUNO(A): A RELEVÂNCIA DO AFETO NO AMBIENTE ESCOLAR PORTO NACIONAL-TO 2021. (n.d.). Retrieved from http://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/3909/1/Lara%20Pereira%20Lima%20da%20Silveira%20-%20Artigo.pdf

Vista do A IMPORTÂNCIA DAS AULAS PRÁTICAS DE CIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL. (2022). Retrieved October 7, 2022, from Pucminas.br website: http://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/view/P.2318-7344.2016v4n8p31

ESTÁGIO ESCOLAR E COVID-19: PRÁTICAS POSSÍVEIS NO CONTEXTO PANDÊMICO

Mychaell Douglas de França Sousa (UNIFIP)
Rebeca Arruda Lira Campos (UNIFIP)
Érika dos Santos Nóbrega (UNIFIP)
Sabrynny da Silva Ferreira (UNIFIP)
Profa. Ma. Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves (UNIFIP)

Resumo. A educação no contexto de pandemia enfrentou e enfrenta dificuldades e desafios inéditos. O presente trabalho surgiu a partir da necessidade de compreender a conjuntura atual do fazer psicologia escolar e educacional no contexto de pandemia e de que forma essa área pode contribuir com a sociedade. Foi realizada uma pesquisa-ação, que assume caráter participativo e cooperativo entre pesquisadores e participantes. Todas as observações foram feitas em caráter remoto por meio de videoconferências. Os sujeitos eram professores e alunos dos ensinos básico e médio de escolas públicas e privadas. As intervenções iam sendo realizadas à medida que demandas iam sendo percebidas, dentre elas: a ansiedade dos docentes da rede pública, a relação com o erro e o respeito entre os alunos, e a importância da comunicação não-verbal para o processo de ensino-aprendizagem. A adaptação a nova maneira de estar em aula, por meio de um computador ou celular, não ocorre da mesma maneira para todos. É talvez a maior demanda encontrada durante o estágio, o fato de tentar tornar o ambiente escolar, e o aprendizado, o mais próximo, funcional e saudável possível.

Palavras-chave: COVID-19, psicologia escolar, estágio, pesquisa-ação.

A relação da ciência psicológica com a educação tem suas raízes impressas antes mesmo daquela ser considerada ciência. Esta dança dialética entre a Psicologia e a Educação acontece desde o período colonial iniciado em 1500 em território brasileiro (Barbosa & Souza, 2012; Lima, 2017). Porém, é fato que a própria definição do que vem a ser (ou não) Psicologia Escolar e Educacional passou por várias mudanças, na qual essas sempre estiveram congruentes com as acepções sobre a área e sobre o fazer desse profissional (Barbosa & Souza, 2012).

Seguindo a progressão histórica da mudança de paradigmas da Psicologia Escolar e Educacional, o psicólogo aparece nessas sinas na tentativa de propor uma resolubilidade às demandas que se apresentavam (e ainda hoje se apresentam). Recebendo influência e

reproduzindo conceitos construídos, podemos perceber que, por muito tempo, a prática do psicólogo escolar estava relacionada com a rotulação de indivíduos "problemáticos" e na constante busca por um fator a qual teria toda a culpa pelo fracasso escolar dos sujeitos (Lima, 2017).

Em todos os modelos utilizados, buscava-se um culpado pelo desajustamento e pelo fracasso. Foi a partir da década de 80 que os "problemas de aprendizagem" passarem a ser vistos de modo complexo e multicausal, levando em conta não mais "o culpado", mas sim uma lista de entidades (escola, comunidade, sujeito, família, professor, sociedade) como corresponsáveis pelo "sucesso" e pelo "fracasso" escolar (Lima, 2017).

Embora não haja um consenso cabal frente a delimitação ao que se propõe o psicólogo na área educacional, existem diversas possibilidades com o qual o psicólogo pode atuar para a resolução de demandas concretas que se apresentam (Martinez, 2010). Dentre os métodos "tradicionais" de atuação, podemos citar o encaminhamento de alunos com dificuldades escolares, a orientação a pais, alunos e professores, a orientação vocacional e sexual, a formação de professores e funcionários e a criação de projetos; sobre os métodos emergentes, há a análise e intervenção de nível institucional, a participação na proposta pedagógica da instituição educacional, na seleção e na avaliação da equipe pedagógica, dentre outros métodos que considerem a escola não só como campo de aprendizagem, mas enquanto organização (Martinez, 2010).

Atualmente, surgiu-se uma demanda que afetou a forma de ensinar a nível global e trouxe a reflexão frente a diversos paradigmas. Com a pandemia causada pelo novo corona vírus, SARS - Cov2, causador da COVID-19, o mundo foi pego de surpresa em 2020. A educação no contexto de pandemia enfrentou e enfrenta dificuldades e desafios inéditos. Como parte da população geral, todos têm encarado as angústias e incertezas no período de pandemia,

como o medo de ficar doente, de ter um parente do grupo de risco infectado e não saber quando a pandemia terá fim. Todos esses fatores afetam diretamente a saúde mental da população, elevando os níveis de ansiedade (Schmidt, Crepaldi, Bolze, Neiva-Silva, & Demenech, 2020).

Cabe ressaltar que, bem antes e independentemente da pandemia, a situação e saúde mental da classe docente já estava comprometida, tendo em vista a desvalorização, os encargos e super tarefas e a remuneração precária. Esses apontamentos levam a admitir que a pandemia constitui um fator preponderante na sobrecarga emocional e psíquica dos professores e coordenadores, o que acarreta transtornos como síndrome de Burnout, ansiedade, depressão, suicídio, abuso de álcool e outras drogas, etc. (Pereira, Santos, & Manenti, 2020).

Além disso, a insurgência desse período alavancou o uso das tecnologias ainda mais do que outrora, trazendo desafios e potencialidades para a educação. As vídeo- conferências estão sendo as principais vias de comunicação e transmissão do conteúdo. Isso tem implicações na vida moderna e as previsões sugerem que elas chegaram para ficar. Todavia, vale frisar que, no que diz respeito à educação básica, num país extremamente desigual como o Brasil, nem todos os estudantes possuem dispositivos tecnológicos de qualidade ou acesso à internet para assistir às aulas e dar continuidade ao processo de aprendizagem (Faustino & Silva e Silva, 2020). Infelizmente, devido ao aparecimento abrupto da pandemia, foi possível observar que a educação não estava completamente preparada para atender a essa demanda (Arruda, 2020).

A aplicação prática das teorias psicológicas no contexto escolar encontra grande dificuldade para realização diante da pandemia do COVID-19, apesar dos imprevistos apresentados pelo isolamento social obrigatório, o estágio conseguiu sua execução de forma online. É através de circunstâncias como essa que a atenção da sociedade se volta de forma curiosa para a psicologia, pois devido ao isolamento social surgem sintomas de sofrimento psíquico, fatores relacionados ao estresse, ansiedade e depressão, como dito anteriormente.

Nesse sentido, o valor da psicologia escolar destaca-se ao auxiliar os profissionais e alunos a enxergar de modo otimista o processo de ensino e suas evoluções. Ainda que haja o incentivo da adaptação de todos os envolvidos no sistema educacional, sobressai-se a manutenção do cuidado da saúde mental de todos presentes nessa rede.

O presente trabalho surgiu a partir da necessidade de compreender a conjuntura atual do fazer psicologia escolar e educacional no contexto de pandemia e de que forma essa área pode contribuir para com a sociedade, seja auxiliando na redução de dados que a situação venha a ocasionar, seja na identificação e promoção de fatores que favoreçam o desenvolvimento dos sujeitos inseridos nas escolas.

Entendendo a indissociabilidade entre teoria e prática, o presente estudo visou relatar a experiência vivenciada no âmbito do estágio supervisionado básico em Psicologia Escolar e Educacional, permitindo observar as demandas da escola, suas vulnerabilidades e potencialidades, bem como planejar e realizar intervenções.

Método

Foi realizada uma pesquisa-ação, que assume caráter participativo e cooperativo entre pesquisadores e participantes, na tentativa de investigar a realidade dos coletivos estudados para a construção de ações que beneficiem tal realidade (Gil, 2008).

Todas as observações foram feitas em caráter remoto devido à pandemia do coronavírus, por meio de vídeo chamada. Os sujeitos eram professores e alunos dos ensinos básico e médio de escolas públicas e privadas respectivamente.

Conseguiu-se atingir uma média de 79 indivíduos, entre 55 professores, e 24 alunos nas duas turmas onde foram realizadas as ações. Os professores, com quem se realizou a primeira intervenção, possuíam idades variadas. A segunda intervenção ocorreu com alunos do 5º ano, com idades entre 10 a 11 anos. A terceira e última intervenção foi feita com alunos de 1º ano

do ensino médio que possuem idades entre 14 a 16 anos. Sujeitos de diferentes classes sociais participaram das intervenções, visto que a turma de alunos do ensino fundamental é do ensino privado, diferente dos professores e alunos do ensino médio que são da rede pública de ensino. Em relação aos estagiários, 7 colaboraram para realização das intervenções, que se deu de forma supervisionada pela coordenadora de estágio básico. Ao todo 87 sujeitos entre professores, alunos, estagiários e supervisora uniram-se para execução das intervenções propostas.

Posteriormente realizou-se a intervenção para professores e alunos, onde foram utilizados artigos, materiais publicados em livros, entre outros instrumentos para embasamento teórico. Além disso, houve a produção de material digital (postagens) para a plataforma Instagram, sobre temáticas e situações que envolvem direta ou indiretamente a escola e o processo de ensino-aprendizagem, em especial inseridos no contexto de pandemia.

Resultados e discussão

A primeira intervenção foi apresentada aos professores com o tema “como lidar com a ansiedade?”. Introduzimos o assunto, falando sobre a importância dos cuidados preventivos e do papel do psicólogo. Foi apresentada a técnica de respiração diafragmática para alívio da ansiedade (Caballo, 1996), onde houve uma observação de retorno positivo de todos os professores. A ansiedade é um dos maiores problemas da nossa sociedade atual, especialmente, em uma sociedade abalada por uma pandemia e a obrigatoriedade de isolamento, e ameaça da própria saúde. Nesse sistema de se recriar, diversos profissionais estão confrontando fortes disputas. Esse é o caso dos docentes, que estão assimilando e aplicando de uso emergencial novas ferramentas de educação que se adequem a esse panorama. Ao passo que carecem de apresentar rapidamente planejamentos para aulas a distância, entre outras solicitações, os educadores, por vezes, não encontram o apoio que gostariam para formarem essa produção no

tempo crucial. Dessa forma, se estabelece o estresse e ansiedade pela carga trabalhista e a desmotivação e descaso de alguns alunos.

Assim suporte psicológico oferecido a professores e alunos no contexto da pandemia, se torna imprescindível. A verdade nos colégios demanda que, os psicólogos fixem o seu cargo, devido à escassez que sentem sobre a execução deste profissional. Entretanto, a maior parte dos docentes visualiza essa performance de forma distorcida, como se houvesse a solução competente de resolver as complicações que surgem no ambiente escolar, tanto no comportamento do estudante, como nos problemas de aprendizagem que muitos estudantes apresentam, assim como as demandas nesse novo contexto via online. (Santos & Gonçalves, 2016).

A segunda intervenção foi sobre "a nossa relação com o erro e o respeito", onde se falou sobre a importância do erro para o aprendizado, e o respeito aos colegas. A mesma foi apresentada para a 5a série do ensino fundamental, foi observado os alunos atenciosamente, na qual os mesmos apresentavam comportamento de fixação na palestra, interação, e discussão sobre o assunto, levando em conta suas experiências, e próprias observações, assim estabelecendo uma relação dos palestrantes e aplicadores com os alunos. O erro não deve ser punido, recriminado ou inibido, mas é por meio dele que o aluno constrói suas hipóteses e pode chegar a um caminho ou resposta. No entanto, vivemos na sociedade do perfeccionismo e da homogeneidade, onde não há espaço para aquilo que foge do padrão esperado. É preciso dar ao aluno o espaço para que possa ser desafiado, crescer e aprender (Nogaro & Granelha, 2004). Novas estratégias e formas de ensino precisam ser pensadas, algo que fuga do binômio erro-acerto, e que dê ao estudante autonomia e capacidade de formular seu saber baseado em suas vivências e complexidades humanas.

A terceira intervenção foi com o tema “comunicação não-verbal”, na qual discutiu-se sobre a importância do corpo e dos gestos para a comunicação. A intervenção se concentrou em questionar os discentes no motivo de não ligarem as câmeras durante as aulas, gerando-se uma abertura onde puderam falar a respeito da realidade pessoal até chegar à questão da timidez para os mesmos. Ao final da apresentação foi percebido o comportamento de alguns alunos que começaram a ligar as câmeras, um retorno automático da confiança e ligação estabelecidas entre os alunos e os entrevistadores.

Sendo assim, no âmbito da educação juvenil, é importante pensar junto às famílias, equipe pedagógica e discentes quanto às possibilidades de discutir a respeito do que ocasiona a timidez. Os psicólogos escolares têm a oportunidade de trabalhar com esses grupos utilizando igualmente a vídeo chamada como recurso, expondo o tema junto aos sujeitos, seja por meio de palestras ou roda de conversas. Em meio a isso, cabe ao profissional auxiliar os professores e familiares, ajudando-os a refletir sobre seu papel na participação mais efetiva durante as aulas online, apoiando assim a autonomia e discernimento para que este possa adquirir conhecimento através da discussão e destacando-se no meio acadêmico.

A autoavaliação de si, em comunhão com a timidez e autoestima baixas nesses tempos. A associação entre autoestima e a visão que o jovem faz de si. Isto é, a autoestima influencia e é influenciada pelas características, atitudes e comportamentos do jovem. Mais importante ainda é perceber que, há um gradiente decrescente entre o nível de autoestima e o sentimento do jovem em relação a si próprio e na sua relação com a sociedade (Assis & Avanci, 2004).

Dessa forma, segundo Cifuentes-Faura (2020) precaver é sempre o melhor meio. Consequentemente, é importante entender que autoestima refere-se ao nível de autovalorização de uma pessoa, que rotulo em 3 fatores determinantes: físico, emocional e intelectual. Estabelecendo vínculo entre os três fatores e a equipe de docentes, mediado pelo psicólogo, na

qual, reapresenta o aluno ao novo modelo de aula, via webcam, marcando sua cooperação na aula.

Considerações finais

Os resultados que pudemos obter a partir das experiências vivenciadas no estágio foram satisfatórios: não somente para colocar em prática o conhecimento teórico estudado, mas para que nós, psicólogos em formação, pudéssemos observar, de fato, a dinâmica escolar e educacional nesse cenário de pandemia e de aulas remotas.

Apesar das dificuldades encontradas por conta da dependência em se realizar esses encontros online, a equipe conseguiu atingir os objetivos traçados em todas as atividades planejadas. Os professores e alunos absorveram muito bem todo o material que lhes foi direcionado pela equipe, material esse que, em forma de dicas, conteúdo informativo, reflexões ou momentos descontraídos, se fizeram importantes para abordar temáticas que todos vivenciamos e que sentimos dificuldades em lidar e de que forma podemos intervir nessas dificuldades. Isso é importante para que exista uma melhora na qualidade de vida, não só no ambiente da sala de aula, mas de tudo que a envolve e de quem faz parte dela. Esse contexto atípico no qual estamos passando, nos mostrou que a sala de aula e a relação professor-aluno, enfrenta novas dificuldades.

A adaptação a nova maneira de estar em aula, por meio de um computador ou celular, não ocorre da mesma maneira para todos. É talvez a maior demanda encontrada durante o estágio, o fato de tentar tornar o ambiente escolar, e o aprendizado, o mais próximo, funcional e saudável possível.

Referências

Arruda, E. P. (2020). Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. EmRede - Revista de Educaçao à Distância,

7(1), 257–275. Retirado de https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621

Assis, S. G., & Avanci, J. Q. (2004). Labirinto de espelhos. In Editora Fiocruz. Retrieved from https://static.scielo.org/scielobooks/vdywc/pdf/assis-9788575413333.pdf

Barbosa, D. R., & Souza, M. P. R. (2012). Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão. Psicologia Escolar e Educacional, 16(1), 163–174. https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100018

Caballo, V. E. (1996). Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento. São Paulo: Editora Santos.

Cifuentes-Faura, J. (2020). Consecuencias en los Niños del Cierre de Escuelas por Covid-19: El Papel del Gobierno, Profesores y Padres. Revista Internacional de Educación Para La Justicia Social, 9(3). Retirado de https://revistas.uam.es/riejs/article/view/12216

Faustino, L. S. e S., & Silva e Silva, T. F. R. (2020). Educadores Frente À Pandemia: Dilemas E Intervenções Alternativas Para Coordenadores E Docentes. Boletim de Conjuntura (BOCA), 3(7), 53–64.

Gil, A. C. (2008). Métodos e Técnicas de Pesquisa Social (6th ed., Vol. 10, Issue 1). Editora Atlas S.A.

Lima, A. O. M. N. (2017). Breve Histórico Da Psicologia Escolar No Brasil. Psicologia Argumento, 23(42), 17. https://doi.org/10.7213/rpa.v23i42.19637

Martinez, A. M. (2010). O que pode fazer o psicólogo na escola. O Que Pode Fazer o Psicólogo Na Escola, 23(83), 39–56. https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.23i83.%p

Pereira, H. P., Santos, F. V., & Manenti, M. A. (2020). Saúde Mental de Docentes em Tempos de Pandemia: Os Impactos das Atividades Remotas. Boletim de Conjuntura (BOCA), 3(9), 1–9. https://doi.org/http://doi.org/10.5281/zenodo.3986851

Santos, J. V., & Gonçalves, C. M. (2016). Psicologia educacional: importância do psicólogo na escola. Psicologia.Pt, 1–22. Retirado de http://books.google.pt/books?id=RGLEQwAACAAJ

Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Estudos de Psicologia (Campinas), 37(e200063), 1–13. https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063

WHO, UNICEF, & UNESCO. (2020). Considerations for school-related public health measures in the context of Annex to Considerations in adjusting public health and social measures in the context of COVID-19. Retirado de https://www.who.int/publications/i/item/considerations-for-school-related-public-health-measures-in-the-context-of-covid-19

ESTRESSE OCUPACIONAL E *COPING* EM PROFISSIONAIS DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Iany Vitória Lima Figueiredo (UNIFIP)
Camilla Vieira de Figueiredo (UFPB)
Profa. Ma. Thereza Christina Garcia Bezerra (UNIFIP)

Resumo. O estresse ocupacional se tornou cada vez mais presente, a ponto de ser considerado como um fator de epidemia global, de acordo com a OMS. Em razão disso, é importante compreender estratégias para lidar com essa demanda e o *coping* pode ser destacado como uma delas. O *coping* trata-se de um conjunto de estratégias de enfrentamento utilizadas pelo sujeito para lidar com situações de sobrecarga emocional ou estresse. Considerando o contexto supracitado, o presente estudo objetivou identificar o nível de estresse em profissionais de Tecnologia da Informação (TI), bem como identificar as estratégias de enfrentamento mais utilizadas por esses profissionais. Participaram do estudo 59 profissionais de TI (M_{Idade} = 35 anos; 64,4% homens; 50,8% solteiros; 57,6% trabalhadores de instituições públicas; 78% trabalhadores de instituições de grande porte; 44,1% com formação em Sistema de Informações). Estes responderam a Escala de Estresse no Trabalho e o Inventário de Estratégias de *Coping*. Os resultados apontaram que o nível de estresse da amostra está acima do ponto médio do instrumento (*M* = 3,6; *DP* = 1,37). Quanto às estratégias de enfrentamento, obtivemos dois resultados; algumas são muito eficazes e outras intensificam os níveis de estresse. As estratégias mais utilizadas foram resolução de problemas, aceitação de responsabilidade, reavaliação positiva, autocontrole, suporte social, fuga e esquiva, confronto e afastamento. Conclui-se que esse estudo contribui para a compreensão do estresse laboral e distingue as possíveis estratégias de *coping* adotadas por profissionais de TI.

Palavras-chave: Estresse laboral, *Coping*, Profissionais de TI.

O mundo globalizado encontra-se repleto de informações e dados, desenhando um cenário cada vez mais exigente e especializado aos profissionais de diversas áreas, uma vez que a inovação de produtos e serviços se revigora a cada momento. Assim, nas últimas décadas, a atuação de profissionais de Tecnologia da Informação (TI) nas empresas obteve um crescimento acelerado, influenciado pela competição dos grandes mercados (Cavazotte et al., 2014). Segundo O'Brian (2014), isso ocorreu devido o profissional de TI destacar-se como peça fundamental nas organizações públicas e privadas por dominar conhecimentos tecnológicos fundamentais no cenário mercadológico atual. O mercado competitivo busca por profissionais

de TI atento à autenticidade, à segurança das informações e às inovações tecnológicas que devem estar sempre disponíveis no tempo certo, em qualquer circunstância, a quem precisar delas.

O profissional de TI, independente da sua área específica de atuação, trabalha em um ambiente de alta criticidade. Muitas vezes lhes faltam condições de trabalho adequadas, desenvolvendo suas atividades laborais diárias sob pressão de metas com cargas horárias excessivas, o que acarreta sobrecargas físicas e psicológicas (Laudon & Laudon, 2015). Esse cenário profissional tende a influenciar em ações laborais, tais como excesso de trabalho, ansiedade por atingir metas, medo de obsolescência, entre outros comportamentos que podem gerar o estresse profissional (Dias, 2016).

De acordo com Filgueiras e Hippert (2015), o termo estresse teve origem na língua inglesa “stress”, que traduzido ao português significa “pressão”, "tensão", “insistência”, “fadiga” ou “aflição”, ou seja, é a força exercida sobre um corpo que tende a se deformar. O estresse também pode ser definido como um conjunto de reações fisiológicas necessárias para a adaptação a novas situações. Para Lazarus e Folkman (2015), o estresse está relacionado à relação do indivíduo com o ambiente no qual ele encontra-se inserido, caracterizado como hostil, sobrecarregado ou inadequado, implicando diretamente na saúde física e mental, e a percepção subjetiva do indivíduo tende a determinar o grau do estresse.

No contexto do trabalho existe o estresse ocupacional, que se dá a partir da percepção do colaborador sobre as demandas do ambiente organizacional e sua relação de enfrentamento diante dos recursos disponíveis, de sua capacidade de atuação e ações de enfrentamento (Santos, 2015). A literatura aponta que o estresse laboral é considerado como uma epidemia global pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2019). Diante disso, é importante utilizar estratégias capazes de diminuir os efeitos nocivos desse fenômeno nas pessoas acometidas.

Dentre essas estratégias, pode-se destacar o *coping*. O *coping* é definido como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de estresse e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo seus recursos pessoais. O modelo conceitual atual sobre *coping* o subdivide em duas categorias: *coping* com foco no problema e *coping* com foco na emoção (Lazarus & Folkman, 2015).

Dentro dessas duas categorias existem oito estratégias de enfrentamento, sendo estas: resolução de problemas; suporte social; aceitação de responsabilidade; autocontrole; reavaliação positiva; fuga e esquiva; e afastamento e confronto. Em face das contextualizações apresentadas sobre as estratégias de *coping*, sobretudo, na sua relação com o estresse, observa-se que esse é definido como tentativa ou empenho das pessoas em lidar com o estresse no âmbito pessoal e profissional. Por ser um conjunto de estratégias cognitivo-comportamentais usadas para administrar as situações de estresse, identifica-se a importância de compreender o uso das estratégias de *coping* frente a situações de estresse laboral.

De acordo com a perspectiva supracitada, foi elaborado o presente estudo que teve como objetivo identificar o nível de estresse em profissionais de TI, bem como identificar as estratégias de enfrentamento mais utilizadas por esses profissionais.

Método

Delineamento e Hipóteses

O presente estudo é de abordagem quantitativa, do tipo correlacional *ex post facto*. Foram elaboradas as seguintes hipóteses:

H_1 = Os profissionais de TI apresentarão níveis de estresse acima da média da escala.

H_2 = Os profissionais utilizarão diferentes estratégias de *coping*.

Participantes

Participaram do presente estudo 59 profissionais de TI, com média de idade de 35 anos, sendo majoritariamente do sexo masculino (64,4%), trabalhadores de instituições públicas (57,6%) de grande porte (78,0%), solteiros (50,8%), com formação em Sistemas de Informações (44,1%).

Instrumentos

No que se refere aos instrumentos utilizados para a coleta dos dados, foram utilizadas questões sociodemográficas para caracterização da amostra, assim como a Escala de Estresse no Trabalho e o Inventário de Estratégias de *Coping*, descritos a seguir.

A Escala de Estresse no Trabalho (EET), de Paschoal e Tamayo (2004), visa mensurar o nível de estresse ocupacional através de 23 itens, abordando em cada um deles fatores estressantes e possíveis respostas para esses. Os 23 itens podem ser respondidos por uma escala *likert* de 5 pontos, variando entre 1 (Discordo totalmente) e 5 (Concordo totalmente)

O Inventário de Estratégias de *Coping* (IEC), de Lazarus e Folkman (2015), é composto por 66 itens que visam levantar a frequência dos pensamentos e ações do respondente para lidar com um estressor. Cada item conta com quatro opções de resposta, dispostas em uma escala *likert* de 0 (Não uso da estratégia) a 3 (Usei em grande quantidade). O inventário tem oito fatores: confronto, afastamento, autocontrole, suporte social, aceitação de responsabilidade, fuga e esquiva, resolução de problemas e reavaliação positiva.

Procedimentos e Aspectos Éticos

Incialmente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa e, após a aprovação (CAAE: 38812720.5.0000.5181), iniciou-se a coleta dos dados. Esta foi realizada de forma *online*, por meio de um questionário desenvolvido no *Google Forms*. O recrutamento

dos participantes foi realizado através das redes sociais (e.g., *Whatsapp*, *Facebook*, *Instagram*), com um *link* para acesso ao questionário.

No questionário estavam dispostos os objetivos, procedimentos, bem como ressaltava o caráter sigiloso e voluntário da participação. Para firmar a participação, os respondentes tiveram acesso e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A partir disso os respondentes autorizaram o uso dos dados para fins de pesquisa, como também ficaram cientes de que poderiam desistir da participação a qualquer momento sem quaisquer ônus. A pesquisa cumpriu os critérios éticos dispostos nas Resoluções 466/2012, e 510/2016, publicadas pelo Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012; 2016). Os respondentes levaram em média 10 minutos para responder ao questionário.

Análises de Dados

Quanto à tabulação e análise dos dados, foi utilizado o *Software* Estatístico para Ciências Sociais (SPSS, versão 25). Foram conduzidas estatísticas descritivas (e.g., Média, Frequência e Desvio Padrão).

Resultados

A Escala de Estresse no Trabalho utilizada na presente pesquisa apresenta um caráter unifatorial. Nesse sentido, foi calculada a média e o desvio padrão dos respondentes nesse instrumento. Os resultados apontaram uma média de estresse de 3,6 pontos (*DP* = 1,37), em uma escala que varia de 1 a 5. Isso significa que o nível de estresse da amostra de profissionais de TI encontra-se acima do ponto médio do instrumento.

Quanto às estratégias de *coping* utilizadas pelos profissionais, os resultados apontaram a utilização de estratégias de enfrentamento eficazes, mas também de outras que intensificam os níveis de estresse. As estratégias de *coping* mais utilizadas foram resolução de problemas (*M* = 2,6), seguida por aceitação de responsabilidade (*M* = 2,4), reavaliação positiva (*M* = 2,2),

autocontrole (*M* = 2,1), suporte social (*M* = 1,9), fuga e esquiva (*M* = 1,7) e, finalmente, os fatores confronto e afastamento com a mesma pontuação (*M* = 1,6). A Tabela 1 sintetiza essas informações.

Tabela 1

Médias dos respondentes nas Estratégias de Enfrentamento (Coping)

Estratégias de Enfrentamento	**Média (*M*)**
1. Resolução de Problemas	2,6
2. Aceitação de Responsabilidade	2,4
3. Reavaliação Positiva	2,2
4. Autocontrole	2,1
5. Suporte Social	1,9
6. Fuga e Esquiva	1,7
7. Afastamento	1,6
8. Confronto	1,6

Discussão

De acordo com os resultados do estudo, pode-se perceber que os profissionais de TI apresentam um nível de estresse acima do ponto médio do instrumento de estresse utilizado na coleta dos dados, bem como foram destacadas diferentes estratégias de enfretamento considerando esse contexto. A discussão desse estudo será dividida em duas partes, sendo a primeira voltada para o estresse e a segunda direcionada para o *coping*.

Filgueiras e Hippert (2015) destacam que os profissionais de TI estão sujeitos a condições de trabalho estressantes, como um ambiente com um alto nível de pressão e carga

horária excessiva, fatores que levam a tensões e problemas advindos do exercício da atividade profissional e consequentemente provocam o estresse laboral. Outro fator importante que é destacado pela literatura é o relacionamento entre o profissional de TI e seu superior. De acordo com Almeida (2015), esse deve ser harmonioso, uma vez que a frequente execução de atividades permeadas por ordens contraditórias do superior pode gerar respostas psicológicas e fisiológicas nesse indivíduo e desenvolver quadros de estresse.

Outros fatores que influenciam o estresse em TI são o envolvimento com o trabalho e a falta de capacitação dos profissionais para a execução de suas tarefas, no sentido de entender, decidir, agir ou responder às demandas diárias. Portanto, a falta de capacitação é considerada como um fator estressor, afetando esse profissional fisicamente, psicologicamente e emocionalmente em decorrência da complexidade, da diversidade e da dinâmica que o mundo organizacional exige (Zanelli, 2015).

Estamos vivenciando a era da tecnologia. Logo, o acréscimo de novas tecnologias e o nível cada vez mais elevado de informatização na área de TI exige que estes profissionais estejam constantemente atualizados com as mudanças tecnológicas. Santos (2015) aponta em seus estudos ser esse um fator estressor que acarreta o esgotamento destes profissionais, catalisados pelas constantes modificações da tecnologia e da pressão por resultados. Nessa perspectiva, as acentuadas cobranças por produtividade, a sobrecarga de trabalho e as exigências organizacionais aumentam a carga de trabalho e colocam esse profissional sob forte tensão, ocasionando, consequentemente, quadros de estresse (Carlotto, 2018).

Ao analisar as estratégias de enfrentamento (*coping*) mais utilizadas por esses profissionais, observou-se que resolução de problemas, aceitação de responsabilidade, reavaliação positiva, autocontrole e suporte social foram as mais frequentes. Para Servino, Neiva e Campos (2015), a resolução de problemas tem como foco resolver o problema com

planejamento, sendo eficaz na busca pela resolução ou a adaptação à nova situação. Prado (2016) evidencia que a aceitação de responsabilidade consiste na aceitação do profissional de sua responsabilidade diante da situação, tendo, portanto, um viés negativo devido à autocrítica e sentimento de culpa.

Na reavaliação positiva, como mostra Pizzato (2017), os profissionais interpretam o evento estressor reavaliando a situação e criando um significado positivo para este, utilizando-o para seu próprio crescimento. Assim, a reavaliação positiva é considerada como uma estratégia construtiva. Na estratégia de autocontrole é desenvolvido o controle sobre as situações estressoras evitando-se, assim, as atitudes impulsivas (Santos, 2015). O suporte social é uma estratégia de enfrentamento direcionada para o emocional na qual o profissional busca apoio no ambiente externo, familiar, social e profissional, visando diminuir o impacto dos estressores. Essa técnica é positiva, relaxante, aumenta a autoestima e encoraja a administração dos problemas (Prado, 2016).

Segundo Sabel (2018), as estratégias de resolução de problemas, reavaliação positiva e autocontrole são considerados como as mais eficazes no enfrentamento do estresse e são apontadas pela maioria dos participantes das pesquisas que não apresentaram incidência de estresse laboral. Portanto, com base nos dados apresentados, enfatiza-se que as estratégias com foco na resolução de problemas, na reavaliação e reinterpretação das situações de maneira positiva e, ainda, na adaptação e no autocontrole diante das situações são as mais eficientes, pois auxiliam no enfrentamento das situações e despertam o controle das emoções diminuindo, com isso, o estresse ou seu agravamento. Ao observar as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos profissionais de TI que participaram da pesquisa percebe-se que estes não anulam ou afastam as situações estressantes de seu cotidiano de trabalho, mas optam por resolver seus

problemas, modificando suas atitudes e lidando com as pressões, buscando diminuir ou eliminar a fonte geradora de estresse.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivos identificar o nível de estresse no trabalho de uma amostra de profissionais de TI, assim como identificar as principais estratégias de *coping* utilizadas por estes trabalhadores. Apesar de os objetivos terem sido alcançados, o estudo não está isento de limitações, que se concentram principalmente nas caraterísticas amostrais.

A esse respeito, considera-se importante que estudos futuros ampliem o tamanho da amostra a fim de torna-la mais representativa. Tendo em vista o uso de medidas explícitas, os resultados podem ter sido influenciados pela desejabilidade social e, por essa razão, sugere-se nos próximos estudos o uso de medidas implícitas, visando a redução deste fenômeno.

A presente pesquisa traz relevantes contribuições para compreensão do estresse laboral, apontando as possíveis estratégias de enfrentamento adotadas por profissionais de TI. A partir desses resultados podem ser desenvolvidas estratégias de intervenção, com base nas estratégias mencionadas, objetivando a redução do estresse laboral e a ampliação do bem-estar e qualidade de vida no trabalho dos profissionais desse campo.

Referências

Almeida, J. S. C., Oliveira, M. F. L. C. F. (2015). Tecnologia da Informação (TI) e o Desempenho Competitivo das Organizações. *Revista de Administração: Convibra*, *6*(2), 1-14.

Cavazotte, F. et al. (2014). Carreira e relações de trabalho na prestação de serviços de tecnologia da informação: A visão dos profissionais de TI e seus gerentes. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, *12*(9), 230-262.

Carlotto, M. S. A. (2018). O Estresse e o Trabalho em Profissionais de Tecnologia da Informação (TI). *Revista Psicologia em Estudo*, *20*(4), 21-29.

Dias, S. M. O. (2016). *Fatores de pressão no trabalho e comprometimento com a carreira: um estudo com profissionais de Tecnologia da Informação (TI).* (Dissertação de Mestrado em Administração). Universidade FUMEC: Belo Horizonte, Brasil.

Filgueiras, C., Hippert, S. (2015). A polêmica em torno do conceito de estresse. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, *19*(8), 90-95.

Laudon, K. C., Laudon, J. P. (2015). *Sistema de Informações Gerenciais*. (11ª ed). São Paulo: Saraiva.

Lazarus, R. S., Folkman, S. (2015). *Estresse, Apreciação e coping*. (22ª ed). São Paulo: Saraiva.

O'Brian, A. (2014). *Sistemas de informação e as decisões gerencias na era da internet*. (9ª ed). São Paulo: Saraiva.

Organização Mundial da Saúde. (2019). *OMS Inclui Síndrome de Burnout na Lista de Fatores que Influenciam a Saúde*. https://www.sinprodf.org.br/oms-inclui-a-sindrome-de-burnout-na-lista-de-doencas/

Paschoal, T., & Tamayo, Á. (2004). Validação da escala de estresse no trabalho. *Estudos de Psicologia (Natal)*, *9*(1), 45-52.

Pizzato, G. (2017). *Estratégias de coping*. (12ª ed). Rio de Janeiro: Brasport.

Prado, C. E. P. (2016). Estresse ocupacional: causas e consequências. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, *14*(3), 285-289.

Sabel, C. E. (2018). A importância do profissional de TI dentro das organizações. *Revista Estatística e Sociedade*, *12*(6), 45-52.

Santos, O. A. S. G. (2015). *Estresse e estratégias de enfrentamento: um estudo de caso no setor sócio produtivo*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Taubaté, Taubaté, São Paulo.

Servino, S. et al. (2015). Estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento entre profissionais de tecnologia da informação. *Revista Interinstitucional* de *Psicologia*, *6*(2), 80-85.

Zanelli, J. C. et al. (2015). *Estresse nas organizações de trabalho: compreensão e intervenção baseadas em evidências*. (7ª ed). Porto Alegre: Editora Artmed.

EXPLICANDO A SÍNDROME DO IMPOSTOR A LUZ DA SÍNDROME DE BURNOUT

Marcionila Costa dos Santos (UNIFIP)
Alessandro Teixeira Rezende (UNIFIP)
Profa. Ma. Thereza Christina Garcia Bezerra (UNIFIP)

Resumo. O fenômeno do impostor ou síndrome do impostor (SI) diz respeito ao indivíduo possuir percepções inadequadas e negativas acerca das próprias conquistas e habilidades, apesar de possuir evidências externas que refutem tais percepções. A SI por sua vez, acomete a saúde mental e pode estar associada a exaustão emocional (síndrome de burnout), conforme apontado pela literatura. Considerando esse contexto, pensou-se o presente estudo, que tem como objetivo explicar a Síndrome do Impostor a luz da Síndrome de Burnout. Para tanto, participaram do presente estudo 102 estudantes universitários, majoritariamente mulheres (78,1%), solteiras (59%), católicas (65,7%) e de classe-social média (43,3%), com média de idade de 22,67 anos (*DP* = 5,63), variando entre 18 e 58 anos. Responderam a Escala Clance do Fenômeno Impostor, *Maslach Burnout Inventory (MBI)* e questões sociodemográficas. Os resultados encontrados apontaram que existem relações estatisticamente significativas e positivas entre a síndrome do impostor e todas as dimensões da síndrome de burnout (SB) Despersonalização *(*ρ = 0,57; *p* < 0,01); seguido por Exaustão Emocional *(*ρ = 0,44; *p* < 0,01) e Síndrome de *Burnout* Geral *(*ρ = 0,41; *p* < 0,01), exceto com o fator Realização Profissional (ρ = 0,05; *p* = 0,58). Assim como, também foi evidenciado que a síndrome de burnout prediz a síndrome do impostor (F (1, 102) = 20,458, p < 0,001; $R^2_{ajustado}$ = 0,16). Desta maneira, conclui-se, que existem relações entre a SI e SB, bem como, a SB é um fator preditor da SI.

Palavras-chave: Síndrome do Impostor, Síndrome de Burnout, Universitários.

As pesquisadoras Clance e Imes conceituaram o termo síndrome do impostor (SI) em 1978, esse conceito nasceu a partir de atendimentos clínicos, nos quais elas perceberam que mulheres com carreiras conceituadas tinham dificuldades em desfrutar de suas conquistas. Nos últimos anos novas pesquisas foram realizadas na qual pode-se comprovar que a (SI) afeta tanto mulheres, quanto homens (Almeida, 2020).

Pessoas com (SI) possuem a incapacidade de atribuir a si suas realizações, duvidam da própria capacidade, embora não haja nada que comprove ou confirme essas dúvidas (Bezerra et al.,2021) julgam-se inaptos (tanto profissionalmente, quanto academicamente). Acreditam,

portanto, que não merecem esses lugares que ocupam se autoavaliando como impostores (Almeida, 2020).

Um estudo realizado com 330 estudantes de contabilidade concluiu que estudantes com idades entre 31 e 35 anos dispõem um nível inferior da síndrome do impostor com relação a estudantes com idades entre 15 e 20 anos. Um outro fator observado na pesquisa foi que há relação de gênero ligadas a síndrome, pessoas do sexo masculino apresentaram um nível inferior da (SI), quando comparados ao sexo feminino que apresentaram um nível maior da SI (Simão, 2021), podendo gerar exaustão emocional nos acometidos, em um estudo realizado por Oliveira *et al.,* (2021), a SI se relaciona diretamente com a Síndrome de Burnout, o que pode explicar a exaustão emocional supracitada.

Segundo Neri (2018) a Síndrome de Burnout (SB) foi conceituado nos anos 70 nos Estados Unidos, e se refere a um estresse crônico ligado ao trabalho. A pessoa acometida pela SB também apresenta desgaste tanto físico quanto emocional, bem como, atitudes e sentimentos negativos ou pessimistas.

As características de pessoas com a SB são exaustão e esgotamento físico e mental, apresentam dificuldades em suas relações interpessoais no trabalho, perda da autoconfiança, insatisfação ou falta de realização profissional. Porém o burnout não está apenas relacionado ao trabalho (Neri, 2018).

Em estudo literário realizado em 2019, que contou com a revisão de 15 artigos e buscava identificar a prevalência e fatores associados ao burnout em universitários verificou-se que a exaustão emocional, descrença ou cinismo e eficácia profissional estão relacionadas também ao contexto acadêmico (Moura *et al*., 2019).

Neste sentido, percebe-se que a SI e a SB, estão relacionadas em algumas de suas características, tais como exaustão emocional e despersonalização, pessoas com SI experenciam

a exaustão emocional justamente por se sentirem impostoras e isso se reflete também no ambiente de trabalho (Oliveira *et al.*, 2021). Notada a dificuldade de encontrar estudo empíricos que investigam a relação entre as duas síndromes, foi esquematizada a presente pesquisa.

De acordo com as informações supracitadas, os objetivos do presente estudo são: relacionar a Síndrome do Impostor com os fatores da Síndrome de *Burnout* (Despersonalização, Exaustão Emocional e Realização Profissional). Bem como, explicar a Síndrome do Impostor através da Síndrome de *Burnout*.

Método

Delineamento e Hipóteses

O presente estudo é de abordagem quantitativa, do tipo correlacional *ex post facto*, para tanto, foram elaboradas as hipóteses abaixo:

H_1 = A Síndrome do Impostor se relacionará de maneira positiva com os fatores da Síndrome de *Burnout* (Despersonalização, Exaustão Emocional e Realização Profissional).

H_2 = A Síndrome de *Burnout* predirá de maneira positiva a Síndrome do Impostor.

Participantes

Participaram da presente pesquisa 102 universitários, sendo a maioria do sexo feminino (78,1%), solteiras (59%), católicas (65,7%) e de classe-social média (43,3%). Quando a idade média, estes apresentaram 22,67 anos (*DP* = 5,63), variando entre 18 e 58 anos.

Instrumentos

Para coleta dos dados, os participantes responderam a um questionário sociodemográfico, para caracterização da amostra (sexo, idade, classe-social). Escala Clance do Fenômeno Impostor (ECFI) e *Maslach Burnout Inventory (MBI)*.

A ECFI, foi desenvolvida originalmente na inglesa (Clance, 1985) e validado para o contexto nacional por Bezerra, et al. (2021). A escala é unifatorial (0,94) formada por 20 itens,

que são respondidas através de em uma escala do tipo *likert* de 5 pontos, variando de 1 (Não me descreve) a 5 (Me Descreve Totalmente). Este instrumento mensura fatores acerca do medo de avaliação, medo de não ser capaz de repetir o sucesso e medo de ser menos capaz que outros.

A *Maslach Burnout Inventory (MBI)*, trata-se de um instrumento bastante usado para mensurar a SB, elaborado originalmente por Maslach e Jackson (1978), composto por 22 itens, sendo adaptado a língua portuguesa por Tamayo (1997). Este instrumento mensura a SB a partir de três dimensões Esgotamento Emocional, Despersonalização, e Falta da Realização Pessoal, pontuados em uma escala *likert* de sete pontos, variando entre 0 (Nunca) a 6 (Todos os dias).

Procedimentos e Aspectos Éticos

Incialmente o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética do Centro Universitário de Patos (UNIFIP), após a aprovação pelo parecer de número 4.306.920 (CAAE 37285220.0000.5181), iniciou-se a coleta dos dados. Esta foi realizada de forma *Online*, por meio de um questionário desenvolvido no *Google Docs*. O recrutaento dos participantes foi realizado nas redes sociais (eg., *Whatapp*, *Facebook*, *Instagram*), com *link* para acesso ao questionário. No questionário estava disposto os objetivos, procedimentos, bem como, também estava ressaltado o caráter sigiloso e voluntário da participação. Para firmar a participação, os respondentes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual estes marcaram a opção que significa concordância em participar da pesquisa, a partir disso os respondentes autorizam o uso dos dados para fins científicos, como também ficam cientes de que podem desistir do questionário a qualquer momento sem ônus algum. Cumprindo os critérios éticos dispostos na resolução 466/2012, publicada pelo Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012; 2016). O tempo estimado para resposta foi em média de 20 minutos.

Análises de Dados

Para a tabulação e análise dos dados foi utilizado o *Software* Estatístico para Ciências Sociais – *SPSS* (versão 25), com o intuito de obter as estatísticas descritivas (média, desvio padrão, frequência). Assim como, estatísticas inferências (correlação de ρ de *Spearman* e regressão linear simples).

Resultados

Buscando conhecer de que maneira a Síndrome do Impostor e a Síndrome de *Burnout* se relacionam, calculamos inicialmente as pontuações gerais da Síndrome de *Burnout* (Despersonalização, Exaustão Emocional e Realização Profissional), posteriormente foram realizadas correlações de ρ de *Spearman* e análises de regressão linear simples. Nos parágrafos subsequentes serão descritos os resultados supracitados.

No que tange às correlações entre a Síndrome do Impostor e as dimensões da Síndrome de *Burnout* (Despersonalização, Exaustão Emocional e Realização Profissional), a maior pontuação encontrada foi na dimensão Despersonalização ($\rho = 0,57$; $p < 0,01$); seguido por Exaustão Emocional ($\rho = 0,44$; $p < 0,01$); e Síndrome de *Burnout* Geral ($\rho = 0,41$; $p < 0,01$). Neste sentido, o único fator que não apresentou correlação significativa foi o fator Realização Profissional ($\rho = 0,05$; $p = 0,58$).

Tabela 1

Correlatos entre Síndrome do Impostor e Síndrome de *Burnout* (Despersonalização, Exaustão Emocional e Realização Profissional)

Fatores	**1**	**2**	**3**	**4**
Síndrome do Impostor	-			
Despersonalização	0,57**	-		
Exaustão Emocional	0,44**	0,62**	-	
Síndrome de *Burnout* Geral	0,41**	0,68**	0,85**	-

Nota. *correlações estatisticamente significativas a $p < 0,05$; **correlações estatisticamente significativas a $p < 0,001$.

Por fim, foi realizada uma análise de regressão linear simples com o objetivo de investigar em que medida a Síndrome de *Burnout* explicava a Síndrome do Impostor. Neste sentido, a Síndrome de *Burnout* apresentou influência estatisticamente significativa na Síndrome do Impostor ($F (1, 102) = 20,458$, $p < 0,001$; $R^2_{ajustado} = 0,16$). O coeficiente de regressão β (β = 0,38, 95% [IC = 0,21 – 0,54]) indicou que, em média, o aumento de um ponto nos níveis de Síndrome de *Burnout* repercutiu no aumento de 0,38 pontos nos níveis de Síndrome do Impostor.

Discussão

Esse estudo teve por objetivo relacionar a Síndrome do Impostor com os fatores da Síndrome de *Burnout***,** no qual foi possível observar através dos resultados que, a síndrome de Burnout se mostrou prevalente em pessoas que com características da síndrome do impostor. Como apontam os resultados, a dimensão observada com maior pontuação foi a Despersonalização ($\rho = 0,57$; $p < 0,01$), que se refere a uma atitude de distanciamento, insensibilidade nas relações interpessoais, e isso se reflete também em seu desempenho laboral,

indivíduos que experimentam um alto nível de (SI) comumente vivenciam conflitos sobre sua competência, o que caracteriza uma despersonalização, ou seja, é uma característica presente nos dois construtos (Almeida, 2020).

A segunda maior pontuação encontrada no presente estudo foi a Exaustão Emocional ($\rho = 0,44$; $p < 0,01$). Um estudo que buscou avaliar a prevalência da (SI) e sua associação com a (SB) e depressão entre estudantes de medicina observou um alto índice de exaustão emocional e descrença, assim como uma diminuição de satisfação no trabalho (Campos *et al*., 2022). Uma pesquisa que buscou demonstrar a relação entre a Síndrome do Impostor e a Síndrome de Burnout no contexto acadêmico e atuação profissional na área de Enfermagem, ao analisar os componentes gerais da (SI) com os componentes específico da (SB) obtiveram resultados semelhantes ao do presente estudo (de Oliveira et all., 2021).

O fator Realização Profissional, apesar de ter sido o fator que menos apresentou correlação significativa *(*$\rho = 0,05$; $p = 0,58$) cabe análises futuras, pois como aponta um estudo literário realizado por Moura et al., (2019), além de um aumento dos níveis de (SB) encontrado em estudantes, os mesmos apresentaram um alto nível de exaustão emocional, sendo essa a primeira dimensão da (SB), que pode estar ligada a sentimentos de (SI), como exposto ao longo desse estudo.

Considerações Finais

O presente estudo teve por objetivo relacionar a Síndrome do Impostor com os fatores da Síndrome de *Burnout* (Despersonalização, Exaustão Emocional e Realização Profissional). Bem como, explicar a Síndrome do Impostor através da Síndrome de *Burnout*. Entende-se que o objetivo foi alcançado uma vez que a Síndrome de *Burnout* apresentou influência estatisticamente significativa na Síndrome do Impostor. No entanto, os resultados aqui apresentados, possui suas limitações.

Dentre estas, pode-se destacar a escassez de estudos sobre o tema aqui abordado a nível nacional, assim como o número da amostra, portanto, espera-se que o presente estudo tenha colaborado com dados empíricos sobre o assunto aqui discutido, assim como contribuído para desenvolvimento de intervenções e pesquisas que possam amenizar os sentimentos da síndrome do impostor e prevenir o desenvolvimento da síndrome de burnout. Para resultados mais expressivos sugere-se acréscimo no número da amostra, tal como pesquisas que indiquem como os construtos SI e SB podem influenciar no desempenho profissional dos acadêmicos em formação.

Referências

Almeida, A. C. D. (2020). Sou uma fraude (?): explicando a síndrome do impostor.

Bezerra, T. C. G., Barbosa, L. H. G. D. M., Vione, K. C., Athayde, R. A. A., & Gouveia, V. V. (2021). Escala Clance do Fenômeno do Impostor: Adaptação Brasileira. *Psico-USF*, *26*, 333-343.

Campos, I. F. D. S., Camara, G. F., Carneiro, A. G., Kubrusly, M., Peixoto, R. A. C., & Peixoto Junior, A. A. (2022). Síndrome do impostor e sua associação com depressão e burnout entre estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, *46*.

de Oliveira, A. R., Bezerra, T. C. G., Oliveira, T. H. A., Rezende, A. T., de Figueiredo, C. V., & Costa, T. S. (2021). Síndrome de Burnout e Síndrome do Impostor: um estudo correlacional. *Research, Society and Development*, *10*(3), e34710313344-e34710313344.

Moura, G., Brito, M., Pinho, L., Reis, V., Souza, L., & Magalhães, T. (2019). Prevalência e fatores associados à síndrome de burnout entre universitários: revisão de literatura. *Psicol Saúde Doenças*, *20*(2), 300-18.

Neri, P. M. D. A. (2018). Síndrome de Burnout em profissionais da Rede de Atenção Básica em Saúde: uma revisão integrativa.

Simão, F. M. (2021). Fatores explicativos à síndrome do impostor dos estudantes de contabilidade. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Brasil.

FELICIDADE E BEM-ESTAR EM UNIVERSITÁRIOS: O CAMINHAR DA FORMAÇÃO ACADÊMICA DE VIDAS E PROFISSIONAIS

Maria Edisandy Bezerra dos Santos (UNIFIP)
Alessandro Teixeira Rezende (FIS)
Profa. Ma. Thereza Christina Garcia Bezerra (UNIFIP)

Resumo. O presente estudo, com o objetivo central de compreender as relações entre a felicidade e bem-estar subjetivo de estudantes universitários concluintes. A pesquisa teve como percurso metodológico uma vertente exploratória e que a partir de um questionário online (i.e., realizado integralmente de maneira remota) composto pela Escala de Felicidade Subjetiva (EFS), Escala de Satisfação com a Vida e a Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN-10), esta foi respondida por 99 universitários dos quais 72,7% do sexo feminino e 27,3% do sexo masculino com idades variando entre 20 a 45 (M= 24,24; DP= 4,49). Os resultados apontaram que existem correlações moderadas e altamente significativas entre os constructos e percebeu-se que os afetos positivos tendem a aumentar a perspectivas benéficas de vida (r = 0,73**, p< 0,01), bem como os afetos negativos agem em sentido contrário (r = - 0,55**, p < 0,01), ademais a satisfação com a vida e felicidade possui direções proporcionais (r = 0,67**, p< 0,01), demonstrando que momentos contínuos de construções satisfatórias contribuem para a felicidade. Portanto, a identificação e cuidado com os sentimentos negativos e positivos que permeiam e influenciam a percepção de bem-estar e felicidade pode ser considerado um diferencial no contexto de formação.

Palavras-chave: Felicidade, Psicologia Positiva, Bem-estar, Universitários.

Atualmente, com as transformações da sociedade, o ensino superior foi sendo visto como fundamental e indispensável, na carreira profissional do jovem e na preparação de um indivíduo não só a nível tecnicista e acadêmico como também baseado em preceitos críticos e humanísticos. Diante disso, muitos são os que chegam ao ensino superior, apesar das dificuldades existentes. Segundo o Censo da Educação Superior do ano de 2015, constatou-se que a graduação alcança o total e 8.027.297 de matrículas. Sendo a maioria de rede privada (75,7%). Em termos de organização acadêmica, as maiorias das matrículas estão nas universidades (53,2%), seguidas das faculdades (28,0%), dos centros universitários (16,9%) e, finalmente, dos Institutos ou centros Federais de educação e tecnologia (Ifs e Cefets), com 1,8%

das matrículas (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP], 2018)

Dessa forma, é necessário explorar e visualizar as vivências dos estudantes durante a graduação, com ênfase aos universitários dos últimos anos. Buscando compreender como se encontram os níveis de felicidade e bem-estar desses estudantes, pois sabe-se que os períodos finais são marcados por desafios que gerar uma sobrecarga física e mental. Na ótica de Sheldon e King (2001) não pode–se somente centralizar a resolução nos referenciais negativos e no viés problemático das situações e dilemas que aparecem no cotidiano. Muitos pesquisadores consideraram, por muito tempo, questões como emoção, sentimento, talento, inteligência, bem-estar, impossíveis de serem tratadas pelo método científico, deixando tais temas apenas para a filosofia e para as artes. Já outros temas como espiritualidade, perdão, gratidão, transcendência ficaram somente nas mãos da religião (Graziano, 2005).

A busca pela felicidade é objetivo, maior de todo ser humano no decorrer de sua vida em sociedade. Assim, como existe uma diversidade de corpos, mentes, crenças, localidades geográficas e vivências, o conceito e aplicação generalista de felicidade é um desafio devido à subjetividade de cada sujeito que por ela procura. Deste modo, a felicidade pode encontrar referências tanto nas perspectivas religiosas, literárias, filosóficas e psicológicas (Camalionte & Boccalandro, 2017).

Aliado a tal raciocínio o bem-estar subjetivo é o principal integrante de uma vida saudável e feliz (Diener et al., 2003). Os indivíduos a fim de buscar realizações positivas, tendem a planejar o seu dia a dia, evitando hábitos que possam comprometer a sua saúde, pensando em longo prazo e protegendo seu espaço pessoal e social. Portanto, os construtos afetos positivos e negativos e satisfação com a vida compõem à semântica do bem-estar subjetivo. De acordo, com Watson et al. (1988)**,** quando um indivíduo apresenta afetos positivos (AP), é caracterizado

por: alta energia, plena concentração, orgulhoso, entusiasmado, determinado, estimulado, etc. Enquanto, os afetos negativos (AN) incluem: sem prazer, sensações negativas, tais como raiva, desprezo, culpa, medo, nervoso, assustado, envergonhado, etc.

A segundo variável que é a satisfação com a vida é refere-se ao julgamento que o indivíduo faz sobre sua vida Kyes et al. (2002) e que reflete o quanto esse indivíduo se percebe distante ou próximo a suas aspirações Campbell et al. (1976), ou seja, na perspectiva subjetiva levam em conta as avaliações individuais e como este indivíduo percebe o seu padrão de vida em busca de uma satisfação com a mesma. As características de vida dos estudantes influenciam níveis de felicidade e bem - estar vivenciados atinge e direciona as condutas acadêmicas que mais desejam. Assim, os universitários possuem demandas diárias com atividades, provas, monitorias, estágios dentro outras demandas acadêmicas que um estudante de graduação precisa executar para tornar-se um profissional e se inserir no mercado de trabalho (Dela Coleta & Dela Coleta, 2006).

A entrada no ambiente acadêmico é marcada por vivências antes mesmo do ingresso e suas afinidades, que corroboram para uma construção da proposta da perspectiva do estudante e após inserção na academia as vivências práticas que projetam sobre como será a atuação no ambiente laboral desse futuro profissional. Desse modo, é válido ressaltar que a Psicologia Positiva leva em consideração a investigação de "[...] experiências subjetivas valiosas envolvendo o bem-estar, contentamento, satisfação (no passado), desejo e otimismo (para o futuro), deleite e felicidade (no presente)" (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000)

Em um estudo que teve como direcionamento Dela Coleta e Dela Coleta (2006) com ênfase na felicidade e bem-estar pode-se perceber que os sujeitos com níveis mais altos de felicidade e bem-estar subjetivo apresentam mais elevadas autoavaliações como estudantes e condutas escolares mais apropriadas, tendo em vista o aproveitamento acadêmico. Mediante a

isso dinamizar e estimular a multiplicidade de fatores que constroem a base curricular e prática torna-se emergente para a formação de profissionais ativos, críticos, reflexivos e felizes. Pois, assim como Freire (2004) salienta que a alegria precisa ser disseminada no espaço pedagógico estimulando os alunos a perceber que a alegria está relacionada à esperança (ou certeza) de que se pode aprender, produzir e resistir aos obstáculos existentes e vindouros no âmbito do trabalho.

Diante do exposto, esse trabalho teve como objetivo geral compreender os níveis e as correlações de felicidade e bem-estar subjetivo de estudantes dos períodos finais do ensino superior.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 99 universitários, sendo 72,7% do sexo feminino e 27,3% do sexo masculino. As idades variaram entre 20 a 45 (M= 24,24; DP= 4,495). Dos resultados coletados, 46,5% eram do 8° período, 44,4% do 9° período e 9,1% do 10° período. Buscou-se saber o curso de cada participante, obteve-se um total de 31 cursos, dos quais os cursos que predominaram foram da área da saúde: Psicologia 15,2; Odontologia 7,1%; Educação Física 6,1%; Fisioterapia 5,1% e Enfermagem 5,1%. Os demais com maior frequência foram: Direito 9,1% e Arquitetura e Urbanismo 9,1%; Pedagogia 5,1% e Serviço Social 5,1%. Ademais, os outros cursos obtiveram porcentuais variando entre 1% a 3%.

Instrumentos

Foram utilizados três tipos de escalas psicométricas. Destaca-se o uso da Escala de felicidade subjetiva (EFS) – desenvolvida por Lyubomirsky e Lepper (1999) inclui quatro itens que vai de 1 (uma pessoa não muito feliz) a 7 (uma pessoa muito feliz). Na abordagem o autor baseou-se no perfil de cada participante para avaliar qual a perspectiva de cada um

sobre sua própria felicidade. Nas duas primeiras afirmações procura-se saber do participante como ele mensura o nível de felicidade quer seja absoluta ou relativa equiparando-se a outras pessoas. Os outros dois itens procuram verificar do participante sobe felicidade e infelicidade. As respostas que os participantes possibilitaram indicar uma variação de escala de um a sete.

Ademais, outro instrumento utilizado foi a Escala de satisfação com a vida composto por cinco itens, criada por Diener et tal. (1985) adequada para o contexto brasileiro por (Gouveia et al., 2009). Os participantes responderam as perguntas propostas de acordo com a escala do tipo *Likert*que varia de 1 = Discordo totalmente a 7= concordo totalmente. Essa escala tem como objetivo avaliar o que as pessoas pesam sobre a própria satisfação com a vida, de modo que elas próprias possam perceber o valor e a satisfação com suas vidas. De um possível escore total de 35 pontos, quanto mais próximo deste número, melhor a satisfação com a vida.

A Escala de afetos positivos e negativos (EAPN-10) foi originalmente desenvolvida por Diener e Emmons (1984). Os autores desta escala realizaram estudos com procedimentos *Daily Day* (dia a dia) onde os participantes poderam expor a frequência dos sentimentos vividos todos os dias, semanas e/ou meses. Posteriormente, Reis et al. (2000),realizaram uma adaptação adicionando aos itens referentes aos afetos positivo**s** o "otimista" (i.e., somado aos itens de afetos positivos: feliz, alegre, satisfeito, divertido e os adjetivos deprimido, preocupado, frustrado, raivoso e infeliz, para os afetos negativos) e Gouveia et al., (2019), validaram a versão brasileira do instrumento. Os itens serão respondidos em uma escala de sete pontos, com os extremos 1 = Nada a 7 = Extremamente.

Procedimentos

Foi realizada a partir de um questionário online (i.e., realizado integralmente de maneira remota) construído pela ferramenta do *Google Forms*. O questionário teve secções referentes a perguntas sociodemográficas e as demais consistiam nas três escalas aplicadas. A coleta de

dados ocorreu através do link fornecido pela ferramenta descrita acima e que foi compartilhado com a população-alvo, especificadamente, os estudantes universitários. Nesse link, os participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Análise de dados

A etapa da análise de dados foi utilizado o programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences; versão 21), onde foram realizadas análises de estatística descritiva buscando caracterizar a amostra (e.g., média, desvio padrão e frequência), assim como aquelas de natureza inferencial (e.g., análises de correlação de Pearson), possibilitando analisar a os níveis de felicidade e bem–estar subjetivo através das escalas.

Resultados

Foi efetuado o teste de correlação de variáveis a partir do coeficiente de correlação de Pearson. Primeiramente, constatou-se uma correlação negativa forte e significativa (r = -0,73; p< 0,01) entre o índice de afetos positivos e afetos negativos. Esse resultado indica que maiores valores no índice afetos positivos menores nos afetos negativos.

Ao realizar o teste de correlação de variáveis a partir do coeficiente de correlação depois um das variáveis não eram paramétricas, constatou-se uma correlação positiva, forte e significante (r = 0,73; p< 0,01)entre o índice de afetos positivos e satisfação com a vida. Esse resultado indica que maiores valores no índice dos afetos positivos proporcionalmente serão os valores de satisfação com a vida.

Ao desenvolver o teste de correlação de variáveis a partir do coeficiente de correlação de Pearson, constatou-se uma correlação positiva, moderada e significativa
(r = 0,64; p< 0,01) entre o índice de afetos positivos e felicidade. Sendo assim, o resultado sinaliza que maiores valores no índice de afetos positivos e implicará em também elevador índice de felicidade subjetividade.

Ao correlacionar afetos negativos com satisfação com a vida obteve-se um resultado negativa moderada e significativa (r = - 0,55; p < 0,01). Isso indica que os valores são inversamente proporcionais, ou seja, quando os afetos negativos estão baixos a satisfação com a vida está alta.

Através do teste de correlação de variáveis (Pearson), foi visto que a interação entre índice dos afetos negativos e a felicidade subjetiva se configura como negativa moderada e significativa (r = - 0,57; p < 0,01). Pode-se inferir destes dados que quando os valores no índice afetos negativos são altos os índices da felicidade subjetiva estarão baixos.

Por fim, o teste de correlação de variáveis (Pearson), demonstrou que a correlação entre o índice de satisfação com vida e felicidade subjetiva são positivos moderados e significativos (r = 0,67; p< 0,01). Essa informação ilustra que maiores valores no índice satisfação com a vida também são maiores com a felicidade subjetiva.

Discussão

No contexto acadêmico ensina-se muito além dos conteúdos e busca-se estimular a sociabilidade, e a cada período aproximar o aluno à prática assim como apresentar as nuances da profissão pelo qual ele está em formação. Desse modo, estudar a relação e os níveis de felicidade e bem-estar subjetivo em estudantes concluintes que foi o alvo deste estudo.

No que se refere á correlação entre afetos positivos e negativos através da percepção dos participantes de pesquisa essa dualidade de afetos é vista como uma relação forte que coexiste de modo mútuo e diferencial. De acordo, com Diener (1984), os afetos positivos não são contrários aos afetos negativos, todavia é preciso que os afetos positivos sejam vivenciados com mais intensidade, pois, sabe-se que todos os indivíduos passarão por ambos os afetos.

Em um segundo momento pode-se inferir que a presença dos afetos positivos atua de forma direta a elevação da satisfação com vida e a felicidade, isso demonstra que associar as

emoções boas e aspectos prazerosos constroem as vivências cotidianas. Em consonância que tal raciocínio Camalionte & Boccalandro, (2017) elucidam que eventos de vida favoráveis antecipa de modo razoável uma elevação no bem-estar subjetivo e os adversos podem acarretar na diminuição no bem-estar subjetivo assim como pode-se observar nos resultados da pesquisa em questão.

Ademais, é válido refletir como se processa a influência dos afetos negativos em uma perspectiva abrangente, pois nos estudantes universitários pesquisados a presença de aspectos negativos poderá agir de modo a minimizar a satisfação com a vida e a felicidade subjetiva, isso é corroborado com Sheldon e King (2001) que salientam os acontecimentos negativos com uma forte ênfase no possível impacto potencial no bem-estar isso pode ser materializado nos eventos estressores e desafiadores do cotidiano levando de modo particular de cada indivíduo interpretações relativa ao seu contexto e singularidade.

Posteriormente, destaca-se a partir da ótica dos respondentes a correlação positiva altamente significativa entre a satisfação com a vida e a felicidade subjetiva, essa informação é ratificada por Campbell et al. (1976) pelo qual a satisfação e a felicidade se originam do agrupamento de momentos específicos que no caso do público-alvo deste artigo são as metas a serem cumpridas no decorrer da graduação que não deixam de ser experiências felizes do decorrer de todo percurso.

Desse modo, o debate torna-se coeso à medida que a felicidade a longo prazo e o bem-estar atua em parceria. Assim, trazendo para a vivência acadêmica a satisfação e a felicidade está presentes na esperança de realizar durante alguns anos uma formação eficiente. Além disso, Graziano, (2005) sinaliza que a satisfação com a vida pode ser considerada um dos principais indicadores do bem-estar, pois seu papel na atuação cognitiva se soma agindo de forma positiva para o funcionamento do corpo e mente.

Diante da vasta pluralidade que é as temáticas de felicidade e bem-estar subjetivo, foi válido analisar e demonstrar as correlações das variáveis que compõem esses dois fenômenos essenciais para o bem viver cotidiano. Pode-se considerar ferramentas que são usadas nos consertos de problemas que surgem na rotina dos âmbitos acadêmicos, e podem ser externados vivências laborais e familiares.

Considerações finais

Os resultados apresentados, apesar de convergirem com a literatura, ainda não abrangem a magnitude dos fenômenos estudados bem como ressalta-se como fatores limitantes o processo de amostragem que se caracterizou como não probabilístico, com amostra não representativa, isto é, de conveniência, portanto não é possível generalizar os resultados tendo em vista à magnitude da população alvo. Outrossim, por tratar-se de estudo de delineamento correlacional, não é possível estabelecer relações de causa e efeito entre as variáveis estudadas.

Com base nesse raciocínio é necessário mais estudos que discutam e produzam conhecimento sobre as relações entre os níveis de felicidade subjetiva e bem-estar subjetivo para subsidiar estratégias que fomentem reflexões as instituições universitárias no que tange a organização curricular e pedagógica para promover um ensinar e uma formação mais coesa, diversa e leve para seus discentes, e os próprios também perceberem o potencial do pensamento positivo, domínio e equilíbrio de ações e sentimentos que causam desconfortos, medos e atrapalhem sua construção enquanto aluno e futuro profissional.

Referências

Campbell, A., Converge, P. E. & Rodgers, W. L. (1976). *The quality of American life* New York: Russell Stage Foundation.

Camalionte, L. G. & Boccalandro, M. P. R. (2017). Felicidade e bem-estar na visão da psicologia positiva. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, *37*(93), 206-227.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415711X2017000200004&lng=pt&tlng=pt.

Diener, E., & Emmons, R.A (1984).A independência de afeto positivo e negativo. *Journal of Personality and Social Psychology*, *47*(5),1105- 1117. https://doi.org/10.1037/0022-3514.47.5.1105

Diener, E. D., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of personality assessment*, *49*(1), 71-75. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13

Diener, E., Scollon, C. N. & Lucas, R. E. (2003). The involving concept of subjective well being: The multifaceted nature of happiness. *Advances in Cell Aging and Gerontology, 15,* 187-219. http://dx.doi.org/10.1016/S1566-3124(03)15007-9

Dela Coleta, J. A., & Dela Coleta, M. F. (2006). Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. *Psicologia em estudo*, *11*(3), 533-539. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000300009

Freire, P. (2004). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.* 30 ed. São Paulo: Paz e terra.

Graziano, L. D. (2005). *A felicidade revisitada: Um estudo sobre bem-estar subjetivo na visão da Psicologia Positiva* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo). https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-23052006-164724/publico/doutoradoIntegral.pdf

Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R., & Coelho, J. A. P. D. M. (2009).Teoria funcionalista dos valores humanos: aplicações para organizações. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, *10*(3), 34-59. https://doi.org/10.1590/S1678-69712009000300004

Gouveia, V. V., Ribeiro, M. G. C., Loureto, G. D. L., Silva Neta, O. F. D., Gouveia, R. S., Vilar, R., & Freire, S. E. D. A. (2019). Scale of Positive and Negative Affects (EAPN-10): Evidence of its psychometric adequacy. *Trends in Psychology*, *27*(1), 189-203. https://dx.doi.org/10.9788/TP2019.1-14

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), (2018). *Resumo técnico : Censo da Educação Superior 2015*. Brasília, 19 -20.

Keyes, C. L. M., Shmotkin, D. & Ryff, C. D. (2002).Optimizing well being: The empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology*, *82(*6), 1007-1022. http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.82.6.1007

Lyubomirsky, S., & Lepper, H. S. A. (1999). Measure of subjective happiness: preliminary reliability and construct validation. *Social Indicators Research*, *46* (2), 137-155. http://dx.doi.org/10.1023/A:1006824100041

Reis, H., Sheldon, K., Gable, S., Roscoe, J., & Ryan, R. (2000). Daily well-being: The role of autonomy, competence, and relatedness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 419–435. http://dx.doi.org/10.1177/0146167200266002

Seligman, M., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction *American psychologist*, *55*(1), 5-14. https://doi.org/10.1037//0003-066x.55.1.5

Sheldon, K.M., & King, L. (2001). Why positive psychology is necessary. *The American psychologist*, *56* (3), 216-217. http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.56.3.216

Watson, D., Clark, E. & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*(6), 1063-1070. https://doi.org/10.1037//0022-3514.54.6.1063

ISOLAMENTO SOCIAL E SAÚDE MENTAL: ANALISANDO A PERCEPÇÃO DE ADULTOS JOVENS NO NORDESTE BRASILEIRO

Jefferson Caetano Araújo (UNIFIP)
Ana Clara Silva Fernandes (UNIFIP)
Marcionila Costa dos Santos (UNIFIP)
Alessandro Teixeira Rezende (FIS)
Profa. Ma. Thereza Christina Garcia Bezerra (UNIFIP)

Resumo. Este estudo tem como objetivo, verificar quais foram os principais fatores que contribuíram para o aumento da ansiedade durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia do COVID – 19, nesse estudo contou com a participação de 77 pessoas que residem no nordeste brasileiro, com os critérios de inclusão restaram 68 participantes com idades entre 18 e 32 anos (M = 22,5) sendo 55,8% do sexo feminino e 44,2 do sexo masculino, eles responderam a três questões abertas assim com as questões sócio demográficas, feitas no Google forms e divulgadas na internet. Os resultados obtidos nesta pesquisa mostraram que a brusca mudança de rotina, bem como a disseminação de notícias falsas afetaram de forma direta a saúde mental das pessoas, como também o medo do vírus até então desconhecido e o temor por algum ente querido contribuíram para o aumento nos níveis de ansiedade. Dessa forma para amenizar os efeitos causados pela pandemia na saúde mental da população faz-se necessário a facilitação do acesso a terapia, bem como palestras e lives informativas com o intuito de instruir e amenizar os efeitos colaterais que a pandemia causou.

Palavras-chave: Ansiedade, Isolamento Social, Pandemia.

Sabe-se que as pandemias impactam diretamente o mundo todo, seja na economia, estilo de vida ou no dia a dia. Vale ressaltar a definição de pandemia que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) só pode ser considerada como tal quando o vírus em si atinge níveis mundiais, ou seja, não atingindo apenas uma região, mas, o mundo. O ano de 2020 foi anunciado com a descoberta de um novo vírus, que viria à causar a morte de milhões de pessoas ao redor do mundo, na província de Wuhan na China. O vírus SARS – COV2 causa a COVID – 19, uma doença que a princípio parece uma inofensiva gripe, que pode se agravar a um quadro de morte se não for bem tratado. A forma de contágio é bem rápida o que fez com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretasse estado de pandemia e os governos

implementaram as medidas de isolamento social, que por mais que seja uma medida protetiva não fez bem à saúde mental de muitos indivíduos, como nos mostra a pesquisa feita pelos estagiários da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) sob a supervisão da professora Tereza Caram publicada no web site "Estado de Minas" [1] (recuperado em 22, de abril, de 2020) que os números de depressão dobraram durante a quarentena e os níveis de ansiedade e estresse tiveram um aumento de cerca de 80%. O esgotamento mental causado pelo medo da contração do vírus, o fechamento de todos os ambientes públicos e sociais, isolamento social e as novas medidas de Prevenção deixou 52% dos brasileiros em um quadro leve de estresse que mais tarde poderia a vir se agravar, vale lembrar que outros fatores como a alimentação desregrada, sedentarismo e a presença de idosos no ambiente doméstico agravam os sintomas da ansiedade.

À vista disso a ansiedade e a saúde mental, assuntos que estavam ganhando destaque e crescimento no mundo eclodiu durante a pandemia, a preocupação intensa e excessiva seja por medo da contração do vírus ou pela repentina mudança em seu cotidiano fizeram com que as pessoas apresentassem comportamentos diferentes do normal, por exemplo a evolução da ansiedade normal para a TAG (Transtorno de ansiedade generalizada), como também foi observado aumentos dos índices de depressão e estresse (Miranda, et al., 2020).

Ornell, Schuch, Sordi e Kessler (2020) dizem que "durante as epidemias, o número de pessoas cuja saúde mental é afetada tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela doença", pois devido às questões de proteção como isolamento, não são realmente contabilizados ou de fato pesquisados sobre como está a saúde mental durante a pandemia. Diante disso, a preocupação com a saúde mental da população aumenta no decorrer de uma difícil crise no âmbito social, como é o caso da pandemia da COVID – 19, que tem se

[1] https://www.em.com.br/app/noticia/bemviver/2020/05/13/interna_bem_viver,1146985/casos-de-estresse-ansiedade-e-depressao-disparam-em-meio-a-pandemia.shtmlmostrou

qualificado como um dos maiores problemas de saúde pública do Brasil e do mundo nas últimas décadas. O período do isolamento social o medo intensificou os níveis de estresse e ansiedade em pessoas saudáveis e aumenta gradativamente os sintomas daquelas que já possuíam os transtornos pré-existentes (Pereira et al., 2020).

De acordo com Pereira et al., (2020), os pacientes com diagnóstico fechado ou com suspeita de COVID-19, apresentam sentimento de medo, culpa, melancolia, raiva, solidão, insônia, assim como, emoções intensas, expressas por reações comportamentais. Neste sentido, os estados supracitados podem evoluir para quadros de ataques de pânico, transtornos (estresse pós-traumático, depressão), sintomas psicóticos e suicídio. Predominante em pacientes com ideação suicida, no qual esses fatores tendem a ser mais prevalentes e intensos.

Além disso o cenário atual veio com uma grande disseminação de notícias falsas, a preocupação com a falta de mantimentos, a simples ideia de que as escolas pudessem continuar fechadas e a preocupação com o ensino e a aprendizagem dos alunos contribui ativamente para o esgotamento mental, as “Fake News” muitas vezes podem agravar os níveis de estresse e ansiedade (Schmidt et al., 2020).

Rolin et al., (2020), também explicam que muitas pessoas não conseguem adaptar sua vida à essa nova rotina, e que o medo e as preocupações constantes geram consequências na saúde mental dos indivíduos. Deste modo esse projeto justifica-se por apresentar e explicar alguns dos pontos principais que contribuíram para o desgaste da saúde mental da população jovem – adulta no nordeste brasileiro.

Diante do contexto citado acima foi esquematizado o presente estudo, que tem como objetivo conhecer e apresentar os efeitos da quarentena nos níveis de ansiedade dos indivíduos e o quanto isso afetou sua saúde mental, sua rotina e seus planos, a partir de avaliações feitas

com um questionário que contém perguntas abertas para saber de que forma o isolamento social afetou a vida das pessoas durante a pandemia.

Método

Participantes

Contou-se com a participação de 77 sujeitos do nordeste brasileiro. Os critérios de inclusão foram ser maior de idade, ter acesso a internet e fazer parte da população do nordeste brasileiro. Foram consideradas as respostas 68 participantes com idades entre 18 e 32 anos (M = 22,5) sendo 55,8% do sexo feminino e 44,2 do sexo masculino

Instrumentos

Utilizou-se um questionário elaborado pelos pesquisadores que, além de itens sociodemográficos (idade, sexo, estado civil, turno de estudo) com questões abertas sobre o tema feita pelo Google formulários e divulgada nas redes sociais dos mesmos. Foram utilizadas perguntas como: "Quais foram as principais mudanças em sua vida com o isolamento social em 2020/ O que o período do isolamento social em 2020 significou para você?/ Quais as principais emoções que você sentiu com a situação da pandemia em sua vida?."

Procedimento

Os dados foram coletados a partir de um questionário online, de perguntas abertas, e desenvolvido na plataforma do *Google forms*. O questionário foi compartilhado em redes sociais durante o período de uma semana e a participação englobava indivíduos com idades entre 18 e 32 anos. Assim, a amostra foi coletada de forma não probabilística e aleatória. Logo no início do questionário *on-line*, foi exibido um texto contemplando os aspectos éticos da pesquisa, segundo o disposto na resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo caráter anônimo e confidencial de todas as informações coletadas, bem como a total liberdade do participante em abandonar o estudo a qualquer momento sem haver prejuízos e uma pergunta

dicotômica como forma de consenso em colaborar com a pesquisa desde que tivesse 18 anos ou mais e tivesse se sentido afetado durante a pandemia do COVID - 19.

Análise de dados

Os dados foram analisados por meio do software de analises de textos IRAMUTEQ (*Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*; Ratinaud, 2009), que é um programa gratuito disponibilizado no site (www.iramuteq.org), ancorada no ambiente estatístico *R* (www.r-project.org). Dentre as análises textuais estão as análises de Nuvem de palavras e a análise de Similitude, realizadas no presente estudo.

Resultados e Discussão

Para verificar as palavras usadas com mais frequência no corpus textual foi utilizada a análise de "nuvem de palavras" (Figura 1), na qual as palavras que tiveram destaque foram: "mudança", "ansiedade", "medo", "família", "rotina" e "*vida*". Deste modo pode-se entender que a mudança de rotina, a desinformação a respeito do vírus e a disseminação de notícias falsas a respeito do mesmo, causaram medo e apreensão nas pessoas. Outro fator que contribuiu para a elevação dos índices de ansiedade na população foi a instabilidade financeira, acompanhada de desemprego e aumento da inflação e impostos em todo o país, além disso o medo de contrair o vírus ou algum familiar contrai-lo fez com que as pessoas ficassem aflitas, mantendo distância de muitas pessoas importantes que antes faziam parte do seu cotidiano, como seus familiares, amigos e colegas de trabalho.

Figura 1. Análise de Nuvem de Palavras

Dessa forma, o presente estudo mostrou que a sociedade sofreu vários impactos durante o período da quarentena. Dentre eles pode-se citara vulnerabilidade da população, e o fato de a população ter dificuldade ou não ter se adaptado de forma nenhuma a esse novo estilo de vida como destaca Rolim et. al. (2020) de uma rotina acelerada muda-se para uma paralização mundial, onde o mundo se isola dentro de suas casas com seus familiares.

O fechamento de clínicas e setores privados, comércio e demais estabelecimentos restringiram o direito de ir e vi dos cidadãos surgindo assim impactos na saúde física, mental, neurológica e psicológica da população (Rolim et. al., 2020). A paralisação destes setores já mencionados impacta diretamente na economia do país na qual muitos comércios de pequeno porte fecharam suas portas e até mesmo grandes empresas que tiveram que demitir uma porcentagem de funcionários aumentando assim os índices de desemprego no país fazendo com que muitas pessoas ficassem apreensivas a respeito do sustento de sua família contribuindo para o aumento dos níveis de estresse.

De acordo com Lima (2020), “o receio de passar fome se a epidemia levar à redução da renda e perda de emprego é marca distintiva, deixando à mostra a interconexão entre dimensão individual e social do sofrimento. Na análise de similitude (Figura 2), observa-se que há quatro palavras que mais se destacam: “ansiedade”, “medo”, “tristeza” e “angústia” nas respostas dos sujeitos, que trazem ramificações entre outras palavras como: “sentimento”, “preocupação”, “solidão” e “estresse”, e no extremo das ramificações, contempla-se a relação entre “pânico”, “choro”, “saudade” e “enfrentar”. Nessa questão, há um questionamento superior em relação de como as pessoas estão se comportando e os sentimentos que as afligem em relação a pandemia, tendo em vista que alguns sujeitos adquiriram medo e ansiedade em relação à coronavírus (covid-19).

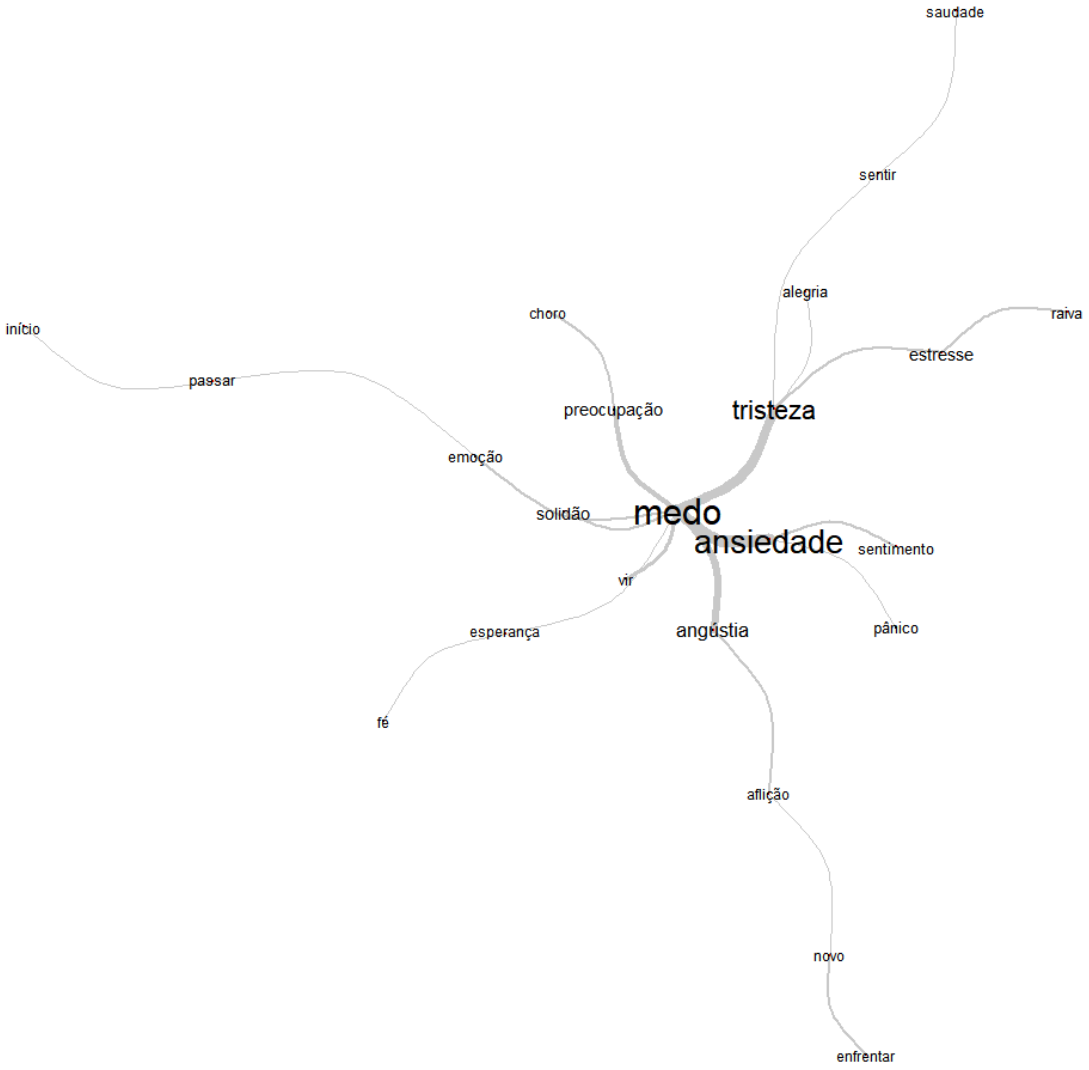

Figura 2. Análise de Similitude

Ademais, o excesso de informações também é um fator desencadeante da ansiedade, pois os meios de comunicação como jornais que distribuem informações verídicas com as "fake News" têm deixado a população confusa contribuindo assim para o agravamento do quadro de ansiedade na população, (Rolim et. al. 2020). Além disso, por entender que o ser humano é um ser psicossocial, ou seja, as relações interpessoais contribuem para o desenvolvimento dos indivíduos, pode-se cogitar que o período do isolamento social afeta diretamente esse

desenvolvimento psicossocial, uma vez que a pandemia atualmente vivenciada revelou a fragilidade psicoemocional da sociedade pós-moderna (Rolim, 2020).

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi compreender como o isolamento social afetou na ansiedade dos indivíduos durante do período de quarenta na pandemia do COVID – 19. Obtendo assim resultados que mostraram que o afastamento de toda uma população junto com o medo do desconhecido bem como as incertezas de uma possível crise econômica podem ser fatores que contribuíram de formas ativa para eclodir sintomas de estresse e ansiedade nas pessoas.

Mas existe algumas limitações, visto que o presente estudo foi feito de forma não-probabilística de conveniência dessa forma não sendo possível generalizar os resultados para o espectro populacional considerado. Bem como, a definição de idades especificas para responder o questionário e está em uma determinada região do país, assim como o estudo ter sido destino à pessoas que tem acesso à internet e que são alfabetizadas.

Por fim, sugere-se que outros estudos sejam feitos com populações maiores, com o uso de instrumentos mais variáveis e até mesmo com as escalas psicométricas adaptas a situação, bem como estudos longitudinais desta amostra afim de avalias os impactos psicoemocionais da amostra e como isso pode afetar seu cotidiano, assim como a relação dos hábitos alimentares podem ter afetado a saúde mental das pessoas neste período.

Referências

Ferreira, N. (2020) *"Depressão e ansiedade devem aumentar na quarentena; veja onde buscar ajuda.*" Retrived from https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/05/08/depressao-e-ansiedade-devem-aumentar-na-quarentena-veja-onde-buscar-

ajuda.htm#:~:text=A%20incid%C3%AAncia%20inicial%20de%20depress%C3%A3o,ao%20desenvolvimento%20desses%20transtornos%20psiqui%C3%A1tricos

Lima, R. C. (2020). Distanciamento e isolamento sociais pela COVID-19 no Brasil: Impactos na saúde mental. *Revista de Saúde Coletiva*: *30*(2). doi: https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300214

Orneell, F., Schuch, J. B., Sordi A. O., Kessler, F. H. P. (2020). "Pandemic Fear" and COVID – 19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, *42*, 232-235. doi: 10.1590/1516-4446-2020-0008

Rolim, J. A., Oliveira, A. R & Batista, E. C. (2020). Manejo da Ansiedade no Enfrentamento da COVID – 19. *Enfermagem e Saúde Coletiva*, *4*(2) 64-74. Retrived from https://www.researchgate.net/publication/343678426_Manejo_da_Ansiedade_no_Enfrentamento_da_Covid-19_Managing_Anxiety_in_Coping_with_Covid-19

Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (campinas)*, *37*.

O IMPACTO DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS NA BOA PERFORMANCE LABORAL

Ana Maria Lopes dos Santos (UNIFIP)
Profa. Ma. Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves (UNIFIP)

Resumo. O trabalho possibilita ao ser humano trazer à existência produtos que de outra forma não poderiam vir a ser, além de possibilitar, através da aplicação das competências de cada indivíduo, que o meio seja modificado e soluções sejam apresentadas para as diferentes demandas sociais, sejam elas alimentares, de vestuário, habitação ou entretenimento. Para que a atividade laboral apresente excelência é necessário, porém, considerar quais competências técnicas e socioemocionais estão atreladas à boa performance laboral. Assim, esse trabalho objetivou, a partir de uma revisão de literatura narrativa, investigar a relação entre as habilidades socioemocionais e a boa performance laboral em diferentes profissões. Foram analisados doze artigos científicos, tendo sido a busca realizada pelo Google Acadêmico com os seguintes termos buscadores: performance, habilidades socioemocionais, soft skills e produtividade. Ficou evidente que, independente do ramo profissional, o desempenho no trabalho tem melhor desenvoltura quando o sujeito apresenta competências como abertura ao novo, autogestão, resiliência emocional, engajamento com os outros e amabilidade melhor desenvolvidas, pois são essas competências que promovem, no sujeito, maior compromisso com o trabalho, auto aperfeiçoamento, capacidade de resolução de problemas, gestão de conflitos e de situações estressoras, e comunicação assertiva.

Palavras-chave: habilidades socioemocionais, performance laboral, trabalho.

Para Demo (2006), trabalho diz respeito a toda atividade humana que gera algum valor, seja ele material ou imaterial. Segundo esse autor, o trabalho revela a qualidade do ser humano de produzir coisas e de fazer-se sujeito, desse modo, é por meio da atividade laboral que o homem é capaz de produzir a partir da aplicação das habilidades adquiridas ao longo da vida. É pelo trabalho que o indivíduo pode modificar o meio em que vive, promovendo melhorias nas diversas áreas profissionais, e também é por causa dele que necessidades humanas são supridas, prédios são construídos, conhecimentos são passados, e vidas são poupadas e ressignificadas.

Essa força, porém, que é capaz de trazer à existência o surpreendente, o necessário e o urgente, pode ser limitada pelo mal desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos indivíduos. Segundo Deepa e Seth (2013), a produtividade no trabalho está atrelada com o desenvolvimento satisfatório das soft skills, de modo que o conhecimento técnico se revela insuficiente para a boa performance profissional. Nesse cenário, competências como abertura ao novo, resiliência emocional, autogestão, amabilidade e engajamento com outros são consideradas obrigatórias para eficácia e excelência laboral. Para Almeida, Casquilho-Martins, Rocha e Rocha (2019), é por meio do desenvolvimento das habilidades emocionais que o sujeito se torna capaz de ajustar-se às demandas e adversidades do meio, possibilitando o êxito na vida adulta.

Diante disso, a boa performance profissional é consequência imediata do quanto as soft skills foram aperfeiçoadas no trabalhador, seja ele atuante na saúde, educação, gestão ou tecnologia. É, pois, a partir dessas competências que o indivíduo se posiciona de forma eficaz como agente de mudança na sociedade, trazendo as resoluções esperadas e necessárias em cada contexto e setor de trabalho. Conforme Clot (2006), o trabalho desafia o sujeito a cumprir com compromissos práticos em relação ao outro, assim como a administrar as demandas do mundo. Dessa forma, é por meio do trabalho que o homem se posiciona como gestor das necessidades humanas, correspondendo-as por meio da aplicação das habilidades e potencialidades do indivíduo.

Este trabalho objetivou compreender, por meio da revisão narrativa da literatura, a correlação entre as competências socioemocionais e a boa performance no ambiente de trabalho e, dessa forma, como a produtividade laboral é impactada pela presença ou ausência das soft skills necessárias nas diferentes profissões.

Método

Trata-se de um estudo de caráter exploratório, em que se realizou uma revisão de literatura narrativa, adotando, como fontes de consulta, artigos científicos em formato eletrônico de modo que o problema de pesquisa fosse melhor elucidado a partir das conclusões de obras já produzidas na literatura. Foram revisados doze artigos científicos, os quais foram buscados no Google Acadêmico com os termos buscadores: habilidades socioemocionais, boa performance, soft skills e produtividade. As obras selecionadas para revisão foram aquelas que traziam correlações entre o desenvolvimento das soft skills e o melhor desempenho laboral nos diversos âmbitos de trabalho.

Conforme Severino (2014), a pesquisa bibliográfica ocorre por meio do acesso a obras já produzidas, respaldadas por pesquisas anteriores. Desse modo, os textos e os dados trazidos por outros pesquisadores tornam-se a base da nova pesquisa, tendo em vista que o pesquisador desenvolve o seu trabalho a partir da análise do que foi elaborado por outros autores em relação a temática.

A revisão do tipo narrativa consiste em um estudo de caráter qualitativo. Essa abordagem é definida, por Rodrigues e Limena (2006), como aquela cujo problema não é analisado a partir de procedimentos estatísticos, diante disso prioriza investigar e analisar problemas de cunho psicológico e/ou comportamental, por exemplo. Por meio dessa abordagem é possível, ao pesquisador, descrever determinada hipótese, analisar a correlação entre variáveis, assim como, interpretar dados, fatos e teorias.

Resultados e discussão

Evidenciou-se, a partir da pesquisa bibliográfica realizada, que a presença das habilidades socioemocionais nos indivíduos impactam positivamente o desempenho laboral nas diversas profissões. No contexto dos profissionais de enfermagem, por exemplo, verificou-se a

necessidade de competências emocionais e sociais para que houvesse uma efetiva atuação desse profissional do gerenciamento do cuidado. Para Lourenção et al. (2010), habilidades como capacidade decisória, comunicação, liderança, administração, gestão e educação contínua são primordiais para reproduzir, nos pacientes, a gestão do cuidado. Segundo Ruthes e Cunha (2009), a permanência do enfermeiro em seu cargo depende do seu constante aperfeiçoamento, tendo em vista a necessidade do desenvolvimento de suas competências para prática da assistência e gestão. Essa capacidade de se comprometer com o auto aperfeiçoamento está associada à habilidade socioemocional abertura ao novo, a qual, de acordo com Chamorro-Premuzic e Furnham (2004), "relaciona-se ao maior engajamento para promover oportunidades de aprendizado e desenvolvimento de competências cognitivas". Diante disso, o não desenvolvimento dessa soft skill pode comprometer o profissional de enfermagem na produção de um trabalho com excelência e eficácia, o que pode levar ao aumento do turnover.

Além disso, se o profissional não demonstra resiliência diante de situações estressoras, não é capaz de resolver problemas não previstos ou não tem autogestão para administrar suas atribuições, o bom desempenho do seu trabalho também estará comprometido, não pela falta de competência técnica, mas por causa da ausência de comportamentos e atitudes que favorecem a boa performance. Todas essas qualidades são proporcionadas, segundo Payton et al. (2008) e pesquisadores do CASEL, pelo quanto as habilidades socioemocionais foram desenvolvidas pelo indivíduo.

Partindo de um olhar amplo sobre os serviços de saúde, considera-se que o objetivo de promoção, proteção e recuperação da saúde, previsto pelo Art. 5º da Lei 8.080 (1990), não pode ser cumprido com eficácia se os profissionais envolvidos não desenvolverem as habilidades socioemocionais esperadas para cada função, tendo em vista que a ausência dessas competências compromete o autoaperfeiçoamento, a resolução de conflitos, a resiliência diante

de obstáculos e o bom relacionamento interpessoal, trazendo prejuízos para promoção da empatia, da humanização e da comunicação eficaz. Segundo Vermeir et al (2015), por exemplo, a prática da comunicação ineficaz pelos profissionais de saúde pode trazer diversos danos como a desistência do atendimento pelo paciente, prejuízos econômicos, insatisfação dos indivíduos com os serviços de saúde, uso indevido das ferramentas e comprometimento da segurança dos pacientes.

Nesse cenário, também é possível analisar a influência e importância das habilidades socioemocionais para o bom desempenho dos professores na prática docente. Duarte (2021) propõe como modelo de bom professor aquele que se pauta nos princípios dos 3 E´s, Ética, Excelência e Engajamento (Gardner et al. 2010), acrescentando a essa ideia quatro habilidades socioemocionais, as quais seriam criatividade, resolução de problemas, pensamento crítico e trabalho em grupo. Nesse sentido, Duarte (2021) considera alguns elementos comportamentais que definiriam a boa performance docente, seriam elas disposição para excelência, projeto de vida alinhado com a carreira, criatividade para personalizar os métodos e técnicas pedagógicas ao contexto específico da sala de aula, resolutividade de problemas, responsabilidade, comunicação eficaz, gerir as expectativas sociais acerca do seu trabalho, auto aperfeiçoamento e sensibilidade para conhecer as necessidades dos alunos.

Para Alencar e Mitjans Martinez (1999), obstáculos de cunho pessoal (medo de fracassar ou de não satisfazer os outros) e social (como falta de tempo) representam os maiores causadores da não aplicação da criatividade na docência. A ausência dessa competência entre os professores pode propagar essa inabilidade também entre os alunos, nesse sentido não apenas o fazer profissional teria sua eficácia comprometida como também os discentes teriam o desenvolvimento dessa aptidão prejudicada. Dessa forma, o bom desenvolvimento das

habilidades socioemocionais entre os docentes são cruciais, não apenas para boa performance em sala de aula, mas também para propagação dessas competências entre os alunos.

Considerando essa temática pela perspectiva das organizações privadas é possível considerar que, segundo Andrews & Higson (2008), há um descompasso entre as demandas das empresas e as competências socioemocionais apresentadas pelos indivíduos. Para Monteiro (2020), as organizações buscam colaboradores que favoreçam o desenvolvimento de atributos como sustentabilidade e diferencial competitivo nos negócios.

Além disso, Bispo (2015) propõe uma lista de quinze competências comportamentais na área de atendimento bancário, com as seguintes qualidades: trabalho em equipe, capacidade de negociação, liderança, comunicação, criatividade e inovação, prudência, flexibilidade, otimismo, assertividade, ética, valorização da qualidade de vida, visão holística, compartilhamento de conhecimento, autodesenvolvimento e intuição. Dessa maneira, as organizações reconhecem as habilidades comportamentais e emocionais como ferramentas indispensáveis para o progresso empresarial. Em estudo desenvolvido por Swiatkiewicz (2014), foi verificado que as competências mais valorizadas pelas empresas em Portugal são as chamadas Soft Kills, as quais foram percebidas com 78,7% de importância, enquanto as Hard Kills tiveram um nível bem mais baixo de valorização, apenas 14,54%. Em vista disso, é cada vez mais crescente a compreensão, por parte das organizações, do impacto positivo provocado pelas competências socioemocionais no desempenho laboral dos profissionais.

Além disso, ao se abordar essas questões pela ótica do setor de TI, percebe-se que, segundo Petry (2019), os profissionais da área de tecnologia também necessitam desenvolver competências como empreendedorismo, criatividade, visão sistêmica, colaboração, ética e responsabilidade social. Ademais, em estudo realizado por esse autor em algumas das maiores empresas de TI, notou-se que os líderes dessas organizações apresentam um sentimento

preponderante de que existe uma discrepância entre a capacitação técnica dos profissionais de tecnologia e as competências necessárias ao mundo do trabalho. Desse modo, a ausência dessas aptidões socioemocionais podem comprometer a capacidade de inovação e dinâmica fundamentais para a área de tecnologia.

O impacto positivo dessas competências na vida laboral também pode ser confirmado pela intensidade com que doenças como depressão e ansiedade são incapacitantes para o trabalho, tendo em vista que muitos sintomas apresentados por esses transtornos representam comportamentos e atitudes opostas àqueles presentes nos sujeitos com habilidades socioemocionais desenvolvidas. Para Lemos, Matos e Aguiar (2021), em estudo realizado com pacientes com transtorno depressivo, traços como desmotivação, medo, tristeza profunda, indisposição, angustia, coração acelerado, dores no corpo, insônia, dificuldade em se concentrar, falta de iniciativa, sentimento de incapacidade e fuga do problema, conduzem o profissional à diminuição da produtividade, absenteísmo e até ao abandono do emprego. Nesse sentido, torna-se evidente o quanto questões de caráter emocional podem impactar o engajamento no trabalho, seja de forma positiva ou negativa.

Considerações finais

No decorrer desse estudo, percebeu-se que o bom desempenho profissional está obrigatoriamente vinculado às competências socioemocionais construídas pelo sujeito ao longo da vida, evidenciando que as habilidades técnicas não são suficientes para boa performance laboral. Considera-se, pois, que quanto mais desenvolvidas estiverem a capacidade de resiliência, abertura ao novo e autogestão, por exemplo, mais eficaz se torna o profissional, em qualquer que seja sua área de atuação.

Esse estudo objetivou, apenas, examinar a relação entre produtividade e as soft skills apresentadas por profissionais de diferentes áreas, a qual mostrou-se positiva, tendo em vista

que o êxito profissional apresentado por profissionais de saúde, docentes e profissionais de organizações privadas sempre demonstraram, nessa revisão da literatura, vínculo com aptidões emocionais, comportamentais e de boa relação interpessoal. Essa investigação, porém, seria melhor esclarecida pela apresentação de provas de natureza qualitativa, as quais poderiam ser alcançadas por meio da aplicação do método experimental ou de instrumentos que permitam o teste de nivelamento socioemocional, o qual poderia ser medido pelo Big Five Inventory, por exemplo.

Assim, estudos posteriores nesse sentido poderiam trazer evidências mais claras a respeito dessa correlação entre as habilidades consideradas e o desempenho eficaz no trabalho. Estudos de natureza longitudinal também poderiam trazer importantes conclusões acerca da construção dessas competências ao longo da vida do indivíduo - considerando seu contexto familiar, escolar e social - e o efeito disso na vida profissional.

Referências

Alencar, E. M.L.S., Martinez, A. M. (1998). Barreiras à expressão da criatividade entre profissionais brasileiros, cubanos e portugueses. Psicol. Esc. Educ. (Impr.), 2 (1), 23-32. Doi: https://doi.org/10.1590/S1413-85571998000100003

Almeida, F., Casquilho-Martins, I., Rocha, H. B., & Rocha, A. (2019). Habilidades emocionais: Competências para o sucesso. Recuperado de: https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/habilidades-emocionais-competencias-para-o-sucesso/59624.

Andrews, J., & Higson, H. (2008). Graduate employability, "soft skills" versus "hard" business knowledge: A european study. Higher Education in Europe, 33(4), 411– 422. Doi: https://doi.org/10.1080/03797720802522627

Bispo, P. (2015). Competências comportamentais mais valorizadas pelas empresas [Blog]. Recuperado de: https://carreiras.empregos.com.br/seu-emprego/competencias-comportamentais-mais-valorizadas-pelas-empresas/.

Chamorro-Premuzic, T., & Furnham, A. (2004). A possible model for understanding the personality-intelligence interface. British Journal of Psychology, 95, 249-264. Doi: 10.1348/000712604773952458.

Clot, Yves (2006). A função psicológica do trabalho. Petrópolis: Vozes.

Deepa, S., & Seth, M. (2013). Do soft skills matter? - implications for educators based on recruiters' perspective. The IUP Journal of Soft Skills, 7 (1), 7-20.

Demo, P. (2006). Trabalho: Sentido da Vida!. Boletim Técnico Do Senac, 32(1), 4-17. Recuperado de https://www.bts.senac.br/bts/article/view/321

Duarte, P. M. (2021). As competências e habilidades socioemocionais necessárias aos professores do século XXI: Um estudo à luz da ética, da excelência e do engajamento (Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo). Recuperado de: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-28062021-123023/pt-br.php.

Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm.

Lourenção, D. C. D. A., & Benito, G. A. V. (2010). Competências gerenciais na formação do enfermeiro. Revista Brasileira de Enfermagem, 63, 91-97. Doi: https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000100015.

MONTEIRO, EMDS (2020). A influência das soft skills na atuação do gestor: estudo sobre a percepção dos profissionais na agência Calhau, do Banco do Nordeste, em São Luís/MA. Recuperado de: http://repositorio.undb.edu.br/handle/areas/174.

Payton, J., Weissberg, RP, Durlak, JA, Dymnicki, AB, Taylor, RD, Schellinger, KB, & Pachan, M. (2008). O impacto positivo da aprendizagem social e emocional para alunos do jardim de infância ao oitavo ano: resultados de três revisões científicas. Relatório técnico. Colaborativo para Aprendizagem Acadêmica, Social e Emocional (NJ1). Recuperado de: https://eric.ed.gov/?id=ED505370.

Petry, R. F. (2019). Competências socioemocionais na formação dos profissionais de tecnologia de informação (Dissertação de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo). Recuperado de: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/96/96132/tde-24102019-121004/en.php.

Rodrigues, M. L., & Limena, M. M. C. (2006). Metodologias multidimensionais em ciências humanas (Vol. 1). Brasília: Liber Livro.

Ruthes, R. M. & Cunha, I. C. K. O. (2009). Competências do enfermeiro na gestão do conhecimento e capital intelectual. Revista Brasileira de Enfermagem, 62(6), 901-905. Doi: https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000600016.

Severino, A. J. (2017). Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez editora.

Swiatkiewicz, O. (2014). Competências transversais, técnicas ou morais: um estudo exploratório sobre as competências dos trabalhadores que as organizações em Portugal mais valorizam. Cadernos EBAPE. BR, 12, 633-687. Doi: https://doi.org/10.1590/1679-395112337.

Vermeir, P., Vandijck, D., Degroote, S., Peleman, R., Verhaeghe, R., Mortier, E., ... & Vogelaers, D. (2015). Comunicação em saúde: uma revisão narrativa da literatura e recomendações práticas. Revista internacional de prática clínica. 69 (11), 1257-1267. Doi: https://doi.org/10.1111/ijcp.12686.

O PAPEL MEDIADOR DA SÍNDROME DO IMPOSTOR NA RELAÇÃO ENTRE NEUROTICISMO E IDEAÇÃO SUICIDA

Gustavo da Silva Rodrigues (UNIFIP)
Camilla Vieira de Figueiredo (UFPB)
Profa. Ma. Thereza Christina Garcia Bezerra (UNIFIP)

Resumo. O Fenômeno do Impostor ou Síndrome do Impostor (SI) diz respeito a a percepção inadequada dos indivíduos acerca das próprias conquistas e habilidades apesar de as evidências mostrarem o contrário. Assim, trata-se de uma variável que pode ocasionar sofrimento psíquico. A SI está associada a outras variavés psicossociais, dentre elas pode-se destacar o neuroticismo e a ideação suicida. O neuroticismo é um traço de personalidade caracterizado principalmente por instabilidade emocional, enquanto a ideação suicida diz respeito a ideias que os indivíduos possuem direcionadas a pôr fim à própria vida, apontando a presença de grave sofrimento psíquico. Considerando esse contexto, esquematizou-se o presente estudo, que teve como objetivo compreender o papel mediador da síndrome do impostor na relação entre neuroticismo e ideação suicida. Participaram 202 universitários (M_{Idade} = 22,67, *DP* = 5,04; 71,8% mulheres), que responderam a questões sociodemográficas, ao Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade, à Escala Clance do Fenômeno Impostor e à Escala Multiatitudinal de Tendência ao Suícidio. Os resultados apontaram que a relação entre neuroticismo e ideação suicida foi mediada pela Síndrome do Impostor (*b* = 0,07, 95% IC = 0,01-0,13). Conclui-se que a relação entre essas variáveis psicológicas constituem um processo importante capaz de favorecer a compreensão da ideação suicida.

Palavras-chave: Neuroticismo, Síndrome do Impostor, Ideação suicida.

Os comportamentos que estão relacionados a atos de teor suicida vêm sendo continuamente estudados e definidos por diversas vertentes teóricas, geralmente de cunho sociológico ou psicológico (Peixoto & Azenha, 2006). De fato, todos esses comportamentos possuem características emocionais semelhantes, além de compartilharem a mesma proposta de finalidade. Uma das condutas relacionadas aos comportamentos suicidários é o ato dos sujeitos de pensar e planejar formas e ações para dar-se um fim às suas próprias vidas (Borges & Werlang, 2006). Essa esquematização de pensamentos que possui como tema central o suicídio é denominada de ideação suicida.

Voltando-se para o público universitário, a ideação suicida está geralmente relacionada aos baixos níveis da saúde psíquica dos estudantes (Roberto, 2009). Um dos agentes relacionados a esse tipo de comportamento suicidário é o neuroticismo (Andreia,

2016), traço de personalidade que versa sobre o ajuste emocional dos indivíduos e a sua instabilidade (Nunes, 2000). Assim, sujeitos com altos níveis em neuroticismo são demasiadamente propensos a sofrimentos de caráter psicológico. A partir disso se tem um vislumbre de como a personalidade exerce influência sobre a conduta suicida. Os altos níveis de neuroticismo também estão associados a outros agentes que potencialmente debilitam a saúde mental, como um nível exacerbado de ansiedade, sinais e sintomas depressivos, hostilidade para com os demais, além do hábito regular de se fazer autocríticas (Nunes, 2000).

Esses componentes também podem ser observados dentro de outro tipo de perturbação psíquica, a síndrome do impostor (SI). A SI pode ser definida como a crença que determinados indivíduos possuem sobre sua competência e talentos, colocando o mérito das suas conquistas em fatores externos, como sorte e enganação (Clance, 1985). O fenômeno do impostor cria um sentimento de não merecimento, fazendo com que as pessoas afetadas por ele pensem que não são dignas do lugar que ocupam. No ambiente acadêmico, essa síndrome faz com que os estudantes acreditem que aconteceu algum equívoco no momento da sua aprovação e, portanto, não possuem direito àquele espaço de sucesso (Cozzarelli & Major, 1990; Kauati, 2013).

O neuroticismo e os comportamentos impostores caminham juntos, já que possuem uma relação positiva entre si e compartilham de agentes comportamentais semelhantes (Chae et al., 1995). Com a constatação da afinidade entre esses dois componentes, além do fato de o traço neurótico influenciar diretamente nas ideias suicidárias, é possível hipotetizar que esses construtos estão relacionados, constituindo-se um processo psicológico que pode influenciar diretamente a ideação suicida.

Considerando o contexto supracitado, esquematizou-se o presente estudo, que tem como objetivo analisar a relação entre neuroticismo, síndrome do impostor e ideação suicida. Com isso, foi realizada a testagem de um modelo de mediação em que o neuroticismo se constituiu como a variável independente, a síndrome do impostor como a variável mediadora e a ideação suicida como a variável dependente.

Objetiva-se Analisar a relação entre neuroticismo, síndrome do impostor e ideação suicida.

Método

Delineamento e Hipóteses

O presente estudo é de abordagem quantitativa, do tipo correlacional *ex post facto*. Buscou-se testar a hipótese de que a síndrome do impostor se constitui como um mediador da relação entre neuroticismo e ideação suicida.

Participantes

Participaram do estudo 202 estudantes universitários, sendo a maioria mulheres (71,8%), solteiras (73,8%) e de classe social média (52%). A média de idade foi de 22,67 anos (*DP* = 5,63), variando entre 18 e 58 anos.

Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico para caracterização da amostra (sexo, idade, classe-social), o Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (Big Five), a Escala Clance do Fenômeno Impostor (ECFI) e a Escala Multiatitudinal de Tendência ao Suicídio, descritas a seguir.

O Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade, popularizado como *Big Five*, trata-se de um instrumento bastante utilizado na literatura psicológica para avaliar cinco diferentes dimensões da personalidade. Os itens da escala são distribuídos em cinco fatores

(Abertura à experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo), de modo que cada um deles indica um traço da personalidade humana (Andrade, 2008). No presente estudo foi utilizada a versão reduzida e adaptada para o contexto brasileiro por Andrade (2008), a qual possui 20 itens. As respostas são fornecidas a partir de uma escala *Likert* de 5 pontos, de 1 (Não me descreve) a 5 (Me descreve totalmente).

A Escala Clance do Fenômeno Impostor é um instrumento desenvolvido originalmente na língua inglesa (Clance, 1985) e validado para o contexto nacional por Bezerra et al. (2021). A escala é unifatorial ($\alpha = 0,94$), sendo composta por 20 itens que são respondidos através de uma escala do tipo *likert* de 5 pontos, variando de 1 (Não me descreve) a 5 (Me descreve totalmente). Este instrumento mensura aspectos como medo de avaliação, medo de não ser capaz de repetir o sucesso e medo de ser menos capaz que outros.

A Escala Multiatitudinal de Tendência ao Suicídio foi desenvolvida originalmente por Orbach et al. (1991) e possui 30 itens que avaliam quatro dimensões: repulsão pela morte, repulsão pela vida, atração pela vida e atração pela morte. A versão utilizada nesta pesquisa é reduzida, contando com 20 itens, tendo sido essa versão adaptada para o contexto brasileiro por Aquino (2009). A escala de resposta possui cinco pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

Procedimentos e Aspectos Éticos

Primeiramente, o projeto de pesquisa foi submetido a um Comitê de Ética e Pesquisa. Após sua aprovação (Parecer nº 4.733.650; CAAE: 46515021.0.0000.5181) iniciou-se a coleta dos dados, que foi realizada de maneira *online*, por meio de formulário desenvolvido no *Google Forms*. Os participantes da pesquisa foram contatados através das redes sociais, com *link* de acesso ao questionário. Nesse questionário foram descritos os objetivos da pesquisa, os

procedimentos envolvidos, bem como ressaltou-se a importância do caráter voluntário e sigiloso dos dados, podendo estes serem utilizados posteriormente apenas para fins científicos.

Os respondentes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de efetuar a sua participação. Assim, os participantes da pesquisa autorizaram o uso das suas respostas para fins de pesquisa e foram informados de que poderiam desistir de sua participação a qualquer momento sem quaisquer ônus. É importante ressaltar que foram considerados todos os princípios éticos necessários à pesquisa envolvendo seres humanos, conforme proposto nas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde n. 466/2012 e n. 510/2016 (Brasil, 2012; 2016). Os participantes levaram em média 15 minutos para concluir sua participação no estudo.

Análises de Dados

Para a tabulação e análise dos dados foi utilizado o *Software* Estatístico para Ciências Sociais (*SPSS*, versão 25) com o intuito de obter estatísticas descritivas (média, desvio padrão, frequência). Para testar a hipótese de mediação foi utilizada a ferramenta PROCESS fornecida por Hayes (2013) para esse procedimento.

Resultados

Buscando investigar em que medida a síndrome do impostor medeia a relação entre neuroticismo e ideação suicida, foi conduzida uma análise de mediação simples a partir da aplicação do Modelo 4 no PROCESS (Hayes, 2013). Os resultados dessa mediação são apresentados em três passos (ver Figura 1). No primeiro passo (a), observou-se que o neuroticismo predisse positivamente a SI (b = 0,32, 95% IC = 0,21-0,44), de maneira que quanto maior for o nível de neuroticismo, maior será o nível de impostorismo. No segundo passo (b), também observou-se uma relação significativa entre SI e ideação suicida (b = 0,12, 95% IC =

0,05-0,19), o que indica que quanto maior o nível de SI, maior poderá ser o nível de ideação suicida.

Quanto ao efeito direto (c'), pode-se observar que o neuroticismo predisse positivamente a ideação suicida mesmo controlando-se o efeito de SI (*b* = 0,07, 95% IC = 0,01-0,13). O efeito total (c) também foi significativo, de maneira que o neuroticismo predisse positivamente a ideação suicida (*b* = 0,11, 95% IC = 0,05-0,17). De maneira mais importante, observou-se que o efeito indireto (efeito de mediação) foi significativo, indicando que a relação entre neuroticismo e ideação suicida foi mediada pela SI (*indirect effect* = 0,04, 95% IC = 0,01-0,07).

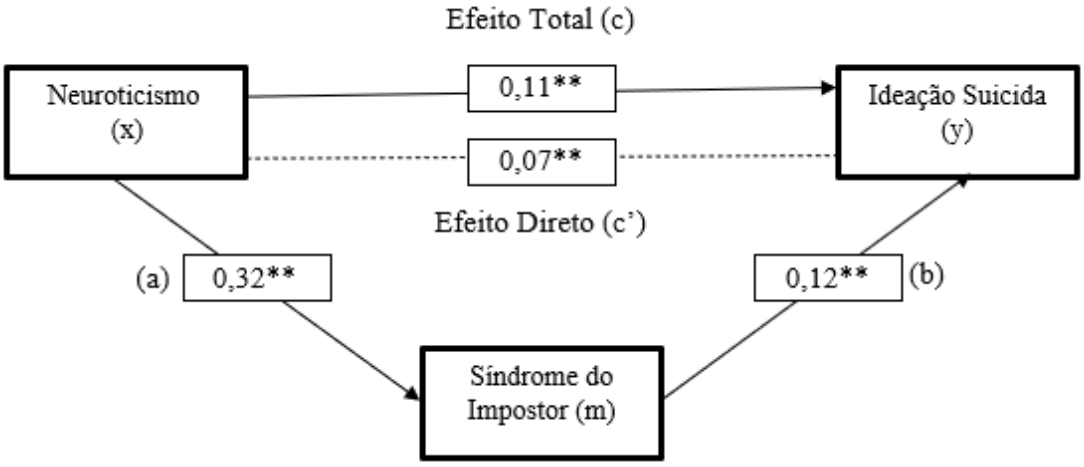

Figura 1. Efeito do neuroticismo na ideação suicida mediado pela síndrome do impostor.

Discussão

A partir dos resultados dessa pesquisa foi possível conhecer a relação entre neuroticismo, SI e ideação suicida. De fato, a influência deste traço de personalidade sobre os comportamentos impostores já havia sido constatada em pesquisas anteriores. O estudo de Almeida (2020), por exemplo, realizado com estudantes universitários, envolvia essas variáveis

e outras, como autoestima e desconforto psicológico, e demonstrou que o neuroticismo é um dos principais preditores de sentimentos impostores. Esse mesmo traço ainda se encontra presente no que tange aos comportamentos suicidários, relacionando-se de forma direta e positiva com a ideação suicida. Esses resultados são observados na pesquisa de Picanço (2016), que analisa o papel dos traços de personalidade como preditores da ideação. A partir desse estudo, identificou-se uma associação entre neuroticismo e condutas suicidas, sendo esses comportamentos também ligados ao perfeccionismo socialmente prescrito (Picanço, 2016).

A SI também possui relevância no que se diz a respeito à compreensão dos comportamentos suicidários, já que a SI também se caracteriza por condutas de caráter desadaptativo que podem se apresentar em indivíduos com histórico de ideação, como também de tentativas suicidas (Lester & Moderski, 1995). A partir do presente estudo, pode-se ampliar a compreensão do fenômeno da ideação suicida, de maneira que a SI constitui-se como um processo psicológico importante na compreensão da relação entre neuroticismo e ideação suicida.

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo compreender a relação entre neuroticismo, SI e ideação suicida. A análise dos resultados obtidos permitiu ampliar a compreensão sobre a influência do traço de neuroticismo em comportamentos suicidários, de maneira a trazer a evidência de que essa relação é mediada por comportamentos impostores. Assim, observou-se que as três variáveis predizem positivamente e significativa uma a outra e que a sua relação implica a existência de um processo psicológico mediado pelo fenômeno do impostor. Esse é certamente um aspecto diferencial deste trabalho, uma vez que desconhecemos outras evidências na literatura que apresentassem um modelo utilizando as três variáveis concomitantemente.

Apesar de suas importantes contribuições, é certo que esse estudo não está isento de limitações. A principal delas se constitui pela utilização do método correlacional, o qual inviabiliza inferir relações de causalidade entre as variáveis. Sugere-se, portanto, que estudos futuros ampliem a compreensão sobre essas variáveis e forneçam um novo teste para o modelo aqui apresentado a partir da utilização do método experimental. Considera-se também importante que novos modelos de mediação sejam testados incluindo variáveis moderadoras, como gênero, idade e contexto laboral. Há evidências, por exemplo, de que a SI e a ideação suicida são mais frequentes em mulheres do que em homens (por exemplo, Holmes et al., 1993; September et al., 2001), logo, o gênero pode ser uma variável moderadora importante para aprofundar a compreensão do processo psicológico apresentado em nossos resultados.

Referências

Almeida, A. C. D. (2020). *Sou uma fraude?: explicando a síndrome do impostor*. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.

Andrade, J. M. (2008). *Evidências de validade do inventário dos cinco grandes fatores da personalidade para o Brasil.* Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

Bezerra, T. C. G., Barbosa, L. H. G. D. M., Vione, K. C., Athayde, R. A. A., & Gouveia, V. V. (2021). Escala Clance do Fenômeno do Impostor: *Adaptação Brasileira*. *Psico-USF*, *26*(2), 333-343. https://doi.org/10.1590/1413-82712021260211

Borges, V. R., & Werlang, B. S. G. (2006). Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, *11*(3), 345-351.

Chae, J., Piedmont, R. L., Estadt, B. K, & Wicks, R. J. (1995). Personological Evaluation of Clance's Imposter Phenomenon Scale in a Korean Sample. *Journal of Personality Assessment*, *65*(3), 468-485.

Clance, P. R. (1985). *The impostor phenomenon: Overcoming the fear that haunts your success*. Peachtree Pub Limited.

Cozzarelli, C., & Major, B. (1990). Exploring the validity of the impostor phenomenon. *Journal of Social and Clinical Psychology*, *9*(4), 401-417. http://doi.org/10.1521/jscp.1990.9.4.401

Hayes, A. F. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. Guilford Press.

Holmes, S. W., Kertay, L., Adamson, L. B., Holland, C. L., & Clance, P. R. (1993). Measuring the impostor phenomenon: A comparison of Clance's IP Scale and Harvey's IP Scale. *Journal of Personality Assessment*, *60*(1), 48-59. doi: http://doi.org/10.1207/s15327752jpa6001_3

Kauati, A. (2013). Síndrome do impostor e a vida acadêmica. *Interparadigmas*, *1*, 75-88.

Lester, D., & Moderski, T. (1995). The impostor phenomenon in adolescentes. *Psychological Reports*, *76*(2), 466-468.

Nunes, C. H. S. D. S. (2000). *A construção de um instrumento de medida para o fator neuroticismo/estabilidade emocional dentro do modelo de personalidade dos cinco grandes fatores*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Peixoto, B., & Azenha, S. (2006). Aspectos históricos, filosóficos e conceptuais do suicídio. *Comportamentos suicidários em Portugal*, 207-230.

Picanço, R. A. B. (2016). *Estudo dos traços de personalidade e da ideação suicida numa amostra de jovens-adultos*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Algarve.

Roberto, A. R. (2009). A saúde mental dos estudantes de Medicina da Universidade da Beira Interior. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior.

September, A. N., McCarrey, M., Baranowsky, A., Parent, C., & Schindler, D. (2001). The relation between well-being, impostor feelings, and gender role orientation among Canadian university students. *The Journal of Social Psychology*, *141*(2), 218-232. http://doi.org/10.1080/00224540109600548

POLIAMOR: CORRELATOS COM LIBERALISMO SEXUAL E TRAÇOS DE PERSONALIDADE

Ana Carolina Bezerra Ramos (UNIFIP)
Anuska Bandeira Costa Paiva (UNIFIP)
Tereza Sade Roberto Araújo Almeida (UNIFIP)
Fernanda de Souza Pereira (UNIFIP)
Prof. Dr. Layrtthon Carlos de Oliveira Santos (UNIFIP)

Resumo. O objetivo do presente trabalho é conhecer as relações das atitudes frente ao poliamor com o liberalismo sexual e os traços de personalidade, além de comparar indivíduos de diferentes orientações sexuais em relação a tais atitudes. Participaram 213 indivíduos da população geral, com idades entre 18 e 58 anos (*M* = 25,1; *DP* = 6,94), sendo a maioria do sexo feminino (65,3%), solteira (87,6%), heterossexual (64,9%), de religião católica (50,6%). Os participantes responderam, além de um questionário sociodemográfico, a Escala de atitudes frente ao poliamor, a Escala de Marcadores Reduzidos para Avaliação da Personalidade e o Questionário de Liberalismo / Conservadorismo Sexual (QLCS). Os dados foram analisados a partir do software SPSS. Sumariamente, os resultados mostraram que as atitudes frente ao poliamor se correlacionaram positivamente com o liberalismo sexual. Contudo, não foram observadas relações significativas com os traços de personalidade. Além disso, indivíduos heterossexuais apresentaram menor nível de atitudes (positivas) frente ao poliamor que indivíduos homossexuais e bissexuais. Esse estudo contribui para uma melhor compreensão do fenômeno, que constitui uma configuração contemporânea de relacionamento afetivo e que ainda é ainda pouco difundida, socialmente conhecida e vista como um tabu.

Palavras-chave: Poliamor, liberalismo sexual, personalidade.

Em sua construção histórica e social, o amor envolve a compreensão de que se deve viver e sentir, de acordo com algumas normas: por exemplo, amor romântico, patriarcal, heterossexual e monogâmico. Por assim dizer, amor passou de uma conquista sentimental para um contrato de famílias, sendo assim por anos e em algumas culturas atualmente. A monogamia prevaleceu, e ainda prevalece, no Ocidente como uma forma de emoção compulsória até algumas pessoas começarem a questioná-la no século passado (Quadros, 2004).

Somente após as revoluções sexuais das décadas de 1960 e 1970, opostas à opressão e apoiadas pela liberdade sexual, as relações entre pessoas do mesmo sexo progrediram na luta por direitos e se tornaram visíveis. No Brasil, o movimento da comunidade LGBTQIA+ surgiu no finalda década de 60, e somente em meados dos anos 1980, a homossexualidade deixou de

ser considerada um "desvio" ao ser retirada do DSM-III. A revolução sexual na segunda metade do século 20, permitiu questionar algumas das normas de amor até agora ativas, questionando o comportamento sexual e falando em nome de pessoas menos conspícuas (Del Priore, 2006).

As discussões sobre a temática poliamor geram posicionamentos diversificados, principalmente quando se discute a possibilidade de amar mais de uma pessoa, levando à discussão não só de "quem amar", mas também para "quantos". O poliamorismo é descrito como uma relação afetiva entre duas ou mais pessoas ao mesmo tempo e de forma consensual entre todos os envolvidos. O liberalismo é uma doutrina política, social e econômica que traduz a liberdade individual. Os sujeitos considerados "desviantes" dessa norma, não devem ser penitenciados, pois suas ações não são consideradas danosas aos outros indivíduos e nem à segurança social. Portanto, pode-se entender que o liberalismo sexual é uma posição social que aceita e/ou afirma a liberdade pessoal em nome da autonomia pessoal (Guerra & Gouveia, 2007).

Os traços de personalidade podem ser usados para prever e explicar o comportamento de uma pessoa, indicando que a explicação para o comportamento dessa pessoa será encontrada na pessoa, e não no contexto, implicando assim, em um determinado processo interno ou mecanismo que produz o comportamento. Assim, os traços de personalidade são características psicológicas que representam uma tendência relativamente estável na maneira como as pessoas pensam, sentem e interagem com as outras, porém também caracterizam a possibilidade de mudança como produto da interação das pessoas com seu meio social (Sisto & Oliveira, 2007).

O termo personalidade se refere ao comportamento típico e aos padrões de atitude de um determinado indivíduo de modo que as características da personalidade variam de pessoa para pessoa, mas são relativamente constantes em cada uma (Prinzie et al., 2009). Um dos modelos mais abrangentes que descrevem a estrutura da personalidade na teoria dos traços, é a

teoria dos cinco fatores de personalidade ou *Big Five* (Prinzie et al., 2009). Os cinco fatores básicos desse modelo são chamados de extroversão, socialização, conscienciosidade, neuroticismo e abertura. Costa e McCree (1998) apontaram que os traços podem ser influenciados pela motivação, emoção, comportamento e atitude.

A Extroversão correspondente à quantidade e intensidade preferidas de comunicação interpessoal, nível de atividade, necessidade de estimulação e capacidade de ser feliz. A Socialização será descrita como uma dimensão da comunicação interpessoal, referindo-se ao tipo de interação de uma pessoa. Conscienciosidade é um fator que representa o grau de organização, persistência, controle e motivação para atingir metas. Neuroticismo refere-se à experimentação de emoções negativas, ao nível crônico de ajustamento emocional e instabilidade. Finalmente, Abertura descreve comportamentos exploratórios e consciência da importância de novas coisas e experiências (Nunes & Hutz, 2002).

A pluralidade de amar reflete uma escolha clara de superar a monogamia. Não existe apenas uma conexão binária obrigatória entre os sujeitos, pois várias formas de comportamento sexual e coexistência além do amor entre duas pessoas são igualmente eficazes e não merecem qualquer repressão social ou estatal. O horizonte da família é incerto, porém, todo o debate social em torno do gradual fortalecimento das instituições familiares tem se configurado como um passo importante na ampliação do conceito de família, oportunizando a plena realização coletiva dos defensores do amor pluralista (Rotondano, 2018).

Diante do exposto, o principal objetivo do presente trabalho é conhecer as como as atitudes frente ao poliamor estão relacionadas aos traços de personalidade e ao liberalismo sexual, visando contribuir para uma melhor visão sobre os construtos, conjuntamente, e sobre as variáveis que contribuem para que as pessoas se posicionem de maneira favorável ou contrária frente ao poliamor. Como objetivo específico, pretende-se comparar indivíduos de

diferentes orientações sexuais em relação às suas atitudes frente ao poliamor.

Método

Delineamento e Hipóteses

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e correlacional. Foram formuladas as seguintes hipóteses: H1) Atitudes positivas frente ao poliamor estarão positivamente correlacionadas com o liberalismo sexual; H2) Atitudes positivas frente ao poliamor estarão positivamente correlacionadas com o traço de abertura à experiência e H3) Atitudes positivas frente ao poliamor estarão negativamente correlacionadas com o traço de neuroticismo.

Participantes

Participaram 213 indivíduos da população geral, com idades entre 18 e 58 anos (M = 25,1; DP = 6,94), sendo a maioria do sexo feminino (65,3%), solteira (87,6%), heterossexual (64,9%), de religião católica (50,6%). Além disso, a maioria dos participantes autodeclarou ser monogâmica (90,6%), e apenas 9,4% da amostra declarou-se poligâmica.

Instrumentos

Foi utilizado um questionário sociodemográfico para caracterização da amostra com perguntas sobre idade, identidade de gênero, orientação sexual, religião, estado civil, se identificavam como monogâmicos ou poligâmicos, entre outras. Além disso, os participantes responderam os instrumentos descritos a seguir.

Escala de Marcadores Reduzidos para Avaliação da Personalidade

Esse instrumento é composto por 25 itens, divididos em cinco fatores (extroversão, a socialização, conscienciosidade e o neuroticismo e a abertura). Utiliza uma escala Likert de cinco pontos, entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente). Os autores desse instrumento reportaram Alphas de Cronbach adequados para as subescalas do instrumento,

variando de 0,61 a 0,83. Este instrumento foi desenvolvido por Hauck Filho, Machado, Texeira e Bandeira (2012).

Escala de atitudes frente ao poliamor

Procura mensurar atitudes frente ao poliamor a partir de dois componentes: relacionamento poliamorista e sentimento poliamorista. Cada componente é representado por seis itens, respondidos em escala de cinco ponto variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Este instrumento foi desenvolvido por Freire (2013).

Questionário de Liberalismo / Conservadorismo Sexual (QLCS).

Os itens exprimem atitudes de aceitação e tolerância frente a determinados atos sexuais. As pessoas respondem em escala de cinco pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Quanto maior a pontuação, maior o liberalismo sexual. O instrumento possui 16 itens e quatro fatores (auto-erotismo, sexo pré-marital, pornografia e homossexualidade), além de duas subescalas Self Scale e Other Scale (SS e OS). Este instrumento foi desenvolvido por Guerra e Gouveia (2007).

Procedimento e Aspectos Éticos

O questionário foi formulado no *Google Forms*, e o *link* com devida explicação do estudo e solicitação da colaboração dos participantes foi divulgado por redes sociais. Os participante levaram em média 20 minutos para conclusão do estudo. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Patos (UNIFIP)m contando com parecer favorável (CAAE 54023721.2.0000.5181). De acordo com o que preconiza a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, foi garantido o caráter voluntário, anônimo e sigilioso do estudo. Além disso, também foi garantido ao participante o direito de desistência a qualquer momento, sem quaisquer implicações. Antes de responder aos

instrumentos, foi solicitado que os participantes assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Análise de Dados

Foi utilizado para a análise dos dados quantitativos o programa SPSS (*Statistical Package for the Social Science*; versão 23), onde foram realizadas análises de estatística descritiva (e.g., média, desvio-padrão e frequência) para caracterização da amostra, testes de normalidade de distribuição dos dados, análise de correlação não paramétrica de Spearman para verificar os relacionamento entre as variáveis do estudo, e uma análise de variância (ANOVA) para comparação das atitudes frente ao poliamor entre pessoas de diferentes orientações sexuais.

Resultados

Inicialmente verificou-se a distribuição das variáveis de interesse do estudo a partir dos testes de normalidade de Kolmogorov-Sminorv e Shapiro-Wilk, os quais foi constatado que nenhuma das variáveis apresentou distribuição normal (p<0,05) em ambos os testes. Com isso, decidiu-se por realizar, a correlação não-paramétrica de Spearman. Os resultados correlacionais estão apresentados abaixo na Tabela 1.

Tabela 1

Correlatos das atitudes frente ao poliamor com liberalismo sexual e personalidade.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	-									
2	0,86**	-								
3	0,94**	0,67**	-							
4	0,50**	0,47**	0,46**	-						
5	0,41**	0,45**	0,34**	0,72**	-					
6	0,03	0,08	0,00	-0,00	0,08	-				
7	0,00	0,11	-0,05	0,05	0,11	0,23**	-			
8	-0,10	-0,10	-0,09	-0,14*	-0,11	0,15*	0,42**	-		
9	0,04	0,02	0,05	0,10	-0,01	-0,43**	-0,22**	-0,29**	-	
10	0,02	0,05	0,01	0,00	0,08	0,25**	0,29**	0,14*	-0,15*	-

Notas. 1 = Atitudes frente ao poliamor; 2 = Relacionamento Poliamorista; 3 = Sentimento Poliamorista; 4 = Liberalismo Sexual (Self); 5 = Liberalismo Sexual (Other); 6 = Extroversão; 7 = Socialização; 8 = Conscienciosidade; 9 = Neuroticismo; 10 = Abertura; **p<0,001; *p<0,05.

A partir da análise dos dados, observou-se que o fator geral das atitudes poliamoristas se correlacionaram positiva e significativamente com o liberalismo sexual (self) (ρ=0,50;p<0,001) e com o liberalismo sexual (other) (ρ=0,41;p<0,001). Também os fatores de relacionamento poliamorista e sentimento poliamorista se correlacionaram com o liberalismo sexual (self) (ρ=0,47; p<0,001 e ρ=0,45; p<0,001, respectivamente) e com o liberalismo sexual (other) (ρ=0,46; p<0,001 e ρ=0,34; p<0,001, respectivamente). Contudo, não foram observadas correlações significativas entre as atitudes poliamoristas e os traços de personalidade.

Em seguida, buscou-se comparar as atitudes frente ao poliamor entre pessoas de diferentes orientações sexuais. Uma ANOVA indicou efeito significativo nos grupos da variável dependente [F(3,201) = 11,36; p < 0,000]. As estatísticas descritivas dos grupos estão apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2

Estatísticas descritivas dos grupos de orientação sexual nas atitudes frente ao poliamor

Orientação Sexual	*n*	*M*	*DP*
Heterossexuais	133	2,24	0,70
Bissexuais	46	2,70	0,61
Homossexuais	22	2,92	0,78
Outra	4	3,34	1,22

Através da análise feita por com um teste Posthoc de Bonferroni foi possível observar que a diferença estatisticamente significativa entre os heterossexuais e os homossexuais (p<0,001), entre os heterossexuais e os bissexuais (p<0,01) e entre os heterossexuais e outras orientações (e.g., pansexuais e demissexuais) (p<0,05). Em linhas gerais, observa-se que os heterossexuais são os que apresentam menor nível de atitudes positivas frente ao poliamor.

Discussão

Diante dos resultados do estudo, foi possível observar que as atitudes frente ao poliamor se relacionaram positivamente com o liberalismo sexual. Esse resultado corrobora a hipótese 1 do estudo. As hipóteses 2 e 3, contudo, foram rejeitadas, pois não foram obtidas relações significativas com das atitudes frente ao poliamor com os traços de personalidade.

Diante disso, pode-se inferir que pessoas que têm maior liberdade sexual, tendem a ter atitudes mais positivas em relação ao poliamor. Contudo, os traços de personalidade parecem

não exercer influências nas referidas atitudes, as quais possivelmente dependem mais de variáveis sociocognitivas como crenças e valores. Em geral, pessoas pautadas por valores experimentais tendem a apresentar atitudes que favorecem a poligamia, tanto como forma de relacionamento amoroso quanto de acordo com a forma como é praticada. Tais pessoas parecem ser mais liberais e menos tradicionais em termos de normas sociais, exibindo uma recusa em sucumbir aos estereótipos culturais românticos que contêm ideais de amor romântico (Freire, 2013).

Observou-se que os heterossexuais possuem menor nível de atitudes positivas em relação à poliamor do que homossexuais e bissexuais. Ainda pensando em valores, esses resultados podem ser discutidos em termos de valores normativos, que são mais predominantes em pessoas que dão ampla importância a questões como obediência, tradição e religiosidade (Gouveia, 2003). Indivíduos heterossexuais, uma vez que constituem uma relação que social e historicamente sempre foi aceita, inclusive no âmbito da religião, podem apresentar maior nível de valores normativos, e portanto, menor atitude frente ao poliamor, que deriva do padrão de relacionamento socialmente desejável.

Dado que o poliamor contraria as normas da sociedade, esses achados podem ser corroborados pela literatura da área, que rejeita a monogamia como princípio ou necessidade, desafiando o paradigma central dos relacionamentos românticos baseados na crença de que os casais são apenas casais entre si. Para o outro, para experimentar um relacionamento com duas pessoas (Wolfe, 2003).

Considerações Finais

Diante dos resultados, foi possível concluir, que as atitudes frente ao poliamor se relacionaram positivamente com o liberalismo sexual. Esse resultado corrobora a hipótese 1 do estudo. Contudo, não foram observadas correlações significativas entre as atitudes frente ao

poliamor e os traços de personalidade, de modo que não foram rejeitadas as hipóteses 2 e 3. Adicionalmente, verificou-se que indivíduso homossexuais apresentam mais atitudes farováreis frente ao poliamor que os bissexuais e os heterossexuais, e que os bissexuais também apresentam maior medida do fenômeno que os heterossexuais. Diante do exposto, confia-se que os objetivos do estudo foram alcançados.

O presente estudo apresentou algumas limitações, como a natureza correlacional e de autorrelado do estudo, além de utilizar uma amostra não muito diversificada em termos de regiões geográficas ou características sociodemográficas. Em estudos futuros, faz-se necessário superar a limitação da abrangência e diversidade da amostra, bem como utilizar de outros métodos de pesquisa, como o método experimental com a utilização de efeito *primming* que, segundo Fajardo e Leão (2014), consiste em um processo onde o indivíduo é exposto a uma incitação que irá influenciar sua resposta a uma incitação sequente. Esse processo ocorre de forma involuntária.

Apesar dessas limitações, esse estudo contribui para a literatura sobre o tema e poderá inspirar estudos futuros. Pode ainda, fomentar maior discussão a nível social sobre o tema, haja vista que a sociedade ainda traz uma imagem preconceituosa sobre o poliamor, sendo importante promover maior visibilidade e disucssão sobre o fenômeno.

Referências

Costa, P. T., & McCree, R. R. (1988). From catalog to classification: Murray's needs and the Five- *Factor Model. Journal of Personality and Social Psychology, 55* (2), 255-265.

Del Priore, M. (2006). *História do amor no Brasil* (2ª ed.). São Paulo: Contexto

Fajardo, B. de A. G., & Leão, G. A. (2014). O Efeito Priming na Avaliação de Ações Antiéticas: Um Estudo Experimental. *RAC, Rio de Janeiro, 18*(1), pp. 59-77

Freire, S. E. D. A. (2013). *Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos* (Tese de Doutorado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil..

Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia, 8*(1), 431-443.

Guerra, V. M., & Gouveia, V. V. (2007) Liberalismo / conservadorismo sexual: proposta de uma medida multi-fatorial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *20*(1), 43-53.

Hauck Filho, N., Machado, W. D. L., Teixeira, M. A. P., & Bandeira, D. R. (2012). Evidências de validade de marcadores reduzidos para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 28*, 417-423.

Nunes, C. H. S. S., & Hutz, C. S. (2002). O modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. In R. Primi (ed.), *Temas em avaliação psicológica* (pp. 40-49). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Prinzie, P. et al. (2009) The Relations Between Parents' Big Five Personality Factors and Parenting: A Meta-Analytic Review. *Journal of Personality and Social Psychology, 97*(2), 351– 362.

Quadros, T. A. (2004). *O princípio da monogamia e o concubinato adulterino*. Retirado de http://jus.com.br/revista/texto/5614

Rotondano, R. O. (2018). Fundamentos pela abertura jurídica ao poliamor: liberdade, democracia e pluralismo. *Revista Jurídica da UFERSA*, *2*(3), 140-157.

Sisto, F. F., & Oliveira, A. F. D. (2007). Rasgos de personalidad y agresividad: un estudio de evidencia de validez. *Psic: revista da Vetor Editora*, *8*(1), 89-99.

Wolfe, L. P. (2003). Jealousy and transformation in polyamorous relathionships (Dissertação de Mestrado), The Institute for Advanced Study of Human Sexuality, São Francisco, California, USA.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO EM DIÁLOGO: REVISITANDO O PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE

Lyvia Maria Dias de Medeiros Amorim (UNIFIP)
Lilyan Dias de Medeiros Amorim (UNIFIP)
Tereza Sade Roberto Araújo Almeida (UNIFIP)
Profa. Ma. Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves (UNIFIP)

Resumo. Este trabalho aborda, a partir de uma revisão de literatura narrativa, o conceito de políticas sociais, relacionando-o à trajetória histórica das políticas públicas nos campos da saúde e da educação, marcada por avanços significativos, mas também por retrocessos que preocupam e refletem, ainda de forma muito nítida, as contradições fundamentais da sociedade capitalista. Nesse sentido, defende-se, adotando como referencial teórico a psicologia sócio-histórica, a participação crítica da psicologia no campo das políticas públicas, visando, inclusive, mobilizar os sujeitos e as coletividades em torno da luta pela não concretização do desmonte das políticas públicas sociais. Saúde e educação são dois campos de vida essenciais, que intervém na constituição da subjetividade e que são construídos pelo Humano. Mais do que isso, são campos que representam possibilidades de emancipação social. Tanto um quanto outro tiveram ampliada sua compreensão, o que fica evidenciado a partir da análise da trajetória de suas políticas sociais no Brasil. É preciso continuar construindo as tessituras de uma sociedade mais justa, com acesso efetivo aos direitos sociais para todos os seres humanos, o que necessariamente implica no enfrentamento das condições materiais e subjetivas que aliena e torna o ser social infeliz.

Palavras-chave: educação, saúde, políticas públicas, psicologia sócio-histórica.

As formas de pensar, sentir e agir do homem não nascem no vazio. Elas se (re) constroem a partir das relações sociais que o sujeito vai estabelecendo ao longo da vida. A relação homem/mundo permite que os indivíduos se constituam como sujeitos sociais marcados pela historicidade, entrecortada pelo vínculo dialético entre objetividade e subjetividade (Gonçalves, 2010).

Considerando a singularidade de cada sujeito, as relações sociais são palco de contradições, que incluem a influência de determinantes históricos, econômicos, políticos, culturais e sociais. “As determinações sociais, embora constituintes da condição humana, não destroem a singularidade, a liberdade e a criação” (Sawaia, & Maheirie, 2014, p. 1).

Partindo desse pressuposto, a psicologia sócio-histórica aceita e ressalta a concepção marxista de sociedade, ao mesmo tempo em que atrela materialidade e historicidade ao fenômeno psicológico, numa tentativa de superar visões reducionistas e alientantes que, por muito tempo, acompanharam a trajetória da psicologia. Adotar esse referencial teórico-metodológico para pensar as políticas públicas sociais significa ratificar o compromisso social da psicologia (Gonçalves, 2010).

Este trabalho objetivou apresentar o conceito de políticas sociais, relacionando-o à trajetória histórica das políticas públicas nos campos da saúde e da educação.

Método

Para a elaboração deste trabalho, utilizou-se como método a revisão de literatura do tipo narrativa, que representa a intenção de construir uma contextualização para o problema investigado, refletindo sobre a literatura examinada e promovendo o diálogo entre os diversos autores consultados (Alves & Mazzotti, 2002).

Resultados e discussão

O processo histórico através do qual se desenhou as políticas públicas de saúde e de educação no Brasil guarda pontos em comum. As histórias se encontram, visto que, como pano de fundo, figuram fatores políticos, econômicos e sociais que, no caso do Brasil, sofreram decisiva influência dos interesses do mercado, mesmo diante de toda mobilização social e vitória efetiva representada pelo texto da Constituição Federal de 1988, que coloca saúde e educação como direito de todos e dever do Estado e aponta como desafio a universalização das práticas nos dois setores.

No âmbito da saúde, as ações pioneiras do governo, considerando como recorte de tempo o período compreendido entre o final do Império e à República Velha, buscavam frear as doenças epidêmicas, a exemplo da varíola, e limitavam-se aos centros urbanos, “[...] dando as

costas para o resto do país. Tal situação deixava em penúria a maioria dos municípios, sendo exceção somente os mais ricos" (Escorel, & Teixeira, 2012, p. 282).

O controle das epidemias se dava, essencialmente, pelo isolamento dos pacientes. Além disso, as ações do governo se direcionavam para as vacinas que tinham sido recentemente descobertas e para o policiamento das condições sanitárias. Tratava-se de um cuidado em saúde normativo, higienista e complementado, em grande parte, pela filantropia (Escorel, & Teixeira, 2012).

Já "a política de saúde do governo Vargas teve duas bases distintas: a saúde pública e a medicina previdenciária [...]" (Escorel, & Teixeira, 2012, p. 298). A assistência, no caso, era exclusiva para trabalhadores assalariados formais, que se organizavam a partir de um sindicalismo subserviente ao governo. No caso, é possível estabelecer um link com o conceito de "cidadania regulada" (Santos, 1987, citado por Escorel, & Teixeira, 2012), que não se sustenta pela ideia de valores políticos universais, mas que é caracterizada por benefícios desiguais, inatingíveis para boa parte da população.

A história das políticas públicas educacionais, em paralelo, também foi se desenhando no período colonial, imperial e republicano, sob a forte influência jesuítica e com inclinações tradicionais, normativas e excludentes, norteando-se pela premissa de educar para a fé e para os bons costumes (Romanelli, 1991).

Foi na Era Vargas que a história da educação e da saúde brasileira registrou um importante acontecimento: a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública (Escorel, & Teixeira, 2012), marco que, apesar de importante para os dois campos, manteve-os subordinados ao progresso e ao enriquecimento do país.

Se o governo Vargas estabeleceu as bases para a criação do Ministério da Saúde, o período do "desenvolvimento populista" deu origem à municipalização dos serviços de saúde

e a uma espécie de "sanitarismo desenvolvimentista", que contou com forte influência do capital estrangeiro para constituir as condições de saúde necessárias para o crescimento do país (Escorel, & Teixeira, 2012).

Os governos militares que se seguirão após o golpe foram marcados por autoritarismo e privatizações, configurando-se "[...] um sistema de atenção estatal à saúde, caracterizado pela preponderância da lógica e do modelo previdenciário sobre o Ministério da Saúde [...]", lançando as bases para a criação do Instituto Nacional de Previdência Social (Escorel, 2012, p. 326).

Entre 1974 e 1979, houve a distensão do regime autoritário e a articulação do movimento sanitário. "A partir da VIII Conferência Nacional de Saúde (VIII CNS), realizada em 1986, a expressão 'reforma sanitária' foi a denominação que inicialmente deu identidade ao movimento de democratização da saúde" (Paim, & Almeida Filho, 2014, 203). Na ocasião, pleiteava-se uma transformação que fosse além de uma reforma administrativa, incluindo a ampliação do próprio conceito de saúde.

A Reforma Sanitária Brasileira pretendia mais amplamente democratizar a sociedade, elencando a saúde como direito de todos e inerente à própria condição de cidadania (Paim, & Almeida Filho, 2014). O movimento de redemocratização no país e a promulgação da Constituição Federal de 1988 e da Lei Orgânica da Saúde em 1999 (Brasil, 1990) criaram as condições propícias ao desenvolvimento do Sistema Único de Saúde (SUS), estabelecido já no modelo de seguridade social (Noronha, Lima, & Machado, 2012).

Assim, o SUS nasceu a partir de apelos dos movimentos sociais organizados, inseridos num contexto de redemocratização e luta contra a ditadura militar e pela garantia dos direitos humanos. Trata-se de uma das políticas públicas mais férteis no tocante ao

enfrentamento e à superação de injustiças, representando, ainda nos dias atuais, uma forma de resistência à privatização da saúde no país (Noronha, Lima, & Machado, 2012).

Tem como eixos básicos: a Universalização, que reconhece a saúde como um direito de todos (não somente de quem pode pagar) e um dever do Estado; a Equidade, que diz respeito ao fato de que se deve oferece mais a quem mais precisa; e a Integralidade, relacionada à necessidade de tornar os serviços de saúde capazes de prestar uma atenção integral aos indivíduos, tanto no tocante às ações educativas e preventivas, como também quanto às ações de cura e reabilitação (Noronha, Lima, & Machado, 2012).

A educação, por sua vez, também respirava, no final da década de 1970 e início dos anos 1980 os ares das reivindicações de especialistas, intelectuais e do próprio povo, que buscava mudanças, liberdade e mais qualidade de vida.

Do mesmo modo que a saúde passou a ser concebida de forma mais ampla (não somente ausência de doenças, mas reflexo das condições sociais, econômicas e ambientais que regem a vida das pessoas), a preocupação com o sentido social e político da educação fortaleceu-se.

A luta dos educadores no período pós-ditadura militar [...] “colocou em evidência as relações de determinação existentes entre educação e sociedade”, representando uma “ruptura com o pensamento tecnicista que predominava na área até então” (Freitas, 2002, p. 138-139).

A compreensão de que educar não designava apenas à transferência de conhecimentos se fortaleceu, assim como a preocupação com os milhões de analfabetos do país, que amargavam uma situação de exclusão social. “A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação, a educação para a libertação deve desembocar na práxis transformadora” (Freire, 1979, p.72).

No campo da educação, a luta se construiu em prol de uma educação de qualidade, que garantisse o acesso e a permanência do educando na escola, a valorização e qualificação dos profissionais da educação, a democratização da gestão e a ampliação da escolaridade obrigatória. Ademais, as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases começam a se intensificar, sendo aprovada em 1996 (Freitas, 2002).

Políticas de saúde e de educação são instrumentos que concretizam a cidadania e promovem, respectivamente, proteção e promoção social. Articulam-se com outras políticas, perseguindo o objetivo de favorecer o acesso aos direitos para seus beneficiários.

> [...] a política social apresenta uma dinâmica multifacetada que inclui ações intervencionistas na forma de distribuição de recursos e oportunidades, a promoção de igualdade e dos direitos de cidadania e a afirmação de valores humanos como ideais a serem tomados como referência para a organização de nossas sociedades (Fleury, & Ouverney, 2012, p. 25).

É por isso que o Estado tem papel essencial na formulação das políticas públicas, pois tem papel de provedor, regulador e financiador dos serviços. Pode, inclusive, articular a organização das políticas públicas nos mais diversos setores a partir de uma configuração em rede, fazendo valer a intersetorialidade. A política de saúde deve se interligar ativamente ao sistema de proteção social como um todo e também às políticas de promoção social, como é o caso das políticas de educação.

A inserção do SUS, enquanto política de Estado, abrange a necessidade de integração com as demais políticas públicas para a efetivação de ações que, além de cuidar da doença,

possam reduzir os riscos para a saúde. Avançar no projeto de construir uma sociedade mais justa inclui o efetivo diálogo entre as políticas públicas (Noronha, Lima, & Machado, 2012).

A história do SUS e das políticas públicas educacionais brasileiras transparecem avanços inequívocos. No tocante à saúde, destacam-se a ampliação da cobertura da atenção básica, o Programa Brasil Sorridente, maior acesso às vacinas e aos medicamentos, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU-192, as Unidades de Pronto Atendimentos (UPAs) e os leitos de Unidade de Terapia Intensiva – UTI (Reis, Sóter, Furtado, & Pereira, 2016).

O Plano Nacional de Educação (PNE), que entrou em vigor no ano de 2001, estabeleceu metas para melhorar a escolaridade dos brasileiros e garantir o acesso à Educação, porém o veto do governo ao investimento de 7% do Produto Interno Bruto (PIB) na educação representou um entrave ao cumprimento das metas.

Mesmo assim, podem ser apontados como ganhos o aumento do número de professores formados em nível superior, a aprovação do Piso Nacional para os docentes em 2010 e programas como o Brasil Alfabetizado, o Programa Universidade para Todos – PROUNI e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), que estimularam a inclusão escolar e social de grupos historicamente marginalizados (Alves, & Cobra, 2013).

A despeito dos avanços nos dois campos, questões como subfinanciamento e a relação pública e privada influenciada pela ideologia neoliberal, representaram entraves aos projetos de universalização e integralidade, questões que se colocam, mais do que nunca, como imperiosas, visto o desmonte que vem se articulando em termos de políticas públicas no Brasil mais recentemente.

Considerações finais

Saúde e educação são dois campos de vida essenciais, que intervém na constituição da subjetividade e que são construídos pelo Humano. Mais do que isso, são campos que representam possibilidades de emancipação social. Tanto um quanto outro tiveram ampliada sua compreensão, o que fica evidenciado a partir da análise da trajetória de suas políticas sociais no Brasil.

Parece interessar ao capitalismo que o SUS seja revestido por uma imagem de ineficiência e sucateamento. Nesse caso, ganha o mercado, que passa a oferecer serviços garantidos por Lei pelo Estado, na alcunha de que tem mais qualidade. É nesse sentido que reivindicamos a adoção de compreensões crítica e comprometidas com o social pela Psicologia da Saúde.

Terminamos este breve ensaio com a certeza de que é urgente a mobilização de estratégias de enfrentamento no sentido de fortalecer a coletividade e exercer o controle social das políticas públicas: por nenhum direito a menos. Com a Psicologia. Avante!

Referências

Alves, C. P., & Cobra, C. M. Políticas Públicas de Educação no Brasil: possibilidades de emancipação? *Revista Gestão & Políticas Públicas, 3*(1), 132-151. Recuperado de: http://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/97890.

Escorel, S., & Teixeira, L. A. (2012). História das políticas de saúde no Brasil de 1822 a 1963: do império ao desenvolvimento populista. Em L. Giovanella, S. Escorel, L. V. Lobato, J. C. Noronha, & A. I. Carvalho, *Políticas e sistema de saúde no Brasil* (pp. 333-384). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

Escorel, S. (2012). História das políticas de saúde no Brasil de 1964 a 1990: do golpe militar à reforma sanitária. Em L. Giovanella, S. Escorel, L. V. Lobato, J. C. Noronha, & A.

I. Carvalho, *Políticas e sistema de saúde no Brasil* (pp. 385-434). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

Fleury, S., & Ouverney, A. M. (2012). Política de saúde: uma política social. Em L. Giovanella, S. Escorel, L. V. Lobato, J. C. Noronha, & A. I. Carvalho, *Políticas e sistemas de saúde no Brasil* (pp. 25-58). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

Freire, Paulo. *Educação e mudança.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Freitas, H. C. L. (2002). Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação. *Educação & Sociedade*, *23*(80), 136-167. https://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002008000009.

Gonçalves, M. G. M. (2010). *Psicologia, subjetividade e políticas públicas*. São Paulo: Cortez.

Noronha, J. C., Lima, L. D., & Machado, C. V. (2012). O sistema único de saúde - SUS. Em L. Giovanella, S. Escorel, L. V. Lobato, J. C. Noronha, & A. I. Carvalho, *Políticas e sistemas de saúde no Brasil* (pp. 365-394). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

Paim, J. S., & Almeida-Filho, N. (2014). Reforma sanitária brasileira em perspectiva e o SUS. Em J. S. Paim, & N. Almeida-Filho, *Saúde coletiva: teoria e prática* (pp. 203-209). Rio de Janeiro: Medbook.

Reis, A. A., Sóter, A. P., Furtado, L. A., & Pereira, S. S. (2016). Tudo a temer: financiamento, relação público e privado e o futuro do SUS. *SAÚDE DEBATE, 40*, 122-135. doi:10.1590/0103-11042016S11.

Romanelli, O. O. (1991)História da Educação no Brasil. (13a ed). Petrópolis: Vozes Sawaia, B. B., & Maheirie, K. (2014). A psicologia sócio-histórica: um referencial de análise e superação da desigualdade social. *Psicologia & Sociedade*, *26*(spe2), 1-3. https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000600001

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E BURNOUT: PROPONDO UM DIÁLOGO ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS

Paloma Alencar de Almeida (UNIFIP)
Francisca Dálethe Sousa Pereira (UNIFIP)
Francisca Paula França Lopes (UNIFIP)
Vanessa da Silva Teixeira (UNIFIP)
Profa. Ma. Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves (UNIFIP)

Resumo. As transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho nas últimas décadas evidenciam a precarização das condições de trabalho como um dos mecanismos acionados pelo capitalismo para recuperar seu potencial de acumulação produtiva. Este trabalho buscou discutir, a partir de uma revisão de literatura narrativa, a relação entre precarização do trabalho docente e Síndrome de *Burnout.* No tocante à educação, se exige do professor um perfil dinâmico, empreendedor, voluntarista e inclinado à adaptação e ao produtivismo, sem que, no entanto, lhe sejam disponibilizadas melhores condições de trabalho. Tal paradoxo tem se constituído como terreno fértil para o sofrimento psíquico do docente, com destaque para a Síndrome de *Burnout*, um fenômeno caracterizado pela cronificação do estresse no contexto laboral. A prevenção e tratamento da síndrome exige um olhar mais efetivo para a saúde do professor no contexto das políticas públicas de saúde e de educação, fundamentando-se na intersetorialidade, além da busca coletiva e persistente por melhores condições de trabalho.

Palavras-chave: Políticas públicas, precarização do trabalho, professor, Síndrome de Burnout.

Dado o seu poder de influenciar comportamentos, definir a identidade dos sujeitos e atuar como um dos elementos centrais na configuração da saúde mental, o trabalho e os significados que lhe são atribuídos têm sido objeto de estudos recorrentes. Pensar a relação entre trabalho e saúde, na conjuntura de precarização inscrita pelo capitalismo, inclui compreender que "o trabalho nunca é neutro em relação à saúde e favorece, seja a doença, seja a saúde" (Dejours, 1992, p. 164).

Numa perspectiva positiva, o trabalho representa possibilidade de emancipação, convivência interpessoal, autorrealização e prazer. Por outro lado, em contextos laborais de desgaste, incerteza e estresse, o trabalho pode se constituir como fonte de adoecimento.

Para Sennett (2005), os novos mecanismos acionados pelo capitalismo para emplacar seu projeto de dominação não implicam somente na flexibilização e precarização das condições concretas de trabalho, mas também afetam o caráter pessoal dos indivíduos. Quando a relação com o trabalho é instável, como ocorre no contexto da reestruturação produtiva, construir uma narrativa linear de vida e estabelecer vínculos sólidos com os pares e as organizações tornam-se desafios ainda maiores.

O trabalho regulamentado do século XX, comum ao taylorismo/fordismo, foi assumindo contornos mais informais e instáveis, o que é evidenciado pela acentuada ampliação de empregos temporários, de trabalhos sem carteira assinada ou mesmo do desemprego (Antunes, & Druck, 2015). No plano subjetivo, a reestruturação produtiva, emplacada pelo toyotismo, enalteceu o individualismo em detrimento da solidariedade e da atuação coletiva e social.

Podem-se elencar pontos de continuidade e descontinuidade do novo modelo (toyotismo) em relação ao padrão anterior (taylorismo/fordismo). O sistema continua explorando e alienando o trabalhador, só que agora através de mecanismos mais sofisticados. À medida que se enfatiza o "trabalho polivalente", "multifuncional" e "qualificado", intensificam-se as condições de exploração da força de trabalho, em especial, a desregulamentação dos direitos trabalhistas, a fragmentação da classe trabalhadora, a terceirização da força humana que trabalha e a conversão do sindicalismo de classe num sindicalismo dócil (Antunes, 2009).

Os vínculos enfraquecidos com as organizações constituem outro fator que causa impacto na subjetividade dos trabalhadores: ao se sentirem descartáveis, desvalorizados e discriminados, os trabalhadores assumem, muitas vezes, relações de concorrência, o que dificulta a solidariedade de classe e também ajuda a explicar a fragmentação dos trabalhadores e a pulverização dos sindicatos.

Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010), no âmbito do trabalho e do consumo, indagam: por que os avanços tecnológicos e científicos não têm cumprido o papel de favorecer a inclusão socioeconômica de parcelas mais expressivas da humanidade? A resposta traz o mercado como eixo da sociedade, em que a acumulação de capital e lucro tem mais força do que o cuidado com a saúde dos indivíduos e a preservação ambiental. Nessa conjuntura, a regulação social do trabalho é neutralizada, já que o trabalho contemporâneo tem assumido uma configuração patogênica.

Bosi (2007) destaca que a mundialização do capital afetou o campo de trabalho do professor em todos os níveis de ensino. A mercantilização da educação tem deteriorado as condições de trabalho, exigindo-se do professor um perfil dinâmico, que responda aos desafios característicos da função que desempenha, como o fato de precisar lidar com o público, e também àqueles resultantes do processo de precarização do trabalho, como vínculos empregatícios instáveis.

Para tanto, não são disponibilizados recursos suficientes, gerando desgaste físico e psíquico, o que Esteve (1999) chamou de "mal-estar docente". O cenário de precarização na educação e os diversos estressores que incidem sobre o trabalho do professor conferiram à docência o *status* de profissão de alto risco, conforme a Organização Internacional de Trabalho (OIT), sendo a segunda categoria profissional mais vulnerável às doenças ocupacionais, a exemplo da Síndrome de Burnout (SB).

A SB consiste em uma resposta psicológica ao estresse laboral que compromete três dimensões, que embora independentes, se correlacionam: Exaustão Emocional, que representa o componente individual da síndrome, Despersonalização, que reflete a dimensão interpessoal, e reduzida Realização Profissional, que diz respeito ao componente de autoavaliação do *Burnout* (Maslach, Schaufeli, & Leiter, 2001).

A Exaustão Emocional se dá pela sensação de fadiga e vazio: a pessoa está exausta, sem energia e recursos emocionais. A Despersonalização consiste na adoção de uma atitude de desapego, cinismo e endurecimento emocional, com tendência a considerar ou perceber as pessoas como objetos, gerando uma notável perda de capacidade de contato interpessoal e empatia. A reduzida Realização Profissional implica num sentimento de competência diminuída, de modo que o profissional se percebe cada vez mais ineficaz e inútil (Maslach, Schaufeli, & Leiter, 2001).

"Fenômenos como o estresse ocupacional e o *Burnout* se perfilam como uma questão de saúde pública, considerando seu caráter endêmico e os efeitos nocivos que acarretam para o indivíduo, para a organização e para a sociedade" (Tamayo, 2015, p.139). No contexto educacional, professores acometidos pela síndrome, além do sofrimento individual, podem representar um comprometimento do ensino de qualidade, o que demanda esforço no sentido de melhor entender a síndrome e estratégias de prevenção e tratamento.

Tomando como cenário a precarização do trabalho docente, este estudo buscou melhor conhecer a Síndrome de Burnout, propondo um diálogo entre as políticas públicas de saúde e educação no contexto de sua prevenção e tratamento.

Método

Para realização deste estudo, foi desenvolvida uma revisão de literatura do tipo narrativa, consultando-se artigos, livros, documentos e leis. Inicialmente, realizou-se seleção, leitura e fichamento do material, buscando compilar "o estado da arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada" (Noronha & Ferreira, 2000, p. 191).

Tratou-se, pois, de uma pesquisa de caráter qualitativo, ao desenvolver o assunto sob o ponto de vista teórico e contextual e sem limitar as fontes de informação ou atribuir critérios

rígidos para seu delineamento, como é comum no caso de revisões sistemáticas, por exemplo (Elias et al., 2012).

A revisão de literatura narrativa permite constituir um roteiro para continuar caminhando e levantando possibilidades de identificar descontinuidades, contradições e/ou avanços na construção do conhecimento sobre determinada área do conhecimento, o que permite também inspirar a prática acerca de um determinada problemática.

Resultados e discussão

A legislação brasileira contempla a síndrome de *Burnout* no Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde (Brasil, 2001), sob a denominação "Sensação de Estar Acabado (Síndrome de Burn-out ou Síndrome do Esgotamento Profissional) (Z73.0), incluída entre os Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho. É citada também no Decreto nº 3048/99, de 6 de maio de 1996, que dispõe sobre a Regulamentação da Previdência Social.

O primeiro documento citado traz os professores como vulneráveis à síndrome: "A síndrome afeta principalmente profissionais da área de serviços ou cuidadores, quando em contato direto com os usuários, como os trabalhadores da educação, da saúde, policiais, assistentes sociais, agentes penitenciários, professores, entre outros" (Brasil, 2001, p. 192). Neste manual, colocam-se como manifestações clínicas:

> • história de grande envolvimento subjetivo com o trabalho, função, profissão ou empreendimento assumido, que muitas vezes ganha o caráter de missão; • sentimentos de desgaste emocional e esvaziamento afetivo (exaustão emocional); • queixa de reação negativa, insensibilidade ou afastamento excessivo do público que deveria receber os serviços ou cuidados do paciente (despersonalização); •

> queixa de sentimento de diminuição da competência e do sucesso no trabalho [baixa realização profissional]. Geralmente, estão presentes sintomas inespecíficos associados, como insônia, fadiga, irritabilidade, tristeza, desinteresse, apatia, angústia, tremores e inquietação, caracterizando síndrome depressiva e/ou ansiosa (Brasil, 2001, p. 192).

Quanto ao tratamento da síndrome de Burnout, a maioria dos casos envolve psicoterapia, tratamento farmacológico e intervenções psicossociais, sendo que "a intensidade da prescrição de cada um dos recursos terapêuticos depende da gravidade e da especificidade de cada caso" (Brasil, 2001, p. 192).

Em relação à psicoterapia, entende-se que a pessoa acometida pela síndrome precisa "de tempo e espaço para repensar (e resignar-se) sua inserção no trabalho e na vida. O paciente encontra-se fragilizado e necessitando de suporte emocional" (Brasil, 2001, p. 193). O tratamento envolve ainda, em muitos casos, antidepressivos e/ou ansiolíticos, a depender da gravidade dos sintomas e sempre por intermédio de consulta com médico especialista.

No tocante às possíveis intervenções psicossociais, o manual aborda:

> Uma das características centrais da síndrome de esgotamento profissional é o afastamento afetivo do trabalho, comprometendo o desempenho profissional e, muitas vezes, a própria capacidade de trabalhar. [...] Essas situações exigem suporte social, fundamental para garantir a qualidade de vida, concretizado na garantia do direito ao tratamento, do acesso aos serviços de saúde, da seguridade social e do reconhecimento do sofrimento. A equipe de saúde dever estar apta a orientar o paciente e seus familiares quanto a esses direitos e orientar

> familiares, colegas de trabalho, patrões, chefes e gerentes a lidar com a situação de doença do paciente até que este retome sua capacidade de trabalho. Especial atenção deve ser dada à realização de laudos, pareceres, atestados e emissão da CAT, visando ao reconhecimento social (incluindo dos seguros de saúde e/ou da Previdência Social) de um padecimento que, mesmo não apresentando lesão física aparente, compromete a capacidade de trabalhar. (Brasil, 2001, p. 193).

Constam, ainda, no manual, recomendações preventivas, que incluem mudanças na própria organização do trabalho. Percebe-se também o destaque dado à atuação da equipe multiprofissional, com abordagem interdisciplinar. O manual orienta também que os casos sejam notificados aos sistemas de informação em saúde (epidemiológica, sanitária e/ou de saúde do trabalhador).

Este trabalho em rede pode ser descrito como "uma malha que interconecta e integra os estabelecimentos e serviços de saúde de determinado território [...] para o atendimento integral ao usuário e para a promoção em saúde" (Silva, & Magalhães, Jr., 2013). Nessa direção, ressalta-se a importância dos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador – CERESTs, criados por meio da portaria ministerial 1.679/2002, em conjunto com as áreas técnicas de saúde do trabalhador.

Os CERESTs visam disponibilizar suporte especializado em saúde do trabalhador para o conjunto de ações e serviços que compõem o SUS. Para tanto, oferece apoio matricial às equipes de referência da rede de atenção, promoção e vigilância em saúde, articulando ações intra e intersetoriais pertinentes à Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (Brasil, 2012).

É preciso, pois, reforçar que as ações em saúde do trabalhador não dizem respeito somente ao CEREST, do mesmo modo que as ações inspiradas na Política Nacional de Saúde Mental não se limitam aos espaços dos Centros de Atenção Psicossociais – CAPS. Conforme sugere Amarante (2012), é necessário que sejam desenvolvidas novas estratégias de cuidado em saúde mental, de modo a favorecer o trabalho em rede e à (re) inserção do usuário nos mais diversos espaços sociais, no caso do *Burnout*, buscando desenvolver as possibilidades de avaliar sua vida laboral e fazer as melhores escolhas.

Logo, considerando que a Atenção Básica é a porta de entrada do SUS, faz-se necessário investir numa melhor aproximação entre os serviços especializados de saúde mental e de saúde do trabalhador, focando, especialmente, no estabelecimento do nexo causal, no desenvolvimento de eventos sentinelas e na notificação dos agravos à saúde mental relacionados ao trabalho.

Um último aspecto que pode ser enfatizado, tendo em vista o acometimento por *Burnout* em professores, é o Programa de Saúde na Escola (PSE), política intersetorial da Saúde e da Educação, instituído em 2007. Embora se constitua como iniciativa louvável, as ações do PSE têm deixado de lado a saúde dos próprios professores. Não se encontram referências que deem conta desse viés de atuação, o que representa uma lacuna na forma de operacionalizar o programa.

Professores têm rotinas corridas de trabalho, sendo uma categoria profissional reconhecida por "levar trabalho para casa". Essa jornada que muitas vezes parece não ter limites pode se constituir como obstáculo ao acesso e à utilização dos serviços de saúde (Travassos, & Castro, 2012). Sendo assim o PSE poderia representar uma estratégia importante para desenvolver ações de informação, sensibilização e prevenção ao *Burnout*, garantindo mais equidade aos profissionais docentes.

Vale também destacar que a Síndrome de *Burnout* integra hoje a Classificação Internacional de Doenças (CID-11), da Organização Mundial de Saúde (OMS), sendo caracterizada como um fenômeno associado ao trabalho (ou a falta dele) e resultante do estresse crônico que não foi manejado eficientemente. O reconhecimento da síndrome pela OMS representa um consistente avanço, pois poderá tornar mais visível a SB, reduzindo subdiagnósticos e reforçando a importância de buscar minimizar o impacto dos fatores de risco psicossociais no ambiente laboral.

Considerações finais

A análise dos dados permitiu compreender a significativa vulnerabilidade dos professores ao *burnout*, diante da realização simultânea de múltiplas atividades e funções que são impostas no contexto de precarização do trabalho. Professores tem se percebido sobrecarregados, ao mesmo tempo em que não é disponibilizada orientação, suporte, formação e condições de trabalho inclusive materiais.

Ao estudar o conceito da síndrome, suas manifestações clínicas, tratamento e estratégias de prevenção, percebeu-se a importância de, para além de buscar um melhor ambiente de trabalho, efetivar um diálogo entre políticas públicas de saúde e educação.

Referências

Amarante, P. E. (2012). Saúde mental, desinstitucionalização e novas estratégias de cuidado. Em L. Giovanella, S. Escorel, L. V. Lobato, J. C. Noronha, & A. I. Carvalho, *Políticas e sistemas de saúde no Brasil* (pp. 635-656). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

Antunes, R. (2009). *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho*. (2a ed.). São Paulo: Boitempo.

Antunes, R., & Druck, G. (2015). A terceirização sem limites: a precarização do trabalho como regra. *O Social em Questão, 18*(34), 19-40. Recuperado de: http://www.cressrn.org.br/files/arquivos/Sm4618UP754c17102374.pdf.

Brasil. Ministério da Saúde do Brasil. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Cadernos de atenção básica. Caderno nº 5. Saúde do Trabalhador. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

Bosi, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. *Educ. Soc., 28*(101), 1503-1523.

Dejours, C. A. (1992). *Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.

Elias, C. S., Silva, L. A., Martins, M. T. S. L., Ramos, N. A. P., Souza, M. G. G., & Hipólito, R. L. (2012). Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. *SMAD: Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas, 8*(1), 48-53. Retirado de http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/49594 .

Esteve, José Manuel. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru: Edusc, 1999.

Franco, T., Druck, G., & Seligmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgate mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 35*(122), 229-248. Recuperado de: http://www.scielo.br/pdf/rbso/v35n122/a06v35n122.pdf.

Maslach, C.; Schaufeli, W. B & Leiter, M. (2001). Job *Burnout*. *Annual Review of Psychology*, Washington, (52). 397-422. Disponível em: http://www.wilmarschaufeli.nl/publications/Schaufeli/154.pdf> .

Organização Mundial de Saúde [OMS]/Organização Pan-Americana de Saúde - Brasil [OPAS-Brasil] (2019). CID: Burnout é um fenômeno ocupacional. Recuperado de: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5949:cid-burnout-e-um-fenomeno-ocupacional&Itemid=875.

Noronha, D. P.; Ferreira, S. M. S. P. (2000). Revisões de literatura. In B. S.V. C. Campello, B. V. Cendón, & J. M. Kremer (Orgs.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais* (pp. 191-198). Belo Horizonte: UFMG.

Sennett, R. (2005) *A corrosão do caráter – conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.

Silva, S. F., & Magalhães-Júnior, H. M. (2013). Redes de atenção à saúde: importância e conceitos. Em S. F. Silva, *Redes de atenção à saúde: desafios da regionalização do SUS* (pp. 75-90). Campinas: Saberes Editora.

Tamayo, M. R. (2015). Burnout. In: P. F. Bendassoli, & Borges-Andrade, J. E. (Orgs.), *Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações* (pp. 139-146). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Travassos, C., & Castro, M. S. (2012). Determinantes e desigualdades sociais no acesso e na utilização de serviços de saúde. In L. Giovanella, S. Escorel, L. V. Lobato, J. C. Noronha, & A. I. Carvalho, *Políticas e sistemas de saúde no Brasil* (pp. 183-206). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR: REFLETINDO SOBRE OS PRIMEIROS PASSOS

Francisca Dálethe Sousa Pereira (UNIFIP)
Ana Beatriz Feitosa de Souza (UNIFIP)
Crisley Caroline da Silva Sá (UNIFIP)
Genniffer da Silva Fernandes (UNIFIP)
Profa. Ma. Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves (UNIFIP)

Resumo. O presente estudo teve como objetivo conhecer os possíveis papéis e contribuições que podem ser exercidos pelo psicólogo escolar e educacional para melhoria dos aspectos relacionais e referentes ao desenvolvimento e aprendizagem na escola. Vinculado à disciplina de Estágio Supervisionado Básico em Psicologia e Educação, o estudo foi de caráter qualitativo, buscando a descrição e compreensão da dinâmica escolar, tendo sido desenvolvido a partir da pesquisa-intervenção, numa perspectiva transformadora. Nos resultados, foram observadas queixas dos alunos e professores acerca dos prejuízos associados à ansiedade, bem como da exaustão que estes experienciam no pós-pandemia. Houve, também, queixas de comportamentos rudes dos professores. Por outro lado, destacaram-se observações acerca da importância das relações interpessoais para estes alunos no ensino integral, bem como a importância das disciplinas integradas que os permitem uma melhor perspectiva de futuro. Por fim, o estudo visa contribuir para a comunidade escolar através de possíveis intervenções, bem como para a comunidade científica em posteriores estudos.

Palavras-chave: Escola, Psicologia escolar e educacional, Pesquisa-intervenção.

O desenvolvimento da Psicologia Escolar ocorreu simultaneamente ao desenvolvimento da psicologia enquanto ciência, tendo suas raízes na transição do século XIX para o século XX, na criação dos primeiros laboratórios de psicologia. No momento inicial pôde-se observar uma grande preocupação com a dimensão das manifestações psíquicas, deste modo, no início do século passado o psicólogo escolar apresentava-se mensurando-as juntamente aos laboratórios das escolas de educação e de filosofia (Bock, et. al. 2003).

A sua atuação era hegemonicamente relacionada às práticas da psicometria e ao avanço de intervenções clínicas individuais em instituições de ensino. O fator dos problemas educacionais mantinha-se centrado no aluno, ao passo que fatores externos como sociais, econômicos, institucionais, históricos e pedagógicos eram desconsiderados (Cassins & Cols., 2007; Teixeira, 2003).

Segundo Friedrich (2012), o instrumento psicológico teria duas qualidades que, de maneira dialética, o constituem: é mediatizado, por voltar-se, a um só tempo, para a regulação do social e do próprio sujeito que realiza a ação e, por isso mesmo, é mediatizante. É por este motivo que interessa à psicologia analisar os usos dos instrumentos psicológicos, dada sua origem social e porque, consequentemente, carregam em si qualidades dessas interações que constituirão a vida psíquica do sujeito.

Naquela época, instituíram-se equipamentos que operavam como uma política pública de educação, denominados Serviços de Higiene Mental Escolar - SHME (Lima, 2012), entendendo as questões que se manifestavam na escola como um problema que poderia ser resolvido pela ação de um profissional portador de um saber especializado a partir da aplicação de uma técnica sobre o indivíduo e seu funcionamento psíquico.

No entanto, o psicólogo era meramente um psicometrista que analisava as crianças indicando as áreas em que estas apresentavam dificuldades na aprendizagem (Barbosa & Marinho-Araújo, 2010; Bock, 2003; Guzzo e cols., 2010) e sugeriam sua modificação para adaptarem-se aos padrões socioeconômicos exigidos no tempo, pois somente as intervenções pedagógicas não supriam as necessidades. Cunha (1997) indica que, desse modo, se originaram os primeiros serviços de orientação ainda com uma atuação voltada para a clínica no contexto escolar.

A essa altura, a atuação do psicólogo mostrava apenas um caráter clínico-terapêutico que procurava corrigir a criança e adaptá-la ao ambiente escolar (Barbosa & Marinho-Araújo, 2010; Bock, 2003; Guzzo e cols., 2010), com intervenções focadas em ações exclusivas para os alunos, não considerando a instituição e o âmbito geral que a compõe para além deles (Andrada et. al, 2005).

Sobretudo, a vista demanda específica surgia da necessidade de que um profissional cuidasse das resoluções de situações problemas e enfrentamentos. Essa figura de psicólogo especializada aderiu desde de sua formação a postura que tinha como função avaliar e tratar, se atentando a desajustes que não correspondiam aos comportamentos "ajustados" que eram esperados socialmente, firmando a psicologia como normatizadora, gerando, posteriormente, reivindicações. (Marinho-Araújo & Almeida, 2005).

Lima (2005) afirma que a partir da década de 80, houve uma ressignificação desse profissional da psicologia escolar para uma prática voltada realmente para seu cenário e as relações que nele se caracterizavam. Agora a execução de intervenções seria direcionada a toda a comunidade, com o objetivo principal focado na prevenção e promoção da saúde, de maneira a contribuir com a aprendizagem e a manter as relações existentes na escola saudáveis e agregadoras no convívio educacional.

O modelo tradicional de educação tornou-se obsoleto, apontando a necessidade de transformar o processo de ensino e aprendizagem. Esse novo modelo passa a utilizar diferentes diretrizes pedagógicas, que considerem o desenvolvimento da personalidade e a conscientização do indivíduo e sua relação com o meio, a partir dos quatro pilares da educação, como ressaltado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), afirmando que a Psicologia Escolar utiliza os conhecimentos científicos sobre os desenvolvimentos emocional, cognitivo e

social, para compreender os processos de aprendizagem e direcionar a equipe educativa na busca de um constante aperfeiçoamento do processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Barbosa & Marinho-Araújo (2010), hoje sabe-se que o psicólogo é muito mais que o papel puramente clínico-terapêutico que lhe era atribuído, o psicólogo busca proporcionar o desenvolvimento dos estudantes, professores e demais pessoas envolvidas no contexto da escola. É também responsabilidade do psicólogo escolar a contribuição para a criação de programas de combate ao uso de drogas, campanhas de conscientização sobre bullying e demais ações que visam o convívio saudável entre os alunos, seus professores e as famílias.

Ademais, é importante destacar que a atuação da Psicologia Escolar não se limita apenas às escolas, apesar de um grande número de pesquisas em Psicologia Escolar ter como objeto de estudo questões que permeiam o cotidiano da escola, como as dificuldades de aprendizagem, a relação professor-aluno, entre outros, a Psicologia Escolar tem, entre os seus desafios, ampliar seu foco de atuação, pesquisa e produção de conhecimento para além da escola, pois diferentes contextos como creches e ONGs, por exemplo, e outros níveis do sistema educacional podem enriquecer-se do trabalho desenvolvido por profissionais e pesquisadores voltados à interface Psicologia-Educação.

Vale ressaltar a fala de Mello (1978) quando afirma que a psicologia escolar compreende todas as atividades dos psicólogos que, realizadas em escolas ou instituições vinculadas a elas, visam à utilização das técnicas psicológicas, com a finalidade de promover a eficiência do ensino em todos os seus aspectos.

O desafio atual da Psicologia Escolar, segundo Tetters (1990), citado por Gomes (2012) é a adequação da produção teórica às características econômicas, sociais, políticas e ideológicas que influenciam a Educação, a escola, os alunos, as famílias e a sociedade. É urgente, portanto, que a Psicologia Escolar desloque o foco de interesse individualista das dificuldades de

aprendizagem para uma proposta de trabalho coletivo e com orientação preventiva. E é de extrema importância que a escola e a sociedade entendam de fato o verdadeiro papel do Psicólogo Escolar, e que mais e mais escolas possam aderir a esses profissionais.

Sob essa perspectiva, percebe-se a importância da inserção do estágio em psicologia escolar a ser discutido, tendo em vista as grandes demandas nos âmbitos de prevenção, adaptação e até tratamento (Machado, 2014), que podem prejudicar o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, o trabalho objetiva cumprir uma postura de pesquisa crítica e ativa, compreendendo o cotidiano da comunidade escolar em questão, intervindo de forma a transformar aquele ambiente sem vê-lo como exterior, mas sim fazendo um trabalho de caráter participativo e contribuinte para o desenvolvimento da comunidade no geral, bem como dos pesquisadores.

Vinculado à disciplina de Estágio Supervisionado Básico em Psicologia e Educação, o presente estudo teve como objetivo conhecer os possíveis papéis e contribuições que podem ser exercidos pelo psicólogo escolar e educacional para melhoria dos aspectos relacionais e referentes ao desenvolvimento e aprendizagem na escola.

Método

O estudo é de natureza qualitativa, buscando a exploração e compreensão dos fenômenos vivenciados pela comunidade escolar em questão, e a maneira que se relacionam com estes em seu cotidiano, tendo um caráter investigativo e descritivo. Foi desenvolvida uma pesquisa-intervenção, de forma participativa, na investigação da vida da comunidade, com um caráter transformador de atuação.

Para as intervenções, houve a participação de 5 estagiários, 1 supervisor de estágio, 29 alunos e 6 funcionários, sendo estes a diretora da escola, a coordenadora pedagógica, duas supervisoras da escola e duas professoras.

Para a coleta de dados, foi utilizada a observação participante, juntamente com a entrevista semi-estruturada, bem como o diário de campo individual. Para a intervenção, foi utilizado um roteiro de apresentação e entrega de materiais (folders, panfletos, lembrancinhas, etc).

Para o presente estudo, buscou-se seguir os aspectos éticos necessários conforme a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, portanto partiu-se de uma abordagem cuidadosa focada na caracterização do ambiente e das pessoas que nele convivem, para a partir disso elaborar atividades que possam servir de contribuição para este.

O estudo contou majoritariamente com a participação de estudantes, em sua maioria menores de idade, sendo assim parte de grupos vulneráveis. Esta escolha foi necessária, tendo em vista a temática do estágio em questão, visando o entendimento da Psicologia Escolar.

Buscou-se minimizar possíveis riscos e desconfortos, utilizando-se de uma abordagem cuidadosa para o contato com os alunos, visando sempre entender o que eles já conheciam sobre o assunto que iríamos tratar e o que iríamos discutir, deixando-os livres para argumentar.

Resultados e discussão

No primeiro dia de visita à escola, 08/09/2022, as ações realizadas durante o estágio tiveram foco nos alunos do 1° ao 3° ano. Inicialmente, optou-se pela caracterização do contexto escolar, possibilitando aquisição de conhecimento e inserção no espaço aos poucos, pois segundo Araújo (2003) e Marinho-Araújo e Almeida (2005) esse processo do papel do psicólogo escolar se dá através de um aprofundamento na instituição.

Para tal caracterização, foi necessário o acompanhamento da supervisora escolar, verificando-se um amplo colégio com diversos espaços de convivência e atividades, buscando investigar de forma geral para depois se olhar individualmente (Rodrigues, et. al., 2008). Destacou-se uma sala afastada e pouco acolhedora, onde a psicóloga escolar fazia seus

atendimentos e planejamentos, conforme mencionado por Martins (2003), explicando que as escolas tinham salas dessa forma, para as quais eram conduzidos os alunos que eram vistos como “alunos problema.”

No decorrer, foi possível realizar uma entrevista semiestruturada com a vice-diretora e uma professora da instituição, possibilitando o diálogo e a absorção da percepção das entrevistadas (Lakatos & Marconi, 2003), e ambas destacaram que o pós-pandemia disseminou problemáticas já existentes de exaustão mental e física, sendo difícil eles se atentarem às aulas e provocando crises de ansiedade com mais frequência.

Na segunda visita, realizada em 22/09/2022, foi feita a primeira intervenção, baseada em uma roda de conversa com um roteiro de questões sobre pontos positivos e negativos da escola, destacando-se entre os positivos a socialização, pois explicaram que frequentemente se sentiam “depressivos” sozinhos, sendo assim de extrema importância para eles a interação uns com os outros, conforme mencionado por Silva (2017). Ademais, destacaram as aulas de Projeto de Vida, disciplina importante para os proporcionar melhores perspectivas de futuro. (Bresciani, 2010).

Já nos pontos negativos, enfatizaram o prejuízo da ansiedade em seus estudos, ressaltando o fato de que estudantes do ensino médio apresentam altos índices de ansiedade, pois têm a vida escolar como um componente decisivo em sua vida, gerando uma alta pressão e expectativa e tornar o espaço estudantil um causador de sofrimento psicológico (Grolli; Vagner; Dalbosco, 2017), o que ocasiona uma rotina corrida e estressante.

Ademais, queixaram-se da falta de paciência de seus professores, tratando-os de forma grosseira e explosiva. Conforme apontado por Tiba (1998), explicando que a nova geração de estudantes está cada vez mais envolvida em processos de aprendizagem e transformação, e os

professores podem estar presos a métodos tradicionais de ensino, não acompanhando esta transformação, e, consequentemente, causando atrito.

Considerações finais

O presente estudo cumpriu com os seus objetivos primordiais de conhecer os papéis do psicólogo escolar e quais as melhorias que este pode gerar no ambiente estudantil, a partir da caracterização da comunidade, identificação de demandas e realização de atividades específicas para solucioná-la.

Dessa forma, buscou-se contribuir com a comunidade escolar, visando uma melhor qualidade de ensino e convivência entre os alunos e funcionários, fazendo uma demonstração da importância do fazer psicológico na educação, sabendo que este tem um caráter transformador da realidade.

Por fim, espera-se que o estudo traga contribuições tanto para outras comunidades escolares retomando os parágrafos anteriores e a importância de cada atividade abordada, bem como para a comunidade científica, abrindo oportunidades para estudos mais específicos e/ou com maiores amostras e mais voluntários da comunidade escolar.

Referências

Andrada, E. G. C. (2005). Novos Paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18 (2), 196-199. Recuperado de: https://www.scielo.br/j/prc/a/fsyKnWZcGR78wdVGNVscVFF/?format=pdf&lang=pt. doi: https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000200007.

Almeida, S. F. C. de (Org.). *Psicologia Escolar: ética e competências na formação e atuação profissional.*. Campinas: Editora Alínea, 2003. p. 105-124. Recuperado de: http://www.revispsi.uerj.br/v9n3/artigos/pdf/v9n3a07.pdf.

Cunha, B. B. B., Yazlle, E. G., Souza, M., Salotti, M. Psicologia na escola: um pouco de história e algumas histórias. *São Paulo: Arte & Ciência*. 1997. Recuperado de: https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1734. Recuperado de: https://www.scielo.br/j/paideia/a/WKVZvxVPWfzjhTmpDphCCqR/abstract/?lang=pt. doi: https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000300008.

Dias, A. C. G., Patias, N. D., & Abaid, J. L. W. (2014). Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas possibilidades. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18 (1), 105–111. Recuperado de: https://www.scielo.br/j/pee/a/kFwV6k4ThTqNSNpp6NYmPft/abstract/?lang=pt. doi: https://doi.org/10.1590/S1413-85572014000100011.

Karino, C. A., & Laros, J. A. (2014). Ansiedade em situações de prova: evidências de validade de duas escalas. *Psico-usf*, 19, 23-36. Recuperado de: https://www.scielo.br/j/pusf/a/t6xKNSZrrkMyfWRRzfBPNVh/abstract/?lang=pt. doi: https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100004.

Lima, A. O. M. N. Breve Histórico da Psicologia Escolar no Brasil. *Psicologia Argumento*, PR. 2005; 23(42). 17-23. Recuperado de: https://biblat.unam.mx/pt/revista/psicologia-argumento/articulo.

Machado, A. M. (2014) Exercer a Postura Crítica: Desafios no Estágio em Psicologia Escolar. Psicologia: *Ciência e Profissão*. *34*(3). 761-773. Recuperado de: https://www.scielo.br/j/estpsi/a/7cd8N3gGpDGwr6bDGBhnnQp/?lang=pt. https://doi.org/10.1590/1982-3703001112013.

Marinho-Araújo, C., & Almeida, S. (2005). *Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional*. São Paulo: Alínea.

Martinez, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? *Em aberto*, DF. 2010; 23(83): 39-56. Recuperado de: http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2456. doi: https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.23i83.%25p.

Oliveira-Menegotto, L. M., & Fontoura, G. P. (2015). Escola e Psicologia: Uma História de Encontros e Desencontros. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(2), 377–386. Recuperado de: https://www.scielo.br/j/pee/a/pjRXMbcm9t4RH94jPkyHrJB/. doi: https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192869

Pezzini, C. C., & Szymanski, M. L. S. (2015). Falta de desejo de aprender: Causas e Consequências. Recuperado de: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf.

Rocha, M. L., Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*. *23*(4). 64-73. Recuperado de: https://www.scielo.br/j/pcp/a/XdM8zW9X3HqHpS8ZwBVxpYN/?lang=pt. https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400010.

Rodrigues el. al (2008). Prevenção e promoção de saúde na escola: concepções e práticas de psicólogos escolares. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 1*(1),67-78. Recuperado de: https://www.scielo.br/j/pee/a/kFwV6k4ThTqNSNpp6NYmPft/?lang=pt

Souza, V. L. T. D. (2022). Contribuições da Psicologia à educação escolar: perpetuação ou transformação das desigualdades sociais?. *Estudos de Psicologia,* (Campinas), 39. Recuperado de: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estudos/article/view/5741. doi: https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200178.

Veronese, L. A. A., & Machado, A. M. (2022). O pensamento institucionalista e a psicologia escolar: desassossegando as lógicas do cotidiano. *Psicologia Escolar e Educacional*, 26. Recuperado de: https://www.scielo.br/j/pee/a/4nBByV3Y7z5QGyYVHj5Q3fQ/. doi: https://doi.org/10.1590/2175-35392022225808.

Vieira, A. E. R., & Bussolotti, J. M. (2019). GESTÃO ESCOLAR. *Interação - Revista De Ensino, Pesquisa E Extensão*, 20(1), 45 - 70. Recuperado de: https://periodicos.unis.edu.br/index.php/interacao/article/view/167. doi: https://doi.org/10.33836/interacao.v20i1.167

Rezende, W. S. (2010). A disciplina escolar como fator associado ao desempenho dos alunos: uma perspectiva renovada para o tema diante de uma tradicional sociologia da educação. *Teoria e Cultura*, 5(1 e 2). Recuperado de: https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12238/6466.

Rocha, J. B. A., Aragão, Z. M. X., Marques, A. J. L. D. C., Carvalho, S. T. A., Rocha, A. S., & Cavalcante, A. K. S. (2022). Ansiedade em Estudantes do Ensino Médio: Uma Revisão Integrativa da Literatura / Anxiety in High School Students: An integrative review of the literature. *Id Online. Revista de Psicologia*, 16(60), 141–158. Recuperado de: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3418 doi: https://doi.org/10.14295/idonline.v16i60.3418

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O POLIAMOR E PESSOAS POLIAMORISTAS

Ana Carolina Bezerra Ramos (UNIFIP)
Anuska Bandeira Costa Paiva (UNIFIP)
Tereza Sade Roberto Araújo Almeida (UNIFIP)
Fernanda de Souza Pereira (UNIFIP s)
Prof. Dr. Layrtthon Carlos de Oliveira Santos (UNIFIP)

Resumo. O presente trabalho tem como objetivo conhecer como pessoas da população geral representam o poliamor. O estudo contou com 155 indivíduos da população geral, com média de idade de 24,91 anos (*DP* = 6,78), variando de 18 e 58 anos. A maioria foi do sexo feminino (66,2%). Além de um questionário sociodemográfico, os participantes responderam a seguinte pergunta norteadora: O que você pensa sobre o poliamor e pessoas que vivem relacionamentos poliamorosos? Os dados qualitativos foram analisados pelo software Iramuteq, a partir do qual foram realizadas estatísticas de frequência de palavras e uma análise de similitude para verificação das conexidades entre os termos mais frequentes e demais vocábulos. De forma geral, as representações sobre o poliamor foram ancoradas em categorias como respeito, liberdade, desconhecimento, desconfiança. Confia-se que o presente estudo contribui para a literatura sobre o tema e pode inspirar estudos futuros, contribuindo para uma melhor compreensão e conhecimento do fenômeno em âmbito social.

Palavras-chave: Poliamor, Representações sociais, Tabu.

Durante a Idade Média, por meio da popularização do feudo e do casamento religioso, a vigilância moral e a negociação do casamento foram fortalecidas, e o amor ganhou uma tentativa tímida de conectar o espírito e o material. Então, posteriormente, o amor voltou a ser idealizado no século XIX, por meio de movimentos literários e voltou ao amor romântico, onde, tornou-se um fenômeno popular na segunda metade do século XX (Lins, 2014).

Nos dias atuais, muitas pessoas têm estabelecido relações afetivas entre duas ou mais pessoas ao mesmo tempo e de forma consensual entre todos os envolvidos, fenômeno que é denominado como Poliamor. Por seu caráter consensual, o poliamor se diferencia da traição, visto que aquele não fere a fidelidade conjugal estabelecida entre os casais que aderem à prática

poliamorista. Assim, torna-se relevante a compreensão das expressões do poliamor e da vivência do mesmo pelos poliamoristas (Perez & Palma, 2018).

Entretanto, na visão do Direito da Família, a monogamia é o padrão tradicional e está enraizado nas culturas da população ocidental, apresentando como propriedade o convívio familiar entre pessoas que buscam somente um parceiro, enquanto a relação permaneça existindo. A prática monogâmica existe há séculos na sociedade ocidental, nesse tipo de relação, a procura afetiva fora desse circulo não é permitida. Na relação poligâmica também não é permitido procurar obsessivamente novas relações, mas sim um consenso de convívio afetuoso das pessoas envolvidas na relação (Mazzo & Angelucci, 2014).

A partir disso, pode-se entender que a institucionalização da sexualidade e sua normatização surgem-nos mais diferentes conjuntos da vida humana, e por mais que a experiência poliamorosa rompa com os pareceres sociais de muitas formas, a passagem para o livre-arbítrio e o alvará da contestação, ainda existe um comprido trajeto a ser trilhado. Nesse contexto, o poliamor é debatido como um moderno exemplo de relação afetivo-sexual e como ela difere das analogias monogâmicas clássicas, mas que também, diante do imperativo social, as práticas poliamorosas são firmemente contidas à coerência normativa (Dias, 2015). Para os liberalistas, a neutralidade da lei deve ser seguida mantendo o respeito com as pessoas como seres autônomas e livres, capazes de decidirem por si mesmas. . Em geral, os termos, liberal e conservador são vistos como componentes de uma única extensão: quanto mais liberais os sujeitos são, menos conservadores serão considerados (Ten, 1999).

O debate acerca sobre a construção de famílias poliamorosas no contexto brasileiro tem crescido nos últimos anos. Venosa (2007) salienta que a afetividade é um elemento importante no contexto do direito social, que tem mudado posições, em particular, ao entendimento de família e filiação. Já na visão constitucional atual, a família é classificada por sua aparência

social, ou seja, a família sociológica, a qual se rejeita o conceito rígido sobre o que é família. Existe a visão de que a família não é um fim em si mesma, mas começa a ser vista como um meio ou ferramenta para que seus membros obtenham a felicidade e o sentimento de realização pessoal. Portanto, uma vez que as entidades familiares não possuem mais protótipos estritos ou modelos preestabelecidos, devem defender o reconhecimento dos direitos de qualquer tipo de família, desde que haja boa vontade afetiva e objetiva (Portes Júnior, 2019).

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo conhecer como pessoas da população geral representam o poliamor, isso é, como conceituam coletivamente o referido construto.

Método

Delineamento e Hipótese

Essa pesquisa é caracterizada como sendo de natureza qualitativa e exploratória. Por sua natureza, nessa ocasião não foram testadas hipóteses no estudo.

Participantes

O estudo contou com 155 indivíduos da população geral, com média de idade de 24,91 anos (*DP* = 6,78), variando de 18 e 58 anos. A maioria foi do sexo feminino (66,2%).

Instrumentos

Os participantes responderam a seguinte pergunta norteadora: O que você pensa sobre o poliamor e pessoas que vivem relacionamentos poliamorosos? Além disso, foi utilizado um questionário sociodemográfico para caracterização da amostra.

Procedimento e Aspectos Éticos

A coleta dos dados ocorreu em ambiente virtual (online) com o questionário formulado no *Google Forms*, e o *link* divulgado a partir de redes sociais dos autores. O projeto contou com aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Patos (UNIFIP)

(CAAE 54023721.2.0000.5181) e seguiu todos os aspectos éticos sinalizados pela resolução n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (e.g., consentimento, anonimato, sigilo etc.).

Análise de Dados

Os dados qualitativos foram analisados pelo software Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), a partir do qual foram realizadas estatísticas de frequência de palavras e uma análise de similitude para verificação das conexidades entre os termos mais frequentes e demais vocábulos.

Resultados e Discussão

O que você pensa sobre o poliamor e pessoas que vivem relacionamentos poliamorosos?

O *corpus* textual constituiu-se de 155 textos, 168 segmentos de texto e 3.363 ocorrências. A análise de similitude apresentada na Figura 1 mostra as conexões entre os termos mais frequentes do *corpus* e outros termos empregados nas respostas dos participantes.

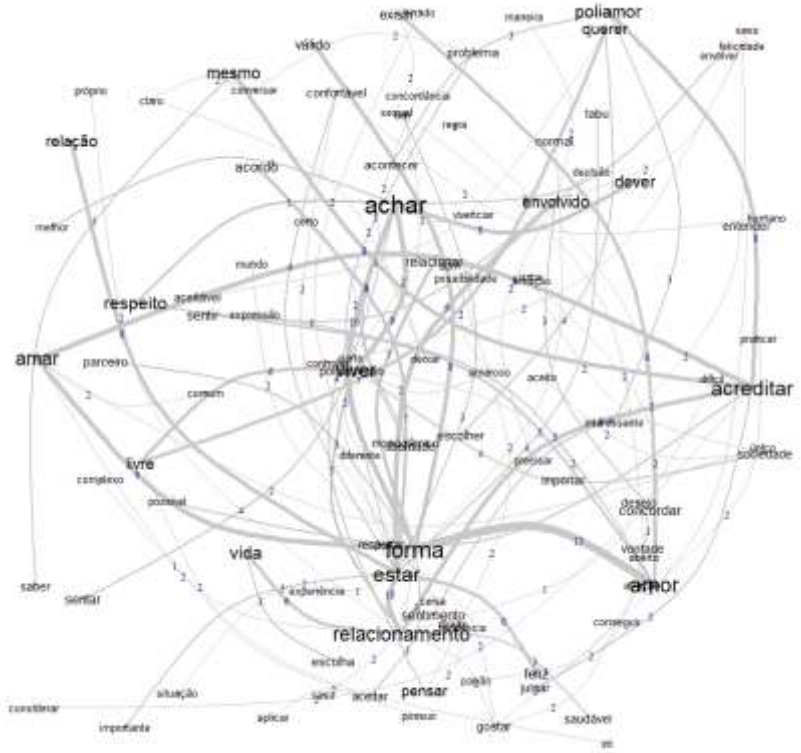

Figura 1. Árvore de concorrências do *corpus*.

A partir do conjunto de conexões observadas na árvore de coocorrências, algumas inferências foram possíveis. Inicialmente, percebe-se que, em geral, os participantes entendem que o poliamor é uma forma de amar como qualquer outra. Também foram apresentadas falas relacionadas à não propriedade de julgar esse tipo de relacionamento, como mencionado através do exemplo abaixo:

> *"Particularmente não sou a favor, eu não viveria. Mas quem é feliz assim, quem sou eu para achar algo ou ir contra? Cada um é feliz da forma que lhe convém".* (Participante 44, 31 anos, sexo feminino).

Alguns participantes indicaram não acreditar que é possível amar duas pessoas ao mesmo tempo, achando estranho como isso pode funcionar, pois um relacionamento monogâmico já tem suas dificuldades, então um poligâmico onde conta com mais pessoas seria ainda mais difícil de conviver. Outros participantes listaram que é um tipo de relacionamento que a sociedade não está pronta para lidar, justamente por ser fora dos padrões e ainda haver muitos tabus sobre o mesmo. As falas a seguir ilustram esse resultado:

> *"Para minha pessoa é confuso, pois somente entende completamente este ciclo de poliamor aquele que sente e gosta deste movimento sentimental por mais de uma pessoa, por isso não possuo opinião formada exclusivamente para esse assunto. Todavia, para pessoa que vivem estes relacionamentos, minha preocupação seria mais pela segurança dentro desse tipo de relacionamento. Afinal, são mais de 2 pessoas, e pessoas são complexas demais para uma explicação plausível, mas se estas pessoas vivem em harmonia, em um relacionamento estável e saudável, que é difícil e complexo até para relacionamentos monogâmicos, imagine escaloná-lo a um bem mais complexo em mente e corpo, pois quanto mais seres envolvidos mais complexa se torna qualquer coisa na vida".* (Participante 08, 20 anos, sexo masculino).

> *"Acredito que este sentimento de amar mais de uma pessoa acontece com muita frequência, mas viver o poliamor é um tabu que a nossa sociedade ainda não está pronta para aceitar de forma natural".* (Participante 42, 37 anos, sexo não mencionado).

Contudo, alguns partícipes compactuam com a ideia de que toda forma de amor é válida, mas que não viveriam, apesar de entenderem que não é possível mandar no coração, então estão abertos ao que possivelmente vier a acontecer. Essa ideia pode ser vista no exemplo abaixo:

> *"Poliamor é um tipo de amor sim, como dito na pesquisa a gente não controla o coração, e pode sim acontecer de alguém amar duas pessoas, amamos várias pessoas ao longo da nossa vida ao mesmo tempo, como o pai e a mãe, por que não amar duas pessoas também para um relacionamento? Apesar de não ser comum em minha realidade ver tais coisas, acredito que relacionamentos poliamorosos são sim relacionamentos, se as pessoas envolvidas concordam e querem".* (Participante 45, 21 anos, sexo feminino).

Outras expressões permitem interpretar que o poliamor é algo pouco visto ou até inexistente, na infância, consequentemente reproduzido até a vida adulta, resultando em uma dificuldade de olhar a situação com outros olhos e assim formando uma opinião baseada em apenas um tipo de relação, como mencionado através do exemplo abaixo:

> *"Eu acredito que se eu tivesse contato com essas pessoas, seria um choque por desde pequena ouvir que isso é errado e que devemos seguir a monogamia. No entanto, vendo a situação como um todo, livre de julgamentos, acredito que todas as pessoas são livres para fazer o que querem, se estão nesse relacionamento em consenso e possuem os mesmos valores, eu não me sinto no direito de julgar ou discriminar as mesmas".* (Participante 84, 20 anos, sexo masculino).

Foi possível interpretar, ainda, a partir dos discursos, que o importante é a felicidade dos envolvidos nesse tipo de relação, independentemente de como essa base se constitua, se todos estão de acordo, tudo bem. Como mencionado através do exemplo abaixo:

> *"Para mim, não há problema algum. Todos somos livres. É preciso estar feliz sempre. Penso que cada ser humano tem que cuidar da sua própria vida e relacionamentos, assim não sobra tempo para se meter na relação alheia".* (Participante 31, 23 anos, sexo feminino).

Foi relatada descrença acerca da existência de relacionamento poliamoroso, levantando-se que é impossível amar duas ou mais pessoas ao mesmo tempo em igual medida, já que sempre haverá uma preferência maior por uma delas, ou também pode estar ligado com outros fatores, como não ser amor, mas uma paixão ou atração repentina para de alguma forma salvar a relação até então monogâmica. A seguir um exemplo de resposta que representa esse resultado.

> *"Não acredito em poliamor. Evidências científicas diferem amor de paixão. Acredito que gostar de várias pessoas ao mesmo tempo é atração biológica ou no máximo paixões. Amor é sentimento, paixão é emoção, e cientificamente toda emoção acaba. Poliamor poderia ser descrito como uma emoção, mas não acredito que seja amor".* (Participante 22, 23 anos, sexo masculino).

Alguns participantes indicaram que mesmo se o poliamor fosse moralmente aceito pela sociedade, seria pouco vivenciado. Algumas pessoas que responderam relataram não se sentirem abertas o suficiente para vivenciar algo assim, porém aceitam e acham que havendo um acordo entre todos, o relacionamento tende a fluir. Ainda, que cada pessoa escolhe como quer viver sua vida e que a opinião não vai mudar em nada sobre o que os outros acham.

"Penso que é algo válido, pois o amor tem suas facetas e cada ser humano é subjetivo, podendo ter o poliamor como uma possibilidade para sua vida amorosa. No entanto, não me vejo em tal relacionamento". (Participante 32, 18 anos, sexo feminino).

"Cada um escolhe a vida que quer, não me interessa as escolhas dos outros". (Participante 12, 33 anos, sexo feminino).

Por fim, é possível também inferir sobre a influência de crenças direcionadas a relacionamentos construídas desde a infância em especial sobre a monogamia. Apesar disso, a liberdade individual é ressaltada, como ilustrado a seguir:

"Eu acredito que se eu tivesse contato com essas pessoas, seria um choque por desde pequena ouvir que isso é errado e que devemos seguir a monogamia. No entanto, vendo a situação como um todo, livre de julgamentos, acredito que todas as pessoas são livres para fazer o que querem, se estão nesse relacionamento em consenso e possuem os mesmos valores, eu não me sinto no direito de julgar ou discriminar as mesmas". (Participante 84, 20 anos, sexo feminino).

Os resultados observados nesse estudo permitem elaborar inferências acerca de como as pessoas representam o poliamor. Conceitualmente, as representações sociais consistem em sistemas de interpretação, que conduzem a relação com o mundo e com os outros, guiando e instituindo os comportamentos e as comunicações sociais. Além disso, interferem em ações tão variadas quanto a transmissão e a absorção dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, no significado das identificações pessoais e sociais, na demonstração dos grupos e nas modificações sociais. (Jodelet, 2001)

Na condição de formação das representações, a objetivação e a ancoragem atendem a interdependência entre a atividade cognitiva e suas categorias sociais de exercício, nos planos do requerimento dos conteúdos, das definições e da vantagem que lhes são atribuídas. A

ancoragem interfere de duas formas nas representações, garantindo sua inclusão no social. Por um lado, aprofunda a representação e seu objeto em um circuito de significados que permite estabelece-las frente aos valores sociais e dar-lhes coesão. De outro lado, a ancoragem convém à instrumentalização do conhecimento, atribuindo-lhe uma importância funcional para interpretação e gestão do espaço.

Já para a objetivação, esta ação compõe-se em três etapas: "construção seletiva — esquematização estruturante — naturalização", onde as duas primeiras, especialmente, revelam-se, o resultado da comunicação e das exceções, conectados ao pertencimento social dos sujeitos, na preferência e agenciamento dos elementos característicos da representação. (Jodelet, 2001).

Assim, pode-se perceber que algumas ancoragens sobre o tema são feitas em categorias como o respeito em relação ao fato de amar e o compartilhamento do sentimento das pessoas que vivenciam o poliamor, ainda que nunca tenham vivenciado tal experiência. Observou-se ainda no relato dos participantes uma incompreensão das possibilidades de amar mais de uma pessoa, bem como uma imagem do poliamor como tabu social. Além de como essa forma de amar é vista, o qual por limitações de informação, crenças biológicas, religiosas, representações no cotidiano, entre outros fatores, acabam influenciando em como ele é representado e entendido. E por fim, os que compactuam com o sentimento contrário aos mencionados, mas que ainda é algo válido e existente.

Dado que a poligamia contraria as normas da sociedade cristã ocidental, esses achados podem ser corroborados pela literatura da área, que rejeita a monogamia como princípio ou necessidade, provocando o padrão normativo dos relacionamentos românticos baseados na crença de que os casais são apenas casais entre si, de duas pessoas (Klesse, 2011). Os adeptos do poliamor acreditam que é possível amar e ser amado por mais de uma pessoa ao mesmo

tempo, e manter várias relações íntimas e sexuais ao mesmo tempo, com o consentimento e conhecimento de todos os envolvidos.

O poliamor vai em direção contrária aos padrões impostos pela sociedade monogâmica de relacionamentos românticos (Anapol, 2010). Dessa forma, segundo Vicente (1978), a forma que é demonstrado a sociedade, por entidades contrarias ao poliamor, como prejudicial e por colocar em perigo a ordem social, sujeita à repressão combinada da ética "moralista" a monogamia e dos tabus religiosos, quando conseguem existir, muitas vezes se manifestam em segredo e, portanto, são acusados de serem os vilões da verdadeira libertação, sendo esta, a de amar uma única pessoa.

Considerações Finais

Os principais achados desse estudo mostram que algumas pessoas não concordam com o poliamor, por questões religiosas, por não entenderem como funciona ou por não acharem que é algo viável a elas ou a seu parceiro (a), principalmente por conflitos que isso poderia vir a causar no relacionamento e por fim, os que também não concordam, porém não acham que isso é uma demanda que os afeta ou afeita a seu parceiro.

As limitações do estudo são voltadas para seu caráter de autorrelato, onde as pessoas tendem a dar respostas que imaginam ser socialmente desejáveis, assim como pela limitação da generalização dos resultados devido ao tamanho e não diversidade da amostra, assim como pela própria natureza qualitativa do estudo, que foca em situações particulares. Apesar disso, confia-se que o estudo tem potencial em contribuir para a literatura sobre o tema e inspirar estudos futuros, contribuindo para uma melhor compreensão e conhecimento do fenômeno em âmbito social.

Referências

Anapol, D. (2010). *Polyamory in the 21st century: Love and intimacy with multiple partners*.

Rowman & Littlefield Publishers.

Dias, M. B. (2015). *Manual de Direito das Famílias* (10ª. ed). São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. Retirado de https://www.researchgate.net/profile/Denise-Jodelet-2/publication/324979211_Representacoes_sociais_Um_dominio_em_expansao/links/5c4897c3a6fdccd6b5c2eab1/Representacoes-sociais-Um-dominio-em-expansao.pdf

Klesse, C. (2011). Notions of love in polyamory: elements in a discourse on multiple loving. *Laboratorium*, *3*(1), 4–25.

Lins, R. N. (2014). *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo* (9ª. ed.). Rio de Janeiro: BestSeller.

Mazzo, A. C. A., & Angeluci C. A. (2014). Há ainda espaço para a monogamia no Direito de Família Contemporâneo? Retirado de http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/4161

Perez, T. S., & Palma, Y. A. (2018). Amar amores: o poliamor na contemporaneidade. *Psicologia & Sociedade*, *30*, e165759.

Portes Júnior, O. A. (2019). Poliamor: uma abordagem jurídica e filosófica sobre as uniões simultâneas e poliafetivas (Disseração de Mestrado), Universidade FUMEC, Belo Horizonte, Brasil.

Ten, C. L. (1999). Liberal toleration. *Social Research*, 1167-1189.

Venosa S. S. (2007). *Direito Civil: Direito de Família*. São Paulo: Atlas.

Vincent, B. (1978). *Paul Goodman e a Reconquista do Presente*. Lisboa: Via Editora.

SÍNDROME DO IMPOSTOR E PERFECCIONISMO: UM ESTUDO CORRELACIONAL

Júlia Heloíza de Medeiros Dantas Florêncio (UNIFIP)
Camilla Vieira de Figueiredo (UFPB)
Profa. Ma. Thereza Christina Garcia Bezerra (UNIFIP)

Resumo. A Síndrome do Impostor (SI) é um fenômeno que leva o sujeito a duvidar das próprias habilidades e sucesso, mesmo com comprovações externas opostas. Esse fenômeno foi observado inicialmente em um grupo de mulheres bem sucedidas. Os impostores tendem a buscar a perfeição para que não sejam "descobertos" como incompetentes. Assim, um construto que pode estar associado ao fenômeno do impostor é o perfeccionismo. Considerando esse contexto, foi esquematizado o presente estudo, que teve como objetivo conhecer a relação entre a SI e os fatores de perfeccionismo. Contou-se com a participação de 214 estudantes universitários (M_{Idade} = 24,47 anos; 76,2% mulheres; 85,5% solteiros; 42,5% de classe social média-baixa). Estes, responderam a Escala Clance do Fenômeno Impostor, Escala da Quase Perfeição e perguntas sociodemográficas. Os resultados apontaram relações significativas entre SI e perfeccionismo discrepante (r = 0,75; p < 0,001) e perfeccionismo geral (r = 0,62; p < 0,001). Conclui-se, de maneira geral, que quanto maior é o nível de síndrome do impostor, maiores serão os níveis de perfeccionismo.

Palavras-chave: Síndrome do Impostor, Perfeccionismo, Universitários.

A Síndrome do Impostor foi introduzida por Clance e Imes (1978) ao enxergaram padrões em atendimentos clínicos com mulheres que não conseguiam usufruir dos êxitos de suas realizações profissionais, pois acreditavam que estes não eram oriundos de seus empenhos e habilidades, mas de outras condições, como simpatia, sorte ou esforço excessivo. A partir de então, estudiosos têm denominado essas características como Síndrome do Impostor (SI).

Os impostores tendem a possuir uma visão deturpada de suas conquistas, supervalorizando as competências de terceiros, dando ênfase em suas limitações e acreditando não mais conseguiriam realizar o sucesso que alcançaram (Clance & Imes, 1978; Henning et al., 1998). Além disso, é comum os impostores sentirem medo de julgamentos, de errar nas atividades que se dispõem a fazer e de serem "descobertos" como impostores, ao passo que

acreditam que seus sucessos são fraudulentos, o que lhes causa angústia e sofrimento (Sherman, 2013).

Um público bastante acometido pelo impostorismo são os universitários. Em um estudo realizado por Oliveira et al. (2022) pode-se observar que os universitários acometidos por altos níveis de SI, tendem a apresentar algumas características específicas, dentre elas a descrença em relação às próprias habilidades, autossabotagem, necessidade de aprovação, baixa autoestima, estresse, ansiedade, depressão, síndrome de *burnout* e perfeccionismo. A relação da SI com a última variável citada anteriormente foi considerada nessa pesquisa.

O perfeccionismo pode ser definido como uma predisposição da criação de padrões elevados de autocríticas (Frost et al., 1990). Assim, trata-se de uma tendência voltada para a busca de perfeição. Nos primeiros estudos sobre esse construto, seu conceito era associado à negatividade, a um indício de disfuncionalidade e de psicopatologias (Burns, 1980). No entanto, atualmente, o perfeccionismo é considerado a partir de uma perspectiva multidimensional, de maneira que é compreendido não apenas como algo danoso, mas como um aspecto trivial, em que o sujeito determina certos padrões de excelência, mas, na impossibilidade de obtê-la, é maleável para encontrar outros meios de atingir seus objetivos (Hamachek, 1978).

Algumas pesquisas têm destacado as relações existentes entre a SI e o perfeccionismo (por exemplo, Rohrmann et al., 2016; Vergauwe et al., 2015). Essas relações podem vir a existir em virtude de ambos os construtos estarem voltados a preocupações com o desempenho e avaliação, com ênfase em sentimentos de inadequação (Brauer & Wolf, 2016; Cokley et al., 2018), bem como pelo fato da constante busca pela perfeição para reduzir os sentimentos de angústia, ansiedade e depressão.

Diante do contexto supracitado, esquematizou-se o presente estudo, que tem como objetivo conhecer a relação entre a Síndrome do Impostor e os fatores do Perfeccionismo (Perfeccionismo Padrão e Perfeccionismo Discrepante).

Método

Delineamento e Hipóteses

O presente estudo é de abordagem quantitativa, do tipo correlacional *ex post facto*. As hipóteses abaixo serão testadas.

H_1 = A Síndrome do Impostor (SI) se correlacionará positivamente com o Perfeccionismo Geral.

H_2 = A Síndrome do Impostor (SI) se correlacionará positivamente com o Perfeccionismo Discrepante.

H_3 = Não haverá relação estatisticamente significativa entre SI e Perfeccionismo Padrão.

Participantes

Contou-se com a participação de 214 universitários, com média de idade de 24,47 (*DP* = 6,89), variando entre 18 e 56 anos. A maioria da amostra foi composta por mulheres (76,2%), solteiros (85,5%) e autodeclarados de classe social média-baixa (42,5%).

Instrumentos

Com a finalidade de caracterizar a amostra os indivíduos responderam a questões sociodemográficas (e.g., sexo e idade). Estes também responderam a Escala Clance do Fenômeno Impostor (ECFI) e a Escala de Quase Perfeição – Short Almost Perfect Scale (SAPS). Estes instrumentos serão descritos a seguir.

A Escala Clance do Fenômeno do Impostor foi desenvolvida originalmente na língua inglesa por Clance (1985), sendo adaptada para o contexto brasileiro por Bezerra et al. (2021). O instrumento é composto por 20 itens, distribuídos em uma estrutura unifatorial, os quais

avaliam aspectos como medo de avaliação, medo de não ser capaz de repetir o sucesso e medo de ser menos capaz que outros. As respostas são apresentadas com base em uma escala *likert* de 5 pontos, variando de 1 (Não me descreve) a 5 (Me descreve totalmente).

A Escala de Quase Perfeição – *Short Almost Perfect Scale* (SAPS) foi desenvolvida originalmente na língua inglesa e adaptada para o contexto brasileiro por Coelho, Monteiro, Hanel, Moizéis e Gouveia (2020). Ela é composta por oito itens, divididos igualmente em dois fatores (Perfeccionismo Padrão e Perfeccionismo Discrepante). As respostas do instrumento são fornecidas em uma escala *likert* de 7 pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo totalmente).

Procedimentos e Aspectos Éticos

Primeiramente, o projeto de pesquisa que envolve esse estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa. Após aprovação (Parecer nº 4.733.650; CAAE 46515021.0.0000.5181), iniciou-se a coleta dos dados, que foi realizada *online* através de um formulário desenvolvido no *Google Forms*. Os participantes da pesquisa foram contatados redes sociais. No questionário da pesquisa foram descritos os objetivos da pesquisa, os procedimentos envolvidos e ressaltada a importância do caráter voluntário e sigiloso dos dados, podendo estes serem utilizados somente para fins científicos.

Para firmar a participação, os respondentes leram e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Deste modo, os participantes do estudo autorizaram a utilização das respostas fornecidas para fins da pesquisa e foram esclarecidos de que poderiam abdicar de sua participação na pesquisa a qualquer momento sem quaisquer ônus. É importante destacar que foram considerados os princípios éticos exigidos em pesquisa com seres humanos propostos pelas Resoluções 466/2012 e 510/2016 expedidas pelo Conselho

Nacional de Saúde (Brasil, 2012; 2016). Os participantes levaram em média 10 minutos para concluir sua participação no estudo.

Análises de Dados

No que diz respeito à análise dos dados, foi utilizado o *Software* Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS, versão 25). Além de estatísticas descritivas (e.g., média e desvio padrão) para caracterização da amostra, foram conduzidas análises de correlação *r* de *Pearson*.

Resultados

Relacionando a Síndrome do Impostor com o Perfeccionismo (Discrepante, Padrão e Geral), foram encontrados os resultados descritos na Tabela 1.

Tabela 1

Correlações entre Síndrome do Impostor e Perfeccionismo

Fatores	**1**	**2**	**3**	**4**
1. Síndrome do Impostor	-			
2. Perfeccionismo Discrepante	0,75**	-		
3. Perfeccionismo Padrão	0,09	0,20**	-	
4. Perfeccionismo Geral	0,62**	0,87**	0,65**	-

Nota. *$p < 0,05$; **$p < 0,01$.

Os resultados corroboraram todas as hipóteses. Neste sentido, a SI se relacionou positivamente com o Perfeccionismo Discrepante ($r = 0,75$; $p < 0,001$) e com o Perfeccionismo Geral ($r = 0,62$; $p < 0,001$). Em contrapartida, não se observou relações entre a SI e o Perfeccionismo Padrão ($r = 0,09$; $p = 0,18$).

Discussão

Hamacheck (1978), em seus estudos sobre a pluridimensionalidade do perfeccionismo, definiu-o em duas categorias: o perfeccionismo normal, compreendido como aquele presente

em indivíduos que se empenham fortemente em conquistar seus objetivos, mas aceitam seus erros, sem sofrerem caso venham a aparecer; e o perfeccionismo neurótico, que tem características como estipulação de altos padrões, muitas vezes inalcançáveis, e temor extremo a falhas, acreditando que não é capaz de se empenhar o bastante para ter sucesso.

Rice et al. (2014) denominou essas duas categorias de padrões e discrepância, em que a primeira seria voltada para grandes expectativas de sucesso individual que estão presentes em sujeitos que buscam a perfeição e fogem de erros, mantendo atitudes rigorosas consigo mesmo, e a segunda categoria enquadraria aquelas pessoas que encontram fortes divergências ao refletirem sobre seus padrões de execução de tarefas e a execução de fato, sendo esta dimensão relacionada a uma maior vulnerabilidade a patologias como depressão e ansiedade (Moroz & Dunkley, 2019).

Na literatura a respeito da associação entre SI e Perfeccionismo se encontram diversos resultados de correlação positiva entre esses dois traços. O estudo de Dudău (2014), por exemplo, demonstra que as pessoas com sintomatologia impostora costumam almejar a aprovação de outros, apresentar sensibilidade a críticas, ficar pensando e analisando quando seus comportamentos saem diferentes do que o esperado (busca da perfeição), inquietação diante de erros e pressão para agradar sua família. Hewitt et al. (2003) traz que o impostorismo tem relação com a habilidade de autoapresentação perfeccionista, em que os sujeitos buscam não demonstrarem imperfeições, característica também presente em pessoas perfeccionistas. Dessa forma, os resultados deste estudo vão ao encontro dos já existentes na literatura (por exemplo, Cokley et al., 2018; Rice et al., 2014).

Considerações finais

A Síndrome do Impostor e o perfeccionismo vêm sendo cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, especialmente no de universitários, trazendo malefícios para a saúde

física e mental daqueles que possuem essas características. Existem diversos argumentos teóricos que sugerem sua relação, mas apesar disso são poucos os estudos que utilizam de meios psicométricos e referenciais estatisticamente comprovados que retratem essa associação.

Dessa forma, estudos como o nosso são relevantes para uma melhor compreensão desses dois fenômenos, pois por meio de resultados consistentes com os da literatura já existente, pode-se melhor mensurar a correlação entre esses dois traços, investigando também sua presença na população estudada, assim como quais são as características, as atitudes e os sentimentos atrelados a esses conceitos. Sendo comprovado por este estudo que a SI está atrelada ao Perfeccionismo Discrepante e Geral, estes que impactam negativamente para os sujeitos que possuem esses traços, pode-se utilizar destes resultados para pensar em intervenções para diminuir as consequências destes fenômenos na vida das pessoas.

Apesar da relevância dos dados encontrados, este estudo possui algumas limitações, como a quantidade de participantes, que não é satisfatória para que se possa generalizar os resultados exibidos, bem como a variação de gênero da amostra, que é composta por 76,2% de mulheres e, segundo os estudos de Patzak, Kollmayer e Schober (2017) e de September et al. (2001), existe uma maior prevalência de impostorismo em mulheres. Considerando-se essas limitações, sugere-se que estudos futuros venham a utilizar amostras maiores e mais diversificadas em termos de gênero, assim como busquem aprofundar a investigação dos seus preditores a fim de ampliar a compreensão sobre esses fenômenos e pensar de forma mais efetiva sobre como lidar e até mesmo como prevenir os impactos negativos que surgem em decorrência da presença desses traços em universitários.

Referências

Brauer, K., & Wolf, A. (2016). Validation of the German-language Clance Impostor Phenomenon Scale (GCIPS). *Personality and Individual Differences*, *102*(1), 153-158. https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.06.071

Burns, D. (1980). The perfectionist's script for self-defeat. *Psychology Today*, 34-51. https://motamem.org/wp-content/uploads/2019/03/The-Perfectionist-Script-for-self-defeat.pdf

Clance, P. R., & Imes, S. A. (1978). The imposter phenomenon in high achieving women: Dynamics and therapeutic intervention. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, *15*(3), 241–247. https://doi.org/10.1037/h0086006

Cokley, K., Stone, S., Krueger, N., Bailey, M., Garba, R., & Hurst, A. (2018). Self-esteem as a mediator of the link between perfectionism and the impostor phenomenon. *Personality and Individual Differences*, *135*(1), 292-297. https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.07.032

Dudău, D. P. (2014). The relation between perfectionism and impostor phenomenon. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, *127*(22), 129-133. https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.03.226

Frost, R., Marten, P., Lahart, C., & Rosenblate, R. (1990).The dimensions of perfectionism. *Cognitive Therapy and Research*, *14*(5), 449-468. https://doi.org/10.1007/BF01172967

Hamachek, D. E. (1978). Psychodynamics of normal and neurotic perfectionism. *Psychology*, *15*, 27-33.

Henning, K., Ey, S., & Shaw, D. (1998). Perfeccionism, the impostor phenomenon and psychological adjustment in medical, dental, nursing and pharmacy students. *Medical Education*, *32*(5), 456-464. http://doi.org/10.1046/j.1365-2923.1998.00234.x

Hewitt, P. L., Flett, G. L., Sherry, S. B., Habke, M., Parkin, M., Lam, R. W., McMurty, B., Ediger, E., Fairlie, P., Stein, M. B. (2003). The interpersonal expression of perfection. *Journal of Personality and Social Psychology*, *84*(6), 1303–1325. http://doi.org/10.1037/0022- 3514.84.6.1303

Moroz, M., & Dunkley, D. M. (2019). Self-critical perfectionism, experiential avoidance, and depressive and anxious symptoms over two years: A three-wave longitudinal study. *Behaviour Research and Therapy*, *112*(1), 18–27. https://doi.org/10.1016/j.brat.2018.11.006

Oliveira, A. C., Boebel, K. J. O., Ribeiro, N. S., Mendes, T. S., Barbosa, P. F. B., & Moraes Filho, I. M. (2022). Sinais, sintomas, fatores e patologias associados à síndrome do impostor em estudantes universitários. *Research, Society and Development*, *11*(8), e55811831380, http://doi.org/10.33448/rsd-v11i8.31380.

Patzak, A., Kollmayer, M., & Schober, B. (2017). Buffering impostor feelings with kindness: The mediating role of self-compassion between gender-role orientation and the impostor phenomenon. *Frontiers in Psychology*, *8*, 1-12. http://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01289

Rice, K. G., Richardson, C. M. E., & Tueller, S. (2014). The short form of the revised Almost Perfect Scale. *Journal of Personality Assessment*, *96*(3), 368–379. http://doi.org/10.1080/00223891.2013.838172

Rohrmann, S., Bechtoldt, M. N., & Leonhardt, M. (2016). Validation of the impostor phenomenon among managers. *Frontiers in Psychology*, *7*, 1-11. http://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00821

September, A. N., McCarrey, M., Baranowsky, A., Parent, C., & Schindler, D. (2001). The relation between well-being, impostor feelings, and gender role orientation among

Canadian university students. *The Journal of Social Psychology*, *141*(2), 218-232. http://doi.org/10.1080/00224540109600548

Sherman, R. O. (2013). Imposter syndrome: When you feel like you're faking it. *Am Nurse Today*, *8*, 57-8.

Soares A. K. S., Nascimento, E. F., & Cavalcanti, T. M. (2021). Fenômeno do Impostor e Perfeccionismo: Avaliando o Papel Mediador da Autoestima. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *21*(1), 116-135. http://doi.org/10.12957/epp.2021.59373

Vergauwe, J., Wille, B., Feys, M., De Fruyt, F., & Anseel, F. (2015). Fear of being exposed: The trait-relatedness of the impostor phenomenon and its relevance in the work context. *Journal of Business and Psychology*, *30*(3), 565-581. http://doi.org/10.1007/s10869-014-9382-5

SÍNDROME DO IMPOSTOR E PROCRASTINAÇÃO: UM ESTUDO CORRELACIONAL COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Ana Clara Silva Fernandes (UNIFIP)
Camilla Vieira de Figueiredo (UFPB)
Profa. Ma. Thereza Christina Garcia Bezerra (UNIFIP)

Resumo. A Síndrome do Impostor (SI) se refere à percepção inadequada do sujeito frente às próprias habilidades e conquistas, mesmo com evidências externas que refutem essas crenças. Esse fenômeno pode estar associado a outros fenômenos psicológicos, dentre eles a procrastinação, que a literatura aponta como uma estratégia utilizada para justificar o insucesso em algumas atividades. Neste sentido, foi esquematizado o presente estudo, hipotetizando haver relação entre a SI e a procrastinação. O objetivo do presente estudo foi conhecer a relação entre a SI com a procrastinação geral e seus subfatores (procrastinação-desmotivação e procrastinação-ansiedade). Participaram do estudo 200 estudantes universitários (M_{Idade} = 22,05; 71,8% mulheres; 97% de instituições privadas). Estes responderam a questões sociodemográficas, assim como a Escala Clance do Fenômeno Impostor e a Escala de Motivos da Procrastinação Acadêmica. Os resultados apontaram relações positivas e significativas entre a SI e procrastinação geral (r = 0,46; p < 0,001), procrastinação-ansiedade (r = 0,46; p < 0,001), e procrastinação-desmotivação (r = 0,33; p < 0,001). Conclui-se, de maneira geral, que quanto maior for o nível de SI, maiores serão os níveis de procrastinação.

Palavras-chave: Síndrome do Impostor; Procrastinação; Universitários.

A síndrome do impostor (SI) é caracterizada pela crença do indivíduo de que seu sucesso e suas conquistas estão relacionados a fatores como sorte, enganação, charme ou acaso, e não por merecimento ou competência (Almeida, 2020). Tal expressão originou-se de experiência de atendimentos clínicos, especialmente com mulheres que duvidam ou atribuíam o sucesso de suas conquistas a fatores como sorte, duvidando da própria capacidade intelectual e sentindo-se como impostoras nas suas conquistas e realizações (Campos et al., 2022; Clance & Imes, 1987).

É comum que o indivíduo com SI pense que está ocupando um lugar que não merece devido ao um relacionamento difícil com seu próprio desempenho (Almeida, 2020). Com isso os impostores tendem a apresentar sentimentos como a descrença em si mesmo,

autossabotagem, necessidade de aprovação alheia, procrastinação, baixa autoestima e perfeccionismo (Oliveira et al., 2022) e a ter problemas de saúde mental, a exemplo o desenvolvimento da Síndrome de Burnout (Bezerra, 2021). De acordo com Clance (1985), o impostor tem um padrão de repetição, um "ciclo vicioso" para realizar a tarefa, envolvendo ansiedade, insegurança, procrastinação ou preparo excessivo e rapidez seguidos pelo sentimento de culpa.

Além disso, estudos apontam que a SI é muito frequente no contexto acadêmico, principalmente no ensino superior (Almeida, 2020). Em seu estudo de revisão narrativa, Oliveira et al. (2022) indicam que há uma prevalência do fenômeno impostor em estudantes universitários e destacam patologias associadas, como estresse, ansiedade, depressão, as quais impactam diretamente na qualidade de vida e desempenho dessas pessoas.

A síndrome do impostor está intimamente ligada com a procrastinação, que é um comportamento comum que afeta de forma significativa a vida das pessoas (Oliveira et al., 2022). A procrastinação pode ser definida como o atraso desnecessário para realizar tarefas, gerando um desconforto psicológico que pode ser prejudicial na vida acadêmica e na saúde mental dos indivíduos (Brito & Bakos, 2013). Em suma, a procrastinação é um fenômeno dinâmico que envolve vários aspectos que precisam ser analisados, como, por exemplo, ambiente e comportamentos, repertório pessoal, valores morais, crenças e expectativas (Sampaio et al., 2012).

Em um estudo correlacional, Bischoff, (2021) aponta que a procrastinação influencia diretamente no bem-estar dos universitários, afetando, inclusive, o sono. Além disso, a procrastinação também se relaciona diretamente com sintomas de estresse, ansiedade e depressão e isso mostra que a população universitária enfrenta diariamente desafios que podem afetar a saúde mental. Em face do exposto, a procrastinação é um dos prejuízos causados pela

síndrome do impostor e estes são fenômenos que se associam à transtornos psicológicos, afetando de forma significativa o bem-estar das pessoas (Almeida, 2020). Além disso, estes repertórios comportamentais acarretam inúmeros prejuízos para a performance das pessoas, tanto no ambiente universitário, como no contexto laboral (Bischoff, 2021).

Objetiva-se conhecer a relação entre Síndrome do Impostor e os fatores de Procrastinação (Procrastinação-desmotivação e Procrastinação-ansiedade).

Método

Delineamento e Hipóteses

O presente estudo é de abordagem quantitativa, do tipo correlacional *ex post facto*. Foram testadas as seguintes hipóteses:

H_1 = A Síndrome do Impostor se correlacionará positivamente com a Procrastinação-desmotivação.

H_2 = A Síndrome do Impostor se correlacionará positivamente com a Procrastinação-ansiedade.

H_3 = A Síndrome do Impostor se correlacionará positivamente com a Procrastinação geral.

Participantes

Contou-se com uma amostra de 200 estudantes universitários, majoritariamente oriundos de instituições privadas (97%), do sexo feminino (65%) e autodeclarados de classe social média (58,5%). Estes apresentaram média de idade de 22,05 anos (*DP* = 5,07), variando entre 18 a 62 anos.

Instrumentos

Além de questões sociodemográficas (e.g., sexo, idade e classe social) para caracterização da amostra, os participantes também responderam a Escala Clance do Fenômeno Impostor (ECFI) e a Escala de Motivos da Procrastinação Acadêmica (EMPA), as quais serão descritas a seguir.

A Escala Clance do Fenômeno Impostor (ECFI) é um instrumento composto por 20 itens distribuídos em uma estrutura unifatorial (α = 0,94), os quais mensuram questões relacionadas a medo de não repetir o sucesso, medo de ser menos capaz que os outros e medo de ser descoberto como sendo uma fraude. A escala de respostas deste instrumento é do tipo *likert* de 5 pontos, variando entre 1 (Não me descreve) e 5 (Me descreve totalmente). A ECFI foi desenvolvida originalmente na língua inglesa (Clance, 1985), sendo adaptada para o contexto brasileiro por Bezerra et al. (2021).

A Escala de Motivos da Procrastinação Acadêmica (EMPA) foi desenvolvida por Geara, Filho e Teixeira (2017), sendo organizada em duas seções. A primeira sessão conta com quatro itens voltados para tarefas acadêmicas. A partir dessa seção será indicada a frequência com que os respondentes procrastinam as tarefas (trabalhos, provas, exercícios e estudo) e essa frequência é pontuada através de uma escala do tipo *likert* de 5 pontos, variando de 1 (Nunca) a 5 (Sempre). Quanto à segunda sessão, esta é voltada a mensurar os motivos de procrastinação. Os itens dessa seção se dividem em dois fatores: procrastinação-desmotivação (α = 0,61) e procrastinação-ansiedade (α = 0,76). A escala de resposta dessa seção do instrumento é do tipo *likert* de 5 pontos, variando de 1 (Não reflete de modo algum) a 5 (Reflete perfeitamente).

Procedimentos e Aspectos Éticos

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa do UNIFIP. Após aprovação (Parecer nº 5.390.567; CAAE: 58077322.9.0000.5181), iniciou-se a coleta dos dados de forma *online* através de um formulário desenvolvido no *Google Forms*. Os respondentes foram recrutados através das redes sociais (e.g., *Whatsapp*). No questionário foram descritos os objetivos da pesquisa, os procedimentos envolvidos, bem como ressaltou-se a importância do caráter voluntário e sigiloso dos dados, podendo estes ser usados apenas para fins científicos.

Para consolidar a participação, os respondentes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Deste modo, os participantes do estudo autorizaram a utilização das respostas para fins da pesquisa, sendo esclarecidos que poderiam abdicar de sua participação na pesquisa a qualquer momento sem ônus algum. Assim, cumpriu-se com os princípios éticos exigidos nas pesquisas com seres humanos, propostos pelas Resoluções 466/2012 e 510/2016 expedidas pelo Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012; 2016). Os participantes levaram em média seis minutos para concluir sua participação ao estudo.

Análises de Dados

Para tabulação e análise dos dados foi utilizado o *Software* Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS, versão 25). Foram conduzidas estatísticas descritivas (e.g., média, frequência, desvio padrão) e inferenciais (análise de correlação *r* de *Pearson*).

Resultados

A partir das análises de correlação entre o fator geral de SI e a procrastinação (procrastinação-desmotivação; procrastinação-ansiedade e procrastinação geral), foram encontrados os resultados descritos na Tabela 1. A SI apresentou correlações positivas e estatisticamente significativas com todas as dimensões da procrastinação.

Tabela 1

Correlações entre Síndrome do Impostor e Procrastinação

Fatores	**1**	**2**	**3**	**4**
Síndrome do Impostor	-			
Procrastinação-Ansiedade	0,46**	-		
Procrastinação-Desmotivação	0,33**	0,49**	-	
Procrastinação Geral	0,46**	0,86**	0,86**	-

Nota. *$p < 0,05$; **$p < 0,01$.

Discussão

A análise dos dados permitiu constatar correlações positivas e significativas entre a SI e a procrastinação. Esses resultados vão ao encontro daqueles já evidenciados na literatura sobre a SI (Almeida, 2020). Especificamente sobre a relação entre SI a procrastinação-ansiedade, esta foi positiva e significativa, indicando que as pessoas que procrastinam apresentam alta ansiedade, principalmente frente a situações de avaliação (Sampaio et al., 2012). Isso se deve ao fato de que essas pessoas automaticamente desconsideram o retorno positivo, sendo esses sentimentos particularmente frequentes em indivíduos que apresentam o fenômeno impostor (Almeida, 2020).

A procrastinação-ansiedade também pode estar associada ao medo de falhar na realização das tarefas ou ao medo de não repetir o sucesso, gerando sentimentos de incapacidade e inadequação, que são intimamente ligados aos sentimentos impostores (Almeida, 2020; Oliveira, 2022). Obtivemos também uma correlação positiva entre SI e procrastinação-desmotivação, o que é apoiado pela literatura. Indivíduos que experienciam sentimentos impostores sentem-se menos motivados a iniciar suas tarefas em razão do medo irracional do fracasso, autocrítica apurada e insegurança (Brito & Bakos, 2013).

A procrastinação é um sintoma ou consequência da síndrome do impostor, junto com outros aspectos, como ansiedade, necessidade de sempre se sair bem e obter aprovação alheia. Estes aspectos podem estar relacionados a dinâmicas familiares de extrema cobrança (Clance, 1985), sendo esse um fator estressante que pode persistir até a vida adulta, gerando consequências significativas para a saúde mental e para o bem-estar socioemocional dos indivíduos (Almeida, 2020).

Considerações finais

O presente estudo teve como principal objetivo conhecer a relação entre a síndrome do impostor e a procrastinação. Os resultados apresentados mostram que a SI e a procrastinação se relacionam positivamente, de maneira que quanto mais o indivíduo tem sentimentos impostores, maiores serão os seus níveis de procrastinação. Na trilha do que vem sendo discutido na literatura, os sentimentos impostores trazem sérios prejuízos para a vida do indivíduo e a procrastinação é um exemplo deles. Isso se deve ao fato de que a procrastinação tem uma relação direta com a ansiedade e com o medo do indivíduo de não atingir o sucesso desejado (Almeida, 2020; Brito & Bakos). À longo prazo essa relação tende a trazer desconfortos psicológicos (Clance, 1985), impedindo que o indivíduo desfrute das próprias realizações (Almeida, 2020).

Apesar das suas contribuições, é necessário reconhecer as limitações deste estudo, como a amostra não-probabilística e o perfil pouco variável de participantes, em sua maioria mulheres. Por fim é essencial que no futuro sejam realizadas pesquisas com amostras probabilísticas que ponderem e diversifiquem questões como gênero, idade e tipo de instituição de ensino, caso a amostra seja também composta de estudantes universitários. Também é pertinente associar a síndrome do impostor a outros construtos como desempenho acadêmico e

fatores de personalidade, estabelecendo novos objetivos de pesquisa e avançando na proposição de modelos explicativos que possam contribuir para a compreensão do tema.

Referências

Almeida, A. C. D. (2020). *Sou uma fraude?: explicando a síndrome do impostor* (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.

Bezerra, T. C. G., Barbosa, L. H. G. D. M., Vione, K. C., Athayde, R. A. A., & Gouveia, V. V. (2021). Escala Clance do Fenômeno do Impostor: *Adaptação Brasileira*. *Psico-USF*, *26*(2), 333-343.

Bischoff, F. (2021). *Comportamento de procrastinar e a Inflexibilidade Psicológica: Um estudo correlacional e de mediação* (Dissertação de pós-graduação). Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Porto Alegre, Brasil.

Brito, F. D. S., & Bakos, D. D. G. S. (2013). Procrastinação e terapia cognitivo-comportamental: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, *9*(1), 34-41.

Campos, I. F. D. S., Câmara, G. F., Carneiro, A. G., Kubrusly, M., Peixoto, R. A. C., & Peixoto Junior, A. A. (2022). Síndrome do impostor e sua associação com depressão e burnout entre estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, *46*(2), e068.

Clance, P. R. (1985). *The impostor phenomenon: Overcoming the fear that haunts your success*. Peachtree.

Oliveira, A. R., Bezerra, T. C. G., Oliveira, T. H. A., Rezende, A. T., Figueiredo, C. V., & Costa, T. S. (2021). Síndrome de Burnout e Síndrome do Impostor: um estudo correlacional. *Research, Society and Development*, *10*(3), e34710313344-e34710313344.

Sampaio, R. K. N., Polydoro, S. A. J., & Fonseca Rosário, P. S. L. (2012). Autorregulação da aprendizagem e a procrastinação acadêmica em estudantes universitários. *Cadernos de Educação*, *42*(1), 119-142.

SÍNDROME DO IMPOSTOR E TRAÇOS DE PERSONALIDADE: UM ESTUDO CORRELACIONAL

Maria do Socorro Costa Pereira Candeia (UNIFIP)
Alessandro Teixeira Rezende (FIS)
Profa. Ma. Thereza Christina Garcia Bezerra (UNIFIP)

Resumo. A Síndrome do Impostor (SI) é descrita por indivíduos que apresentam crenças e sentimento de fraude, atribuindo seus sucessos a fatores externos. Esta variável se associa a outros construtos psicológicos, dentre esses construtos, pode-se destacar os traços de personalidade. Este é um construto que norteia o comportamento humano. Dentre as diversas abordagens da personalidade, destaca-se a Teoria dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (*Big Five*), que traz a compreensão da personalidade através de cinco fatores, Abertura; Conscienciosidade; Extroversão; Amabilidade; e Neuroticismo. Considerando o contexto supracitado, o estudo teve como objetivo relacionar a Síndrome do Impostor com os Traços de Personalidade. Para isso, **c**ontou-se com a participação de 214 universitários (M_{Idade} = 24,47; *DP* = 6,89; 76,2% mulheres)**.** Estes responderam a questões sociodemográficas (e.g., sexo e idade), a Escala Clance do Fenômeno Impostor (ECFI) e Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Os resultados apontaram que a SI se relacionou positivamente com o Neuroticismo Discrepante (r = 0,50 e p < 0,001); e se relacionou de maneira negativa com a Extroversão (r = -0,25*;* p < 0,001) e Conscienciosidade (r = -0,23*;* p < 0,001). Dessa forma, conclui-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado, além disso, trouxe relevantes contribuições para compreensão acerca da relação da Síndrome do impostor e dos traços de personalidade.

Palavras-chave: Síndrome do Impostor, Traços de Personalidade, Universitários.

A personalidade humana é vista como um dos patrimônios mais importantes que o indivíduo possui; ela ajuda a modelar grande parte da vida do indivíduo. Embora não haja consenso quanto à definição do que exatamente é personalidade, pode-se descrevê-la como sendo um conjunto de características peculiares, mas que pode ter alterações com o decorrer do tempo, sendo ela constituída socialmente, possuindo os aspectos subjetivos de cada sujeito (Schultz & Schultz, 2008).

Existe um variado repertório de abordagens, que direcionam seu estudo a personalidade. Porém, o teórico pioneiro neste âmbito foi Gordon Allport, com sua teoria do traço, que explica a personalidade através de uma interação entre genética e ambiente, de modo que a hereditariedade é a principal responsável pela singularidade de cada indivíduo, ou seja, cada

indivíduo possui traços de personalidade comuns, porém a forma de expressão dos traços difere em cada indivíduo, de acordo com o estímulo que irá receber do ambiente (Jacques & Nunes, 2012). Dentre as diversas abordagens da personalidade, pode-se destacar a Teoria dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (*Big Five*), abordagem que será considerada nesse estudo.

O *Big Five Modelo of Personality*, traduzido para o Brasil por Andrade (2009), como o Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade (CGF), vem ganhando cada vez mais atenção dos pesquisadores da personalidade, e sendo o modelo mais atual e utilizado (Vasconcelos, Gouveia, Pimentel, & Pessoa, 2008). O modelo CGF ampara a personalidade humana que é constituída por dezenas de fatores específicos. Apesar da disparidade, esses fatores convergem para cinco traços vastos que estão em semelhante em nível de hierarquia (Gomes & Golino, 2012).

Tal técnica deu-se a partir do progresso das técnicas fatoriais da computação, da preparação de métodos mais sofisticados de localização e vazão de fatores que deram respaldo à forma de compreensão da personalidade (Nunes & Hutz, 2007). Os itens são distribuídos em cinco fatores, cada fator é associado a um traço da personalidade, sendo eles: abertura à experiência, escrupulosidade, extroversão, sociabilidade e neuroticismo. Pela descrição de Andrade (2008):

1. Abertura à experiência: indivíduos com alta pontuação nessa dimensão geralmente são sinceros, criativos, originais e artísticos. Indivíduos com baixa pontuação são superficiais, simples ou comuns.
2. Conscienciosidade: Nesse fator é característico o controle de impulsos, bem como foco em um objetivo específico, que pode facilitar a execução de obrigações e deveres. Geralmente são indivíduos cautelosos, organizados e responsáveis.

3. Extroversão: indivíduos extrovertidos tendem a serem ativos, entusiasmados, dominantes, sociáveis e eloquentes ou falantes.
4. Amabilidade: altas pontuações nesse traço indicam pessoas amáveis, agradáveis e afetuosos. Esta dimensão diz respeito a pessoas com orientação direcionada aos demais, incluindo traços como confiança, altruísmo e modéstia.
5. Neuroticismo: geralmente são indivíduos nervosos, sensíveis, tensos e preocupados. Sua direção encontra-se na busca pela perfeição, em tentativas de fazer tudo corretamente, experimentam muitas vezes ansiedade, tristeza e frustração.

Os traços de personalidade é um construto que norteia o comportamento humano (Schultz & Schultz, 2008), neste sentido, ele se associa a outros construtos psicológicos, dentre esses construtos, o presente estudo considerou a Síndrome do Impostor (SI) ou Impostorismo.

A SI foi identificada por Clance e Imes (1978) ao observarem que um grupo de mulheres bem-sucedidas apresentavam crenças e sentimentos de que eram uma fraude e não mereciam de fato o sucesso alcançado por elas. Existem quatro tipos de comportamentos que tendem a reforçar a síndrome do impostor e dificultar sua superação. O primeiro comportamento refere-se à diligência e trabalho árduo. Por sentir que não é capaz, a pessoa se esforça e trabalha arduamente para que as pessoas não percebem sua falta de capacidade.

A segunda categoria de comportamentos está relacionada a um senso de falsidade. A pessoa usa um viés ao apresentar suas ideias e passa a acreditar que se tivesse expressado suas ideias verdadeiras não teria se dado bem. A terceira categoria de compreende o uso de "charme" para "encantar" os superiores. A pessoa se esforça para obter aprovação dos superiores e ao mesmo tempo deslegitima suas competências por acreditar que seu sucesso se deve ao fato de ter bajulado seus superiores (Parkman, 2016).

A última categoria de comportamento envolve evitar o sucesso para evitar comportamentos hostis por parte de outras pessoas. A pessoa finge não ser eficiente para evitar rejeição social. Esta síndrome é bem documentada no meio acadêmico e pode afetar negativamente a habilidade da instituição para reter seus alunos e até mesmo funcionários (Parkman, 2016). Diante das informações citadas acima, hipotetizou o presente estudo, vislumbrando compreender a relação entre a SI e os Traços der personalidade.

Considerando o contexto supracitado, esquematizou-se o presente estudo, que teve como objetivo relacionar a Síndrome do Impostor com os Traços de Personalidade (Abertura; Conscienciosidade; Extroversão; Amabilidade; e Neuroticismo).

Método

Delineamento e Hipóteses

O presente estudo é de abordagem quantitativa, do tipo correlacional *ex post facto*, para tanto, foram elaboradas as hipóteses abaixo:

H_1 = Haverá correlação estatisticamente significativa e positiva entre a SI e o Neuroticismo.

H_2 = Haverá relação estatisticamente negativa e significativa entre SI e a Extroversão.

H_3 = Haverá correlação estatisticamente significativa e negativa entre a SI e a Conscienciosidade.

Participantes

Contou-se com a participação de 214 universitários, com idade média de 24,47 (*DP* = 6,89), variando entre (18 e 56 anos). Majoritariamente mulheres (76,2%), solteiras (85,5%), classe-social média-baixa (42,5%).

Instrumentos

Com a finalidade de caracterizar a amostra os indivíduos responderam a questões sociodemográficas (e.g., sexo e idade). Estes, também responderam a Escala Clance do

Fenômeno Impostor (ECFI) e Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Estes instrumentos serão descritos nos parágrafos subsequentes.

A Escala Clance do Fenômeno do Impostor foi adaptada para o contexto brasileiro por Bezerra, et al. (2021), o instrumento é composto por 20 itens que avaliam aspectos como medo de avaliação, medo de não ser capaz de repetir o sucesso e medo de ser menos capaz que outros, através de uma estrutura unifatorial. As respostas são apresentadas com base em uma escala *likert* de 5 pontos, variando de 1 (Não me descreve) a 5 (Me Descreve Totalmente).

Inventário dos Cinco Grande Fatores de Personalidade, validado para o contexto brasileiro por Andrade (2008), possui 20 itens, distribuídos em 05 dimensões, sendo eles: Neuroticismo; Amabilidade; Conscienciosidade; Neuroticismo; e Extroversão. A escala de respostas é do tipo *likert* de 5 pontos, variando entre 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente).

Procedimentos e Aspectos Éticos

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi submetido ao comitê de ética e pesquisa com seres humanos. Posteriormente teve a aprovação, através do parecer de nº: 4.733.650 (CAAE: 46515021.0.0000.5181), a partir disso, deu-se início a coleta dos dados, que foi realizada *online* através de um formulário desenvolvido no *Google Forms*, os participantes da pesquisa foram contactados redes sociais (e.g., *Intagram* e *Whatsapp*), com *link* de acesso ao questionário, neste questionário foram descritos os objetivos da pesquisa, todos os procedimentos envolvidos, bem como ressaltou a importância do caráter voluntário e sigiloso dos dados, apenas para fins científicos.

Para consolidar a participação, os respondentes do estudo tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Deste modo, estes autorizaram a utilização das respostas fornecidas para fins da pesquisa e são esclarecidos de que podem abdicar de sua

participação na pesquisa a qualquer momento sem ônus algum. É importante destacar que foram considerados os princípios éticos exigidos em pesquisa com seres humanos, propostos pelas Resoluções 466/2012 e 510/2016 expedida pelo Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012; 2016). Os participantes levaram em média cerca de 10 minutos para concluir sua participação ao estudo.

Análises de Dados

No que diz respeito a análise dos dados, foi utilizado o *Software* Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS, versão 25), neste sentido, além de estatísticas descritivas (e.g., média e desvio padrão) para caracterização da amostra, foi realizada a correlação de *r* de *Pearson*.

Resultados

Relacionando a Síndrome do Impostor com os Traços de Personalidade (Abertura; Extroversão; Conscienciosidade; Amabilidade; e Neuroticismo) foram encontrados os resultados descritos na Tabela abaixo.

Tabela 1

Correlações entre Síndrome do Impostor e Traços de Personalidade

Fatores	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**
Síndrome do Impostor	-					
Abertura	-0,08	-				
Extroversão	-0,25**	0,42**	-			
Conscienciosidade	-0,23**	0,36**	0,34**	-		
Amabilidade	0,005	0,18**	0,50**	0,22**	-	
Neuroticismo	0,50**	0,05	-0,15	-0,11	-0,14	-

Nota. * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$.

Os resultados encontrados através da realização das correlações foram no mesmo sentido das hipóteses do presente estudo, logo, todas as hipóteses foram corroboradas. Neste sentido a SI se relacionou positivamente com o Neuroticismo Discrepante (r = 0,50 e p < 0,001), ou seja, se a SI aumenta, consequentemente se eleva o nível de Neuroticismo. Em contrapartida, a SI se relacionou de maneira negativa com a Extroversão (r = -0,25; p < 0,001) e Conscienciosidade (r = -0,23; p < 0,001).

Discussão

De acordo com os estudos realizados Bernard et al., (2010), a síndrome do impostor se mostrou relacionada positivamente com o neuroticismo, corroborando com a hipótese 1. O relacionamento positivo entre os construtos se deve ao fato das pessoas com neuroticismo se mostrarem mais propensas em apresentar sentimento de insegurança e percepção distorcida da sua capacidade. O traço de neuroticismo também pode ser denominado de "instabilidade emocional", pessoas que apresentam esse traço tende a serem melancólicos, nervosos, preocupados. (DeYoung & Gray, 2009; McCrae, 2011).

No que se refere a extroversão, foram identificados em estudos uma relação negativa entre SI e a Extroversão (Chae et al., 1995), corroborando com a hipótese 2. Portanto, pessoas com SI tende-se esperar que sejam mais introvertidos, pois a extroversão é considerada o oposto do perfil impostor (Vergauwe et al., 2015). Sendo assim, a extroversão pode ser identificada por pessoas que tendem a serem ativos, entusiasmados, sociáveis, otimistas, espontâneos e alegres (Benet-Martínez & John, 1998).

De acordo com os resultados dos estudos de Bernard et al., (2010), a Síndrome do impostor se relacionou negativamente com a conscienciosidade, corroborando com a hipótese 3. Sendo assim, deixa explicita a relação conflituosa entre o indivíduo com sentimentos

impostores e a sua percepção de competência. No traço de Consciensiosidade, as pessoas tendem a serem organizados, persistentes, controlados (DeYoung & Gray, 2009).

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo principal relacionar a Síndrome do Impostor com os Traços de Personalidade (Abertura; Conscienciosidade; Extroversão; Amabilidade; e Neuroticismo). A partir dos resultados pode-se observar que o objetivo foi alcançado, no entanto, este estudo não está inseto de limitações.

Sendo assim, em estudos futuros é importante desenvolver estudos utilizando outras variáveis, que possam estar relacionadas com a Síndrome do impostor, buscando entender o impacto delas nos comportamentos das pessoas. Também é necessário, a utilização de medidas implícitas para que os resultados não sejam influenciados pela desejabilidade social.

Por último, a pesquisa, traz relevantes contribuições para compreensão acerca da Síndrome do impostor e dos traços de personalidade. A partir das informações e dos resultados sobre a relação e influência da SI na personalidade, pode ser desenvolvida estratégias de intervenção visando diminuir os níveis de SI nas pessoas.

Referências

Andrade, J. M. (2008). *Evidências de validade do inventário dos cinco grandes fatores da personalidade para o Brasil.* (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações), Universidade de Brasília.

Benet-Martínez, V., & John, O. P. (1998). Los cinco grandes across cultures and ethnic groups: multitrait-multimethod analyses of the Big Five in Spanish and English. *Journal of Personality and Social Psychology*, *75*(3), 729-750. doi: 10.1037/0022-3514.75.3.729

Bernard, N. S., Dollinger, S. J., & Ramaniah, N. V. (2010). Applying the big five personality factors to the impostor phenomenon. *Journal of personality assessment*, *78*(2), 321-333.

Bezerra, T. C. G., Barbosa, L. H. G. M., Vione, K. C., Athayde, R. A. A., & Gouveia, V. V. (2021). Escala Clance do Fenômeno do Impostor: Adaptação Brasileira. Psico-USF, 26(2), 333–343. https://doi.org/10.1590/1413-82712021260211

Brasil Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <http://conselho. saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf.

Brasil. Ministério da Saúde. (2012). Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde. Recuperado de https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html

Chae, J., Piedmont, R. L., Estadt, B. K., & Wicks, R. J. (1995). Personological evaluation of Clance's impostor phenomenon scale in a Korean sample. *Journal of Personality Assessment, 65*, 468–485.

Clance, P., R., & Imes, S., (1978). The Imposter Phenomenon in High Achieving Women: Dynamics and Therapeutic Intervention. *Psychotherapy Theory, Research and Practice, 15* (3), 1-8.

DeYoung, C. G, & Gray J. R. (2009). Personality neuroscience: Explaining individual differences in affect, behavior, and cognition. In P. J. Corr & G. Matthews (Eds). *The Cambridge handbook of personality psychology* (pp. 323-346). New York: Cambridge University Press.

Gomes, C., M., A., & Golino, H., F. (2012). Relações hierárquicas entre os traços amplos do Big Five. *Psicologia Reflexão e Crítica, 25* (3), 445-456.

McCrae, RR (2011). Teorias da personalidade para o século XXI. *Ensino de Psicologia, 38* (3), 209-214. https://doi.org/10.1177/0098628311411785

Nunes, C. H. S. S., & Hutz, C. S. (2007). Construção e Validação da Escala Fatorial de Socialização no Modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *20*, (1), 20- 25.

Parkman, A. (2016). The Imposter Phenomenon in Higher Education: Incidence and Impact. *Journal of Higher Education Theory and Practice. 16* (1), 51-61.

Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2008). *Teorias da personalidade*. Cengage Learning: São Paulo.

Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Pimentel, C. E. & Pessoa, V. S., (2008). Condutas desviantes e traços de personalidade: testagem de um modelo casual. *Estudos de Psicologia*, *25*(1), 55-65.

Vergauwe, J., Wille, B., Feys, M., De Fruyt, F., & Anseel, F. (2015). Fear of being exposed: The trait-relatedness of the impostor phenomenon and its relevance in the work context. Journal of Business and Psychology, 30, 565-581. http://doi.org/10.1007/s10869-014-9382-5.

SÍNDROME DO IMPOSTOR EM HOMENS E MULHERES: UM ESTUDO COMPARATIVO

Maria Eduarda Pereira Araújo (UNIFIP)
Camilla Vieira de Figueiredo (UFPB)
Profa. Ma. Thereza Christina Garcia Bezerra (UNIFIP)

Resumo. A Síndrome do Impostor (SI) foi observada inicialmente em um grupo de mulheres bem sucedidas que atribuíam suas conquistas e méritos a fatores externos, como sorte. Assim, a SI é definida como uma percepção inadequada acerca das próprias conquistas e habilidades. A literatura tem apontado que mulheres são mais propensas a serem acometidas por essa síndrome do que homens. Sendo assim, foi esquematizada a presente pesquisa, que teve como objetivo comparar os níveis de SI entre homens e mulheres. Participaram da pesquisa 202 estudantes universitários brasileiros (M_{Idade} = 22,67, *DP* = 5,04; 71,8% mulheres). Estes responderam a questões sociodemográficas e à Escala Clance do Fenômeno Impostor. Os resultados encontrados constataram que existe diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres frente à SI, corroborando as evidências da literatura que indicam que mulheres possuem pontuações superiores na SI (*M* = 73,65; *DP* = 16,81) do que homens (*M* = 63,92; *DP* = 18,08) (*t* (211) = 3,52, *p* < 0,001). Conclui-se que mulheres podem vivenciar de forma mais intensa a SI do que homens em razão de variáveis psicossociais, podendo ser destacados os estereótipos de gênero. Os dados desse estudo podem ser utilizados para elaborar intervenções voltadas para reduzir os índices de SI em mulheres através de estratégias de prevenção e promoção da saúde mental de mulheres universitárias.

Palavras-chave: Síndrome do Impostor; Gênero; Universitários.

A síndrome do impostor (SI), também chamada de fenômeno do impostor ou impostorismo, é um fenômeno evidenciado por Pauline Rose Clance e Suzanne Imes (1978) que, a partir de seus atendimentos clínicos, puderam experienciar situações em que mulheres bem-sucedidas, profissionalmente e academicamente, se percebiam com dificuldades para internalizar sua competência, diminuindo e desconsiderando sua inteligência e duvidando de si mesmas. Assim, a capacidade intelectual, as habilidades e o talento que elas possuíam, ao seu ver, de nada valiam, visto que seu sucesso estava sempre associado a fatores como esforço excessivo, acaso ou sorte.

O indivíduo acometido por tal fenômeno apresenta desmerecimento do próprio sucesso, se sentindo indigno de suas conquistas, desconsidera seus pontos fortes e habilidades, pressupondo que está enganando todos a sua volta, e tem um constante medo de ser exposto, pois acredita que as outras pessoas o verão como ele mesmo se vê: uma pessoa incompetente (Cozzarelli & Major, 1990; Kauati, 2013). Além disso, é comum que os impostores tenham comportamentos de procrastinação (adiamento de tarefas) que, consequentemente, acabam exigindo um trabalho convulso, produzido em cima do prazo estabelecido (Dudău, 2014). O ato de procrastinar comportamentos, para o impostor, pode funcionar como uma "desculpa" para justificar um possível serviço mal feito, considerando a falta de tempo, por exemplo, como a razão pela qual o serviço não está perfeito (Pannhausen, Klug, & Rohrmann, 2020).

No âmbito acadêmico, pesquisas apontam que a síndrome do impostor está relacionada a patologias como ansiedade, síndrome de burnout, depressão (Campos et al., 2022) e estresse (Oliveira et al., 2022). Os estudantes e professores, mesmo os que apresentam um ótimo desempenho, têm a crença de que não são, de fato, qualificados o suficiente. Dessa forma, as consequências positivas desse alto desempenho, como os elogios, são interpretados como frutos de obras do acaso (Haney, Birkholz, & Rutledge, 2018; Gresham-Dolby, 2022; Liu et al., 2022).

Tomando como base uma perspectiva de gênero, a síndrome do impostor também existe (Clance, Dingman, Reviere, & Stober, 1995; Langford & Clance, 1993), tendo maior predominância no público feminino. Tal fato pode estar relacionado aos enfoques dados às diferenças de gênero e à cultura, feitos no processo de construção de conhecimentos acerca dos sentimentos impostores (Patzak, Kollmayer, & Schober, 2017). Assim, infere-se que os estereótipos culturais e sociais de gênero podem colaborar para que as mulheres acreditem que têm menos capacidades que os homens (Spence, Helmreich, & Holahan, 1979).

Algumas variáveis sociodemográficas são importantes para compreender esse fenômeno, dentre estas pode-se destacar o sexo que, de acordo com Almeida (2020), é uma importante variável para fornecer uma compreensão melhor e mais aprofundada acerca do fenômeno do impostorismo. Desta forma, foi desenvolvida a presente pesquisa a fim de ampliar o conhecimento sobre o fenômeno do impostor, sob o ponto de vista comparativo de seus níveis entre homens e mulheres.

Objetiva-se comparar os níveis de Síndrome do Impostor quanto ao sexo em uma amostra de estudantes universitários.

Método

Delineamento e Hipóteses

O presente estudo é de abordagem quantitativa, do tipo correlacional *ex post facto*. Testamos a hipótese de que existirão diferenças estatisticamente significativas quanto ao nível de Síndrome do Impostor de homens e mulheres, de maneira que as mulheres apresentarão um nível mais acentuado nessas características.

Participantes

Participaram do presente estudo 202 estudantes universitários, sendo a maioria mulheres (71,8%), solteiras (73,8%) e de classe social média (52%). A média de idade foi de 22,67 anos (*DP* = 5,63), variando entre 18 e 58 anos.

Instrumentos

Para coleta dos dados, os participantes responderam a Escala Clance do Fenômeno Impostor (ECFI), instrumento desenvolvido originalmente na língua inglesa (Clance, 1985) e validado para o contexto nacional por Bezerra et al. (2021). A escala é unifatorial ($\alpha = 0,94$), composta por 20 itens a serem respondidos através de uma escala *likert* de 5 pontos, variando de 1 (Não me descreve) a 5 (Me descreve totalmente). Este instrumento mensura aspectos como

medo de avaliação, medo de não ser capaz de repetir o sucesso e medo de ser menos capaz que outros. Para além da escala, os participantes também responderam a questões sociodemográficas (e.g., sexo e idade) para caracterizar a amostra.

Procedimentos e Aspectos Éticos

Primeiramente, o projeto de pesquisa foi submetido a um Comitê de Ética e Pesquisa. Após sua aprovação (Parecer nº 4.733.650; CAAE: 46515021.0.0000.5181) iniciou-se a coleta dos dados, que foi realizada de maneira *online*, por meio de formulário desenvolvido no *Google Forms*. Os participantes da pesquisa foram contatados através das redes sociais, com *link* de acesso ao questionário. Nesse questionário foram descritos os objetivos da pesquisa, os procedimentos envolvidos, bem como ressaltou-se a importância do caráter voluntário e sigiloso dos dados, podendo estes serem utilizados posteriormente apenas para fins científicos.

Os respondentes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de efetuar a sua participação. Assim, os participantes da pesquisa autorizaram o uso das suas respostas para fins de pesquisa e foram informados de que poderiam desistir de sua participação a qualquer momento sem quaisquer ônus. É importante ressaltar que foram considerados todos os princípios éticos necessários à pesquisa envolvendo seres humanos, conforme proposto nas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde n. 466/2012 e n. 510/2016 (Brasil, 2012; 2016). Os participantes levaram em média 10 minutos para concluir sua participação no estudo.

Análises de Dados

No que diz respeito à análise dos dados, foi utilizado o *Software* Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS, versão 25). Além de estatísticas descritivas (e.g., média e desvio padrão) para caracterização da amostra, foi conduzido um teste *t* de *Student*.

Resultados

Foi realizado um teste *t* de *Student* para amostras independentes com o objetivo de investigar em que medida os níveis de Síndrome do Impostor eram diferentes entre homens e mulheres. Os resultados encontrados apontaram que as mulheres possuem escore estatisticamente maior (M = 73,65; DP = 16,81) do que os homens (M = 63,92; DP = 18,08) nessa variável, $t(211) = 3,52$, $p < 0,001$). O tamanho de efeito da diferença foi médio ($d = 0,57$).

Discussão

O fato de a Síndrome do Impostor ter sido estudada, inicialmente, com foco em mulheres causou uma impressão de que apenas esse público poderia ser acometido por esta condição. No entanto, há estudos que comprovam a ocorrência da SI também no público masculino, a exemplo do trabalho realizado por Roskowski (2010) que, em suas pesquisas em âmbitos acadêmicos, identificou que homens também apresentavam a sintomatologia impostora, ainda que em minoria comparados às mulheres.

Tais constatações corroboram com o presente estudo em dois pontos, visto que tanto houve ocorrência da síndrome no público masculino, como também as mulheres apresentaram níveis superiores aos homens. Esse fato é evidenciado por outras pesquisas, as quais apontam uma diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres, de maneira que as mulheres lideram os níveis de SI em relação aos homens (Holmes et al., 1993; September et al., 2001).

As razões pelas quais a SI tem maior predominância em mulheres podem ser explicadas pelos estereótipos sociais que são empregados aos homens e mulheres diariamente. Nesses sistemas estereotipais, a mulher é colocada num lugar de inferioridade em relação ao homem e isso acaba acarretando nela sentimentos de incapacidade. Assim, pode ser comum que mulheres foquem muito em suas falhas e limitações, ao passo que superestimem as habilidades alheias e

vivam um constante receio de não terem potencial para alcançar sucesso novamente, sintomas que são comuns a indivíduos impostores (Clance & Imes, 1978; Henning, Ey, & Shaw, 1998).

As consequências dos estereótipos mencionados acima na vida das mulheres podem ser diversas. Pinker (2010) apresenta como uma dessas consequências o cenário de uma mulher e um homem frente a uma nova oportunidade de emprego ou promoção. O homem, com maior probabilidade, não tem medo de se arriscar e apostar no desconhecido, aceitando desafios e aparentando ser confortável em situações de competição. Já a mulher apresenta probabilidades baixas de se comprometer e aceitar oportunidades que estejam acima de suas expectativas subjetivas.

Considerações finais

O presente estudo teve por objetivo comparar os níveis de Síndrome do Impostor entre uma amostra de homens e mulheres. Os resultados obtidos a partir da pesquisa são de grande relevância por irem ao encontro das constatações encontradas em estudos anteriores, mostrando que, de fato, esta síndrome pode ocorrer com maior frequência em mulheres. Apesar das suas contribuições, o estudo não está isento de limitações. A principal limitação diz respeito à amostra majoritariamente feminina. Sugere-se que estudo futuros obtenham amostras mais heterogêneas e balanceadas quanto a esse e outros fatores demográficos.

Outra limitação que pode ser destacada é o fato de a pesquisa ter sido realizada com uma amostra representativa apenas de uma parcela de universitários, sendo necessária sua realização em outros âmbitos além do acadêmico, como, por exemplo, em âmbitos corporativos. Sugere-se o desenvolvimento de estudos que considerem a ocorrência da SI na interface com outras variáveis sociodemográficas, tais como classe social, raça e idade, a fim de obter uma abrangência maior de conhecimento sobre a síndrome e seu impacto em diferentes contextos.

Referências

Almeida, A. C. (2020). *Sou uma fraude?: Explicando a síndrome do impostor* (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.

Bezerra, T. C. G., Barbosa, L. H. G. D. M., Vione, K. C., Athayde, R. A. A., & Gouveia, V. V. (2021). Escala Clance do Fenômeno do Impostor: *Adaptação Brasileira. Psico-USF*, *26*(2), 333-343. https://doi.org/10.1590/1413-82712021260211

Brasil. (2012). *Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, de 12 de dezembro de 2012*. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde, Brasil. https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf

Brasil. (2016). *Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, de 07 de abril de 2016*. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde, Brasil. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html

Campos, I. F. D. S., Câmara, G. F., Carneiro, A. G., Kubrusly, M., Peixoto, R. A. C., & Peixoto Junior, A. A. (2022). Síndrome do impostor e sua associação com depressão e burnout entre estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, *46*(2), e068. https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.2-20200491

Clance, P. R. (1985). *The impostor phenomenon: Overcoming the fear that haunts your success.* Atlanta, GA: Peachtree.

Clance, P. R., & Imes, S. A. (1978). The imposter phenomenon in high achieving women: Dynamics and therapeutic intervention. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, *15*(3), 241–247. https://doi.org/10.1037/h0086006

Clance, P. R., Dingman, D., Reviere, S. L., & Stober, D. R. (1995). Impostor phenomenon in an interpersonal/social context: Origins and treatment. *Women & Therapy*, *16*(4), 79-96. https://doi.org/10.1300/J015v16n04_07

Cozzarelli, C., & Major, B. (1990). Exploring the validity of the impostor phenomenon. *Journal of Social and Clinical Psychology*, *9*(4), 401-417. http://doi.org/10.1521/jscp.1990.9.4.401

Dudău, D. P. (2014). The relation between perfectionism and impostor phenomenon. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, *127*(22), 129-133. http://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.03.226

Gresham-Dolby C. (2022). Imposter syndrome: An opportunity to positively influence mentees. *Elsevier*, *14*(2), 130-132. https://doi.org/10.1016/j.cptl.2021.11.019

Haney, T. S., Birkholz, L., & Rutledge C. A. (2018). Workshop for Addressing the Impact of the Imposter Syndrome on Clinical Nurse Specialists. *Clinical Nurse Specialist*, *32*(4), 189-194. https://doi.org/10.1097/NUR.0000000000000386

Henning, K., Ey, S., & Shaw, D. (1998). Perfectionism, the impostor phenomenon and psychological adjustment in medical, dental, nursing and pharmacy students. *Medical Education*, *32*(5), 456-464. https://doi.org/10.1046/j.1365-2923.1998.00234.x

Holmes, S. W., Kertay, L., Adamson, L. B., Holland, C. L., & Clance, P. R. (1993). Measuring the impostor phenomenon: A comparison of Clance's IP Scale and Harvey's IP Scale. *Journal of Personality Assessment*, *60*(1), 48-59. doi: http://doi.org/10.1207/s15327752jpa6001_3

Kauati, A. (2013). Síndrome do impostor e a vida acadêmica. *Interparadigmas*, *1*, 75-88.

Langford, J., & Clance, P. R. (1993). The impostor phenomenon: Recent research findings regarding dynamics, personality and family patterns and their implications for treatment. *Psychotherapy*: *Theory*, *Research*, *Practice*, *Training*, *30*(3), 495-501. http://doi.org/10.1037/0033-3204.30.3.495

Liu R. Q., Davidson J., Hoorem T. A. V., Koughnett J. A. M. V., Jones S., & Ott M. C. (2022). Impostorism and anxiety contribute to burnout among resident physicians. *Medical Teacher*. *44*(7), 758-764. https://doi.org/10.1080/0142159X.2022.2028751

Oliveira, A. C. M., Boebel, K. J. O., Ribeiro, N. S., Mendes, T. S., Barbosa, P. F. B., & Filho, I. M. M. (2022). Sinais, sintomas, fatores e patologias associados à síndrome do impostor em estudantes universitários. *Research, Society and Development*, *11*(8), e55811831380-e55811831380. 10.33448/rsd-v11i8.31380

Pannhausen, S., Klug, K., & Rohrmann, S. (2020). Never good enough: The relation between the impostor phenomenon and multidimensional perfectionism. *Current Psychology: A Journal for Diverse Perspectives on Diverse Psychological Issues*, Advance online publication. https://doi.org/10.1007/s12144-020-00613-7

Patzak, A., Kollmayer, M., & Schober, B. (2017). Buffering impostor feelings with kindness: The mediating role of self-compassion between gender-role orientation and the impostor phenomenon. *Frontiers in Psychology*, *8*, 1-12. http://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01289

Pinker, S. (2010). *O Paradoxo Sexual: hormônios, genes e carreira.* Rio de Janeiro: Best Seller.

Roskowski, J. C. R. (2010). *Imposter Phenomenon and counseling self-efficacy: The impact of imposter feelings* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Ball.

September, A. N., McCarrey, M., Baranowsky, A., Parent, C., & Schindler, D. (2001). The relation between well-being, impostor feelings, and gender role orientation among Canadian university students. *The Journal of Social Psychology*, *141*(2), 218-232. http://doi.org/10.1080/00224540109600548

Spence, J. T., Helmreich, R. L., & Holahan, C. K. (1979). Negative and positive components of psychological masculinity and femininity and their relationships to self-reports of neurotic and acting out behaviors. *Journal of Personality and Social Psychology*, *37*(10), 1673-1682. http://doi.org/10.1037/0022-3514.37.10.1673

"TIKTOKIZAÇÃO" DO ENTRETENIMENTO DIGITAL E MOTIVAÇÕES PARA O USO DO APLICATIVO

Fernanda de Souza Pereira (UNIFIP)
Anuska Bandeira Costa Paiva (UNIFIP)
Ana Carolina Bezerra Ramos (UNIFIP)
Tereza Sade Roberto Araújo Almeida (UNIFIP)
Prof. Dr. Layrtthon Carlos de Oliveira Santos (UNIFIP)

Resumo. Os vídeos de curta duração são uma tendência mundial adotados como uma alternativa de fácil acesso a conteúdos diversos para qualquer ocasião doa dia tendo como referência a plataforma chamada "TikTok". Considerando as mudanças na sociedade atual e as novas formas de consumo de conteúdos midiáticos, o presente estudo tem como objetivo analisar as motivações para o uso do TikTok e entender como estas interferem na busca por entretenimento digital. Trata-se de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa. Foram selecionados 17 artigos da literatura nacional e internacional nas bases de dados: Google Acadêmico, Periódicos CAPES e Dialnet. Observou-se que fatores como gratificação, socialização, busca por novidades e autoexpressão parecem explicar melhor as motivações para o uso do aplicativo e foram as principais mencionadas entre os estudos. Já outros fatores como o caráter imersivo e o *feed* interminável de vídeos podem estar associados à permanência prolongada no aplicativo. Diante disso, entende-se o quanto o uso dessa rede tem refletido a atual realidade em relação ao consumo de conteúdos midiáticos e o quanto é importante compreendê-lo dentro de um contexto de mudanças nos padrões de vida em sociedade.

Palavras-chave: TikTok, motivação, entretenimento digital, vídeos curtos.

Desde o seu lançamento, o aplicativo TikTok não para de crescer atingindo popularidade em escala global no que diz respeito à criação e compartilhamento de vídeos curtos. A plataforma passou por uma série de transformações até chegar a como é conhecida atualmente (Duarte & Dias, 2021). No ano de 2014, o aplicativo chinês Musical.ly foi lançado com a proposta de criação de vídeos de dublagens musicais com duração de 15 a 60 segundos, contando com diferentes ferramentas (e.g., velocidade, filtros, efeitos) e em apenas um ano já havia atingido milhões de usuários (Cares, 2021).

Diante disso, o Musical.ly tornou-se um dos aplicativos mais baixados em mais de 30 países. Já no ano de 2017, a empresa ByteDance, também chinesa, comprou a Musical.ly com

interesse no seu crescente engajamento dando origem definitiva ao TikTok (Bastos et al., 2021). Apesar do seu ano de lançamento, o TikTok atingiu sua popularidade a partir em 2019. Muitos estudos, como o de Bezerra e Gibertoni (2021), apontam para a influência da pandemia do Covid-19, dado que grande parte do mundo teve que permanecer isolada em casa. O período também foi marcado pela crescente tendência dos vídeos de curta duração que logo mais atingiria o seu ápice (Lopes, 2021).

Considerando esse crescimento, vale questionar: o que leva as pessoas a utilizarem o TikTok? Para tal indagação, é importante considerar que a sociedade tem enfrentado diversas transformações em pouco tempo. Estas podem ser observadas na tecnologia, no trabalho, nas relações e não diferentemente, na busca por entretenimento. A sociedade tem se tornado cada vez mais imediatista e busca alternativas que lhe poupe tempo, logo, o consumo do TikTok também pode ser visto como reflexo dessas mudanças (Breitenbach, 2021; Duarte & Dias, 2021).

Por ser um tema recente, este estudo justifica-se pela necessidade da realização de pesquisas em diferentes perspectivas que permitam um amplo entendimento sobre o objeto de estudo. No contexto social, entender as motivações de um grupo ajuda a predizer tendências de comportamento e, consequentemente, a prevenir comportamentos prejudiciais. Assim, este artigo tem como objetivo analisar as motivações para o uso do TikTok e entender como estas interferem na busca por entretenimento digital a partir de uma revisão narrativa de literatura.

Método

O presente estudo consiste em uma revisão de literatura do tipo narrativa. Este tipo de pesquisa tem por objetivo realizar delineamentos na literatura recente acerca de um tema e sobre o que se tem falado e descoberto a seu respeito. Por se tratar de um método simples, permite ao

pesquisador permear de forma mais ampla e flexível a respeito de uma área do conhecimento (Rother, 2007).

A coleta foi feita a partir de buscas nas bases de dados: Google Acadêmico, Periódicos CAPES e Dialnet. Inicialmente, foram combinados os descritores "motivações para o uso do tiktok", com 70 achados, onde foram selecionados, por avaliação dos autores em relação à pertinência, dois estudos; depois "vídeos de curta duração" com 90 achados iniciais, sendo selecionados dois; em seguida "tiktok e o entretenimento digital", com dois selecionados dentre 30 analisados.

Também foram combinados descritores na língua inglesa como "*use of tiktok*", sendo selecionados cinco estudos entre 60 achados iniciais; posteriormente "*motivations for using tiktok*", sendo selecionados três de 100; por fim, "*short video apps*", com apenas um artigo selecionado dentre 100 resultados, totalizando 15 artigos incluídos no presente estudo.

Acerca dos critérios de inclusão, foram mantidos as produções que remetiam às motivações para o uso do TikTok por diferentes públicos e sobre as possíveis influências do consumo de vídeos de curta duração na busca por entretenimento digital.

Por se tratar de um fenômeno recente, as referências selecionadas não excederam três anos de tempo de publicação, isso é, de 2019 a 2022. A análise dos dados foi feita por meio de leitura dos materiais em uma abordagem qualitativa, de maneira interpretativa.

Resultados e discussão

Inicialmente, são apresentados na Tabela 1 os dados básicos sobre as publicações incluídas para revisão no estudo. Em seguida, cada trabalho será descrito e por fim, será feita uma discussão conjunta dos resultados.

Tabela 1

Dados sobre as publicações levantadas para a revisão

Ano	Autores	Título	Tipo	Publicação
2019	Xu, Yan, & Zhang	*Research on the causes of the "Tik Tok" app becoming popular and the existing problems*	Artigo publicado em revista	*Journal of advanced management science*
2019	Yang, Zhao, & Ma	*Analysis of the Reasons and Development of Short Video Application-Taking Tik Tok as an Example*	Trabalho apresentado em conferência	*9th International Conference on Information and Social Science*
2020	Bossan & Kottasz	*Uses and gratifications sought by pre-adolescent and adolescent TikTok consumers*	Artigo publicado em revista	*Young Consumers*
2020	Chung & Wei	*Effects of Perceived Quality of TikTok on User Satisfaction and Continuance Intention and the Role of Commercial Viability*	Artigo publicado em revista	*The Journal of the Korea Contents Association*
2020	Omar & Wang	*Watch, share or create: The influence of personality traits and user motivation on TikTok mobile video usage*	Artigo publicado em revista	*International Journal of Instructional Media (IJIM)*
2020	Patel & Binjola	*Tik Tok the New Alternative Media for Youngsters for Online Sharing of Talent: An Analytical Study*	Artigo publicado em revista	SSRN

2020	Shao & Lee	*The Effect of Chinese Adolescents' Motivation to Use TikTok on Satisfaction and Continued Use Intention*	Artigo publicado em revista	*The Journal of the Convergence on Culture Technology*
2021	Bastos, Giunti, Benvindo, Nascimento, & Inocêndio	Trends no TikTok e sua influência no streaming musical: os casos DojaCat e Olivia Rodrigo	Trabalho apresentado em congresso	Intercom – 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
2021	Cares	O TikTok como instrumento de marketing digital: estudo de caso @netflixbrasil	Monografia	Universidade de Brasília
2021	Cassettari	O teatro capturado na rede: a nova era da internet e o humor no aplicativo TikTok no Brasil	Artigo publicado em revista	Anais ABRACE
2021	Duarte & Dias	TikTok: usos e motivações entre adolescentes em Portugal	Artigo publicado em revista	*Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*
2021	Genuino, Lira, & Soares	O TikTok e as Jornadas Estratégicas na Publicidade	Trabalho apresentado em congresso	Comunicon – Congresso Internacional de Comunicação e Consumo
2021	Montag, Yang, & Elhai	*On the psychology of TikTok use: A first glimpse from empirical findings*	Artigo publicado em revista	*Frontiers in public health*
2021	Scherr & Wang	*Explaining the success of social media with gratifications niches: Motivations behind daytime, nighttime, and active use of TikTok in China*	Artigo publicado em revista	*Computers in Human Behavior*

2022	Menon	*Factors influencing Instagram Reels usage behaviours: An examination of motives, contextual age and narcissism*	Artigo publicado em revista	*Telematics and Informatics Reports*

Analisando o cenário atual, muitos fatores parecem estar associados ao uso do TikTok (e.g., design atrativo, rentabilização, etc.). Inicialmente, o aplicativo foi desenvolvido para gravar, editar e compartilhar vídeos curtos com pessoas de diferentes lugares do mundo, tudo na mesma plataforma. No entanto, com sua popularização, o Tiktok vem sendo utilizado para diferentes finalidades (Montag et al., 2021; Patel & Binjola, 2020; Yang et al., 2019).

Esse estilo de vídeo de curta duração vem simplificando os processos instrumentais de edição e permitindo a expressão da criatividade (Yang et al., 2020). Apesar de existirem outras redes com propostas parecidas, o Tiktok que se popularizou no período da pandemia do Covid-19, conquistou o seu espaço e um público diversificado com pessoas de diferentes perfis identitários (Duarte & Dias, 2021).

Acerca do comportamento dos indivíduos relacionado à busca por tecnologias digitais, a Teoria do Uso e Gratificações de Katz e Blumler traça um olhar para o público entendendo-o como indivíduos que buscam pela satisfação de necessidades categóricas, divididas em: informação, socialização, entretenimento e escape (Xu et al., 2019). No entanto, estudos mostram que as necessidades atreladas ao uso das tecnologias de massa vão além das necessidades mencionadas (Duarte & Dias, 2021).

O estudo de Scherr e Wang (2021) buscou explicar as principais gratificações associadas ao uso do TikTok e dividiram-nas em quatro categorias: autoexpressão socialmente recompensadora, conhecimento das tendências, escapismo viciante e novidade. Por fim, identificaram dois tipos de usuários: os predominantemente diurnos são mais motivados pela

interação social (conhecimento de tendências) e os predominantemente noturnos, pela busca de novidades. Já o estudo de Bossan e Kottasz (2020) aponta as necessidades de consumo passivo como as principais gratificações atreladas ao seu uso, como: vigilância, entretenimento e busca por informação.

Relacionado ao consumo passivo, Omar e Wang (2020) destacam o escape e a interação social como principais gratificações relacionadas ao uso do TikTok, já em relação à produção ativa, a autoexpressão. Em contrapartida, Shao e Lee (2020) observaram que a busca por informação e comunicação (interação social) foram as motivações que levaram diretamente à satisfação. A autoexpressão também demonstrou ser uma motivação importante, porém não diretamente relacionada à satisfação.

Segundo o estudo de Chung e Wei (2020) a satisfação parece ter impacto direto nas motivações para o uso contínuo desta plataforma. Sobre isso, Montag et al. (2021) ressalta que o reforço do uso do Tiktok pode ser alcançado por elementos de design como as curtidas e o *feed* infinito de conteúdos. No aplicativo, a página *ForYou* identifica as preferências do usuário e fornece cada vez mais conteúdos semelhantes aos curtidos inicialmente resultando em um uso prolongado, mais do que pretendido pelo usuário, assemelhando-se ao comportamento de vício.

O TikTok também parece ser uma excelente oportunidade de descobrir diferentes conteúdos e novas formas de entretenimento: é simples de produzir e chega rapidamente até as pessoas (Yang et al., 2019). É um espaço democrático, pois apresenta conteúdos de diferentes origens desde humor, música e publicidade até os de cunho científico, político e jornalístico. Produções das mais simples e criativas até as elaboradas e super produzidas, possuem seus públicos (Montag et al., 2021).

Ainda de acordo com essa realidade, várias tendências foram lançadas no Tiktok como os *LipSyncs,* os *challenges* e as *trends* (Bastos et al., 2021; Inocêncio, 2020). Logo mais também

foi desenvolvida a ferramenta para fazer duetos, onde um usuário pode gravar um vídeo reagindo a outro em paralelo. Outra opção que surgiu foi a das *lives* que alguns criadores de conteúdo passaram a gravar para seus seguidores, permitindo a interação em tempo real e a oferta de recompensas que podem ser convertidas em dinheiro (Genuino et al., 2021).

Deste modo, o TikTok enquanto fenômeno mundial, além de modificar o conceito de entretenimento digital tem permitido a criação de novas formas de trabalho ou utilizá-la como facilitadora. A mesma tem sido vista como uma oportunidade de divulgar trabalhos, a exemplo dos profissionais da saúde, estética, esporte, jornalismo, entre outros, que tem produzido conteúdos informativos sobre suas respectivas áreas de trabalho para divulgar conhecimento técnico e atrair público (Montag et al., 2021).

Com base no tipo de criação do TikTok, as marcas utilizam estratégias de marketing em que o vídeo é assistido e o seu viés publicitário passa despercebido e o seu alcance acontece de forma orgânica. Na indústria musical, muitas produtoras insistem para que os artistas produzam músicas com "perfil TikTok", ou seja, de curta duração e com letras e ritmos contagiantes para que as pessoas possam gravar vídeos utilizando o áudio da música com o intuito de viralizar (Genuino et al., 2021).

Produtores de conteúdo de outras plataformas também têm adaptado seus conteúdos para a proposta do TikTok, por exemplo, *podcasters* que têm utilizado o aplicativo para se promoverem através de vídeos de cortes importantes dos episódios do *podcast*. Outro caso é o de comediantes de *Stand Up Comedy* que postam vídeos de piadas curtas no aplicativo (Cassettari, 2021). Em ambos os casos, reforçam a tendência do entretenimento fragmentado e objetivo, onde o ápice da produção pode ser experimentado em instantes (Yang et al., 2019).

As redes sociais claramente se viram afetadas com essa nova forma de consumir conteúdos audiovisuais. Diante disso, a estratégia utilizada para não desvincular esse público

foi a criação de ferramentas de edição e compartilhamento de vídeos curtos. No Instagram foi o caso dos *reels*, no Facebook e no Youtube, os *shorts*, que apresentam a mesma proposta: vídeos verticalizados e de curta duração (Menon, 2022).

Comparando-as, segundo Patel e Binjola (2020), o Instagram levou seis anos e o Facebook quatro para atingirem a popularidade do TikTok em seu nível atual. Somente no ano de 2019 o aplicativo atingiu a marca de 1,5 bilhões de downloads, mas qual o seu diferencial perante as demais redes? Aparentemente ele se destaca além das suas funções, pois dentro da rede são formadas comunidades de pessoas com linguagem, gírias, expressões e humor particulares dos seus usuários (Bastos etal., 2021). Certamente existem outros fatores que podem explicar seu crescimento acentuado, como considerar o período em que se popularizou, no entanto, o fator social também é um elemento de destaque (Bastos et al., 2021; Cassettari, 2021; Duarte & Dias, 2021).

O entretenimento em vídeo não é novidade na internet, mas atualmente muitos optam por não perder tanto tempo assistindo a um único vídeo, fato decorrente das mudanças no cotidiano. Nesse contexto, o TikTok torna-se uma boa proposta para esse público mais imediatista ao mesmo tempo em que exige dos *creators* mais criatividade para produzir vídeos atrativos com tão pouco tempo de reprodução (Cares, 2021).

Considerações finais

Com o desenvolvimento das tecnologias, a sociedade tem se reinventado e constantemente busca alternativas que ofereçam praticidade. Diante disso, em resposta a problemática inicialmente levantada neste estudo, entende-se que o uso de uma rede social como o TikTok pode ser entendida como uma opção acessível de entretenimento para quem enfrenta a correria diária, já que outras opções como as mídias tradicionais podem exigir mais tempo – comumente priorizado para outros afazeres.

Entre os fatores relacionados à motivação do uso do aplicativo destacam-se elementos como a gratificação, a socialização, busca por novidades e a autoexpressão – esta última principalmente no que diz respeito à produção ativa de conteúdo. No entanto, é contraditório observar como estudos recentes refletem a permanência prolongada no uso do aplicativo, mais do que o desejado, quando na verdade o objetivo inicial seria aproveitar o curto tempo disponível.

Contudo, indiscutivelmente, o TikTok parece influenciar o comportamento dos seus usuários na busca por meios de entretenimento digital onde os mesmos optam por formas cada vez mais rápidas e aceleradas de consumo. Ainda, fatores externos como o caráter imersivo da plataforma e o *feed* interminável ocasionam nessa permanência fruto de uma necessidade de estar a par de tudo, possivelmente associando-se ao comportamento vicioso.

Apesar de ser um tema recente, já existem muitos estudos a respeito do uso do TikTok e suas condições, inclusive os que embasaram o presente estudo. Deste modo, entende-se o quanto a temática tem despertado o interesse de pesquisadores ao redor do mundo, mas que ainda há muito o que investigá-lo.Assim,com base nos dados discutidos, sugestivamente para estudos futuros pode ser abordado como o consumo de conteúdo acelerado de mídia pode interferir na tolerância a frustração de um indivíduo ou, ainda, identificar se há relação entre o imediatismo e o consumo de vídeos curtos.

Referências

Bastos, H., Giunti, D. M., Benvindo, L., Nascimento, A., &Inocêndio, L. (2021, Outubro).Trends no TikTok e sua influência no streaming musical: os casos DojaCat e Olivia Rodrigo.Intercom - 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual. Retirado de

https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij05/hemilly-bastos.pdf

Bezerra, L. S., &Gibertoni, D. (2021). As mídias sociais durante a pandemia do COVID-19: Análise comportamental dos usuários durante este período e as possibilidades para o futuro. *Revista Interface Tecnológica*, *18*(2), 144-156. https://doi.org/10.31510/infa.v18i2.1239

Bossan, C. B., &Kottasz, R. (2020). Uses and gratifications sought by pre-adolescent and adolescent TikTok consumers. *Young Consumers*, *21*(4), 463-478. https://doi.org/10.1108/YC-07-2020-1186

Breitenbach, D. B. (2021). *O TikTok como experiência formadora de hábito* (Monografia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo). Retirado de http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/10988/Daniel%20Bueno%20Breitenbach.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Cares, N. F. (2021). *O TikTok como instrumento de marketing digital: estudo de caso@ Netflix Brasil* (Monografia, Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília). Retirado de https://bdm.unb.br/bitstream/10483/29064/1/2021_NathanFa%c3%a7anhaCares_tcc.pdf

Cassettari, V. S. (2021). O teatro capturado na rede: a nova era da internet e o humor no aplicativo TikTok no Brasil. *Anais ABRACE*, *21*(1), 1-17. Retirado de https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/5346

Chung, Y., & Wei, X. (2020). Effects of Perceived Quality of TikTok on User Satisfaction and Continuance Intention and the Role of Commercial Viability. *The Journal of Korea Contents Association 20*(6), 77-89. https://doi.org/10.5392/JKCA.2020.20.06.077

Duarte, A., & Dias, P. (2021). TikTok: usos e motivações entre adolescentes em Portugal. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, (147), 81-103. Retirado de https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8093843

Genuino, L., Lira, T., & Soares, T. (2021, Outubro). O TikTok e as Jornadas Estratégicas na Publicidade.Comunicon – Congresso Internacional de Comunicação e Consumo, virtual. Retirado de https://comunicon.espm.edu.br/wp-content/uploads/2021/11/GTGrad_GENUINO-e-LIRA.pdf

Lopes, R. P. R. (2021). *Consumo e expressão identitária tween na produção digital de uma infância-adolescência feminina* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife). Retirado de https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/41217/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Rodrigo%20Phelipe%20Rodrigues%20Lopes.pdf

Menon, D. (2022). Factors influencing Instagram Reels usage behaviours: An examination of motives, contextual age and narcissism. *Telematics and Informatics Reports, 5*, 100007. https://doi.org/10.1016/j.teler.2022.100007

Montag, C., Yang, H., &Elhai, J. D. (2021). On the psychology of TikTok use: A first glimpse from empirical findings. *Frontiers in publichealth, 9,* 641-673.https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.641673

Omar, B., & Wang, D. (2020). Watch, share or create: The influence of personality traits and user motivation on TikTok mobile video usage. *International Journal of Interactive Mobile Technologies, 14*(4), 121-137. Retirado de https://www.learntechlib.org/p/216454/

Patel, K., &Binjola, H. (2020). Tik Tok the New Alternative Media for Youngsters for Online Sharing of Talent: An Analytical Study.*SSRN*, 1-6. http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3600119

Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, *20*(2), 5-6.https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001

Shao, J. H., & Lee, S. K. (2020). The Effect of Chinese Adolescents' Motivation to Use TikTok on Satisfaction and Continued Use Intention. *The Journal of the Convergence on Culture Technology* *6*(2), 107-115. https://doi.org/10.17703/JCCT.2020.6.2.107

Scherr, S., & Wang, K. (2021). Explaining the success of social media with gratifications niches: Motivations behind daytime, nighttime, and active use of TikTok in China. *Computers in Human Behavior*, *124*. https://doi.org/10.1016/j.chb.2021.106893

Xu, L., Yan, X., & Zhang, Z. (2019). Research on the causes of the "Tik Tok" app becoming popular and the existing problems. *Journal of Advanced Management Science Vol, 7*(2). 10.18178/joams.7.2.59-63

Yang, S., Zhao, Y., & Ma, Y. (2019, July). Analysis of the Reasons and Development of Short Video Application-Taking Tik Tok as an Example. 9th International Conference on Information and Social Science (ICISS). Retirado de https://webofproceedings.org/proceedings_series/ESSP/ICISS%202019/ICISS19062.pdf

USO DE REDES SOCIAIS DIGITAIS POR ADOLESCENTES: DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS COMO ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

Anna Beatriz Conserva Medeiros (UNIFIP)
Ally Luan Rodrigues Ramalho (UNIFIP)
Bárbara Vitória de Queiroz Pinto (UNIFIP)
Glaucya Rodrigues de Oliveira (UNIFIP)
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves (UNIFIP)

Resumo. O uso de redes sociais digitais por adolescentes tem merecido cada vez mais atenção de estudiosos da Psicologia. Isso porque a relação com a tecnologia e mais especificamente com as redes sociais digitais tem assumido, em muitos casos, volume detempo excessivos, podendo promover dependência e prejuízos ao desenvolvimento do adolescente. Este trabalho, construído a partir de uma revisão de literatura narrativa, objetivou analisar as possíveis implicações do uso de redes sociais digitais por adolescentes, discutindo o papel das habilidades socioemocionais como instrumento mediador e ferramenta de apoio. Entende-se que, embora as redes sociais digitais representem um importante espaço de convívio e desenvolvimento para os adolescentes, seu uso excessivo pode empobrecer relações interpessoais concretas, como a familiar. Habilidades socioemocionais podem ser um instrumento mediador para evitar uso abusivo, com destaque para abertura ao novo, regulação emocional e autogestão. Tais habilidades permitem que o adolescente esteja mais preparado para lidar com eventuais situações desagradáveis nas redes, além de serem importantes ferramentas para a relaçãointerpessoal na família, escola e sociedade.

Palavras-chave: adolescentes, redes sociais digitais, habilidades socioemocionais.

As redes sociais são sites e aplicativos que permitem a conexão e o contato constante entre os indivíduos. Elas conectam pessoas com interesses em comum, e os algoritmos personalizam as mídias digitais para que se tornem atrativas, agradando o consumidor e tornando o uso delas mais satisfatório. Nas curtidas e interações positivas, nosso cérebro produz dopamina, um hormônio relacionado ao prazer que é altamente

aditivo, muitas vezes gerando uso descontrolado. Com o aumento do uso das mídias digitais, um dos sintomas é a relação de dependência que alguns indivíduos estabelecemcom a internet (Dowling & Quirk, 2009).

A adolescência é um período da vida repleto de mudanças que tornam os adolescentes suscetíveis ao uso excessivo das redes sociais como uma forma de lidar comessas mudanças. Com isso, os problemas relacionados ao uso das mídias digitais podem afetar diretamente a saúde mental, trazendo prejuízos emocionais e cognitivos (Drulla, 2021).

Ademais, a geração atual de adolescentes e crianças é a primeira a ter contatodireto com as redes desde o nascimento, frequentemente tendo-as como principal fonte de entretenimento. É uma realidade perigosa, tendo em vista que ainda não temos conhecimento sobre quais efeitos negativos essa cultura digital vai gerar no futuro. Em uma idade tão precoce, considerando que muitas vezes o uso inicia ainda nos primeiros anos de vida, o contato com as telas de forma excessiva pode prejudicar o desenvolvimento infantil. (Biernath, 2022).

O presente trabalho teve como objetivo principal analisar as possíveis implicaçõesdo uso de redes sociais digitais por adolescentes, discutindo o papel das habilidades socioemocionais como instrumento mediador e ferramenta de apoio.

Método

Foi desenvolvida uma revisão de literatura do tipo narrativa, utilizando fontes para consulta como livros, artigos, sites especializados em busca de uma melhor compreensãodo problema em questão. Então, após selecionar, realizar a leitura e o fichamento dos

materiais utilizados para consulta, o pesquisador, de modo mais subjetivo, possui condições de compilar "o estado de arte sobre um tópico específico, evidenciando novasideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada" (Noronha & Ferreira, 2000, p.191).

A revisão do tipo narrativa é um estudo de caráter qualitativo em que há o desenvolvimento de um assunto tanto sob o ponto de vista teórico quanto do ponto de vista contextual, além de não limitar as fontes de informação ou atribuir critériosrigorosos para seu delineamento (Elias et al., 2012). Além disso, estudos de natureza qualitativa possibilitam perceber contradições nos discursos sobre determinado assunto ou área do conhecimento e de uma relação colaborativa da teoria com a prática acerca deuma determinada problemática.

Resultados e discussão

Para os jovens, a internet se tornou um espaço para expressar-se, criar conexões e interações rápidas. Atualmente, discute-se muito sobre o uso excessivo da internet e das redes sociais, como também do impacto na saúde mental dos adolescentes. Por um lado,as redes sociais aproximam, nos permite ter acesso às informações de maneira rápida; mas, por outro lado, tem afastado os jovens da realidade, deixando-os dependentes do usode dispositivos com internet.

Pesquisadores apontam que um cenário de exposição excessiva a telas e redes sociais pode afetar os jovens na saúde mental e de maneira social, em que o mau uso destas redes, poderiam ocasionar um cansaço mental, mudanças no comportamento, irritabilidade, entre outros. Além disso, todo o excesso e superexposição podem estar afetando também a forma como os jovens se enxergam, seja pela sua aparência ou pela

maneira como vivem, devido a toda comparação excessiva que há nas redes sociais (Grupo Elfa, 2021)

Seguindo nessa perspectiva, podemos citar o FOMO (fear of missing out), que significa "medo de perder experiências". Essa expressão retrata a sensação que as pessoas vêm sentindo ao acessarem suas redes sociais: o medo de não estarem aproveitando um momento como deveriam. Ao verem as redes sociais das pessoas, começam a comparar com suas vidas e sentem que necessitam de uma mudança na rotina, de uma viagem perfeita, de sair mais e conhecer novos lugares, mas planejam tudo isso de forma imediata, gerando a ansiedade. E quando a expectativa dessa nova rotina não é atendida, essa ansiedade tende a aumentar, desencadeando ali também problemas com a baixa autoestima (Freitas, 2021).

A relação de dependência entre adolescentes e redes sociais

De acordo com um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Seul, na Coreia do Sul, divulgado no último dia 30 de novembro de 2017, a relação com a tecnologia já pode sim ser confirmada como dependência e irá ser gerada pela utilização excessiva que vai produzir alterações químicas no cérebro, com reações e síndrome de abstinência em parâmetros similares ao que acontece com os dependentes de drogas. É importante mencionar que o principal sintoma que eles apresentam é a ansiedade, mas também há outros, como, por exemplo, irritabilidade, que ocorre geralmente quando o adolescente demora muito tempo sem utilizar as redes sociais, além da sudorese, abstinência, taquicardia e até mesmo alucinações, já que em alguns casos ele sente que o celular está vibrando, pois há o pensamento de estar em contato com as redes sociais o tempo todo (Lopes, 2017).

Para buscar compreender como funciona o cérebro de adolescentes considerados dependentes em mídias digitais, cientistas usaram um tipo particular de ressonância magnética para analisar a composição química do cérebro e observar os hábitos de dezenove adolescentes clinicamente diagnosticados como dependentes em redes sociais ou jogos de celular. Depois, fizeram a comparação dos resultados com os de um grupo de jovens que usam o dispositivo, mas não foram identificados como dependentes.

No estudo também foi revelado como o convívio com a tecnologia afetava a interação com familiares, a produtividade escolar e intelectual, como também a forma decompreender as emoções. Além disso, em um resultado previsível os dependentes das redes apresentaram maiores níveis de depressão, ansiedade, insônia e impulsividade, entretanto a maior novidade mesmo foi a descoberta da "nomofobia" que é quando a química cerebral está sendo afetado pelos excessos (Lopes, 2017).

É importante salientar que não são todos os adolescentes que utilizam redes sociais ou consomem algum tipo de mídia digital que são afetados por esses efeitos negativos já citados, por isso, é necessário buscar diferenciar quando está causando prejuízos ou não. Sempre existe um ponto que diferencia se o uso dessa tecnologia é prejudicial ou dentro do normal, como, por exemplo, o humor alterado, tolerância crescente, conflitos nas redes e emocionais começam a surgir. Observar o tempo que se gasta nessas tecnologias é um dos principais pontos para chegar a um diagnóstico, embora não determinante: "Dificilmente, vai existir alguém com dependência que jogue só duas horas por dia, pois nem todo mundo que joga muito vai ter prejuízo. O tempo se torna relativo, só é mais um indicador do problema" (Oliveto, 2014).

Entretanto, ao analisar a situação em que o adolescente se encontra, não basta analisar quanto tempo ele utiliza, mas também como ele utiliza as redes sociais, por exemplo, dependentes não conseguem passar horas usando redes sociais sem sentir algum

efeito negativo, caso sua foto não tenha a quantidade de curtidas desejadas (Oliveto, 2014).

É necessário mencionar que a questão do controle familiar se torna extremamente importante quando está se tornando ou já se é dependente, com todo um acompanhamento que ajude esse usuário a se manter de maneira saudável dentro das redes e utilizem seu tempo para ter experiências de prazer fora das telas (Oliveto, 2014).

O efeito do excesso de mídias digitais nas relações familiares

A adolescência é uma fase em que as vivências costumam ser intensas e caracterizadas por novas descobertas e experiências, além de ser também um período em que há um misto de sentimentos positivos e negativos que levam a impasses emocionais e psicológicos, além do fato que há uma dificuldade na maioria dos jovens de controlar suas emoções e, por isso, agem por impulso em diversas situações. Diante disso, surge nos pais e nos demais familiares a dificuldade de compreender os conflitos internos que o adolescente vive e o que ele está sentindo, além disso, a questão de eles pertencerem a gerações distintas dificulta ainda mais essa compreensão visto que os familiares passaram/passam por experiências distintas ou até passaram por vivências semelhantes, mas em contextos diferentes (Brotto, 2021).

As mídias digitais estão cada vez mais presentes no contexto familiar, visto que pesquisas realizadas pela TIC Domicílios, no ano de 2018, apontam que 86% das pessoas que estão na faixa etária dos 9 aos 17 são usuárias da internet, consequentemente, os jovens estão ficando mais familiarizados com esse mundo digital e tendo mais acesso a novos recursos tecnológicos e com isso tornam-se dependentes das redes sociais e entram em um processo em que há um isolamento e afastamento do convívio familiar (Comitê Gestor de Internet no Brasil [CGI], 2018). É importante mencionar que o uso das redes sociais podem causar tanto efeitos positivos quanto negativos sobre os laços afetivos

familiares, visto que as redes sociais podem de certa forma aproximar familiares que estão distantes ou pode até mesmo aumentar a frequência com que eles se comunicam, entretanto, essa relação via mídias digitais acaba prejudicando a qualidade da comunicação já que estão mais sujeitas a interferências externas, problema que ocorre com menor intensidade em interações pessoais (Barrie et al., 2019).

Estudos de campo realizados com profissionais de psicologia sobre a questão do uso excessivo de redes sociais reafirmam os efeitos negativos que ele causa nas relações familiares, como, por exemplo, o isolamento dos adolescentes que tendem a passar horas trancados no seu quarto utilizando as mídias digitais e cada vez a relação com seus pais se torna superficial, além de alertarem que muitos desses adolescentes que se isolam reclamam sobre a inaptidão de se relacionar com outras pessoas no mundo real, mas conseguem tranquilamente através das redes sociais, por isso, não é raro de se ver jovens que deixam de lado a comunicação face a face com a família e preferem utilizar aplicativos como Whatsapp ou Messenger para relacionar com eles, mesmo em momentos quando estão em locais próximos ou até sentados na mesma mesa (Souza & Cunha, s.d.).

A importância das competências socioemocionais como proteção no uso de redes sociais

De acordo com o Instituto Ayrton Senna, as competências socioemocionais são um conjunto de habilidades inerentes ao indivíduo, que se manifestam nos pensamentos, atitudes, comportamentos e nos aspectos relacionais, proporcionando a capacidade de estabelecer objetivos, enfrentar as situações de adversidade e a tomada de decisões. Elas estão ligadas a capacidade de se adaptar ao meio, contextualmente e culturalmente, sendo atitudes que podem e devem ser desenvolvidas e treinadas, para que facilite a aquisição

de transformações necessárias para o desenvolvimento humano, pois, sempre conduzem a uma perspectiva mais saudável do ambiente.

Os adolescentes devem ser estimulados a desenvolver fortes habilidades emocionais e psicossociais que os ajudem a encontrar equilíbrio entre a utilização da internet como produto que é usufruído para benefício próprio e crescimento pessoal, com o objetivo de combater a desregulação emocional, a adicção à internet, a baixa autoestima gerada pela comparação e competitividade do mundo online, que são algumas das consequências geradas pelo excessivo uso das redes.

Durante o acesso às redes sociais, o adolescente pode acabar vivenciando situações adversas ou desafiadores, sejam elas no mundo digital ou até mesmo no mundo real, como, por exemplo, situações em que seus responsáveis limitam o tempo de uso de telas, quando o adolescente recebe alguma crítica durante uma conversa ou até mesmo quando presencia alguém sendo vítima de cyberbullying ou são a própria vítima. É neste contexto que habilidades socioemocionais, como, a resiliência emocional, a abertura ao novo, a amabilidade e autogestão surgem para auxiliá-los a passar por esses momentos (Instituto Ayrton Senna, 2020).

As competências socioemocionais são importantes para o desenvolvimento do adolescente ao desenvolver sua capacidade de expressar, reconhecer e nomear suas emoções, buscando enxergá-las sob uma nova perspectiva e auxiliando na tomada de decisões ou enfrentar situações novas e adversas. Além disso, é importante ressaltar a dificuldade que alguns jovens têm de gerenciar suas emoções, independente se fazem parte do grupo dos que utilizam ou não redes sociais em excesso (Instituto Ayrton Senna, 2020).

A resiliência emocional como ferramenta de apoio

A resiliência emocional é uma macrocompetência definida como a capacidade que alguém tem de lidar com suas próprias emoções ou frustrações de forma saudável e equilibrada, havendo controle sobre suas reações emocionais. Além disso, indivíduos que desenvolvem essa habilidade tendem a ter maior autoconfiança, são emocionalmente mais estáveis e tentam lidar com sentimentos desagradáveis de forma mais construtiva ede maneira menos impulsiva (Instituto Ayrton Senna, 2020).

Essa macrocompetência é ainda dividida em outras três competências que podem ser úteis ao adolescente durante sua jornada pelas redes sociais. A primeira delas é a tolerância ao estresse que poderá ajudar o adolescente a encontrar formas mais saudáveis de tratar seus sentimentos em situações conflitantes, como, por exemplo, ao utilizar essa competência em momentos de discussões em conversas nas redes sociais ou quando absorvem muita informação negativa, o adolescente será capaz de administrar seus sentimentos de ansiedade e ir buscando diminuir sua preocupação excessiva e se sentindo capaz de resolver seus próprios problemas (Instituto Ayrton Senna, 2020).

Além disso, desenvolver outras competências como a tolerância a frustração, que é a capacidade de desenvolver estratégias para conseguir regular sentimentos como a irritabilidade e buscar manter a tranquilidade e o equilíbrio podem auxiliar o indivíduo alidar com momentos de frustrações, e a autoconfiança, que refere-se a acreditar em si mesmo e seguir em frente mesmo diante de situações complicadas ou que ele se sente desvalorizado, podem servir de apoio para o adolescente quando ele se frustra porque não recebeu quantidade de curtidas desejadas em uma foto publicada ou ao ver postagens de outras pessoas viajando enquanto ele está em casa estudando, entre outras situações (Instituto Ayrton Senna, 2020).

A importância da abertura ao novo nas redes sociais

A estratégia socioemocional de se abrir ao novo é uma das maneiras que ajuda a construir as habilidades que o desenvolvimento adolescente aborda, é importante essa inovação de percepções para aprender com as dificuldades e reforçar a vontade de criar e explorar. Três competências vão dar base a essas estratégias e abrir portas para a educaçãosobre o uso das redes sociais e jogos como fonte de informação, logo criando uma formade proteção a esses usuários adolescentes (Instituto Ayrton Senna, 2020).

A curiosidade para aprender traz essa vontade por explorar intelectualmente o aprender, a curiosidade de pesquisar, conhecer ideias nunca vistas, criticar e impor os novos pensamentos através dessas descobertas, nas redes sociais presenciamos sempre a opinião dos usuários e com elas trazemos reflexões e aprendizados trazendo essa perspectiva de exploração ao aprender (Instituto Ayrton Senna, 2020).

A imaginação criativa vem como segunda estratégia dando a ideia de sair da sua zona de conforto e a partir disso buscar construir novas ideias fora do padrão vivido costumeiramente, fazendo da tentativa e erro a maneira de produzir conhecimento e ajustar as ideias que vem chegando. O interesse artístico vem o objetivo de se envolver e desenvolver cultura a sensibilizar com a beleza na diversidade, à maneira de se expressarnão só por pensamento, mas com seu corpo, comportamento e por redes sociais, abrir espaço para que as redes sociais sejam vistas também dentro da cultura de criar e desenvolver o lado artístico desses adolescentes (Instituto Ayrton Senna, 2020).

Essas competências levam a busca de alternativas para os desafios propostos tanto na convivência real como virtual, a maneira de se expressar e de utilizar essa expressão de outros usuários para o aprendizado requer uma disciplina e estratégia que valorize e guie o usuário/adolescente a aprimorar o autoconhecimento cuidadosamente.

"Diz respeito ao interesse e habilidade para iniciar relações sociais, envolvimento com novos aprendizados e perspectiva" (Bozionelos et al.,2014; Sinha & Srivastava,2014).

Desenvolver essa macrocompetência é essencial para que o adolescente saia desse aprender convencional que a internet propõe e vise às novas e boas maneiras de buscar e absorver informações de qualidade que levem ao pensamento divergente com aperspectiva de criatividade, ideias e exploração junto com o pensamento divergente que vem com a crítica, escolha e critério do que está sendo consumido por esse usuário (Instituto Ayrton Senna, 2020).

Considerações finais

Durante as etapas desta pesquisa, pôde-se perceber que as redes sociais possuem um papel fundamental na configuração do mundo atual, sendo em muitos casos indispensáveis e podem ser utilizadas como ferramentas para comunicação, para realização de estudos e pesquisa, como também para o entretenimento, por exemplo. Além de que se elas forem utilizadas de forma moderada não ocasionarão alterações negativas no desenvolvimento do adolescente.

Por outro lado, o uso de forma abusiva de redes sociais digitais pode acarretar diversos efeitos sobre o adolescente, como a dependência que produz alterações químicas e levando até a sintomas de abstinência. A tecnologia em excesso atua sobre as interações familiares, em que, em alguns casos, o relacionamento entre pais e filhos vai se tornando cada vez mais superficial, sobretudo por causa do isolamento e dos conflitos.

O uso abusivo dessas mídias digitais pode estar relacionado com a inaptidão que muitos adolescentes apresentam em conviver e interagir com outras pessoas no mundo real e se limitam a interações virtuais, além disso, é possível a associação com níveis de depressão, irritabilidade e ansiedade.

Assim, uma das alternativas para que jovens consigam se relacionar melhor através das redes sociais digitais e, também em suas realidades concretas, é o desenvolvimento das competências socioemocionais, como a resiliência e a abertura ao novo e como essas estratégias podem ser adotadas por eles com intuito de lidar melhor com suas emoções e ajuda-los a tomar decisões mais saudáveis, sobretudo, relacionado acomo eles se comportam ao utilizar as redes sociais digitais.

Referências

Barrie, C. K., Bartkowski, J. P., & Haverda, T. (2019). The digital divide among parents and their emerging adult children: Intergenerational accounts of technologically assisted family communication. Social Sciences, 8(3), 83. Consultado em 05 de out.de 2022. Disponível em https://doi.org/10.3390/socsci8030083.

Biernath, A. (2022). Como uso excessivo de celular impacta cérebro da criança. G1. Disponível em https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/03/24/como-uso-excessivo-de-celular-impacta-cerebro-da-crianca.ghtml.

Bozionelos, N., Bozionelos, G., Polychroniou, P., & Kostopoulos, K. (2014). Mentoring receipt and personality: Evidence for non-linear relationships. Journal of BusinessResearch, 67, 171–181. Disponível em https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0148296312003074?via%3 Dihub.

Brotto, T. F. (2021). Conheça os conflitos mais comuns na adolescência. Consultado em: 05 de out. de 2022. Psicólogo Com.Br. Disponível em https://www.psicologo.com.br/blog/conflitos-comuns-na-adolescencia/.

Comitê Gestor de Internet no Brasil [CGI]. (2019). TIC Domicílios 2018: Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros.

Disponível em https://cetic.br/pt/noticia/criancas-e-adolescentes-conectados-ajudam-os-pais-a-usar-a-internet-revela-tic-kids-online-brasil/.

Dowling, N. A., & Quirk, K. (2009). Screening for Internet dependence: Do the proposed diagnostic criteria differentiate normal from dependent Internet use. CyberPsychology & Behavior, 21-27.

Drulla, A. (2021). 5 razões que explicam porque as redes sociais não são brincadeira de criança. Papo de Mãe. Disponível em https://www.papodemae.com.br/noticias/5-razoes-que-explicam-porque-as-redes-sociais-nao-sao-brincadeira-de-crianca.html.

Elias, C. S., Silva, L. A., Martins, M. T. S. L., Ramos, N. A. P., Souza, M. G. G., & Hipólito, R. L. (2012). Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. *SMAD: Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas*, *8*(1), 48-53. Disponível em http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/49594.

Freitas, R. (2021). O efeito das redes sociais na saúde mental. Blog Eurekka. Disponível em https://blog.eurekka.me/redes-sociais-saude-mental/.

Grupo Elfa. (2021). Tecnologia e saúde mental: qual o impacto na vida dos jovens. Disponível em https://grupoelfa.com.br/tecnologia-e-saude-mental-qual-o-impacto- na-vida-dos-jovens/.

Ideias para o desenvolvimento de competências socioemocionais. (2020). Instituto Ayrton Senna. Disponível em https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/documentos/in stituto-ayrton-senna-macrocompetencia-abertura-ao-novo.pdf.

Lopes, A. (2017). Vício em smartphone afeta química cerebral como as drogas.Veja. Disponível em https://veja.abril.com.br/tecnologia/vicio-em-smartphone-afeta-quimica-cerebral-como-as-drogas/.

Noronha, D. P., & Ferreira, S. M. (2020). Revisões de Literatura. Em Campello B. S., Condón, B. V., & Kremer, J. M. (orgs.) Fontes de informação para pesquisadores e profissionais.

Oliveto, P. (2014). Vício em internet e eletrônicos pode ser tão forte quanto a dependência química. Estado de Minas. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2014/10/23/interna_tecnologia,5824 17/vicio-em-internet-e-eletronicos-pode-ser-tao-forte-quanto-a-dependencia-quimica.shtml.

Souza, K. D., & Cunha, M. X. C. (s.d.). Impactos das redes sociais digitais na saúde mental de adolescentes e jovens. 5-6.